

A LENDA DE KING JEREMY

Juliano Martinz



*“A arte de escrever não causa dor.
Nasce da dor.”*
– Michel de Montaigne

PRÓLOGO

2003

Os três vultos chegaram ao cemitério logo após a meia-noite.

Uma fria neblina repousava sobre eles enquanto eram observados pela jovem mulher, a curta distância. Três vultos. Três homens. Três fantasmas deslizando laconicamente sobre a terra úmida. Lápides escuras surgiam em meio à pesada neblina, formando um corredor de túmulos à direita e à esquerda.

Eles eram velhos conhecidos, uma intensa vivência em comum. Porém, nem mesmo os interesses compartilhados justificavam qualquer disposição para iniciarem uma conversa. Três figuras mergulhadas em um sepulcral silêncio, rompido apenas pelo caminhar no chão molhado, coberto de folhas.

E ela era a companhia deles, embora mantivesse certa distância. Não se aproximou, nem disse coisa alguma. Sabia muito bem a importância do momento para aqueles homens. Afinal, um dos vultos, um dos fantasmas, era seu marido. E estranho quanto possa parecer, ainda carregava um *case* com um violão.

Ela já entrara naquele cemitério em outras ocasiões, esporadicamente. Uma lista pouco notória de falecidos: uma amiga da mãe, a esposa de um colega do seu pai, um tio brigado com a família. Pequenas frações de lembranças sem significado algum.

Mas no caso de seu marido, a história era completamente diferente. Ele costumava lhe dizer que aquele cemitério fizera toda a diferença em sua vida. Uma história contada e recontada milhões de vezes, cada qual devidamente ensaiada como se fosse a primeira, recheada de novos detalhes, íntimas intensidades.

Ele dizia ter bem vivo em sua mente a primeira vez. Era apenas um adolescente sonhador, ainda perdido no abismo da falta de um sentido na vida. Tremera como uma criança na ocasião, embora acompanhado dos três amigos. Achara uma loucura quando um de seus amigos dissera que era ali que costumava passar suas horas de diversão.

A segunda visita ao cemitério fora muito mais significativa. Os mesmos personagens, os mesmos corpos recurvados em busca de ar. Nesta ocasião, nascera os quatro homens que viriam a inspirar um jornalista a escrever: “Dois em cada três jovens no mundo conhecem esses garotos”. Ali conheceram Jeremias Knoxville, o imigrante americano que controlava grande parte das jazidas de diamante do estado na década de 50. O mesmo local que guarda os mortos, dera vida a uma lenda que sobreviveria através das eras. Ali, nasceram. O sol se cansara da infame lua. Enfim, vivos.

Porém, dos quatro mitos, um deles já era uma *lenda morta*. E os três sobreviventes eram os vultos que caminhavam à sua frente. Eles escolheram entrar ali depois da meia-noite, como nos

tempos antigos. O que tinham a fazer era algo particular demais para ser observado por visitantes curiosos.

Chegaram finalmente perto de um túmulo. Ela aproximou-se, o coração acelerado. Mal podia acreditar que dentro daquele túmulo havia um homem com tamanha força intelectual, e que agora, se encontrava num estado totalmente inerte. A brevidade da vida era algo que a fazia seu estômago revirar.

O silêncio continuava imperando entre eles. Mas de certa forma, ela não conhecia silêncio tão cheio de significado.

O homem a quem amava colocou seus braços sobre os ombros dos amigos, um gesto similar ao feito dias antes no Long Island Bar. Eles se mantiveram naquela posição, imóveis. Há poucos segundos eram como fantasmas. Agora pareciam três estátuas fúnebres.

Os olhos dela se voltaram para a lápide. Abaixo do nome, data de nascimento e morte dizia a epígrafe:

“Sou o coelho caçado impiedosamente em campos escuros
Mas, às vezes, sonho que sou o caçador.”

Lágrimas vieram aos olhos dos amigos, mas seu amado permaneceu impassível, embora ela soubesse o quanto aquilo doía dentro dele.

- Fomos os melhores, *irmão*. – Seu marido começou a discursar. – Os melhores que o mundo já conheceu. Ninguém poderia imaginar que chegaríamos até aqui. Nem nós mesmos. Mas você nos mostrou o caminho, você nos deu a direção. Todos tivemos uma participação, é claro, mas não teríamos conseguido metade se você não tivesse entrado em nossas vidas. Você nos deu fôlego quando estávamos mortos. – Ele parou de falar um pouco como que escolhendo as melhores palavras. – Somos uma equipe. Somos membros que fazem parte de um corpo. E assim como prometemos na última vez em que estivemos aqui: se um de nós parar, todos param. E assim será. Não vamos seguir adiante porque o corpo perdeu um de seus membros. Estamos aleijados. Sem você, irmão, não iremos a lugar algum.

Ele tirou o violão de dentro do *case* que carregava em suas costas e sentou-se no chão. Logo em seguida, seus companheiros sentaram-se também. Os três se entreolharam, como que procurando gravar bem em suas memórias aquele momento, porque seria a última vez em que estariam juntos. A última reunião dos *quatro* jovens.

Depois de um instante, ele começou a dedilhar uma suave canção.

- *Esta é para você* – disse, laconicamente, para aquele que repousava no túmulo.

Eram olhos verdes de um brilho sombrio e sem vida. Todos os fantasmas apareceram de uma só vez. Ela se via entregue às profundezas do vazio e da ausência de calor. Tudo o que ela via no espelho era a figura de um ser derrotado, um moribundo esperando a morte chegar.

Veraline sabia que aqueles eram seus últimos minutos de vida, e por isso tentava se lembrar de algum dia perdido no tempo em que fora feliz; mas tudo o que conseguia se lembrar era de momentos de tristeza, solidão e medo. Os instantâneos de felicidade se afogavam no oceano de pesadelos traumatizantes. Ela sentira medo durante a maior parte de sua vida. Não podia confiar nas pessoas. Não sabia como confiar nelas. Vivia isoladamente em seu próprio deserto, causticada pelo desprezo do universo para com o fracasso de sua vida. Ninguém chorava por Veraline.

Ninguém.

Veraline se tornara uma pessoa bem diferente do que seus pais desejavam. Eles sempre a exibiram como uma princesa da alta sociedade. Mas hoje ela estava anos-luz da expectativa deles. Quem poderia imaginar que a linda, inteligente e ambiciosa Veraline terminaria sua vida daquele jeito?

Ela desejava ter uma segunda chance, mas agora era tarde demais.

Veraline estava em seu apartamento em Astoria. Em sua frente, tinha a edição corrente da revista Rolling Stones. Na capa, observou os quatro homens que conhecera na infância. Entre eles, o único homem que a amara de verdade em toda sua vida. Hoje, ele não tinha mais aquele olhar taciturno, aquela expressão estranha que fazia com que colegas de escola dissessem: “Este garoto não é normal.”

Lamentar. Agora era tarde demais para lamentar.

Veraline tirou os olhos da revista e se olhou no espelho. Lágrimas corriam pelo seu rosto. Ela estava magra e com olheiras – as drogas e o álcool estavam acabando com sua vida. Piorando sua situação, ouvia sons e vozes diariamente. A loucura correndo em suas veias. Insana Veraline.

Reconstituindo seu breve passado, Veraline não era capaz de dizer onde exatamente começara a errar – só sabia que era tarde para corrigir os erros.

Ela soltou a revista e apanhou um revólver carregado, colocando-o na altura da têmpora.

Antes de puxar o gatilho, Veraline pediu que Deus a perdoasse.

PARTE 1

1990 – 1992

CAPÍTULO 1

1990 –

- *O rock mundial está sufocado pela dance music;*
- *The Cure se rende à moda e lança Mixed Up – mixagem dance de onze músicas de sucesso da banda;*
- *Smashing Pumpkins lança seu primeiro álbum. Gish é uma mescla de um engajado progressivo com metal de altíssima qualidade. O disco surpreende ouvidos mais apurados, mas não consegue decolar;*
- *Três garotos de Berkeley decidem mudar o nome de sua banda Sweet Children para Green Day;*
- *Vindo de uma cidadezinha do interior da Irlanda, The Cranberries (com “c” minúsculo), lançam o primeiro álbum independente que não vende quase nada. Dolores O’Riordan (vocalista escolhida a partir de um anúncio de jornal local) explica que o álbum foi inspirado no rock americano e, por isso, não agradou nem a eles próprios.*

As únicas coisas das quais ele conseguiria se lembrar com o passar do tempo, referentes àquele dia, era do olhar desafiador do vesgo invocado e da frase: “Branca de Neve, e se o seu príncipe for um psicopata?”

O primeiro dia de aula sempre foi algo aterrorizante para Andreas, especialmente quando se é um novato no colégio. Nestas horas, acredite, o lugar mais seguro do planeta é no canto – um canto qualquer, sempre ocupado pelos ratos e baratas.

Era o primeiro dia de aula, e todos os alunos estavam ajuntados numa gritaria assustadora. Contavam coisas engraçadas, talvez lembrando o que haviam feito durante as férias idiotas que a maioria passara numa praia entupida de babacas histéricos. E quando se encontravam no novo ano letivo, vomitavam as proezas que realizaram, a maioria destas sendo nada mais do que mentiras muito bem ensaiadas. Ouvir aqueles idiotas discursando babaquices ostentatórias deixava Andreas enjoado.

Naquele ano, ele estava iniciando a sexta série. Andreas estava com treze anos. Era um garoto alto e bem magro, fatores físicos estes que lhe rendiam repetitivas zombarias desde a primeira série. Uma figura acuada, com um certo olhar imbecil – um menino feio, sem dúvida. Para ele, conseguir uma namorada era mais difícil que trazer paz ao Oriente Médio. Desnecessário dizer que tinha um agravante problema emocional: a extrema timidez. Chegava a ter pavor das pessoas. E sofria ao perceber que não havia nada no mundo que o fizesse mudar. Era um escravo do medo.

E o escravo, neste momento, permanecia isolado. *Homem solitário, seu triste fim não tarda.* Não conhecia ninguém naquele pardieiro. Por isso, não podia fazer nada além de esperar anunciarem qual seria sua turma. Não teria sido mais fácil se simplesmente tivessem colocado o nome dos alunos em uma lista para que estes consultassem a respectiva turma? Colégio idiota.

Sugado para dentro do vácuo do tédio soberano, sentiu-se aliviado quando a figura de um negro corpulento subiu no palco do pátio. O homem pegou um microfone e se apresentou: um nome qualquer e um sobrenome inútil. Era o diretor do colégio. Tinha uma voz grave e um corpo forte. Metia medo. O típico cara que impunha respeito. Ele deu as boas-vindas aos alunos, desejou um feliz ano letivo e todas aquelas baboseiras de sempre que causam dor de barriga. Ele pegou uma grande lista, e começou a falar os nomes dos alunos e suas respectivas salas. Andreas tremia. Era um momento que mexia com sua estrutura emocional, como se estivesse sendo lido sua sentença. Para falar a verdade, era a sua sentença. Havia sempre uma apreensão quanto a quem seriam os colegas de sala – esperava-se estudar com as garotas mais bonitas, e ficar numa sala bem distante da dos valentões.

Uma era passou antes que o diretor dissesse:

- Andreas Hugo. Série A. Sala 25.

Prisioneiro: Andreas Hugo.

Cela: 25.

Andreas caminhou lentamente até a sala que seria sua pequena prisão durante aquele ano, enquanto pele, músculos e ossos se dissolviam pelo caminho. Ele não gostava de estudar. Talvez não exatamente com o *estudar* em si, mas com as pessoas que apinhavam tais ambientes. Já passara por momentos muito humilhantes na escola, e achava que todos eram iguais. Estaria enganado?

Quando Andreas chegou à sala 25, e viu todos aqueles estranhos, pensou no esforço que teria de fazer para começar suas amizades do zero. Só de imaginar o que isto significava na prática, sentia-se desestimulado.

Procurou um lugar seguro para se sentar: no canto, bem no fundo. Queria chamar o mínimo possível a atenção. Havia uma garota muito bonita à sua frente. Ela era mestiça, descendente de orientais. Andreas se reclinou um pouco e conseguiu sentir o cheiro do cabelo dela. Visualizou-se com o rosto enfiado no meio daqueles cabelos deixando que aquele perfume o embriagasse. Ele sempre delirava nestas utopias. Para o idiota, a única solução era fazer um bom uso da imaginação.

Ele abandonou seus delírios. Era só uma criança. Estava nutrindo pensamentos impossíveis. Talvez estivesse crescendo rápido demais.

Talvez quisesse desaparecer rápido demais.

Andreas tinha um dom. Era capaz de dizer a hora e os minutos mesmo sem ter observado qualquer relógio durante todo o dia. Sua margem de erro era de três minutos apenas. Ele costumava dizer que tinha o tempo sob controle. Por isso, conseguia saber para onde o tempo ia e em qual velocidade.

O tempo há de levar o solitário à cova.

Com isso que ele pôde precisar que, nove minutos depois de se sentar atrás da mestiça, entrou a primeira professora.

Ela era uma mulher de uns 40 anos que se vestia bem. Usava uma blusa bege e saias marrons que iam até o tornozelo. Se havia algo para elogiar naquela dona eram as roupas. Porque de resto, ela deixava a desejar. Andreas começou a perceber isso assim que ela entrou. A cidadã parecia mastigar alguma coisa o tempo inteiro. Não havia nada na boca dela, dava para perceber. Mas ela não parava de mastigar. Devia ser a dentadura. E pouco importava o que era, Andreas só sabia que irritava pra burro. E o sorriso? Parecia um sorriso macabro, do tipo ameaçador. Ela sorria e mastigava. Depois mastigava e voltava a sorrir. Ele tinha começado bem aquele dia!

Depois de mastigar bastante vento e irritar Andreas ao ponto da exaustão, a professora começou dissertar suas ladainhas introdutórias sobre as últimas férias. Andreas tentou ignorá-la ao máximo. Deu para ouvir que ela era professora de História. Mas aí Andreas começou a escrever qualquer coisa em seu caderno, tentando não ouvir a voz dela. Por que todo início de ano tinha de ser assim? Por que os professores não entravam na sala e simplesmente começavam a ensinar? Não que Andreas fosse um amante da educação, mas realmente enchia o saco ficar ouvindo os professores dizer: “Ah, eu e meu marido passamos as últimas férias numa praia no fim do mundo e vocês?” Por mim, podiam ter passado as férias no inferno, pensava aborrecido.

Quando encheu a primeira folha do seu caderno com frases como: “Sou o último dos escolhidos”, “Minha doença, minha foice, minha solidão” e “Quero voltar para o útero”, Andreas passou a observar seus colegas.

Eles pareciam realmente interessados no que ela dizia. Às vezes, ela falava alguma coisa e eles riam. Riam do que ela dizia ou das mastigadas que dava? Sorriso macabro.

Andreas contou vinte e cinco alunos ali. Cela 25: vinte e cinco prisioneiros. Uma terrível coincidência? Mau agouro? A qualquer momento cairia um avião sobre o colégio?

A maioria era formada de garotas. Muito bom. Havia umas três bonitas. Bonitas pra burro. Do tipo que dava para se apaixonar. Andreas vivia se apaixonado. Às vezes por duas ao mesmo tempo. E havia também alguns grandalhões. Tinham cara de sacanas. Todo grandalhão tem cara de sacana. Ou então cara de abobalhado. Uma coisa ou outra, sem exceção. Andreas achou que poderia

ter problemas com aqueles caras. Ele era um alvo fácil. Chamava a atenção com seu corpo desajeitado e sua cara de monstro. Aqueles caras poderiam muito bem escolhê-lo como alvo para poderem reafirmar a si mesmos que eram os donos do mundo.

Mas, para Andreas, eram apenas patéticos. Grandes, bonitos e patéticos.

Enquanto observava-os um a um, ouviu a voz de um garoto, um loiro vesgo, sentado ao seu lado:

- Ei, maluco. Acorde!

Andreas foi tirado de sua cuidadosa análise superlativa.

- O que foi? – perguntou, enquanto percebia que toda a sala o observava.

- A professora está perguntando.

Andreas olhou para a professora de sorriso macabro. Ela o encarava com uma expressão nada agradável. Não sorria. E nem mastigava. Péssimo sinal!

- Estou te fazendo uma pergunta, garotinho.

Droga! Andreas se esquecera que os professores, no primeiro dia de aula, costumam fazer um monte de perguntas cretinas para os alunos e às vezes escolhem alguns a dedo para responder.

- Eu não ouvi a pergunta.

- Isso eu percebi.

Risadas.

Velhos fantasmas começavam a rodeá-lo.

Pessoas más riam. Riam dele. O bobo. O alvo.

- Pode repetir a pergunta, senhora? – Ele tentou ser o mais gentil possível para evitar que ela o humilhasse diante de todos.

- Qual é seu nome?

- Meu nome?

- Não pedi que *repetisse* minha pergunta. Pedi que *respondesse* minha pergunta.

Mais risadas. Mais fantasmas.

- Andreas.

- Ok, Andreas. Eu quero saber o que deseja ser quando crescer?

Ele hesitou.

Era uma pergunta ridícula, sem dúvida. Combinava com uma mulher que mastigava o vento. Mas a pergunta estava colocada. O que ele responderia? Diria a verdade, ou aquilo que todos preferiam ouvir? Se falasse a verdade, poderia tornar-se alvo de zombarias logo de cara. Ou não. Talvez despertasse a admiração de alguns, e a curiosidade de outros.

Em meio ao conflito do que era apropriado ou fora de hora, Andreas se encheu de coragem e disse:

- Quero ser cantor de rock.

O que invadiu os ouvidos de Andreas nos segundos seguintes, ele conseguiu dividir em três malditas etapas: primeiro, um silêncio assustador onde se podia ouvir a respiração dos alunos; segundo, cochichos emergiram do vazio silencioso como zumbidos; e terceiro, uma tímida risadinha que logo foi acompanhada por uma marcha de gargalhadas.

Coelho indefeso, gostaria de saber qual é o seu lugar?

Andreas automaticamente se encolheu na cadeira. As risadas faziam-no sentir-se cada vez menor. Ele queria manter a cabeça erguida, mas era impossível. Assim, seus olhos se firmaram no caderno, nas frases que acabara de escrever. Uma delas dizia: “Branca de Neve, e se o seu príncipe for um psicopata?”

Por que ele simplesmente não dissera o que todos desejavam ouvir? Por que não dissera que queria ser um médico estressado, um advogado entediado ou a porcaria de um engenheiro, e agradasse a todos aqueles seres de mentalidade pequena e sem percepção? Quanto ele teria de apanhar até aprender que as pessoas eram más e não se podia confiar nelas?

Alguns instantes depois, os alunos não riam mais, mas ainda o encaravam. Andreas não deixou de divisar o futuro. O futuro era a cópia do passado. E não havia nada promissor para ele naquele momento. Só de imaginar o péssimo começo que tivera, deixava-o com vontade de vomitar.

Os olhos inquietos de Andreas voltaram a pousar no vesgo ao seu lado. O menino loiro, que só não era mais feio por falta de inspiração, olhava para Andreas com uma feição irritada, parecendo estar verdadeiramente furioso, e meneando a cabeça, negativamente.

O vesgo deu uma pequena risada mordaz antes de arrematar:

- Novato idiota!

Andreas morava com os pais e os dois irmãos em um apartamento no centro da cidade. Seu pai era gerente de uma empresa. Isso não fazia de Andreas, rico. Mas também não chegavam a ter problemas econômicos. Até podia ter alguns luxos. Como gostava muito de música, ganhara uma guitarra quando tinha 10 anos. Entrara para uma escola de música e se desenvolvera muito rápido. Era o que seu professor de música dizia. Mas quem poderia garantir que não dizia o mesmo para todos os alunos estúpidos que tinha? De qualquer forma, Andreas não precisava do comentário do seu professor para se convencer de que era bom. Ele achava que era mesmo.

Após poucos meses de aulas, Andreas dissera ao seu pai:

- Ouça isso.

Tirara um solo magnífico.

- Muito bom. De quem é essa música?

- Eu que fiz.

Seu pai rira. Achava que Andreas estava brincando. Mas não estava. Andreas tinha um dom musical. Achava mais fácil aprender música do que jogar damas. E compunha como quem brincava. Nunca colocava letras. Apenas a melodia, com direito a solos intermináveis.

Depois de alguns meses de exibição aos seus pais, Andreas pedira:

- Pai, me compre um contrabaixo?

- *Contra* quem? – Amante do sertanejo, ele só conhecia violão e viola.

- Um contrabaixo. É um instrumento de quatro cordas para encorpar as músicas.

Pela cara, o pai não entendera. Ainda assim, atendeu ao pedido.

Uma semana depois, Andreas abandonara as aulas de guitarra e entrara na aula de baixo.

- Por que abandonou a aula de guitarra? – perguntara a mãe.

- Porque estou tocando melhor que meu professor – respondera, o exibido.

O cara tocava bem, era verdade. Mas era convencido como ninguém.

Nas aulas de baixo, desenvolveu-se rapidamente. Por isso, não demorou para pedir uma bateria. Mas como moravam em um apartamento, acabara deixando a ideia de lado. Os vizinhos já haviam reclamado da guitarra, que diriam de uma bateria?

Um mundo perfeito seria um mundo sem vizinhos, pensava ele.

Ele costumava gravar o baixo no aparelho de som. Colocava um K7 no aparelho, ligava o microfone, e tocava. Depois, colocava a gravação enquanto fazia base e solos de guitarra. Ele ficava arrepiado com o resultado.

Dissera a si mesmo, inúmeras vezes:

- Quando crescer, vou ter uma banda de rock.

Seus irmãos viviam reclamando do barulho. Pareciam os chatos dos vizinhos. Andreas achava que eles tinham ciúmes. Só porque eram uns incompetentes que não tinham talento nem para limpar privadas. Mas Andreas não se importava. Era o soberano da música, e não desanimaria diante de implicantes que nem pareciam ter seu sangue.

Um mundo perfeito seria um mundo sem irmãos.

Naquela semana, Andreas teve o desprazer de fazer a primeira aula de educação física. Detestava esportes, detestava se alongar, detestava ficar correndo como um idiota em volta de uma quadra poliesportiva.

O professor de educação física mandou todo mundo se alongar, correr, se alongar, correr de novo, dar uns pulos, ficar fazendo uns exercícios sem lógica. Enfim, em pouco tempo, Andreas queria morrer. Suava como um camelo. Ele não tinha nenhum preparo físico. Até as garotas tinham mais preparo que ele. Andreas – o pequeno fracasso.

Um dos colegas se aproximou e disse:

- Ei cara. Qual é o problema?

- Acho ... que puxei ... demais.

- Puxou demais? Se liga. A gente nem começou ainda. O professor disse que nos vinte minutos finais a gente pode fazer um jogo de salão. Está a fim?

- Fazer o quê?

- Jogo de salão. Futebol de salão, cara. Está a fim?

- Eu não sei jogar.

- Ninguém sabe. A gente só vai brincar um pouco. Estamos precisando de gente para formar as equipes. Vamos?

Esses caras eram sempre assim. *“A gente também não joga porcaria nenhuma”* só para convencer os otários a jogar. Mas no fim, eram cobras, mesmo. Andreas conhecia essa ladainha. Mas ao mesmo tempo sabia que precisava ganhar amigos. Um jogo como aquele seria bom para isso. Ele daria um jeito de ficar só na defesa onde não teria muita responsabilidade em pegar na bola. Se ela viesse para o seu lado, era só dar um chutão para o ataque e os grandalhões que se virassem para fazer o gol.

- E então, roqueiro, vai ou não vai?

Parece que este seria seu apelido.

- Tá bom. Qual o seu nome?

- William – respondeu enquanto se afastava.

Após mais alguns minutos de aula, o professor liberou os macacos para jogarem o tal do “salão”. Toda aquela cambada de idiotas reunidas no centro da quadra, e o palerma metido a roqueiro também. Dois capitães foram escolhidos – os dois melhores. Aí, um de cada vez, começou a escolher um jogador para sua equipe. Primeiro um, depois o outro, sucessivamente. O último escolhido, como não poderia deixar de ser, foi Andreas. Mas o pior ainda estava por vir.

Enquanto todos se posicionavam, Andreas dizia a si mesmo para ficar calmo, jogar direito, mandar a bola para longe da defesa. Se fizesse tudo direitinho, quem sabe conseguiria a simpatia daqueles caras? Até que o capitão da equipe adversária disse as piores palavras que Andreas tinha ouvido naquele dia:

- Se são vocês que vão sair com a bola, então vocês tiram a camisa.

Tudo pareceu rodar. Andreas teve de se apoiar na trave para não cair. *Tire a camisa. Tire a camisa. Exiba seu peitinho branco e seco, verme repugnante.* Ele não acreditava que aquilo estivesse acontecendo. Ele teria de tirar a camiseta. O moleque era puro osso. Um esqueleto assustador. Ele tinha vergonha de ficar sem camisa até diante dos pais. Como poderia expor toda aquela série disforme de ossos e pele para tanta gente? Ele olhou para a plateia. Todas as garotas de sua sala estavam ali para assistir ao jogo. A mestiça, que se chamava Patrícia, também acompanhava. Os melhores jogadores ali conquistariam a atenção das meninas. E o esquelético também conquistaria a atenção delas, mas de uma forma que provocaria risos em algumas, susto em outras.

Somente pele e osso.

Enquanto sua mente estava conturbada, o garoto vesgo que não fora com sua cara, e que ia jogar no mesmo time, disse em tom de ameaça:

- É melhor jogar direitinho.

O vesgo tirou a camisa exibindo o peito branco. Andreas hesitou. Subitamente, teve uma ideia. Se não desse certo, apelaria para a desculpa de uma repentina dor de barriga.

Ele correu até o goleiro e disse:

- Me deixa ficar no gol?

- Nem vem. Eu sou o goleiro.

- É sério, cara. Me deixa ficar no gol.

- Qual é? Sai fora, *roqueiro*.

Alguém gritava para Andreas tirar a camisa.

- Pelo amor de Deus – suplicava, Andreas, quase às lágrimas.

- Olha lá. Estão te chamando.

- Eu pago.

O moleque hesitou.

- Ahn???

Será que além de teimosa aquela peste era surda?

- Eu pago.

- Quanto?

- O lanche do recreio. Salgado e refrigerante.

Ele começou a tirar a camisa.

- Se me enganar, te pego na saída. – Ele correu para a linha.

Andreas suspirou aliviado.

Na ingrata posição de goleiro, ele ficou observando as pessoas na arquibancada que o ignoravam. E só conseguia pensar em uma coisa:

“Um dia, todos vocês ouvirão falar de mim!”

CAPÍTULO 2

A única conclusão a que ele chegou era: aquele magrelo idiota estava querendo apanhar. Um completo estranho, que no primeiro dia de aula, dissera querer tornar-se um astro do rock, só podia ansiar desesperadamente por uma surra bem aplicada. E se ele desejava conquistar admiração, acabou se dando mal. Fora obrigado a ouvir um coral de risadas que entrariam como lâmina na alma de qualquer idiota.

E como jogava mal! Por culpa dele, o time de Aquiles perdeu por dez a dois. Andreas ficara no gol e tomara um frango atrás do outro. Três por debaixo das pernas. Perna de pau elevado ao cubo. As garotas na plateia se acabaram de tanto rir. Mas o magricela merecia. Não conseguia segurar uma bola e queria ser roqueiro.

Era verdade que Aquiles também gostava de rock. Seu irmão tinha discos e mais discos de rock setentista, e Aquiles acabara se acostumando a este estilo. Quando era criança, seu irmão vivia com o rádio ligado. Naquela época, o rock imperava na maioria das estações. Mas, como seu irmão dizia, os tempos tinham mudado e o rock morrera. Nas rádios de hoje, os ouvidos eram impiedosamente bombardeados com *dance music* e Michael Bolton. Lamentável!

Aquiles Lucká estava iniciando a sexta série ... mais uma vez. Depois de repeti-la duas vezes, ele novamente voltava a integrar o grupo de garotos de onze e doze anos. Um misto de ansiedade e vergonha entrava de sola em seu peito, afinal, já estava com quinze anos e não parecia nada agradável ter como colegas pirralhos que só pensavam em Jaspion. E como consequência, ele era encarado como o anormal, o repentente, o lerdo mental que não conseguia sequer acompanhar o desenvolvimento escolar dos *jaspionmaníacos*.

E será que não tinham razão? Aquiles tinha grande dificuldade em aprender qualquer coisa. De matemática a outro idioma, tudo parecia impossível para ele. Sempre ouvira falar que jovens com dificuldades na escola tinham uma inteligência mal direcionada. Podiam ser péssimos alunos, mas provavam-se gênios quando descobriam a verdadeira vocação. O problema era que Aquiles era um fracasso em todo e qualquer campo. Um imbecil de carteirinha! Nos esportes, tentara futebol e natação, mas sem sucesso. Com o tempo, Aquiles acumulara uma dezena de medalhas no seu quarto – todas elas de segundos e terceiros lugares. Depois, decidiu mudar seus alvos e tentou artes cênicas. Em outras épocas, havia na escola um pequeno grupo de teatro. Ele fez vários testes para ser aprovado, mas sempre esquecia o texto. Na sua vez, ele ficava em completo silêncio. Depois de várias tentativas que se estenderam por meses, ele desistira. Aquiles se via obrigado a sempre observar seus colegas vencendo e sendo congratulados, enquanto ele era apenas uma máscara de

desânimo e decepção. Para ele restava apenas o segundo lugar em tudo, e ser o segundo era o mesmo que ser o último – não se ganhava qualquer reconhecimento ou louvor.

E o coitado era feio. Loiro e baixo, tinha um bigodinho ridículo, além dos olhos estrábicos que, desde pequeno, arrancara-lhe o respeito e o amor-próprio. Até hoje ainda ouvia seus colegas: “Para onde você está olhando?” Cada palavra, uma verdadeira estocada.

Mas a despeito de qualquer aparência nada agradável, Aquiles acreditava que alguma coisa de bom deveria haver nele. Ele não poderia estar fadado a uma existência tão funesta. Haveria um dado momento em que ele, pela primeira vez, estaria em primeiro lugar, no lugar mais alto do pódio.

Gostar do que fazia e ser bom nisso – isso lhe faria sentido. Tudo o que ele precisava fazer era descobrir no que ele era bom. Parecia uma tarefa difícil. Talvez, quase impossível.

Mas sua vida dependia disso.

Depois da “lavada” no salão, Aquiles voltou para a sala de aula. Lá dentro os comentários eram sobre Andreas. O time vencedor ficou dizendo:

- Da próxima vez, por favor, coloquem o roqueiro de novo no gol.

Andreas estava encolhido, lá no fundo da sala, cabeça baixa. Escrevia alguma coisa no caderno. O patético poderia sorrir, pelo menos. Brincar um pouco com os caras. Se zombavam dele, ele tinha mais é que rir e dizer: “Da próxima vez me escolham como gandula”. A pior coisa para um perdedor é ficar com a cara amarrada. Aí que ele se torna um alvo fácil.

O próprio Aquiles era zombado como ninguém. Ele tinha múltiplos apelidos que variavam entre Zaro, Vesgo, Cego, ou Willie Caolho. Quando o chamavam assim, Aquiles não ficava fazendo cara de criança chorona. Baixar a cabeça, como o otário do Andreas, seria suicídio.

A próxima aula foi de Geografia. Todo mundo fedendo como porcos, moscas em tudo quanto é lado, e a professora mais baixa do planeta falando sobre Geografia. Tudo o que os professores falavam, Aquiles tinha a súbita sensação de *deja vú* – e como poderia ser diferente? Seus pais ficaram umas feras quando souberam que ele tinha repetido pela segunda vez. Mas no final das contas, acabaram aceitando a triste situação. Parecia que tinham bem em mente a toupeira que tinham parido e de que nada adiantaria ficar atormentando o garoto. O irmão e a irmã de Aquiles, ao contrário, se acabavam de tanto rir. Diziam que bastava gritar em seu ouvido que daria para ouvir o eco em sua cabeça vazia. Certa vez, uma professora pedira aos alunos para que definissem a si mesmos em duas palavras. Aquiles escrevera: humano e sincero. A professora

dissera que gostara muito da definição de Aquiles e que se encaixava exatamente com o que ele era. Quando Aquiles contou isso em casa, seu irmão dissera:

- Tenho duas palavras melhores para definir você: feio e burro.

Não dava para negar que seu irmão tinha razão: era feio e burro. E estas últimas características acabavam suplantando as primeiras.

Triste fim para um humano sincero.

Aquiles tentou prestar atenção na aula de geografia. Enquanto a professora dissertava, a porta da sala foi aberta e um anjo entrou.

E o anjo era a coisa mais linda que Aquiles já havia visto em toda sua vida. Era uma garota que se mudara para o bairro havia pouco tempo. Ele não sabia seu nome. Apenas que era a princesa dos seus sonhos mais secretos. Ela era a perfeição em forma humana: cabelos loiros, longos e lisos, que pareciam refletir cada centelha de luz. Os olhos claros, esverdeados, a boca desenhada a mão por algum grande artista da natureza universal. Dentes brancos e retos, envolvidos por lábios intensos que selavam o vermelho no íntimo de Aquiles. As flores prestavam reverência quando a musa desfilava entre elas. E de joelhos, clamavam: “Obrigada por nos servir de inspiração”.

Aquiles sabia que ela tinha vindo do Rio de Janeiro. E agora moravam no mesmo bairro, o que lhe permitia vê-la, eventualmente. Aquiles não era do tipo de se apaixonar tão fácil, mas aquela garota era diferente. Ela roubava-lhe o fôlego, e o substituíra por um intenso calor em seu peito.

Ela estudava na sala ao lado, sexta série B. Um grande azar os dois não estudarem na mesma sala. Seria mais fácil para ele se aproximar. Faria com que ela se expressasse sobre seus anseios e temores. Ele seria um verdadeiro amigo, uma pessoa que ela sempre procuraria para desabafar. E com o tempo ele lhe confessaria seu amor. E com o tempo ela aprenderia a amá-lo. E o tempo resolveria tudo, todas as inconstâncias e incertezas da vida de Aquiles Lucká. Para ele, tudo se resolvia com o tempo.

O anjo abriu a boca para falar enquanto Aquiles acompanhava detidamente cada músculo movido de sua face para realizar a ação.

- A professora Cátia pediu um giz emprestado – disse ela para a professora de Geografia.

Aquilo que ele ouviu foi a voz de um querubim ou era ela mesma falando?

- Essa menina é demais – falou Reginaldo, um tipo bonitão que sentava atrás de Aquiles.

Aquiles virou-se.

- Quem é ela?

- Você não a conhece? Veraline, a garota mais bonita da cidade.

O anjo *agora* tinha um nome: Veraline.

- Veraline, Veraline – repetia para si mesmo. Depois falou para Reginaldo: – Que nome lindo.

- *Ela* é linda. Seu nome é um lixo.

- Nem é. O nome Veraline combina com ela.

- Que se dane o nome dela. Estou interessado nesse monumento. Se um dia eu tiver uma mulher como essa, serei um homem realizado.

- Então pare de se comportar como um *animal*. Por que não se interessa um pouco no que ela tem a dizer?

- Quê...? Do que está falando, vesgo imbecil?

- De humanidade.

- Ao inferno com sua humanidade, seu retardado – arrematou, antes de desferir um violento tapa na nuca de Aquiles, que chegou soltar um grunhido de dor.

- Por que me bateu?

- Você vive dizendo besteiras.

Aquiles teve ímpeto de reagir, mas Reginaldo era bem maior. Por fim, aquiesceu.

Com a nuca ardendo, Aquiles observou Veraline sair da sala. Ela se fora tão rápida e suavemente quanto entrara, mas deixou ali um delicioso perfume impregnando o ar. E a imagem dos seus cabelos dançando enquanto se movimentava ficou gravada na sua memória. Aquiles ficou estático, olhando a porta da sala há pouco fechada. Na verdade, seus olhos estavam dançando em alguma dimensão paralela.

Veraline, Veraline.

Ali estava uma garota que Aquiles gostaria de conhecer, saber o que ela pensava, as coisas das quais gostava, e o que a tirava do sério. Sempre tivera este desejo, desde o primeiro dia em que a vira. E agora, por sorte, estavam estudando no mesmo colégio, mas por azar, em turmas diferentes. Mas isso não haveria de ser um problema. As oportunidades apareceriam, e Aquiles tinha uma forte expectativa de conhecê-la melhor.

Quem sabe dessa vez, Aquiles não atingiria o primeiro lugar?

Quando a última aula terminou, Aquiles apanhou sua bolsa e saiu correndo, com a esperança de ver Veraline, outra vez. Aquele dia era muito especial: pela primeira vez ele ouvira sua voz. Ou teria sido a mais nova sinfonia de Mozart?

Ele ficou num canto, no corredor que dava acesso a saída, dando passagem para os alunos, que passavam por ele, apressadamente. Aquiles esperaria até que ela chegasse bem perto para poder

ficar ao seu lado enquanto se encaminhassem para a saída. Em alguns instantes, Veraline passou por Aquiles e ele tratou de se emparelhar com ela. Veraline conversava com sua amiga, Flávia, filha de bacanas na cidade e que era metida de dar medo.

Aquiles tentava desesperadamente ouvir o que Veraline falava, em meio à balbúrdia provocada pela molecada. Gostaria até de lhe dizer alguma coisa, embora não conseguisse pensar em nada.

- E que presente vai ser? – perguntou, a menina.

- Isso é surpresa – respondeu Veraline, sorrindo. Parecia um sorriso apaixonado. - Mas tenho certeza que ele vai amar.

Palavras envolvidas pela gritaria juvenil, mas ele conseguiu compreender. Ela daria um presente a alguém. E quem era esse alguém? Pelo jeito, um namorado. Ou um pretendente, no mínimo. E ele ganharia um presente. O presente de um anjo.

Aquiles se sentiu um pouco desgostoso. Imaginar Veraline gostando de outro alguém o deixou desanimado. Estava envolvido com a esperança de conseguir alguma aproximação e inteiramente disposto a conquistá-la. E agora parecia ter diante de si a presença funesta de um desconhecido que fazia com que seus tão recentes sonhos se desvanecessem.

Subitamente, Aquiles foi tirado das suas reflexões quando percebeu que duas pessoas o agarraram pela cintura. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, se viu virado de ponta-cabeça, sendo carregado e jogado dentro de um grande cesto de lixo, perto da saída. A mescla de susto, dor, vergonha, indignação agiram como uma mordaca sobre sua boca, que não conseguiu pensar em nada para dizer, gritar ou xingar. Ele ficou se debatendo durante alguns segundos até que conseguiu virar o cesto, e sair dali de dentro com alguns guardanapos descartáveis engordurados sobre a cabeça. Acontecera tudo tão depressa que ele levou longos segundos para perceber que todos a sua volta o olhavam e davam risadas. E quem seriam os responsáveis? Reginaldo, William? A brincadeira idiota era típica deles. Mas Aquiles não conseguiu descobrir – os covardes já haviam desaparecido no meio da multidão de gozadores. E Veraline? Será que ela o vira passar por aquele vexame? Ele olhou ao redor, mas não a encontrou. Ao contrário, seus olhos acabaram por pousar em alguém que o olhava com desprezo nos olhos. Era o “roqueiro”. O novato deixou um sorriso cínico escapar-lhe pelo canto dos lábios antes de arrematar:

- Veterano idiota!

Quando observou Andreas dar-lhe as costas e ir embora, Aquiles deu-se conta de que, em sua vida, sempre estaria em segundo lugar.

E ser o segundo era o mesmo que ser o último.

Naquela noite, Alex, um amigo da escola, ligou para Aquiles.

- A turma vai no Motoka's, hoje. Vamos lá? – Motoka's era uma lanchonete. O dono só podia estar sob efeito de drogas no dia em que escolhera um nome imbecil como esse para sua lanchonete.

- Sei lá, cara. Estou meio cozido, hoje.

- Você diz isso toda vez que a gente te chama para sair.

Ele dizia “a gente te chama”, mas Alex era o único que o convidava. Sempre. Mas pra ser sincero, era somente isso que contava ao seu favor. De resto, Alex não passava de um idiota sem noção.

- Que horas, Alex?

- Às oito.

- Ok.

- Você vai?

- Vou pensar.

- Se você não aparecer lá até as oito, vou na tua casa.

Ia o caramba.

- Falou. – E desligou.

Aquiles não gostava de sair com seus amigos porque nunca lhe davam atenção. Se ele tentava dizer algo importante, invariavelmente, era interrompido. E ficava com aquela cara de trouxa, de quem ficou no vácuo. Por isso, para evitar constrangimentos, na maioria das vezes ficava calado, se limitando a dar alguns comentários de duas ou três palavras.

Ele abriu seu guarda-roupa e procurou uma calça e uma camiseta que não estivesse toda furada por causa das traças.

Levou quase uma eternidade, mas acabou encontrando.

O Motoka's ficava perto de sua casa. Quando Aquiles chegou lá, encontrou Alex, William, Reginaldo e Pablo. Todos os quatro eram populares. Alex e Pablo eram baixos, como Aquiles, mas eram ricos. William e Reginaldo não eram ricos, mas eram altos e bonitões. Aquiles era o único que não fora compensado em lado nenhum.

- Senta aí, Cego – disse, Reginaldo. Aquiles suspeitava que ele fosse um dos responsáveis por tê-lo jogado dentro do cesto de lixo, mas preferiu não perguntar nada.

Aquiles sentou-se.

Eles estavam bebendo refrigerantes.

- Sobre o que estão falando?

- Sobre a nova casa de *games* que abriu no centro.

Era só isso o que faltava! Já não estava muito disposto a sair de casa e agora teria de ficar conversando com aquela pirralhada de doze anos sobre uma casa de *games*, enquanto tomavam refrigerantes.

- Não tem um assunto mais decente pra conversar, não?

- Cala a boca, Cego. Ninguém pediu sua opinião.

Melhor fechar a boca, pensou, mal-humorado.

Aquiles decidiu beber alguma coisa – uma cerveja – mas sabia que o atendente não lhe venderia uma, por ser menor. Por isso, pediu refrigerante.

- Tem um jogo chamado *Shinobi*. É sobre um ninja samurai que tem de matar uns caras e uns monstros para chegar lá num lugar. Mas aí você tem que usar as forças super para chegar lá.

- É que nem Kung Fu GrandFather? – perguntou Pablo, realmente interessado com aquela imbecilidade toda.

- Nem se compara. A *denifção* é muito melhor.

- Definição – corrigiu, Aquiles.

- Quê?

- Você falou *denifção*. É *definição*.

- Eu não falei isso.

- Falou sim.

- Eu falei *denifção*.

- Tá vendo? Falou de novo.

- Cego retardado. Você reprova duas vezes e agora vem me dar aula de português?

- Tá bom, Alex. Foi mal.

Aquiles ignorou-os. Não estava ali nem dois minutos e já se arrependera de ter saído de casa. Decidiu que enquanto não mudassem de assunto não diria uma palavra sequer.

Aquiles não era o tipo de muitos amigos. Não era classificado como popular. O que era uma contradição, porque conhecia todo mundo e era conhecido por todos. O problema é que quase não tinha amigos. Talvez seu melhor amigo neste momento fosse o seu refrigerante. O refrigerante completava mais sua vida do que aquele bando de idiotas burgueses e bonitões.

Até que Reginaldo comentou, olhando por sobre os ombros de Aquiles:

- Olha quem chegou.

Aquiles nem fez esforço em olhar.

- Que gata! – comentou, Alex.

- Todo mundo acha, menos o Aquiles. Ele achou bonito mesmo o *nome* dela.

Aquiles teve um sobressalto.

Olhou para trás e o que viu deixou-o sem fôlego, mais uma vez. Era Veraline que chegava junto com uma amiga e um rapaz. A amiga era Márcia, uma morena de parar o trânsito. Elas estudavam na mesma sala. Mas o cara junto delas, Aquiles não conhecia.

Foi quando percebeu que o garotão estava ... de mãos dadas com Veraline. Mãos sujas em cima de sua princesa.

- Quem é aquele cara? – Aquiles queria saber.

- Um sortudo chamado Marcos.

Para Aquiles, ele tinha mais cara de Idiota.

- Ele parece bem velho para ela.

- Deve ter uns 16 ou 17 anos. Ou mais, sei lá. Ela deve gostar de caras mais velhos.

- Velho? Então é bom para o Aquiles. – Risadas.

- Eles são namorados?

- O que você acha, Cego? Estão andando de mãos dadas por quê?

- Sei lá. Não custa confirmar.

- Por quê confirmar? Está gostando dela?

Alex começou a falar um pouco alto, com uma voz cantada:

- O Aquiles está apaixonado. O Aquiles está apaixonado.

- Cale a boca, idiota. Quer que o namorado dela ouça?

- O máximo que ele vai fazer é te dar uns tapas.

Aquiles observou os três recém-chegados se sentando numa mesa próxima. Veraline e a amiga acenaram para Reginaldo.

- Você conhece ela?

- Como assim? Eu conheço todas as garotas.

Quando Aquiles chegara naquela lanchonete estava desestimulado. Agora mais ainda. Observar Veraline cochichando no ouvido de Marcos, dando alguns breves beijos ocasionais, foi deixando Aquiles cada vez mais deprimido. A pessoa sobre a qual Veraline falara durante aquela manhã, a quem daria um presente, poderia muito bem ser aquele cara. Ele era um tipo bonito e, segundo Reginaldo, era rico. Mas será que seria como Aquiles, *humano e sincero*?

Aquiles dirigiu-se a Reginaldo.

- Há quanto tempo ela namora esse cara?
- Está mesmo a fim dela?
- O Aquiles está apaixonado! – Alex continuava fazendo escândalo.
- Responde, droga.
- Eu sei lá, Cego. Só sei que os pais dos dois têm lojas de roupas.
- E o que ela gosta de fazer? Gosta de ouvir música? Ler livros?
- Pra que quer saber isso?
- Você disse que a conhecia.

- Quando converso com uma menina, não é este tipo de informação imbecil que fico procurando. Tenta amadurecer um pouco, moleque.

Aquele atrasado estava chamando Aquiles de “imaturado”? Risível.

Sabendo que não conseguiria obter nenhuma informação útil do Reginaldo, e cansado de ouvir a anta do Alex ficar repetindo: “O Aquiles está apaixonado”, ele decidiu ir embora. Terminou seu refrigerante e, ao sair, passou perto da mesa de Veraline bem lentamente, para que ela o visse.

Mas, Veraline nem notou a sua presença.

Mas o tempo (ah, sempre o tempo) ainda haveria de mudar isso.

CAPÍTULO 4

Para onde pensa que vai, homem solitário? Sua cova está deste lado.

Já haviam se passado meses de aula e Andreas e ainda computava zero amizade. William e Alex eram os mais próximos. Os demais simplesmente o ignoravam. A exceção era Aquiles “Cego” Lucká que vivia encarando-o. Parecia querer briga. Mas, Andreas ainda se considerava um sortudo, afinal, não tomara nenhuma surra até então. Mas não era o caso de abusar da situação confortável. Era sempre bom ficar alerta com os grandalhões da turma.

Quando o sinal soou para o intervalo naquele dia, mais um dentre mil outros enfadonhos, Andreas suspirou, aliviado. Estava cansado de ouvir sobre as leis de Newton.

Ele foi para o pátio onde ficaria sentado observando aquele bando de moleques gritando e fazendo gracinhas para se aparecer para qualquer observador tapado como Andreas.

William emparelhou com ele.

- E aí roqueiro. Já montou a banda?

- Nem.

- Quem faz sucesso começa cedo, cara

- Você toca alguma coisa?

- Nada.

- Se tocasse, a gente poderia se divertir de vez em quando.

- Tô fora, roqueiro. Minha praia é outra. Tem uns malucos aí no colégio que tem banda. Por que não fala com eles?

- Quem são?

- Eu sei lá. Só ouvi falar.

- Quem falou?

- Nem lembro, cara. Isso faz tempo, eu acho.

Era uma toupeira, mesmo. Por que não prestava atenção no que acontecia ao redor para depois ser útil, pelo menos, para dar uma informação?

- Se ficar sabendo de alguma coisa, me fale.

- Fica frio.

E saiu correndo em direção aos amigos dele.

Hoje, Andreas não estava com fome. Estava com azia de ouvir a professora discursando seu interminável blá-blá-blá newtoniano. Então preferiu ficar por ali mesmo, sozinho.

Durante quinze minutos ficou apenas observando como as pessoas sorriam. Todos riam, o tempo todo. Andreas se perguntava porquê. O que achavam de tão engraçado na vida? Será que saber que poderiam morrer a qualquer momento tornava a vida engraçada? Ser atropelado na saída do colégio, constatar uma doença fatal nos exames médicos, ou tropeçar e bater a cabeça no meio-fio? Será que estar consciente disso tornava a vida deles engraçada? Ou estavam totalmente absortos a essa realidade? Talvez se considerassem imortais. Ou melhor: talvez nem estivessem vivos realmente. Andreas ficou imaginando se ele não seria o único ser consciente no planeta. Todas as pessoas eram robôs programados. Talvez isso explicasse porque todo mundo sorria e Andreas, não. Eles eram robôs programados para sorrir. Andreas fora projetado para ser ele mesmo – se quisesse sorrir que sorrisse, se não quisesse, poderia se jogar da ponte.

Verme sensível. Fim definido. Esperanças desenhadas no vento.

O vesgo mal-humorado surgiu ao seu lado. Estava sentado no banco uns cinco metros de distância. Talvez já estivesse ali havia vários minutos, mas só agora Andreas o notara.

Aquiles também deveria ser um robô. Um robô vesgo com cara de idiota, programado para ser um sonso fazendo cara de mau.

Ele escrevia alguma coisa num papel. Pensou um pouco, escreveu mais uma ou duas palavras. Pensou de novo, escreveu mais uma palavra.

Robô vesgo com falha de programação: incapaz de escrever uma sentença inteira sem ficar pensando por horas.

Andreas que não tinha mais o que fazer da vida, ficou ali, assistindo ao vesgo mal-encarado.

Aquiles dobrou o papel e gritou para um garoto que estava por perto e que fazia uns barulhos engraçados com a boca, imitando uma metralhadora. Às vezes, Andreas fazia isso. Ele ficava sem roupa diante do espelho e ao contemplar a figura esquelética e monstruosa, empunhava uma metralhadora invisível e disparava contra a imagem refletida. Assustador e infantil – uma perigosa combinação.

Aquiles falou alguma coisa para o moleque, entregou-lhe o papel e apontou a lanchonete. Em seguida, o garoto saiu em disparada. Andreas acompanhou-o com os olhos. Ele entregou o papel para uma garota loira da sala ao lado. O menino voltou correndo para sua guerra virtual enquanto a loira lia o papel. Aquilo estava cheirando a uma declaração amorosa. Aquiles parecia apreensivo. Andreas podia apostar que o infeliz nem respirava. Babaria a qualquer momento.

A loira demonstrou pouquíssima preocupação, e jogou o papel no lixo. Nisso o sinal soou.

Aquiles parecia abatido com a reação da menina. De cabeça baixa, se dirigiu para a sala de aula. Andreas ficou esperando e foi até a lixeira. Era um curioso, sem dúvida. Ali havia guardanapos

de papel, copos plásticos, latas de refrigerante. Em cima de tudo, um pedaço de papel amassado. Nele, se lia:

“Sei de sua dor, sinto sua dor, saro sua dor”.

Nada mais. Nenhuma carinha. Nenhuma assinatura. Na verdade, não tinha muito sentido. Era poético, mas não objetivo.

Andreas voltou para a sala com o bilhete.

Aquiles estava sentado em seu lugar, inexpressivo. Andreas ficou pensando no que deveria fazer. Não gostava de ninguém, mas nutria um desprezo em especial por aquele idiota. Detestava o modo de Aquiles encará-lo.

Andreas, sempre guiado por seu senso vingativo, foi até Aquiles e disse-lhe:

- Está apaixonado pela loira?

- Quê?

- A loira da sala ao lado.

- Não estou entendendo, cara.

- Será que você tem alguma chance com ela? Olhando para ela ... depois olhando para você ... Não sei, não.

- Dá o fora, magrelo.

Andreas soltou o bilhete na carteira de Aquiles.

- Ela despreza até seus bilhetes ridículos. – E foi para o seu lugar.

Nome: Andreas. Sobrenome: Vingativo.

Sentado em seu lugar, Andreas divisava o coitado. Tinha o papel amassado nas mãos, mas em momento algum encarou o sorriso maldoso de Andreas.

Andreas – o oprimido, o opressor. Sentia-se vivo. Sentia-se bem. E Aquiles merecia.

Quando a professora mastigadora de vento entrou na sala, Andreas nem ficou deprimido.

Ao final daquele dia de aula, Andreas foi ao banheiro do colégio, o mais imundo do planeta. Todas as paredes pintadas de amarelo (até o piso da mesma cor), muito provavelmente para camuflar dejetos humanos. Um ambiente inóspito e desprovido de qualquer sanidade. Quando Andreas saiu do banheiro, já com ânsia de vômito, deu de cara com o disforme zanolho invocado.

Aquiles foi logo dizendo, ameaçador:

- Não sei quem você é, e estou me lixando para seus sonhos idiotas. Mas não pense que vou abaixar a cabeça se cruzar meu caminho.

- Cruzar seu caminho? Do que está falando?

- Você se julga o esperto, não é?

- Ficou nervosinho porque descobri seu segredo?

Andreas sentiu o olhar ameaçador de Aquiles penetrar em sua alma, mas não deixaria que aquele metidinho posasse de homem-assustador-que-exige-respeito.

Aquiles apontou o dedo ameaçadoramente.

- Melhor se cuidar, Andreas.

Andreas escolheu as próximas palavras tão bem quanto se estivesse escrevendo uma redação para passar de ano:

- Para onde você está olhando?

Nunca subestime o adversário. Andreas deve ter lido isso em algum lugar, ou visto em algum filme. De qualquer forma, o que aconteceu em sequência provou que a lição havia sido esquecida. Antes que pudesse sorver-se com a delícia de ver Aquiles encolhido e humilhado, o zarolho desferiu um violento soco que acertou Andreas no queixo. Ele sentiu o impacto numa mistura de susto e dor. Estava tão confiante que nem conseguiu esboçar qualquer reação defensiva e, pior ainda, desabou para trás. Caído, sentindo o queixo latejar, ele divisou Aquiles, bufando.

O covarde chora suas derrotas. O covarde com gosto de sangue. O covarde sou eu.

Aquiles se virou para ir embora. Andreas se levantou. Estava com vontade de chorar. Nunca levava um soco na vida, e o susto doía mais que a própria dor. Mas se demonstrasse fraqueza, Andreas perderia definitivamente qualquer resquício de respeito que o vesgo podia ter por ele.

Portanto, reagindo ao seu impulso, Andreas avançou para cima de Aquiles. Ele jogou-se sobre o corpo do vesgo que caiu ao chão. Andreas começou a bater de qualquer jeito, com as mãos abertas e fechadas. Aquiles, que estava por baixo, fazia a mesma coisa. Os dois socavam mais vento do que rosto. Andreas por estar por cima, conseguia acertar um tapa ou outro entre umas quinze tentativas. Aquiles xingava alguma coisa, mas Andreas não ouvia. Estava sob tamanha tensão que não seria capaz de ouvir uma bomba nuclear explodindo no pátio do colégio.

Até que os dois, exaustos, pararam de brigar. Andreas sentou-se num canto, mal conseguindo respirar. Aquiles, idem. Vários arranhões. Até as meninas brigariam melhor que as duas figuras. E certamente não fariam tanto escândalo.

- A loira nunca vai querer nada com você. - Disse, quase sem fôlego.

- Não te perguntei nada. Não te conheço.

- Fique longe de mim.

- Fique *você*.

Com a roupa toda suja e fedendo a mijo, Andreas foi embora.

Naquele dia, Andreas entrou em seu quarto e começou a compor uma música. O som grave da guitarra ecoava por todo apartamento. Logo os vizinhos viriam reclamar. Ou os seus irmãos. Durante a execução da música, vez por outra ele gritava algo como: “Sou o verme, e o verme há de mudar”.

E tocava com mais vigor.

CAPÍTULO 5

1991 –

- *O rock mundial ganha uma esperança com o lançamento de Nevermind, do Nirvana. Misturando doces melodias com guitarras distorcidas, a banda é precursora dum novo movimento: o grunge. O disco faz um enorme sucesso, e o rock começa a respirar, aliviado;*
- *Em março, o REM lança Out of Time que usa instrumentos acústicos que estabelecem uma nova vertente para a banda. Esse disco contém o maior single de todos os tempos do REM: Losing My Religion. Agindo de uma forma contrária ao que é padronizado, a banda decide não fazer turnê para esse disco, apresentando-se apenas esporadicamente;*
- *O Oasis, anteriormente chamado de Rain, foi inicialmente formado por Liam Gallagher, Paul McGuigan, Paul Arthurs e Tony McCarroll. Após poucos ensaios, a banda inglesa faz sua primeira apresentação no dia 18 de Agosto. O irmão de Liam, Noel Gallagher, que trabalha como engenheiro de guitarras da banda Inspiral Carpets assiste ao show, não gosta do que ouve e leva os integrantes até seu apartamento para mostrar algumas de suas composições. Noel é intimado a entrar na banda pelos seus integrantes;*
- *Após abandonarem o antigo nome Public Affection, a banda Live grava seu álbum de estreia baseado na filosofia indiana, intitulado Mental Jewelry.*

O ano passara muito devagar. Talvez mais devagar do que se poderia esperar. Mas agora, finalmente, Aquiles Lucká deixara de ser um repetente. Fora finalmente aprovado. E estava determinado a se dedicar mais aos estudos. Do contrário, passaria mais três anos na sétima série.

Outra lembrança do ano anterior fora o surgimento de um inimigo e a posterior atenuação de animosidade entre os dois. Aquiles não se lembrava de uma época em que conhecera um sujeitinho tão desprezível como Andreas. Após a briga no banheiro, que lhe rendera belos de uns arranhões, ficaram dias sem trocar uma palavra qualquer.

Mas os dias foram dando lugar às semanas que, por sua vez, cederam sua soberania aos meses. E os dois passaram a se respeitar. Não se tornaram amigos – apenas mantinham a polidez e respeito em nome da paz. Do contrário, poderia ocorrer uma tragédia na próxima briga, tal como quebrar uma unha.

Mas a mais forte lembrança do ano anterior respondia pelo nome Veraline. Apaixonara-se como nunca antes. Já tivera algumas paixões no passado, mas Veraline fora a primeira a despertar nele o desejo de cuidar de alguém, dar amor, carinho, proteção. Ela lhe fazia querer viver, e ele queria viver por ela.

Embora ele visse Veraline todos os dias, Aquiles era incapaz de lhe dizer um “oi”. Era a insistente sensação de impotência – um pesadelo do qual não se consegue acordar.

Mas hoje ele mudaria o placar.

Veraline estava tendo problemas em seu namoro com Marcos. Aquiles ouvira rumores de que ela apanhara seu namorado com outra. Na ocasião em que ficara sabendo disto, Aquiles tomara um porre, o seu primeiro, para comemorar. Ainda se lembrava do seu amigo William lhe dizendo:

- Você não devia beber além do que aguenta.

- Aguento enquanto estiver de pé – respondera Aquiles, tão-somente para desabar logo em seguida, completamente embriagado.

Quando voltara a si, vomitara até o estômago.

E agora, tudo indicava que a jovem angelical estava carente, solitária, sentindo-se provavelmente ultrajada e rejeitada. Ele, portanto, entraria em ação, demonstrando um sentimento que ela nunca conseguiria receber dos rapazes interesseiros que só queriam aproveitar-se do seu belo corpo. Aquiles estava determinado a demonstrar a Veraline o que significava ser amada de verdade. Iria falar com ela. Não sabia exatamente o que diria, mas estava determinado a dizer alguma coisa.

A preparação para a conquista começou.

Ele escolheu sua melhor roupa. Não era tão boa porque já estava com pequenos furos feitos por traças. Pegou escondido um perfume do seu irmão mais velho e resolveu pela primeira vez fazer a barba. Barba mesmo, não tinha. Só aquele bigodinho ridículo. Ele ficou com medo de se arrepender. Já estava acostumado a ver o bigode enfeitando aquela cara horrível e achou que acabaria estranhando a mudança. Mas sabia que precisaria dar um trato na imagem, se quisesse conquistar Veraline. Portanto, fez o bigode deixando pequenos pontinhos de sangue pela cara. Depois de terminado, ele ficou com a nítida impressão de que ficava mais ridículo *sem* o bigodinho do que com ele. Estava evidentemente arrependido, mas não tinha como voltar atrás. Ficou com

uma cara de bebê. Será que Veraline gostava de rapazes com cara de bebê? Marcos não tinha uma cara assim. Ponto negativo para Aquiles.

Depois, de volta ao seu quarto, ele ficou diante do espelho ensaiando o que iria dizer para ela. Havia formas diferentes de se declarar. Poderia começar com um “oi” e prolongar a conversa invadindo vários assuntos superficiais. Depois poderia entrar em assuntos mais delicados, como os envolvendo sentimentos feridos, namoros rompidos, e coisa e tal. Daí poderia partir para a declaração do que havia guardado no seu peito. Essa forma parecia muito complicada, e como Veraline deixava-o muito mais inibido do que ele era, poderia se atrapalhar e acabar estragando tudo.

A outra forma era mais simples e fácil. Porém os resultados poderiam ser prejudicados. Consistia em chegar na cara dura e dizer que a amava. Sem preâmbulos, sem rodeios. Não conseguia definir agora qual seria o método usado. Somente na hora para se saber.

No fundo, Aquiles não estava otimista com a idéia. Afinal ele era um cara pobre, baixo, vesgo, lerdo mental, nunca o primeiro lugar. E agora com cara de bebê. Poderia realmente conquistar o coração daquela menina linda e rica? Seu único trunfo era que ela estaria decepcionada com a traição do seu namorado, provavelmente se sentindo carente. Talvez a sinceridade de Aquiles, sua disposição de cuidar dela, a comovesse. No fundo, no fundo, ele não acreditava nessas besteiras, mas ele não podia mais ficar calado. A paixão que o dominava tornava seus dias mais miseráveis. Não podia mais ficar simplesmente pensando nela dia após dia. Poderia até se arrepender de coisas feitas erradas ou fora de hora, mas não gostaria de se arrepender por ter se omitido. Perder seria melhor do que hesitar.

Não queria mais se omitir, não só com relação a Veraline, mas em qualquer aspecto de sua vida. Ele se conscientizava de que estava ficando cada vez mais velho. Enquanto todos pareciam estar muito bem cientes do que fazer com suas vidas, ele não tinha nada definido. Ele se olhava todos os dias no espelho e compreendia que estava ficando para trás. Era preciso reverter o rumo que estava tomando. Tinha de conquistar o primeiro lugar, saber algo em que era bom, amar e ser amado. Isso lhe faria experimentar a sensação de estar vivo e de ser útil.

E se sentiria muito útil agora se pudesse ajudar Veraline a superar a dor da solidão.

E no que dependesse dele, isso aconteceria ainda hoje.

Antes de ir até a casa de Veraline, ele ligou para confirmar se ela estava em casa.

- Alô? – a voz do outro lado não era a voz de um anjo, logo, não poderia ser Veraline.

- Alô! Eu gostaria de falar com a Veraline. Ela se encontra? – Sua voz denunciava o nervosismo.

- Está. Quem gostaria?

Ele desligou o telefone.

Sua princesa estava em casa, e em menos de quinze minutos ele estaria face a face com ela.

CAPÍTULO 6

- Eu nunca vou perdoar o Marcos. – A declaração de Veraline soava com firmeza, embora ela mesma duvidasse de quão sincera estivesse sendo.

Ela estava conversando com sua amiga Flávia sobre o flagrante que havia dado em Marcos, dias antes. Ele estava aos beijos com Francielly, uma garota do colégio.

Ela ainda podia ouvir o grito de ódio que dera na ocasião, ecoado a partir de suas lembranças traumáticas. Dominada por um sentimento que jamais conseguiu descrever, Veraline partiu para cima dos dois. Ela não era capaz de descrever o que acontecera em seguida. Mergulhara em uma nuvem de ódio e indignação que a cegara completamente. Lembrava-se apenas de gritos e grunhidos que produzia enquanto usava toda sua energia no ataque. Depois de algum tempo, Marcos conseguira dominá-la. Ele disse algumas coisas, mas Veraline foi incapaz de compreender. Quando finalmente conseguiu se livrar dos braços de Marcos, foi correndo para casa.

Marcos a procurara em várias ocasiões desde então, e embora ela quisesse, não cedera às insistências dele. Era sempre enfática em dizer que tudo estava acabado, embora torcesse para que não fosse verdade. Tinha muito medo que Marcos desistisse de tentar reconquistá-la. Ao mesmo tempo, ela precisava se valorizar. Render-se assim tão facilmente mostraria a Marcos que ele sempre estaria no controle, e isso era inadmissível para Veraline.

- Você acha que vai conseguir um namorado fiel, Vera? – perguntou sua amiga, Flávia.

- O que há de errado nisso?

- Minha irmã diz que os homens não são fiéis.

- Isto é ridículo. Eu nunca divido nada com ninguém, muito menos... um namorado.

- Mas, e se ele estiver realmente arrependido? Você não vai dar uma segunda chance pra ele?

- Mas ele estaria arrependido, se não tivesse sido flagrado?

Nesse momento, Veraline ouviu a campainha. Ao olhar pela janela, viu um garoto loiro que lhe parecia familiar. Ela abriu a janela e perguntou:

- O que você quer?

O garoto ficou em silêncio. Parecia apavorado.

- O que quer? – insistiu.

- Quero falar com você.

- Pode falar.

Ele hesitou.

- Você não pode vir aqui?

- Sobre o que quer falar?

- Eu digo se você vier aqui.

Veraline começou a se lembrar do garoto. Ele era do colégio. Ela o vira várias vezes, observando-a. Era um rapaz bem estranho. Encarava as pessoas com um semblante assustador. Metia medo, de certa forma.

Embora não achasse que fosse a decisão mais inteligente do mundo, ela decidiu atendê-lo.

Quando chegou no portão, chegou a ter um breve arrependimento. O menino parecia tremer – será que estava sob o efeito de drogas?

- Oi... Acho que você não me conhece. Mas preciso muito falar com você.

A voz dele era trêmula. As mãos acompanhavam o ritmo. Aquilo não cheirava nada bem. Veraline se preparou para gritar e correr para dentro.

Ele continuou:

- Eu sou Aquiles ... No último ano, a gente estudou em salas vizinhas. Eu tenho te observado há um bom tempo. - Ele se apressou em suavizar a estranha frase: - Mas não se assuste. Eu te observo como pessoa... - Ele deu uma longa pausa, talvez esperando que Veraline dissesse algo, mas ela ficou em silêncio.

E o que ela poderia dizer? Veraline não sabia o que pensar. Estava, apenas, surpresa com aquelas frases um tanto quanto desconexas.

- Eu fiquei sabendo do acontecido... - ele disse.

- Que aconteceu?

- Você e... Marcos. Sinto muito pelo que ocorreu.

Veraline sentiu-se subitamente irritada. A notícia, pelo visto, já tinha se espalhado.

- Você veio aqui para falar disto?

- Não, não. Eu vim aqui para dizer que você é importante para mim.

Ah, então era isso?! Tudo se esclareceu. Ele era apenas um apaixonado. Mais um garotinho solitário e carente (e neste caso, muito feio) que se iludia com Veraline. Ela estava acostumada com a ideia de que seria alvo de paixonites ao longo de toda sua vida. E agora, sabendo quais eram as reais intenções de Aquiles e a razão de sua tremedeira, Veraline não estava mais acuada.

Ele estava dizendo:

- “Seus olhos deixam pistas que minha alma insiste em trilhar”.

- Quê?

- É Grandepaux. Um poeta.

Imediatamente ela se lembrou de um bilhete estranho sobre sentir e sarar a dor que havia recebido no colégio. Provavelmente, Aquiles era o responsável por aquela besteira.

Veraline começava a perder a paciência. De psicopata drogado o tal de Aquiles passara a ter uma feição de bebê inocente, usando palavras idiotas que só faziam sentido na sua cabeça. Ela teria sido mais gentil, caso não tivesse passando por problemas com Marcos.

- O que você quer de mim, menino?

- Quero te proteger.

- Proteger de quê? – A irritação afluía a voz de Veraline.

- Daqueles que só querem usar sua beleza como status. E que não dão a mínima para o que você sente.

- Que história é essa? Ninguém usa Veraline. Não precisa se preocupar comigo. Estou segura.

- Só quero ajudá-la.

- Se precisar de sua ajuda, eu te procuro, ok? Eu vou entrar porque tenho coisas importantes pra fazer.

Ela deu as costas, e entrou.

Sentia-se ultrajada com o atrevimento do moleque feio.

- Quem era, Veraline? – perguntou, Flávia.

- Ninguém, Flávia. Não era *ninguém*.

No dia seguinte, ela estava diante de um espelho e a imagem refletida olhava para ela com um olhar reprovador. E Veraline sabia o porquê.

Naquela manhã, ela tomara conhecimento de que Marcos e Francielly estavam namorando. E pela primeira vez em sua vida, ela sentia a derrota agarrando-lhe num caloroso abraço. O abraço da derrota. O abraço do fracasso.

Encarando a imagem refletida, sussurrou:

- Veraline nunca se curva. Veraline sempre vence.

Seu estômago queimava.

CAPÍTULO 7

Uma fração de esperança repousou sobre o ombro da criança cansada, e ela acreditou que talvez, um dia, finalmente deixasse de ser o coelho. Quando Andreas terminou o último verso de sua primeira música, batizada “Nosso Caos, Nossa Vida”, ele teve uma maravilhosa sensação de conquista e poder.

Sentado em sua cama, empunhando seu violão – seu símbolo de poder –, ele tentava dar vida aos seus sentimentos de rejeição. Tentava colocar poesia e pureza em sua vida medíocre, pincelar com cores vivas o abismo onde resfolegava.

Mas Andreas não era um bom letrista. Esforçava-se em traduzir dor e angústia para o papel, mas havia barreiras entre a ânsia e o progresso. A dor crescia dentro dele, mas só encontrava escape através de melodias. Mas não era suficiente. Ele precisava gritar sua dor através das letras. Ser plenamente compreendido. Até o momento, no entanto, apenas pequeníssimas frações de sua angústia renasciam no papel.

Este era apenas o primeiro passo para se colocar sob os holofotes onde acreditava seriamente ser o seu lugar. Ainda precisava encontrar pessoas dispostas a lutar pelo mesmo sonho, e conquistar o mundo. E isso não seria nada fácil.

Andreas decidiu apelar para Aquiles:

- Cara, quero montar uma banda. E rápido. Você toca algum instrumento?
- Quê? – perguntou Aquiles, com uma boçalidade que dava vontade esmurrar o desgraçado.
- Perguntei se toca algum instrumento?
- Eu gosto um pouco de violão, mas só sei arranhar.
- Como assim *arranhar*? Há graus diferentes de *arranhar*?
- Sei lá. Eu toco um pouco. Às vezes melhor. Mas nem tanto.

Se tocasse tão bem quanto se expressava, seria um desastre.

Manter um diálogo com o infeliz nos últimos tempos estava difícil. Depois que caíra em amores por aquela loira metida à soberana, o cara vivia num outro mundo. Dirigir-lhe a palavra sempre resultava em respostas como: “hã?”, “hein?”, “quê?”. Vivia dizendo que estava amando. Para Andreas, ele estava apenas balbuciando bobagens sem sentido. Era apenas um moleque querendo posar de adulto maduro.

Referindo-se à noite em que fora rejeitado por Veraline, Aquiles apelou para o epítome do melodrama:

- Eu morri, cara. Aquilo que existia de vivo dentro de mim, já não existe mais. Tudo acabou, tudo está acabado. O que importa se toco violão ou qualquer outro instrumento?

Andreas aproveitou para tentar converter Aquiles para sua causa.

- Você é só um garoto, mas sabe que a gente sempre procura alguém para preencher o vazio. E acreditamos nisso. Mas a realidade é cruel, meu velho. Não há ninguém esperando por mim ou por você.

- O que resta, então?

- Somente lembranças de sonhos que nunca vivemos. Somente a solidão.

- Você não está falando coisa com coisa.

- Somos os luserianos, Aquiles. Os últimos, os esquecidos, os descartáveis. - Andreas se posicionou como discursasse para uma nação. - Mas não deixe que suas lágrimas sejam o reflexo da derrota, da entrega. Lute contra essa ideia de que somos descartáveis. Faça com que seu sofrimento se torne matéria-prima para a arte. A arte da desilusão. Deixe que o mundo todo ouça a sua voz, e sabia que você existe.

Aquiles o encarava.

- Mas que droga é essa, Andreas? Fumou? O que está querendo dizer?

Era a deixa que Andreas esperava.

Ele então despejou seus sentimentos e pensamentos de forma tão enfática e vívida quanto pode.

—

Andreas era apenas um jovem depressivo, atormentado por seus próprios fantasmas. Quando era humilhado na escola, geralmente, tinha vontade de acabar com tudo. Certa vez, ficou socando a parede até a mão sangrar. Escrevia coisas no caderno que só tinham sentido para ele. Palavras insanas, palavras mórbidas. Talvez fosse um louco. Ou apenas um verme em busca de direção.

Mas, a música poderia resgatá-lo. Ter uma banda, caras legais e talentosos tocando com ele – este era o estímulo de que tanto precisava.

Enquanto isso, ele continuava vivendo no seu mundo particular, enquanto o desprezo de todos a sua volta servia-lhe de inspiração para compor suas canções. E quando chegasse a hora, faria com que todo o seu sofrimento ganhasse vida, e todos se curvariam diante do seu talento.

Dará o mundo uma chance ao homem solitário?

E esperava. Esperas intermináveis que castigavam seu corpo nu. Esperas que o deixavam cada vez mais louco, mais perto do precipício. Sua espera. Sua cova. Seu final. Cobria-lhe o manto da decepção. E enquanto isso ... ele esperava.

Não havia como negar. Às vezes, era invadido por uma onda de mau agouro. E se não desse certo? E se ele jamais conseguisse gravar um álbum? E ele tivesse que desperdiçar o resto de sua vida enfiado em um cubículo, recebendo ordens de um patrão barrigudo e mal-humorado? Ideias como essas tiravam seu sono.

Mas agora, em meio às densas nuvens do otimismo e do pessimismo, tudo mesclado em pensamentos e sentimentos confusos, ele havia obtido o que poderia classificar como verdadeiro regozijo. Uma canção que o tirou de seu devaneio depressivo. “Nosso Caos, Nossa Vida”. A letra era fraca, mas aquela canção iluminara o moribundo Andreas, dando-lhe o fôlego dos deuses.

Ele respirava. E, em breve, seria rei.

Quando terminou de discursar o que um dia poderia figurar muito bem como o primeiro capítulo de sua biografia, Andreas esperou pela reação de Aquiles.

Após alguns instantes, o vesgo arrematou:

- Eu quero ouvir essa música. Hoje.

Depois de anos de abstinência, Andreas voltou a sorrir.

CAPÍTULO 8

A vida, definitivamente, não era a mesma – estava deficiente, manca, uma tosca aberração. A estranheza corria em suas veias e ele sentia seus ossos cada vez mais frágeis.

Apesar dos encontros diários com sua musa no colégio, a história desgastante se repetia: Veraline continuava evitando Aquiles. Na verdade, parecia temê-lo. Como se ele fosse uma ameaça, um maníaco. E a sensação de rejeição consumia o garoto. Ele se decompunha em restos e células mortas.

Andreas, por outro lado, parecia acreditar ser capaz de despertar um artista dentro de Aquiles. Que a decadência é apenas o estado que precede à criação. E seu discurso sobre inspiração, inclusive sobre sua recém-composta música, deixou Aquiles curioso. A sensação de estar no mesmo barco furado, de certa forma, unira os dois inimigos. Precisariam reunir forças para escapar do fato de estarem prestes a morrer afogados. Não fora uma simpatia automática. Mas, na luta pela sobrevivência, pareciam ter feito um acordo de paz, como os realizados eventualmente por nações antagônicas, visando um bem maior.

Seria possível que Andreas tivesse alguma razão? Seria possível que tamanha lentidão mental, que abrigava aquele corpo decadente, poderia esconder alguma genialidade criativa?

Parecia difícil acreditar.

Era uma triste realidade. Mas Aquiles, com apenas 16 anos, já havia perdido a fé em si mesmo.

Era intervalo.

Aquiles e Andreas, as duas estranhas figuras estavam isoladas. Aquiles, soturno e calado, observava Veraline com a amiga, Márcia. Andreas deve ter percebido seu olhar suplicante, pois comentou:

- O ser humano é maluco. Depende do amor, sofre por amor, morre de amor. Acho que você está no último estágio.

Aquiles levou quase dois séculos para responder, lacônico:

- Eu morreria por ela.

- Você é só um idiota que não sabe o que diz. - Uma longa pausa. Se Andreas esperava um comentário, um protesto, Aquiles devolveu-lhe apenas o silêncio. Então, ele continuou: - Essa menina é muito estranha. Pertence a outro mundo. Por que não tenta algo mais real, como a Márcia? - Ele apontou para a jovem ao lado de Veraline. - Ela é uma morena e tanto.

- Essas coisas, a gente não escolhe, cara. Simplesmente, acontece.

Márcia parecia ser uma garota legal, é verdade. Eles já haviam trocado algumas palavras, e ela parecia sempre propensa a conversar com ele. Não o rechaçava, como a amiga. Mas, e o que isso importava, afinal? Aquiles respirava Veraline, pulsava Veraline, sonhava Veraline. Seu humor variava de acordo com o que determinava sua amada. Se ela estava feliz, Aquiles se empolgava. Se estivesse deprimida, Aquiles se condoía. Se ela não fosse na aula, Aquiles entrava em pânico. Ela era seu reflexo, seu impulso, sua projeção. Onde quer que estivesse, ela sempre seria o medidor de seu humor. E o ponteiro veralinesco apontava claramente: nuvens negras até os últimos dias de vida!

Foi quando a impactante cena cortou o devaneio de Aquiles. Como que surgido do nada, de modo súbito, Marcos, o ex-namorado de Veraline, surgiu ao lado dela.

O coração de Aquiles falhou uma batida. Seu sangue estagnou-se por alguns segundos. O ar chegou a... espere, que ar?

- O que ele está fazendo aqui? - perguntou.

Andreas respondeu, mas ele não entendeu. Sua mente estava concentrada na inusitada cena diante dos seus olhos, Marcos e Veraline conversando. O que aquela ameaça queria com ela?

Seja lá o que fosse, logo, uma tensão começou a corroer a nuvem que repousava sobre o “casal”. Veraline começou a gesticular. Seus gestos, seu rosto – era uma discussão. De certa forma, Aquiles sentiu-se aliviado. Seu subconsciente chegou a cogitar a possibilidade de aquele encontro terminar em beijos e abraços.

O calor da discussão cresceu. Marcos também começou a gesticular. Márcia se afastou. Curiosos se aproximaram. Aquilo não terminaria bem.

Quando Marcos agarrou Veraline pelo braço, ela gritou:

- Me larga... Eu te odeio!

Quando deu por conta de suas pernas, Aquiles percebeu que elas o levavam na direção da confusão.

Veraline tentava se libertar. Gritava ofensas. Mas, Marcos não a soltava. Agarrou-lhe com duas as mãos. Veraline começou a chorar.

Sua princesa chorava.

De repente, no meio do tumulto, uma voz invadiu a confusão:

- Solta ela.

Aquiles demorou alguns instantes para reconhecer que se tratava de sua própria voz. O que afinal ele estava pensando?

Marcos ouviu, mas ignorou. Uma boa deixa para Aquiles ficar na dele. Mas machucar Veraline não era a melhor maneira de colocar juízo nele.

E, exatamente por isso, Aquiles avançou.

- Falei pra soltar ela – esbravejou, empurrando Marcos, que finalmente a soltou.

Agora seria o momento onde Marcos, filhos de bacanas da cidade, protestaria contra a ação indelicada de Aquiles, e recorreria a frases tipicamente usada em momentos tensos assim, como “você tá louco?”. Bem, na teoria, seria isso. Mas quem disse que as coisas sempre seguem o protocolo?

A reação de Marcos foi de revide. Ele foi na direção de Aquiles e o empurrou.

- Fica fora, vesgo, ou vai sobrar pra você.

O que Aquiles faria agora? Arranharia Marcos como já fizera com Andreas? Estava há dias sem cortar as unhas. Uma arma mortal que Marcos desconhecia.

O que ele fez, pelo contrário, entraria para a história. A narrativa daria para entreter filhos e netos, se um dia viesse a tê-los.

Marcos, que era mais velho e maior, jamais poderia imaginar que um vesgo esquelético pudesse reagir desta maneira. A verdade é que Aquiles avançou (com os punhos fechados), e

desferiu um soco. Foi dado meio às cegas, é verdade, mas encaixou de forma profissional. O soco atingiu o queixo de Marcos em cheio, e o barulho foi assustador. Apenas um soco, e o enorme Marcos foi ao chão. Aquiles sentiu-se arrepiar ao ver o grandalhão sentado no pátio do colégio. Chegou dar um suspiro de êxtase.

Mas, o que poderia ser mais surpreendente do que ver Marcos no chão? A resposta veio rápido. Veraline, parecendo mais louca do que nunca, avançou para cima de Aquiles, agredindo-o:

- Fique longe dele, seu maluco.

O que aconteceu em seguida, não seria possível descrever com precisão. Foi tudo muito rápido e confuso. Aquiles se lembrava apenas de que, enquanto se protegia de Veraline (*por que ela o atacava??*), alguém mais entrou na briga. Marcos já estava de pé, e foi para cima de Aquiles. E alguém empurrou outrem. Socos e tapas, uma tentativa de se proteger e atacar. E foi então que Aquiles viu um enorme punho crescendo, crescendo e crescendo até atingir seu rosto em cheio. Ele sentiu seu corpo ser jogado para trás.

Caído.

Nocauteado.

“Eu só gostaria de fechar os olhos e esquecer de tudo”.

CAPÍTULO 10

1992 –

- *O U2 inicia Zoo TV Tour que mostra a relação existente entre o rock e a TV;*
- *O Pavement lança seu primeiro álbum, Slanted and Enchanted, e se torna uma revelação no rock alternativo. A displicência dos integrantes durante as apresentações e a desafinação do vocalista Stephen Malkmus fazem do Pavement um grupo único, no início da década de 90;*
- *Francis Black dá uma entrevista a BBC decretando o fim do Pixies, deixando os outros membros da banda perplexos, já que ainda não haviam sido informados. Francis diria, anos depois: “Eu não queria passar 30 anos excursionando com os mesmos caras como se fosse um U2 alternativo”;*
- *Em uma visita à Guitar Shop, uma loja de instrumentos musicais, a cliente Fernanda Takai deixa uma fita K7 com algumas de suas canções para um dos sócios-proprietários;*

•*No dia 14 de Fevereiro, Rivers Cuomo, Brian Bell, Matt Sharp e Pat Wilson formam, em Los Angeles, o Weezer. Eles começam a compor algumas músicas e tocam em pequenos clubes locais.*

Ele mudara. O antigo Aquiles estava morto, e um novo havia ocupado seu lugar. O velho Aquiles não tinha cicatrizes; o recém-nascido tinha uma no pescoço, deixada pelas unhas afiadas de Veraline. Na verdade, o discreto arranhão provocado pelo ataque de Veraline não deixou nenhuma cicatriz. Nada visível, ao menos. No entanto, invariavelmente, quando ele dizia seu nome, tocava o pescoço. Um movimento automático iniciado desde aquele dia traumático.

- Sou Aquiles Lucká! – E levava a mão ao pescoço.

O que acontecera naquele dia resultara em suspensão de três dias para Aquiles, Veraline e mais dois alunos que se envolveram na confusão. Desde então, Aquiles e sua ex-princesa nunca mais trocaram palavras – o que, na prática, não mudou muita coisa. O que havia mudado, de fato, era que Aquiles se transformara em um novo homem.

Um homem sem sentimentos. Um homem sem lágrimas. Apenas uma cicatriz imaginária no pescoço. Ao mesmo tempo, dera vida a um ser diferente, um jovem insensível que não se preocupava com o que acontecesse além do raio de um metro. Poderia ser uma ausência emocional passageira. Ou talvez passasse a ser a sua característica de personalidade mais imediata.

E nas horas vagas, o homem sem sentimentos passou a ler tudo o que fosse colocado à sua frente. Tornara-se um viciado em leitura: contos, romances, poemas, letras de música, manuais de usuário, bulas de remédio. Tudo aquilo que o mundo oferecia registrado em formato escrito, ele consumia.

E, consequência direta ou não deste novo hábito, passara a escrever muito. Acatara o conselho de Andreas e passara a expressar tudo o que sentia no papel. Literatura em forma de contos e crônicas. Pensamentos soltos e versos rimados. Expressões sem métrica ou lógica mas que, ao mesmo tempo, pareciam definir exatamente quem ele era e o que pensava.

Havia uma acidez e melancolia que caracterizavam tudo aquilo que ele escrevia. Era sua identidade, e era claramente percebida no papel. Tinha vida própria. Pulsava angústia e solidão, gritando ao mundo seu vazio interior.

Aquiles havia descoberto subitamente algo em que ele era bom. Talvez ali residisse a oportunidade de sua liberdade. Talvez a ascensão ao primeiro lugar.

Por outro lado, Andreas tinha um talento incrível: tocava muito bem, e tinha o dom de compor melodias muito boas. Não é preciso muito para perceber que ali se formava um casamento notável: Aquiles tinha o talento para escrever e Andreas, para compor.

E a ideia de montarem uma banda amadurecia aceleradamente. Embora um bom letrista, Aquiles só arrancava alguns poucos acordes no violão. Por isso, Andreas começou a dar-lhe aulas particulares. Quando não estavam em aula, os horários eram preenchidos com o desenvolvimento das habilidades musicais de Aquiles.

Dos encontros, das conversas e planos surreais sobre o futuro da banda que nem chegara a nascer, frutos começaram a se tornar visíveis. Certo dia, Aquiles entregou um poema para Andreas e disse:

- Coloque música nisso aí.

Levou menos de 24 horas. No dia seguinte, Andreas pegou seu violão, pediu para o amigo se sentar e anunciou:

- Ouça isso.

Naquela tarde, Aquiles, o homem insensível, se emocionara. A melancolia da letra, a melancolia da música, a melancolia da voz de Andreas – perfeição sublime.

Ele disse ao amigo a única frase que poderia ser dita naquele momento:

- Cara, nós vamos arrasar!

CAPÍTULO 12

As chuvas de Maio de 1992 foram intensas. Dia após dia – um dilúvio sem fim. Era o prenúncio de um inverno rigoroso. Ou, mal sabia Andreas, de um verdadeiro passo rumo aos seus sonhos.

Ele estava no pátio da escola. Ao seu lado, Aquiles e Alex falavam sobre trivialidades, como esportes e outros tópicos banais. E como Andreas não tinha nada a acrescentar à conversa estúpida dos dois, ficou apenas observando a movimentação daquele povo agitado do colégio que amava gritar.

Seria muito fácil para qualquer pessoa no planeta olhar para aquela balbúrdia toda e encará-la como normal, mas para Andreas não era. Ele ficava profundamente irritado quando ouvia gente gritando e correndo como um bando de malucos em um hospício. Tinha medo de terminar da mesma forma. Gostaria de escapar daquilo. Porque se um dia precisasse correr e gritar para se sentir vivo, preferiria estar morto.

A conversa insuportável dos dois prosseguiu até que Alex perguntou:

- E aí, roqueiro? Montou a banda que *tanto falou*?

- Como assim “tanto falou”? - A amargura de Andreas saltitando em cada sílaba. - Nem tenho falado sobre isso.

- Esse negócio de banda é coisa de maluco. Ninguém está a fim de coisas desse tipo, não.

Até que, de certa forma, o imbecil tinha alguma razão.

- Eu estou interessado – falou, Aquiles.

- Até você, Cego? E você sabe tocar alguma coisa?

- Eu toco guitarra.

Alex caiu na risada.

- O Cego guitarrista. Essa é boa. Deve se atrapalhar a beça. Vê tudo dobrado. Guitarra de doze cordas.

Nos anos anteriores, Andreas se divertia quando alguém zombava de Aquiles. Gostava de ver a expressão de desgosto na cara daquele cidadãozinho arrogante. Mas agora, com a amizade dos dois assumindo outro nível no universo, Andreas não conseguiu mais achar graça. Por isso, ele e Aquiles limitaram-se a encarar Alex, sérios.

A reação teve um bom efeito. O mala descobriu-se deslocado e, sem graça, limitou-se a dizer um “falou”. Depois, desapareceu no meio dos insanos que continuavam correndo e gritando.

A ideia de ter Aquiles em uma parceria musical era animadora. Aquiles era vibrante em suas letras. Havia tanta dor e desprezo ali que Andreas enxergava a si mesmo em cada verso. Ele via a sintonia dos dois como Morrissey e Johnny Marr. Um casamento perfeito, daqueles que a música só consegue presenciar com intervalos de muitos anos.

E isto significava que precisavam agir sem demora. Deixou isso claro em suas próximas palavras:

- O rock está em alta, cara. Temos que aproveitar esta oportunidade.

- Mas, fica difícil fazer alguma coisa só com guitarra e baixo, né?

- Não precisamos de muito: só um baterista.

- O que acha de colar alguns cartazes aqui na escola?

- É uma opção. Mas a gente precisa ser específico. Queremos algo sério, tocar músicas próprias, essas coisas. Nada desses sem noção que querem montar uma bandinha para tocar *covers* uma vez por semana.

Poderia parecer um longo trajeto, mas, na verdade, havia motivo para otimismo. Até algum tempo atrás, Andreas estava sozinho na sua banda de um homem só. E agora tinha Aquiles como letrista e guitarrista. Quando menos esperassem, encontrariam o elemento que faltava para seguirem adiante.

Por mais que fosse otimista, ele só não imaginaria que isso começasse a acontecer naquele momento. Enquanto conversavam, um garoto japonês aproximou-se dos dois.

- E aí?

Andreas balbuciou qualquer coisa em resposta, que nem ele seria capaz de traduzir.

O japa continuou:

- Fiquei sabendo que você toca guitarra.

- É... Também.

- Você tem banda?

Aquiles se adiantou, apressadamente.

- *Nós* somos uma banda.

- Legal. Eu também tenho uma banda.

- Ah é? Bacana. Que tipo de som vocês fazem?

- Pop rock.

Andreas não gostava dessa definição. O rock precisa ser rock. Se será popular ou não, será uma consequência, não um estilo.

- Vocês compõe? - perguntou o japonês.

- Só tocamos músicas próprias.

- Sério? Cara, ultimamente a gente começou a ficar meio cansado desta história de tocar músicas dos outros.

- E por que não fazem composições próprias?

- Nós compomos. Só que ... é uma porcaria.

Andreas ergueu os ombros e estufou o peito. Sentiu-se o *senhor da situação*.

- O que é porcaria? As letras, as melodias?

- Na verdade, tudo.

Andreas e Aquiles se entreolharam da mesma forma que Chaplin e os irmãos Marx trocariam olhares se alguém lhes dissesse: “*Eu não sei fazer comédia*”.

Andreas sabia o que era uma porcaria de composição. Estava muito acima disso. Ele poderia olhar do alto do seu pedestal, do ápice de seu talento para baixo e visualizar, tão longe que quase fugiria de sua vista, uma porcaria de composição. Um jovem demasiadamente avançado para seu tempo.

- Em quantos vocês são na banda?

- Quatro. Guitarra, baixo, bateria e teclado.

Andreas não deixou de sentir uma pontada de inveja.

- Eles estudam aqui também?

- Sim, todos eles.

Como não ouvira falar deles até então?

- Ok. Então, estão precisando de um integrante que componha?

- Isso aí.

- Eu componho e toco baixo, e o Aquiles escreve as letras e toca guitarra. Se quiser, a gente pode te mostrar algumas de nossas músicas.

- Legal.

- Qual o nome da banda de vocês?

- Os Aborrecidos.

Andreas não ficou surpreso. De alguma forma, já sabia que o nome seria algo um pouco acima de ridículo.

- Onde vocês ensaiam?

- A gente aluga um pequeno estúdio, o Davi Mateus.

- Sei qual é.

- Uma vez por semana, durante duas horas. O pai do nosso tecladista é quem paga o aluguel. Ele banca tudo. Vocês não querem ir lá na terça, às oito da noite?

- Sim, boa.

- Lá vocês conhecem a galera. Daí a gente faz uns barulhos.

- Legal. Qual teu nome, cara?

- Rogério.

- A gente se vê na terça, então.

Andreas observou Rogério enquanto este se distanciava. Era um japonês baixo com uns dentes bem grandes. Mas não era o tipo esquisitão – características principais dos grandes gênios da música, segundo a teoria maluca de Andreas.

- O que acha? – perguntou, Aquiles.

A resposta parecia simples. Mas não era. Como quase tudo na vida, a complexidade reside nas questões mais simples.

- Na verdade, pode ser uma boa coisa. Apenas tenho medo de não termos o controle do criativo.

- Que criativo, cara?

- Sempre falamos em montar uma banda, começar do zero. As composições seriam nossas, a decisão do nome da banda seria nossa, a decisão das capas, dos videoclipes. É disso que estou falando. Controle do criativo. *Nós* seríamos a banda. Os outros seriam coadjuvantes. – Andreas apontou para Rogério já bem distante. – O problema é que *eles* já tem a banda montada. A festa é deles. Somos apenas os convidados.

- Deixa de ser psicótico, cara.

- Você que é ingênuo. Não sabe como essas coisas funcionam.

- Quando nos ouvirem, eles vão se curvar diante de nós.

- Tomara.

- O importante é a gente ter nossa banda, Andreas. Poder compor, tocar para a galera. Não é o que a gente tanto quer?

Andreas sabia que o amigo não entendia a sua posição. Mas não parecia justo que a arte que ele era capaz de criar, a partir do desprezo que recebera desde sua infância, ficasse simplesmente restrita às opiniões pequenas de pessoas sem talento.

- E outra coisa: Os Aborrecidos?! Que nome mais ridículo!

- Esqueça o nome. Eles devem estar numa situação parecida a nossa.

- Situações como a nossa geram criatividade, não retrocesso. Isso me parece mais um grupo de pequenos burgueses querendo chamar a atenção dando uma de rebeldes talentosos. Nada de muito influente. - Ele suspirou. - Apenas ... garotos.

Os Aborrecidos olhavam para os dois com certa desconfiança.

Na terça-feira a noite, conforme o combinado, Andreas e Aquiles foram ao estúdio, e levaram seus instrumentos.

O dono do estúdio se chamava Davi Mateus. Além de alugar o estúdio, ele produzia bandas regionais, gravava seus álbuns, lançava-os no mercado. Mas não era um homem muito influente. Apenas um pequeno produtor, sem maiores pretensões.

Quando Andreas e Aquiles ali chegaram, os 4 integrantes dos Aborrecidos já estavam ensaiando. Todos pararam, imediatamente. E durante alguns segundos, que pareceram uma eternidade, olharam Andreas e Aquiles dos pés a cabeça, como se pensassem: “Essas seres monstruosos e desengonçados são capazes de compor?”

Pessoas más pensam coisas más.

Por um momento, Andreas desejou dar meia-volta e sair dali. Não gostava do modo como eles o encaravam. Mas antes de tomar uma atitude precipitada, procurou respirar fundo e espantar seus fantasmas.

- Lembra da gente?

Rogério se adiantou.

- Claro, cara. Chega aí. Vou apresentar a banda pra vocês.

E começou.

Rogério, o japonês dentuço, tocava guitarra e fazia os vocais. Eduardo, um gordinho com cara de espanto, tocava baixo. Rodrigo assumia os teclados – era um cara alto, e parecia o mais desconfiado de todos. Era o tal filho do bacana que bancava todas as despesas da banda. Tinha uma expressão arrogante. Andreas antipatizou com ele de imediato. O outro, calado e distante, era um negro corpulento, chamado Fábio – o baterista.

Todos estavam na faixa dos quinze anos, assim como Andreas. Mas, pareciam apenas garotos querendo se divertir, a exceção de Fábio que carregava uma certa angústia naquele olhar distante. Mas Andreas preferiu deixar as avaliações depois de vê-los tocando.

Andreas e Aquiles também se apresentaram. Enquanto falavam, todos os presentes faziam um silêncio assustador. Era uma estranha sensação, como se estivessem em um interrogatório.

Depois de algumas perguntas feitas de ambos os lados e de ouvirem, satisfatoriamente, as respostas, Andreas sugeriu:

- Toquem alguma coisa aí pra gente ouvir.
- O que querem? *Cover* ou músicas próprias?

Seja o que Deus quiser.

- Músicas próprias.
- OK. Vamos lá, pessoal.

Logo em seguida, o desastre universal começou.

Andreas procurou se lembrar, em algum ponto perdido no passado distante, de um momento em que ouvira algo tão ruim. Por mais que tentasse, não conseguiu se lembrar de nada tão assustadoramente repulsivo. A sonoridade, os arranjos, a fusão instrumental, as letras – tudo muito ruim. Rogério mentira quando dissera que suas músicas eram uma porcaria; na verdade, eram desprezíveis.

Andreas tentava isolar a interpretação de cada um deles. Rogério esbravejava, desafinadamente: “*Se você não me quiser / Tem quem queira, baby / Se você não ligar para mim / Também não ligo para você*”. Além disso, ele não tinha uma boa intimidade com a guitarra. Ele parecia lutar para controlar o instrumento. Até Aquiles, que ainda era um tenro aprendiz, tocava melhor que o japonês.

O gordinho do contrabaixo também deixava a desejar – o instrumento parecia ser maior do que ele, e isto prejudicava sua coordenação. Já Rodrigo, o tecladista desconfiado e metido, tocava bem. Criou uma sonoridade elegante, porém, que não combinava em nada com o que estavam tocando. O baterista Fábio também parecia saber o que fazia. Tinha talento, e tentava preencher as lacunas deixadas pelos outros integrantes. Mas seu talento ficava, no máximo, subentendido por detrás de toda aquela algazarra que zunia nos ouvidos apurados de Andreas. A melodia era uma criação inóspita de acordes inusitados. O que os Aborrecidos faziam, estava deixando Andreas *aborrecido*.

Quando terminaram, Rogério esboçou um sorriso orgulhoso. Embora achasse suas próprias músicas uma porcaria, parecia na expectativa de ouvir algum elogio.

- O nome da música é: “*Tô Nem Aí Com Você*”.

Andreas suspirou. Não sabia se ria ou chorava.

- Cara, é uma tragédia. - Poderia ter sido mais gentil, é verdade. Mas a personalidade que cresce dentro de Andreas não era muito propensa a amabilidades.

- Eu tinha avisado que era uma porcaria - disse Rogério, desapontado.

- Nada que não possa ser melhorado, eu diria.

- Acha mesmo?

- É só questão de tempo. Trabalhar as músicas, os arranjos, o entrosamento. Isso se consegue com muito ensaio.

- Ouvi dizer que vocês fazem músicas próprias também – disse Rodrigo, em um tom desafiador – Mostra para nós como é uma boa música.

O garoto ficou encarando os dois. Um sujeitinho petulante esse tal de Rodrigo. Ele ainda mantinha aquele olhar desafiador. Andreas se lembrou de quando Aquiles o encarara dessa maneira assim que o conheceu. Poucas coisas o irritavam tanto quanto ser encarado.

Ele estava disposto a dar uma lição no garoto.

Andreas olhou para um violão elétrico no canto do estúdio. Embora estivessem com a guitarra, ele preferiu uma sonoridade mais acústica.

- Aquiles, use aquele violão.

Andreas ligou o contrabaixo no amplificador, enquanto Aquiles afinava o instrumento.

Depois de prontos, Andreas lançou um olhar para os seus observadores. Estavam inexpressivos, exceto Rodrigo que tinha um sorrisinho cínico. O olhar de Andreas era como o olhar de um mestre para seus seguidores.

Sem tirar os olhos deles, Andreas disse:

- Vamos começar com algo leve, como Os Muros do Coração. Pode soar estranho, eu sei. Trata-se de uma canção densa, mas executada apenas com violão e baixo. Não sei se já ouviram um som caótico como este, mas ... acho que vão gostar.

- Espero que não seja uma tragédia. – A voz de Rodrigo reverberando desafio.

- Julguem vocês mesmos.

Aquiles introduziu a canção com um dedilhado. O ouvido apurado de Andreas percebeu uma certa dificuldade no amigo, mas com certeza os outros garotos eram burros demais para perceberem isso. Quando Aquiles deu a primeira batida no violão, Andreas entrou com seu baixo numa profundidade melancólica que acompanharia o restante da canção.

Andreas chegou até o microfone e começou a cantar:

Quem é que precisa estar centralizado
Convivendo com fantasmas, se sentindo assustado
Uma cara enlutada, o caos em aproximação
Tentando apagar os seus erros
Sozinho e cercado

Pelos muros do coração?

Meus olhos cobertos de pó

Meu sangue tem gosto de dor

E se estiver ficando louco

Não me venha por favor

Com esses grilhões de aço, uma sentença à solidão

Porque aquilo de que precisamos

É que derrubem de vez

Os muros do coração

Andreas cantou as estrofes a primeira vez, e depois de um solo quase perfeito de Aquiles, cantou-as novamente. Ao final, as batidas no violão foram se tornando cada vez menos imponentes, até que deram lugar a um dedilhado suave, e por fim, desaparecendo, deixando apenas Andreas soar seu baixo até finalizar a canção.

Quando terminaram, Andreas divisou seus observadores. Continuavam em silêncio. Até que Rogério disse, incrédulo:

- Essa música é de vocês?
- Sim. Composta em 4 de Janeiro deste ano, às dezenove horas.
- Mas ... é magnífico!
- Pode crer, muito bom mesmo – disse Eduardo, o gordinho.
- Não esperava que fosse tão boa. – Rodrigo se redimia.

Mas de todos os elogios e comentários que os garotos fizeram, Andreas gostou especialmente do que o baterista disse:

- Cara, nós vamos fazer sucesso!

PARTE 2
1993 – 1995

CAPÍTULO 13

1993 –

- *James Munky* "Shafer convida Jonathan Davis para fazer um teste como vocalista em sua banda. Ele é aprovado. Surge uma dúvida: que nome darão para a banda? Jonathan sugere: "Que tal Korn?";
- *The Love of Hopeless Causes* chega ao mercado. Este álbum marca a entrada do New Model Army na Sony Music. O disco traz na capa uma espiral de cores negra, vermelha, amarela e branca representando o grande círculo do mundo – as estações, a vida das pessoas, o caos e também os exemplos da história;
- O terceiro festival de Lollapalooza, realizado na Filadélfia, é a grande mola propulsora da carreira do Rage Against The Machine. Para protestar contra o PMRC (Parents Music Resource Center), uma organização americana de censura, os quatro integrantes passam 25 minutos sem cantar ou tocar nada, com uma fita adesiva na boca e as iniciais P-M-R-C riscadas no peito;
- Os Engenheiros do Hawaii lança o semi-acústico *Filmes de Guerra, Canções de Amor*. Os arranjos orquestrados por Wagner Tizo para as músicas dos Engenheiros conseguem emocionar até quem nunca gostou da banda;
- *The Breeders*, que tem como integrante Kim Deal (ex-Pixies) lança *Last Splash*, um disco bem elaborado e profundo que dá fortes evidências do amadurecimento da banda.

Sentir-se vivo não era uma boa definição. Estava longe de estar vivo. Mas ao menos se sentia útil, fazendo algo que, finalmente, poderia libertá-lo do segundo lugar e levá-lo ao topo. O topo – onde os campeões imperam.

As últimas semanas estavam sendo corridas demais para Aquiles. Ele cursava o primeiro ano do colegial. Embora não fosse mais um repetente tradicional, estava com 18 anos enquanto os colegas da mesma turma estavam, na maioria, com 15. De qualquer forma, a discrepância entre as idades chamava a atenção e gerava zombarias. Em outras palavras, mais do mesmo.

Este ano, porém, Aquiles não estava indo muito bem com os estudos. E a culpa era de Andreas. Ultimamente, ele estava exigindo uma performance cada vez melhor dos Aborrecidos e, para atingir o chamado "nível de perfeição", era preciso muito ensaio.

Quando entraram na banda, os ensaios ocorriam apenas uma vez por semana, durante 2 horas. Mas assim que assumira a liderança da banda, Andreas ditara a ordem:

- Se acham que vamos chegar a algum lugar com apenas 2 horas de ensaio, estão enganados.

E foi então determinado o que Andreas passou a chamar de “calendário semanal dos Aborrecidos”: ensaios às segundas, quartas e sextas. Duas horas por dia. Não durou muito, é verdade. Menos de um mês depois, Andreas dissera:

- Não estamos progredindo.

E acrescentou o dia de sábado ao calendário. No sábado, eles ensaiavam durante quatro horas – um exagero, na opinião da maioria. Todos se perguntavam quando ele anunciaria mais um dia para o calendário. Era um obcecado com a perfeição, e já assumia ares de ditador dentro da banda. Humberto Gessinger havia dito uma vez: *“Ganhar de alguém me parecia bobagem. O que eu queria era ganhar de mim mesmo”*. No caso de Andreas, ele queria ganhar de todos e de si próprio.

O pagamento de aluguel do estúdio não era problema. O pai de Rodrigo, Heitor, era um advogado rico que fazia questão de bancar os projetos da banda. Aquiles achava uma sorte grande ter um integrante na banda com um pai tão rico e caridoso. No entanto, o velho se achava no direito de dar palpites. Por exemplo, o nome da banda ainda não fora mudado porque Heitor não permitira. Disse que o nome expressava muito bem a geração de jovens aborrecidos. Ele dissera a Andreas, que discutia a possibilidade da mudança:

- Uma geração aborrecida vai se interessar por uma banda chamada Os Aborrecidos.

Na discussão, como era de se esperar, o dinheiro fora superior ao ideal de Andreas. Eles ainda eram os ridículos Aborrecidos.

Mas nas áreas onde conseguia ter autoridade, Andreas não perdia tempo em determinar regras. Durante as horas de ensaio, ele proibira *covers*. Ele não queria apenas progresso musical. Ele exigia evolução criativa.

Mas, a despeito de alguns protestos isolados, a maioria não o questionava. Na verdade, pareciam venerá-lo. Somente o desconfiado Rodrigo criava algum caso de vez em quando, mas nada tão problemático. Em suma, o cara tinha talento não só para compor, mas para ser um líder. Incrível como uma pessoa pode mudar quando reside no ambiente certo para o seu desenvolvimento. O tímido e absurdamente calado Andreas era outra pessoa entre aquelas 4 paredes do estúdio. Relembrando o que acontecera 3 anos antes, no dia em que Andreas declarara perante a turma que queria ser um roqueiro, Aquiles hoje era obrigado a concluir que ele parecia ter as características necessárias para isso.

A banda estava indo bem. Embora não tivesse um bom ouvido, ele se baseava pelo que Andreas comentava. E o amigo dizia que a musicalidade deles estava praticamente integrada. Algo pouco comum nos Aborrecidos era o fato de terem 3 guitarristas: Aquiles, Andreas e Rogério. Na

verdade, aquilo era bastante desnecessário. Andreas chegou comentar com Aquiles que Rogério estava sobrando, e que preferia que o japa caísse fora da banda. Mas, felizmente, o “ditador” limitou-se a essa sugestão em off, não chegando a expor a ideia para os demais integrantes. Afinal, graças a Rogério, eles faziam parte de uma banda.

Os Aborrecidos ainda não haviam tocado ao vivo. Andreas dizia que a banda estava em um processo de crescimento embrionário. Não haviam se desenvolvido o suficiente para uma apresentação ao vivo. Atualmente, viviam um momento de isolamento. No entanto, Andreas anunciara que, em breve, eles estariam prontos para finalmente debutar. Até que este dia chegasse, a sua ordem prevalecia:

- Por enquanto, não tocaremos para ninguém. Nem para nossos pais. Entenderam?

- Sim – respondiam todos, em uníssono.

Era lógico que isso não incluía o pai de Rodrigo. Heitor eventualmente aparecia no estúdio para dar uma conferida.

- Como estão indo? – dizia, interrompendo o ensaio.

Andreas resmungava alguns sons ininteligíveis. Dava para perceber sua irritação diante da presença autoritária do velho patrocinador. Às vezes, os dois trocavam pequenas ferroadas entre si, potencializando o clima de antipatia. Dava para ver que um não gostava do outro, embora ainda não haviam declarado isso, verbalmente.

Mas, hoje era domingo. Não tinham aula, nem ensaio, nem discussões entre Andreas e Heitor. Por isso, Aquiles subiu no telhado de sua casa, como costumava fazer para ter um pouco de privacidade e refletir em sua vida.

Atualmente, estava com uma suave e bem-vinda sensação de direção. Mas ainda não se sentia vivo. E se a vida não pulsava em suas veias elétricas era porque, por incrível que parecesse, ele ainda amava Veraline. Até meses atrás, estava totalmente convicto de que não mais a queria, especialmente depois de ter sido agredido por ela. Mas agora, observando-a dia após dia, às vezes surpreendendo-a às lágrimas, ele começara a entender as razões de Veraline. Não devia ter sido fácil para ela ver seu grande amor traindo-a, covardemente. Ela ficara fora de si. Perdida em meio a tumultuosos e conflitantes sentimentos com os quais ela ainda não sabia como lidar. E como a princípio não tivera uma boa impressão de Aquiles, acabara descontando em cima dele toda sua frustração. Aquiles conhecia a dor de ser desprezado, e sabia o que se passava no íntimo de Veraline.

Era por isso que Aquiles a perdoara. E estaria disposto a dar uma segunda chance a ela se, um dia, Veraline quisesse que ele fosse seu protetor.

Eles estudavam na mesma turma. Com isso, ele a via praticamente todos os dias. *Tão perto, tão longe*. Parecia que a cada dia passado, ela parecia mais sublime, mais bela. Mesmo o sofrimento de ver Marcos namorando firme com Francielly não tirava de seu rosto a pureza angelical de uma princesa. Ele precisava dar uma chance para Veraline. E se houvesse uma esperança para eles ficarem juntos? E se ela amadurecesse logo e percebesse o valor do verdadeiro amor? Tais pensamentos acalentavam sua alma.

Aquiles estava sentado no telhado esperando o sol de domingo, nascer. Eram apenas seis horas da manhã. Ao seu lado, havia uma pilha de papéis sulfite e duas canetas. Ainda estava um pouco escuro, mas ele conseguia enxergar as coisas a sua volta valendo-se da luz opaca de um poste de iluminação. Ele pegou a primeira folha em branco e uma caneta, e escreveu em letras garrafais:

O VAZIO DA JUVENTUDE

Uma obra do
Sr. Angústia

Colocou a folha de lado e apanhou mais uma. Começando no topo da página, passou a escrever:

Eis a história de angústia e sofrimento,
Amor e pureza, ao mesmo tempo
A história de corações imutáveis
Como estátuas erigidas aos louváveis
A história dum jovem que gostaria de ser belo
Este jovem sou eu e tudo o que anelo.

Ele ia escrevendo e escrevendo. Os versos ganhavam vida em poucos segundos. As palavras lhe surgiam sem o menor esforço e, em apenas dois minutos, ele já enchera uma folha de sulfite.

Apanhou a segunda e continuou escrevendo. Relatava tudo aquilo que envolvia seus sentimentos por Veraline. Toda esperança, toda dor, todas as crises. Seu universo petrificado de solidão e desespero era convertido em palavras fixadas, metricamente, no papel. O papel não lhe impedia de se soltar, de mostrar o que havia em seu íntimo. O papel aceitava sua morbidez, sem interrompê-lo. E ele se sentia a vontade para deixar-se conhecer através de suas letras.

Quando me encontro extasiado ao teu lado
 Deixo-me guiar pelo meu coração, já petrificado
 Faço com que a morbidez dê uma volta
 Enquanto tua serenidade faz-se minha escolta
 E antes que o metal lateje em minha cabeça
 Te quero tão perto que não me esqueça.

Ele não era um anormal. Acreditava no amor. Acreditava na pureza de Veraline e queria protegê-la dos insanos. Ele era como Salomon van der Merwe, personagem de Sydney Sheldon, que dizia para sua filha: *“Todos os homens têm um pacto com o demônio, Margaret. Não vou permitir que eles corrompam sua inocência”*.

Faça-me o silêncio ser mais mortal
 Deixem-me as estrelas ser mais irreal
 Façam-me todos estar mais distante
 De tudo aquilo que é inoperante
 Mas antes que a morte me examine
 Quero sentir teu cheiro repousante, Veraline.

Não permita que corrompam sua inocência, Veraline.

O sol já nascera havia muito tempo. Estava bem alto, o calor já acariciando sua pele. Calculou que devia ser dez horas, aproximadamente. Mas o tempo passara sem que ele percebesse. Escorrera por entre seus dedos ocupados com o Vazio da Juventude. Imergira profundamente em uma dimensão onde o tempo e o espaço não existiam; somente pesadelos. Sombras que rugiam em sua mente. O medo do amanhã. A sensação de estar amarrado em um ambiente frio, úmido e escuro.

O medo, Senhor Angústia. O medo.

Agora, ao seu lado, já havia uma pilha de papel sulfite palpitando sua agonia, agonizando um coração que parecia querer parar de bater. Inspire, expire. Inspire, expire.

Deixe-me salvá-la do inferno que lhe rodeia
 E da sepultura que me norteia

Sua mãe gritou que ele devia descer para almoçar. Mas Aquiles simplesmente continuou escrevendo. Era um ritmo novo, algo que ele nunca experimentara antes. Suas mãos doíam e a cada instante ele perdia a flexibilidade nos dedos. A pressão da caneta nos dedos provocou, primeiro um vermelhão, depois um calombo e, por fim, uma ferida. Mas as palavras se recusavam a ter seu fluxo interrompido e ele sabia que não lhe era permitido interferir na exposição dos seus pensamentos.

Quando a mãe dele gritou, novamente, exigindo que ele descesse e fosse comer, Aquiles percebeu o quanto o tempo passara. Ela disse que já eram três horas da tarde.

Aquiles observou atentamente a pilha de papéis com suas mais densas poesias. Em um relance, imaginou umas 180 folhas. Um dedo que sangrava, discretamente. Um vermelho de intensa poesia aflorando calmamente. E 180 folhas lapidando sua transmutação.

Ele desceu do telhado e colocou, de forma ordenada, as folhas dentro de um grande envelope pardo. Com o envelope lacrado, Aquiles saiu de casa, dizendo para sua mãe que voltaria em apenas 5 minutos, apesar dela insistir que ele acabaria desmaiando pela rua, se não comesse algo. Ele achava que desmaiaria se interrompesse o ciclo que suas ações estavam tomando naquele exato momento.

Ciclo de sobrevivência contínua e desesperada.

Quando deu por si estava parado na porta da casa de Veraline.

Em uma mão trazia o envelope recheado de melancolia e na outra, uma caneta. Entregaria o envelope, pessoalmente? Teria coragem de fazer isso, mesmo com aquela cicatriz no pescoço, que somente ele era capaz de enxergar? Deveria colocar o envelope dentro da caixa de correspondência?

Ou seria melhor queimar tudo aquilo?

Ele tomou uma decisão. No remetente, com evidente dificuldade – o dedo ferido – escreveu: *Sr. Angústia (Aquiles Lucká)*. No destinatário escreveu, simplesmente: *Vera*.

E colocou o envelope na caixa de correspondência.

Nenhum fogo se inicia espontaneamente. Todo incêndio precisa de uma ajudinha.

CAPÍTULO 15

Os assustadores reinam sobre o silêncio e súditos inexistentes.

Na solidão, o tempo se arrasta, interminavelmente. A noção do tempo parece se desintegrar em facetas pouco distinguíveis da realidade. E o quarto de Andreas era o maldito cubículo onde ele se conscientizava disso.

E quando não estava na escola ou no estúdio, era ali que ele se desintegrava. Medo das pessoas, medo da luz. Sentava-se na cama, encarando a parede vazia, até a vista cansada produzir imagens distorcidas e irreais. Seu próprio mundo onde ele ditava regras para o silêncio, o vazio e a escuridão.

Às vezes, Andreas se achava apenas um jovem normal. Em outras, achava que tinha algum problema. Nunca tivera coragem de expor para os pais suas angústias interiores. Se o fizesse, acredita que os pais o internariam. E ele terminaria seus dias em uma camisa de força, salivando, e fedendo a mijó em um sanatório úmido e claustrofóbico. Por isso, o melhor a fazer era calar a boca e enfrentar sozinho seus próprios fantasmas. No final das contas, talvez fosse o mais seguro.

Quando ele começou a ver deformidades na parede vazia, achou que estava na hora de ir para o estúdio ensaiar.

Naquele dia, ele tinha boas notícias para a banda.

Andreas sabia que todos os Aborrecidos queriam uma oportunidade para demonstrar seu trabalho. Já era possível perceber uma coesão mágica quando eles tocavam. Após intensos ensaios ao longo de meses, sob a tutela exigente e talentosa de Andreas, eles haviam evoluído muito, e estavam prontos para a primeira apresentação. Por isso, sem avisar os demais membros da banda, procurara o diretor e o coordenador do colégio para falar sobre o baile que ocorria todo ano, no mês de dezembro – o tipo de evento que Andreas nunca fora em toda sua vida.

Ao conversar com os dois homens, Andreas garantira que Os Aborrecidos tocavam melhor do que qualquer banda da cidade, e que cobriam um preço abaixo da média.

– Los Bonos e Buenos tocaram ano passado para nós - dissera o diretor. - Já são conhecidos nossos, se é que me entende.

- Eu vi Bonos e Buenos tocando, e *garanto* ao senhor que tocamos melhor. Além disso, somos alunos aqui. Dê uma chance para gente da casa.

Dois dias depois, o diretor procurara Andreas e dissera:

- Semana que vem, nós vamos nos reunir para discutir alguns assuntos relacionados ao semestre e também com relação ao baile. Seria bom se pudessem tocar 2 ou 3 músicas para ouvirmos, só para termos certeza. Vocês poderiam fazer uma pequena demonstração para nós?

- Claro! – apressara-se em dizer.

E no ensaio daquela noite, Andreas anunciaria a oportunidade que se abria diante deles. Embora ainda não estivessem oficialmente contratados, ele estava confiante que conseguiriam convencer a administração do colégio. Assim, Andreas permitia-se delirar.

Embora nunca tenha ido a um baile, se tudo desse certo, naquele ano ele seria a atração.

Quando Andreas chegou a noite no estúdio Davi Mateus, os 5 integrantes dos Aborrecidos já estavam tocando. Tocava um cover do New Model Army – *covers* eram praticados fora dos horários, conforme determinado por ele.

O som era muito bom, Andreas não podia negar. Aquele mês estava fazendo um ano que estavam na nova formação. Um ano enclausurado dentro do estúdio, quatro vezes por semana. Nenhuma apresentação fora dali. Como reagiriam quando enfrentassem uma pequena plateia? Conseguiriam produzir um som tão bom quanto aquele que Andreas estava ouvindo? A harmonia existente na banda era ímpar, o som era de uma qualidade incomparável, infinitamente superior ao que eles produziam um ano antes. Andreas sentia-se orgulhoso. Ele construía aquilo. Ele construía uma banda de verdade.

Quando terminaram de tocar, todos olharam para Andreas, esperando que ele dissesse algo.

- Isso não é uma *boa* música. – Pausou. – É uma *ótima* música.

Todos suspiraram, evidentemente, aliviados.

Andreas achava incrível como eles o encaravam. Eles realmente acreditavam e levavam a sério sua opinião.

Rodrigo era o único com tendências à discordância – uma evidente herança do pai. Isto fizera com que Andreas, no passado, chegasse a ter ideias pessimistas quanto ao futuro da banda. Mas hoje já conseguia fazer prognósticos mais animadores. Ele achava que estavam próximos de realizar seu grande sonho: gravar um álbum. Tudo o que precisavam era de uma oportunidade. Os Aborrecidos tinham um som de qualidade e letras melancólicas que poderiam atrair uma legião de fãs por todo o país. Se tivessem a oportunidade de mostrar sua música, era praticamente impossível uma gravadora não se interessar em lançá-los. A partir daí, as coisas seguiriam um rumo quase natural. Percorreriam o Brasil com shows memoráveis. Suas músicas estariam nas rádios e na boca

dos jovens. Quando Andreas mergulhava em suas fantasias, podia se ver em um palco e, diante dele, um mar de fãs. Um leve aceno para a multidão levaria esta a loucura.

Quando Andreas saía destas fantasias e voltava a realidade, dizia para si mesmo:

- Você vai longe, coelho!

Aquiles aproximou-se dele e, em tom confidencial, disse:

- Eu mandei uma poesia para ela.

- Ela, quem?

- A Veraline, imbecil!

- Sério? – perguntou, Andreas, surpreso. Achava que aquela obsessão estava nos estágios finais ou já tinha acabado. – Quando?

- Coloquei na caixa de correspondência dela, domingo passado.

- E então?

- E então nada.

- Ela não chegou falar nada?

- Não. - Ele deu com os ombros.

Andreas riu.

- Que tipo de poesia foi?

- Foi sincera. Escrevi o que estava sentindo. Acho que chegou perto de umas 200 páginas.

- 200 pá...? Você escreveu um livro, então!?

- Só escrevi o que estava sentindo.

- E se ela não disser nada? O que vai fazer?

- Nada.

Andreas voltou a rir. Aquiles realmente tinha vocação para se torturar. Este era o tipo de coisa que ele não conseguia entender. A capacidade do ser humano de entregar sua vida a alguém que nem sabe se você está vivo ou morto era deprimente.

Aquiles resmungou alguma coisa, descontente, e disse:

- Ligue logo sua guitarra, Andreas. Vamos fazer algum barulho.

- Primeiro, tenho boas novas – disse Andreas, em voz alta, chamando a atenção de todos. Ele olhou para o rosto de cada um. O impaciente Aquiles; o impetuoso Rodrigo; o deslocado Rogério; o sonso Eduardo; e o distante Fábio Dellano. – Vocês têm trabalho duro durante todos estes meses. Não queremos ser apenas uma banda, queremos ser os melhores. Por isso estivemos enclausurados durante todos esses meses no estúdio. Mas toda a dedicação tem valido a pena. E agora, o tempo da clausura acabou.

Todos se entreolharam.

- Fala logo, cara.

- Conversei com o diretor e o coordenador sobre o baile de fim de ano. Eles estão dispostos a dar cartão vermelho para Bonos e Buenos se gostarem do nosso som. Eles querem ouvir a gente tocar. - Os 5 começaram a falar ao mesmo tempo, extasiados com a boa notícia. Embora ele não gostasse da ideia de tocar música de outras bandas, precisaria abrir uma exceção. - Isto significa que vamos precisar trabalhar alguns covers. E vamos começar hoje mesmo.

Embora sem tocar uma única música própria, o ensaio daquela noite dos Aborrecidos foi o mais animado de todos.

Ao final do ensaio, Andreas guardou seu instrumento. Os demais membros da banda conversavam animadamente sobre outros assuntos. Mas, Andreas não participava. Aliás, ele nunca participava de conversas que não dissessem respeito à música. Era apenas um antissocial. Quando abriu a porta do estúdio para ir embora, deparou-se com uma menina parada junto à porta. Era uma garotinha de uns dez anos de idade, no máximo. Ela assustou-se, como se tivesse sido flagrada.

- Oi – disse, ela.

- Oi.

- Eu estava ouvindo vocês.

- Ah, é?

- Aham. É muito bom.

- E você, quem é?

Ela esboçou um sorriso e estendeu a mão, como gente grande.

- Suzana. Filha do Davi.

- Filha do Davi? Davi Mateus?

- Aham. Eu sempre venho aqui. Gosto de música. E vocês são os melhores.

Se Suzana tivesse uns 6 ou 7 anos a mais, Andreas teria ficado arrepiado com o elogio; mas como era só uma criança, isso não fez nenhuma diferença.

- Quer dizer que você fica ouvindo nosso som atrás das portas? – Andreas sorria.

- Fico. Gosto da música de vocês. Já falei pro meu pai que vocês são os melhores que ensaiam aqui.

- Está certo, senhorita Suzana. Muito obrigado pelos elogios. Quem sabe qualquer dia desses a gente deixa você entrar no estúdio em vez de ficar ouvindo atrás das portas.

- Seria legal.

- Conversamos mais outro dia, ok?

Andreas foi para casa achando que eles já tinham conquistado a primeira fã.

Andreas estudava no colégio Tomas Salvatori desde 1990. Nunca tivera a oportunidade de participar do famoso baile do colégio. Doce ilusão acreditar que alguma garota arriscaria sua reputação para acompanhá-lo. Por isso, nunca sequer cogitara a possibilidade de ir. Ele preferira simplesmente ignorar a existência deste evento.

Mas, agora em 1993, aos dezesseis anos de idade, Andreas esperava participar do primeiro baile de sua vida – e seria o melhor de todos. Mas ele não precisaria encontrar uma garota cega ou de péssimo gosto que aceitasse ir ao baile com ele. Não, ele entraria ali de braços dados com sua guitarra, sua melhor companhia.

Para isso, no entanto, Os Aborrecidos precisariam impressionar a seleta plateia administrativa do colégio, na noite de hoje. Ele não tinha dúvidas de que a banda tinha qualidades de sobra para isso. O que preocupava Andreas era que um bando de professores, que provavelmente não entendia nada de música, decidiria se eles eram ou não capazes. E isso lhe parecia injusto e cruel.

Assim, conforme o combinado, ali estavam os 6 homens no palco do pátio, agora vazio, do colégio. Eles passavam o som nos últimos momentos antes da apresentação. Tensão pulsando suas veias na eterna espera.

Quando terminaram os últimos detalhes, Andreas ficou olhando toda a extensão do pátio do colégio.

Aquiles perguntou:

- Conseguir imaginar como estará isto aqui daqui alguns meses?
- Cheio de futuros compradores dos nossos álbuns.
- Isso se passarmos no teste, hoje.
- Quero acreditar que não há motivos para não sermos aprovados. Só um bando de idiotas irrecuperáveis não aprovaria o nosso som.
- É disto que tenho medo.

No piso superior, apareceram sete pessoas. Heitor, o diretor, o coordenador, além de 4 professores. Um dos professores era músico, o que talvez explicasse sua presença ali.

Eles fitavam os seis jovens. Andreas, mais uma vez, sendo examinado. Até quando as pessoas teriam essa maldita mania de examiná-lo.

O diretor anunciou.

- Estamos esperando, meus jovens. Toquem.

Andreas olhou para trás e observou a expressão no rosto de cada um dos músicos. Todos estavam apreensivos. O próprio Andreas estava apreensivo.

- Só precisamos fazer o que sabemos. Nada mais do que isso. Nada mais. – Depois virou-se e falou no microfone: - Senhor diretor, coordenador e professores. Somos Os Aborrecidos. A formação atual tem pouco mais do que um ano. Esta será nossa primeira apresentação com a nova formação. Temos trabalhado muito nestes meses para termos um som de qualidade. E é isto o que prometemos a vocês. Se quiserem qualidade, ouça o que temos a lhes dizer.

O baterista Fábio bateu as baquetas uma contra e outra, gritando:

- Um, dois, um, dois, três, vai...

Rodrigo introduziu o tom psicodélico com seus teclados soando um si menor com sétima na abertura de Comfortably Numb do Pink Floyd. As guitarras entraram num grotesco ambiente surreal que poderia levar a um estado de letargia consciente. Andreas sentia a melodia correr pela sua corrente sanguínea e percebia que a banda estava realmente entrosada sem permitir que a tensão a dominasse.

A música tratava de um diálogo entre um conselheiro e um drogado. No *cover* dos Aborrecidos, Andreas interpretava os dois personagens, com uma voz grave e profunda para o conselheiro e uma voz suave para o jovem entorpecido. A mudança de seu timbre era algo que surpreendia os ouvintes. Ele tinha um incrível controle sobre a voz.

Andreas percebia que sua interpretação era sublime, mas ele não via a reação dos outros, pois cantava de olhos fechados. Durante a canção, quase nem se lembrou de que estavam sendo avaliados. Ele permitiu-se mergulhar em outra dimensão, uma dimensão que só a música era capaz de criar. E assim, ele esquecia do universo a sua volta, deixando-se elevar para um estado de supremacia emocional.

O final de Comfortably Numb era famoso por conter o melhor solo de guitarra do Pink Floyd. Andreas entregou-se ainda mais neste momento, dando o seu melhor.

Quando a canção terminou Andreas ainda permaneceu de olhos fechados por alguns instantes. Quando abriu os olhos, olhou para o piso superior e não viu ninguém. Sentiu uma triste premonição.

- Onde estão todos? – perguntou, temendo a resposta.

- Eles saíram no final da música, durante o solo.

- Mas por quê?

- Teremos que esperar para saber.

Pela primeira vez na vida de Andreas, dois minutos demoraram dois séculos para passar. O tempo não corria, se arrastava. Até que finalmente Heitor surgiu no piso superior.

- Podem guardar os instrumentos no furgão – disse, ele. Todos os seis jovens se entreolharam, surpresos e ao mesmo tempo, desanimados. Não tiveram nem chance de tocar uma música própria, conforme o combinado. Heitor abriu um sorriso e concluiu: - Estamos contratados.

O pátio do colégio fora transformado em um impecável salão decorado e iluminado para o baile. As aulas haviam terminado uma semana antes, e hoje era o tão esperado dia para todos, especialmente para os ansiosos integrantes dos Aborrecidos.

Andreas não dormira durante toda a noite. Suas olheiras denunciavam a noite em claro. Passara todas as horas da madrugada, ou se virando na cama, ou andando como um maluco de um lado para outro no quarto. Ele chegou a pensar em ligar para Aquiles e perguntar se este não gostaria de ensaiar um pouco.

Era um obcecado. Estava paranoico. Temia errar. Aquela era uma grande oportunidade; não a única, nem a melhor, mas era a primeira. Era por isso que o senso de perfeição fustigava alarmes persistentes na mente de Andreas.

E neste momento, eles estavam conferindo os últimos detalhes técnicos antes do início do baile. Davi Mateus locara grande parte do equipamento que Os Aborrecidos usariam naquela noite. Como Os Aborrecidos tocariam muitas músicas dos anos 60 e 70 precisariam soar como tal. Davi conseguira equipamentos que reproduziam autenticamente o som clássico daqueles anos. Eles também teriam de tocar músicas das décadas de 80 e 90. Com uma variedade tão grande de estilos, Andreas gostaria de ter um amplificador que permitisse tamanha infinidade de sons. Mas, como isso não era possível para “reles mortais” como eles, tinham de espalhar pelo palco diversos Marshalls e Soldanos. O resultado era um amontoado de equipamentos que ocupavam quase todo espaço. Isto sem contar o fato de que seriam 6 homens tocando ali. Muito provavelmente, 6 homens que ficariam imóveis.

Quando os primeiros alunos começaram a chegar, não deixavam de expressar surpresa ao ver a quantidade de gente e equipamentos no palco. Eram apenas uma bandinha em sua primeira apresentação, mas a movimentação ali era de profissionais.

Nem começamos a tocar e já estamos chamando a atenção, pensava Andreas, sempre obcecado com a sua exposição.

Naquela noite, os seis Aborrecidos trajavam os obrigatórios *smokings* – *uma cópia declarada das manias americanas*. Andreas lamentou não poder vestir-se de uma forma bem escandalosa para chamar atenção, talvez até cantando sem camisa exibindo o peito esquelético e branco, *a la Morrissey*. Claro que ele não faria isso, mesmo que pudesse. Do contrário, era possível que as pessoas saíssem correndo, assustadas com a figura grotesca postada no palco. Eduardo, baixo e gordo, foi o que mais ridículo ficou. Onde locara o *smoking*, o menor número ainda era grande para ele, e o baixista precisaria arregaçar as mangas para conseguir tocar.

Alguns deles, como Aquiles, pagariam o aluguel de suas roupas com o dinheiro que ganhariam com a apresentação.

- Não vai sobrar nada – reclamara Aquiles, do alto valor cobrado pelas roupas desajeitadas.
- Pelo menos, não vamos ficar devendo.

Tais preocupações, agora, eram o epítome da bobagem. Não havia espaço em suas mentes preocupadas para detalhes insignificantes como aluguel das roupas. A concentração deles estava toda direcionada para os últimos preparativos. Faltavam alguns minutos. Apenas alguns minutos separavam o planeta Terra da estreia mundial, universal, dos Aborrecidos.

E foi exatamente nestes instantes finais, em que Andreas se imaginava como um novo Kurt Cobain, Rodrigo se aproximou e lhe disse, quase num sussurro:

- Lucy In The Sky With Diamonds é minha.
- Quê?
- Eu vou cantar Lucy In The Sky. E todas do Elvis também.

Andreas ficou em silêncio olhando para o rosto desafiador de Rodrigo.

- Quem disse?
- *Eu* disse. E se achar que estou errado, *meu pai* também pode te dizer.
- Que besteira é essa? Eu sou o vocalista.

- Não disse que não é, cara. Só estou dizendo que algumas das canções sou eu quem vou cantar, assim como acontece em qualquer banda. Por que não posso cantar algumas músicas?

- Simplesmente porque ninguém me falou porcaria nenhuma sobre isso.
- Talvez porque conhecemos muito bem a sua teimosia e egoísmo. Você só quer atenção para você, Andreas, mas tem de se lembrar de que, se está neste palco hoje, é por nossa causa. E não se esqueça de que meu pai banca as despesas. Não venha querer dar ordens aqui.

- O dinheiro do seu pai não seria capaz de trazer vocês aqui, essa noite. Se Os Aborrecidos estão neste palco, foi por qualidade musical. E vocês devem isto a mim.

- Quem ouviu você falando pensa que estamos diante do maior mestre do rock de todos os tempos. Você se acha o cara mesmo, não é?

Andreas sentia o sangue ferver dentro de si. Fora apunhalado pelas costas. Percebia agora que Heitor estivera planejando promover seu filho no baile de fim de ano.

O que mais preocupava Andreas neste momento era o fato de que não era apenas questão de ceder uma única vez. Ele tinha certeza de que nas próximas apresentações Rodrigo continuaria reivindicando seu direito de participar nos vocais, talvez exigindo interpretar cada vez mais canções. E depois lutaria para cantar a maioria delas para, por fim, exigir cantar todas. E então Andreas seria deixado atrás de equipamentos enquanto Rodrigo receberia todo mérito e atenção por parte de fãs e jornalistas. A megalomania de Andreas lhe flocava agulhas em todo o corpo. Ele começou a tremer de raiva, desgosto e angústia. E o que poderia fazer? Andreas percebia que não poderia discutir aquilo, agora. Tinham de começar a tocar naquele momento – até nisso pensaram. Ele deixou para falar em cima da hora para não haver possibilidade de um confronto maior.

Andreas assentiu para Rodrigo. Pensou em acertar sua guitarra na cabeça dele, mas limitou-se a dizer:

- Depois conversamos sobre isso.

O moleque esboçou um pequeno sorriso sarcástico. Ele tinha vencido naquela noite.

Rodrigo então se posicionou nos teclados e, antes que Andreas pudesse dizer qualquer coisa, começou a falar no microfone dando boa-noite a todos. Até as palavras iniciais – Andreas chegara preparar um pequeno discurso para isso – lhe foram roubadas.

Como a primeira música era In The Ghetto do Elvis, o filho do manda-chuva começaria cantando. Antes que a primeira nota fosse soada, Andreas suspirou em desgosto.

Eles estavam agradando. Dava para perceber. A maioria dos presentes no baile eram rostos familiares. Alguns dos que riram dele no seu primeiro dia no colégio, também estavam ali. E ele percebia que alguns os observavam com uma curiosidade respeitosa. Ele e Aquiles eram a escória daquela gente, os vermes desprezíveis. E agora, os dois seres repugnantes tocavam algo verdadeiramente sublime que atingia a alma de cada um dos presentes.

Andreas divisou William dançando com uma ruiva que fazia o trânsito parar. Ela ficava colada nele o tempo inteiro. Houve um momento, em que William quis afastar um pouco o corpo para poder olhá-la nos olhos, mas ela o agarrou como se ele fosse escapar, fugir e nunca mais voltar. Cenas como essas deixavam Andreas pra baixo. Invejar William era o mínimo que ele poderia fazer.

Mas logo após, porém, veio aquilo que ele chamaria de pequena recompensa. Andreas sentiu seu ego inflar quando uma garota, que dançava com um dos caras metidos a rico e conquistador, lançou um discreto sorriso para ele. As mulheres não costumavam *sorrir* para Andreas, apenas *rir* dele. Qualquer um, em sua situação, teria agido normalmente, mas não o palerma do Andreas. Ele ficou tão desconcertado com o sorriso da garota que acabou se esquecendo da letra de *Creep* do Radiohead. Andreas lançou um olhar para Rodrigo, como que suplicando: “*Você não queria a chance de cantar? Então cante agora, imbecil*”. Rodrigo pareceu entender o recado, pois continuou cantando, enquanto Andreas, tentando disfarçar a gafe, improvisou um solo de guitarra, totalmente inusitado e no momento mais inapropriado da canção.

Quando a música terminou, Aquiles perguntou para ele:

- Que houve?

Andreas limitou-se a dizer, envergonhado:

- Mulheres.

Ele que tanto exigia dos outros integrantes da banda, sempre cobrando a melhor *performance*, cometera o primeiro grande erro da noite. O que o sorriso de uma garota não fazia com um imbecil cujo inteiro universo cabia entre quatro paredes? *I wanna a perfect body, I wanna a perfect soul!*

Andreas voltou para o microfone e anunciou:

- A próxima música é uma composição minha e do Aquiles. É uma música que retrata o ambiente assustador em que um ser humano se comprime, tentando ganhar fôlego para viver, se debatendo para encontrar um sentido. - Evidentemente, ele tinha ensaiado exaustivamente aquela frase.

Andreas cantou a música como se estivesse expelindo toda sua dor em cada uma das palavras cantadas. Ele mudou o timbre para uma voz mais rouca e fantasmagórica, combinando com o ambiente sombrio da canção. Os músicos também pareciam muito inspirados com toda aquele gente dançando e observando-os. A esta altura, o pátio devia estar com umas 200 pessoas. A cada música finalizada, as pessoas aplaudiam, e a sensação de ser aplaudido era algo que Andreas queria carregar consigo durante muitas décadas. Mas após finalizarem esta última canção, as pessoas não só aplaudiam, mas também ovacionavam. Andreas sentiu as palmas e vozes serpenteando sua alma, o que o deixou literalmente arrepiado.

Eles haviam gostado, era evidente. A música de maior sucesso no baile, até o momento, era exatamente uma composição própria. Andreas se deliciou só de imaginar como reagiriam se ouvissem todo o repertório que eles compuseram no último ano.

- Obrigado! – disse ele, dominado pela emoção.

A próxima música era uma das mais românticas. Serviria para embalar os casais, e dar oportunidade para os rapazes safados comprimirem seus corpos contra as garotas. A melodia seria executada somente com teclado e violão. E então, Rodrigo introduziu *Somebody* do Depeche Mode.

À medida que Andreas cantava, ele observava os casais dançando ao som melódico da canção. Ele não pode evitar uma pontada de inveja ao ver aqueles rapazes, que se comportavam como verdadeiros idiotas na sala de aula, tendo como companhia meninas tão belas que chamavam a atenção de qualquer um. O que é que elas viam naqueles caras?

Neste momento, Andreas percebeu que Aquiles começava a errar terrivelmente o dedilhado. A princípio, ele começou a formar os acordes com extrema dificuldade, fazendo com que algumas cordas simplesmente não soassem. Em seguida, trocou um acorde, destoando completamente a canção. Parecia um drogado tocando. Andreas olhou desesperadamente para trás. Ele percebeu que Aquiles olhava fixamente para a multidão. Andreas acompanhou o olhar do amigo e percebeu que ele caía exatamente em cima de... Veraline. Aquiles parou de tocar deixando que apenas o teclado de Rodrigo desse continuidade à música.

Andreas continuou cantando enquanto observava melhor Veraline. Ela estava deslumbrante, sem dúvida. Trajava um vestido vermelho que realçava o desenho perfeito de seu corpo. O maior problema, para Aquiles pelo menos, era que ela estava acompanhada. Sua companhia era... Marcos?? Até onde sabia, Marcos namorava. Será que ele havia terminado? Muito provavelmente, porque a intimidade entre os dois era tamanha que não restava outra opção. Depois do casalzinho aprontar uma confusão que resultou em expulsão para dois ou três, Veraline conseguira ter seu amado de volta. E tudo para desespero de Aquiles. Até hoje, Veraline nunca lhe dirigira a palavra. Nem sequer o olhava. Andreas achava que Aquiles tinha finalmente conquistado um primeiro lugar em sua vida: era o cara mais ignorado do mundo.

Quando terminaram *Somebody*, Andreas anunciou que a banda teria um pequeno intervalo, mas logo voltariam.

Nos bastidores, Aquiles, bem abatido, já foi falando:

- Aquela desgraçada... tinha de estar aqui com aquele cara.
- Você sabia que eles estavam namorando?
- Se soubesse nem tinha vindo. Aliás, tinha me jogado da ponte.
- Relaxa, cara.

- No fundo eu estava torcendo para que ela não aparecesse. Daí ela aparecesse e junto com aquele cara. Maldição! Estragou a noite.

- Eles não fizeram nada de errado, cara. Estão namorando e vieram no baile. Qual o problema?

- O problema é que você fala demais.

Nisto Rodrigo se aproximou.

- Posso saber o que há de errado com vocês? Primeiro, Andreas se atrapalha com a letra, depois Aquiles começa a tocar como um idiota. Aí vocês me vem com essa história de que são os caras na música.

- Essas coisas acontecem, Rodrigo.

- Sei. Você vem me dizer isso né, Andreas? Que contradição! Desta maneira, não vamos chegar a lugar nenhum. – E foi embora, furioso.

- Estou com vontade de esganar esse sujeito – desabafou Andreas.

- Não entendi porque ele cantou, hoje. O que houve?

- Sei lá. Em resumo, que minha permanência na banda estaria em jogo se eu não deixasse ele cantar. Basicamente isso.

- Uau... Mas, ele canta muito bem. Não dá para negar.

- Ele não vai parar. Eu bem que avisei você sobre isso. Nós não somos os líderes desta banda. Somos os coadjuvantes. Este foi só o começo. Aposto que ele vai brigar pelo vocal principal.

- E se isto acontecer, o que você vai fazer?

Andreas pensou bem antes de responder.

- Eu saio da banda.

CAPÍTULO 17

1994 -

- *Com o fim do Nirvana, que deixou o grunge e o punk rock em alta, The Offspring cai nas graças do público após o lançamento do seu terceiro álbum, Smash;*
- *Ressurge o festival de Woodstock;*
- *Os amigos de infância Brian Molko e Stefan Olsdal se reencontram em Londres. Do encontro é formada uma banda, inicialmente chamada de Ashtray Heart. Após recrutar o baterista Robert Schultzberg, trocam o nome da banda para Placebo;*
- *A banda alternativa dEUS, da Bélgica, lança Worst Case Scenario. Eles exploram sua engenhosidade ao fundir folk com punk, jazz com rock. O resultado é uma sonoridade cativante e sedutora;*
- *O Weezer vai para Nova York gravar o seu primeiro disco no famoso estúdio Eletric Lady. A produção do disco fica por conta de Ric Ocasek, ex-vocalista do The Cars. A banda tem como receita melodias fáceis, guitarras pesadas e letras inocentes.*

Era uma sensação nova e cativante. Aquiles sabia que trilhava o caminho correto.

Desde o baile de final de ano, Heitor, empresário da banda, começou a ser contatado por alguns bares e casas de show solicitando apresentações dos Aborrecidos. Logo, a banda começou a ter participações regulares em apresentações locais e em cidades vizinhas.

O nome dos Aborrecidos começava a ganhar relevância entre a faixa juvenil da cidade. E Aquiles permitia-se extasiar com esta realidade. Por isso, acordava, dormia, ensaiava com grande excitação. Não demoraria muito até uma gravadora dar as caras para apostar alguns reais neles.

Sua felicidade se esvaía apenas quando se confrontava com as lembranças de Veraline. A visão dela dançando com Marcos, o súbito reatar do seu namoro – tudo isso era uma artilharia poderosa que quebrantava seu entusiasmo. Qual teria sido o destino de sua obra, “O Vazio da Juventude”, entregue na caixa de correspondência dela, no ano anterior? Certamente, foram parar em uma lata de lixo, de imediato. Ou teriam servido de combustível para uma pequena fogueira, enquanto Veraline soltava gargalhadas sádicas. No final das contas, talvez Andreas tivesse razão. Aquiles não passava de um idiota se iludindo com sonhos impossíveis. Ele e Veraline pertenciam a universos diferentes.

E não haveria ruptura no espaço-tempo capaz de colocá-los na mesma trilha.

Era o mês de Março. As aulas começaram sob uma aura de otimismo, pelo menos, para ele. Aquiles estava iniciando o 2º colegial. Neste ano, apenas Aquiles, Andreas e o baterista Fábio, que repetira de ano, estudariam no Tomas Salvatori, na parte da manhã. Rogério e Rodrigo estudavam em outro colégio, e Eduardo teve de estudar a noite para poder trabalhar durante o dia. Isto significa que, nos ensaios durante a semana, Andreas reassumiria o contrabaixo. Ele achava que a saída de Eduardo da banda, era só uma questão de tempo.

Neste momento, os 3 Aborrecidos estavam no pátio do colégio, conversando. Na verdade, somente Aquiles e Fábio conversavam. Andreas parecia em outra dimensão. Ele tinha um aspecto sombrio. Distante, pálido, inexpressivo. Ele costumava ter esses momentos. Aquiles achava que agora, com a banda tomando os rumos esperados por todos, ele melhoraria. Mas na verdade, Andreas continuava sendo a figura estranha e assustada, como se não tivesse sido feito para este mundo.

Aquiles tentou injetar ânimo no amigo soturno.

- Olha só, Andreas, como os alunos estão olhando para nós.

Era verdade. Estranhos olhavam para os 3 jovens com curiosidade. Alguns chegavam fazer um discreto aceno de cabeça. Eles haviam despertado a atenção de todos com seu talento para a música. E isto era um bom sinal. Como comentaram durante o baile, ali estava o público-alvo dos Aborrecidos. Conquistá-los era evidência de que estavam fazendo um bom trabalho.

Mas, em vez de um comentário animado, Andreas resmungou alguma coisa que ninguém seria capaz de traduzir.

Fábio olhou confidencialmente para Aquiles, como que perguntando: “Que bicho mordeu ele?”. Parecia preocupado. Mas Aquiles, como já conhecia as variações de humor do amigo, deu de ombros.

De todos os integrantes da formação original dos Aborrecidos, Fábio era aquele com quem desenvolveram maior afinidade – talvez porque fosse o mais calado. A amizade entre os 3 acabou se desenvolvendo de forma natural, independentemente de terem a banda como link entre eles.

Como o assunto “fama” não surtiu efeito, Fábio mudou o rumo da conversa. Perguntou para Aquiles, brincando:

- Quer dizer que vai namorar a Veraline, então?

- Veraline é passado – respondeu, não muito convicto do que dizia. – Passei quase 4 anos da minha vida apaixonado por aquela menina e até hoje ela nem me disse um “oi”, acredita?

Subitamente, Andreas emergiu da tumba, envolto em bandagens, coberto de teias de aranha, e comentou com voz lúgubre:

- Também acho uma imbecilidade ficar se arrastando por uma pessoa que preferia te ver morto. Às vezes acho que você tem vocação para viver em um hospício.

- Calma, cara. Já disse que superei essa. - Ainda faltava-lhe convicção.

- Vi que você e a Márcia andam trocando algumas palavras – comentou Fábio. - Vira alguma coisa?

- Nada de sério, cara. Somos apenas amigos.

- Se você diz... E você, Andreas, como anda o coração?

- Devidamente fechado. Já tenho fantasmas demais me atormentando para procurar mais problemas.

Aquiles deu um tapinha no ombro de Andreas.

- O coração desse aqui já tem dono: a música.

Fábio sorriu.

Andreas, ainda inexpressivo. Simplesmente, um homem em cinzas. Então, em silêncio, ele desapareceu novamente dentro da sua tumba. Voltaria a sair dela talvez dentro de uns 2 mil anos.

Minutos depois, como acontecia todos os anos, o diretor subiu ao palco para designar os alunos para suas respectivas salas. Aquiles gostaria de ficar na mesma sala que Andreas e Fábio. Como Fábio havia repetido o ano, ele cursaria o 2º ano novamente. Se Márcia fosse para a mesma sala que ele, também seria ótimo. Ao mesmo tempo, torcia para que Veraline ficasse em outra turma. Terem de estudar juntos depois de tudo o que acontecera era, no mínimo, desagradável.

E a aura de otimismo que sentia, justificou-se. O diretor anunciou que Aquiles, Andreas e Fábio iam para a turma A, enquanto Veraline iria para a turma B. Uma pena foi o fato de Márcia ter ficado na outra sala junto com Veraline.

Após ouvirem o anúncio, os 3 companheiros rumaram para a sala. Quando lá chegaram, Aquiles deu uma rápida olhada nos seus colegas de sala. A turma tinha pouco mais do que 15 estudantes. Alguns rostos conhecidos, outros novos. Desta vez, porém, foram recebidos pelos mesmos olhares de admiração iniciados no pátio, minutos antes.

Os 3 amigos sentaram-se no fundo da sala, próximos um ao outro. Na frente de Aquiles, sentou-se um sujeito muito estranho – Aquiles começava a achar que atraía esse tipo de pessoa. Havia algumas características que o destacavam, de imediato. Primeiramente, ele tinha a cabeça raspada. Além disso, estava inteiramente vestido de preto. Camiseta, calça e tênis – tudo preto. Uma presença sinistra. Mas não havia ameaça ali. Aquele sujeito tinha um certo olhar que Aquiles, naquele primeiro momento, achou difícil definir. Algo como inteligência, sagacidade. Observava tudo com um olhar penetrante. Ainda assim, um cara estranho.

E o tempo haveria de mostrar que ele era bem mais estranho do que parecia.

- Vivi 2 anos em Londres. E, nesse tempo, aproveitei para conhecer toda a Europa – disse Elou Meirelles, o cara mais esquisito que Aquiles já conhecera. – Assisti a muitos shows no circuito alternativo europeu e posso te garantir, cara, ali está o futuro da música.

Aquiles, Andreas e Fábio prestavam detida atenção a medida que Elou discursava sobre suas aventuras europeias. O contato começara quando Elou ouvira falar que eles tinham uma banda. Depois disso, Elou passou a fazer um milhão de perguntas. Era um rapaz musicalmente culto, tendo a vantagem de ter viajado por vários países, pesquisando coisas novas. E tinha um insaciável entusiasmo quando o assunto era música.

No entanto, Elou era contra tudo aquilo que fosse *pop*. Era um rebelde contra o tradicionalmente aceito como normal. Por isso era adepto dos shows de música alternativa – foi a dezenas enquanto vivia na Europa. Ele ficara curioso quando soube que Os Aborrecidos eram experimentais em suas músicas fazendo um som mais engajado, mais complexo do que “as músicas de três acordes” que haviam ganhado forte impulso no início da década de 90.

- Preciso ouvir isso – disse ele, na ocasião. – Vocês vão tocar nos próximos dias?

- Tocamos todos os finais de semana na Smith House, lá no centro. Por que não aparece por lá?

Ele aparecera. Observara que a reação do público era muito boa. No entanto, após a apresentação, dissera:

- Vocês teriam uma chance maior se fossem para a Inglaterra. Eles possuem um gosto mais apurado para digerir este tipo de música.

O pai de Elou trabalhava no comércio exterior, e vivia viajando. Esta era a razão de terem passado os últimos dois anos na Inglaterra. E, neste período, ele teve oportunidade de conhecer bandas iniciantes que, tempos depois, alcançavam o sucesso no mundo inteiro. Ávido por conhecimento musical, as viagens lhe renderam mais do que todos os Aborrecidos conseguiram obter em conjunto, enfiados naquele estúdio.

A curiosidade de Elou continuava:

- Quem inventou este nome, Aborrecidos?

- Ridículo, né? - Andreas respondeu. - Quando entramos na banda, este já era o nome oficial. Até sugeri mudar, mas a ideia não colou.

- Nomes não querem dizer nada. No final das contas, é música e interpretação que realmente importam.

Aquiles perguntou:

- Você toca algum instrumento?
- Tive aulas de piano, violino e harpa.

Aquiles não deixou de achar engraçado. O sujeitinho mais estranho do planeta, cabeça raspada, vestido de preto e... tocando piano, violino e harpa? Chegava ser cômico, na melhor das hipóteses.

Ele apressou-se em explicar:

- Meu pai sempre foi exigente na questão da minha educação. E aprender música clássica fez parte do currículo.

- Você teve que aprender Mozart, Beethoven... ?

- Felizmente. Se um cara quiser ser um bom músico, um dos melhores caminhos é estudar música clássica. Mas, no fim, acabei me voltando para outra vertente. Em vez de piano, prefiro teclado, sintetizadores. Gosto de inventar os sons mais malucos que você possa imaginar. Apreendi muitas coisas novas na Europa. E o que o dinheiro da mesada dava para comprar em termos de equipamento, eu trouxe para cá.

Aquiles gostaria de um dia ser convidado a casa de Elou para dar uma olhada nos seus equipamentos.

Observando Elou, Aquiles não deixou de compará-lo a Rodrigo. Com certeza, Elou seria um tecladista mais interessante, criativo e menos encrenqueiro para se ter em uma banda. Por isso, perguntou:

- Você nunca teve uma banda?
- Não. Nunca pensei nisso.
- Por quê?
- Acho que não é para mim, só isso.
- Pode ser interessante se você encarar como diversão?

Ele deu uma risadinha.

- Prefiro me divertir de outras maneiras.
- Quais?

Elou encarou-os, detidamente.

- Vocês têm algum compromisso para hoje a noite?

CAPÍTULO 18

- Um cemitério? – perguntou, Andreas, surpreso.

Depois de toda a aula que recebera de Elou, Andreas achava que o rapaz ia levá-los para algum local onde teriam acesso à música de qualidade, quem sabe, até algo erudito. Mas em vez disso, Elou levou-os ao cemitério municipal. Todos relutaram ao chegar ali, mas após muita insistência, acabaram concordando em entrar.

- É aqui que costumo me divertir.

- Você se diverte... aqui?

- Aham, a gente costuma vir pra cá nos finais de semana.

- A gente?

- Não sou o único gótico da cidade, Andreas.

Era o que faltava. Seu novo amigo tinha a macabra diversão de passar noites em claro dentro de um cemitério. Andreas já ouvira falar de tais preferências, mas era a primeira vez que tinha contato com um deles. E para ser sincero, ele não estava nem um pouco entusiasmado com a experiência.

- O que vocês fazem aqui durante a noite?

- A mesma coisa que qualquer pessoa. Conversamos, bebemos, damos risadas.

- Mas onde está a graça de beber e conversar num lugar como esse?

- Ouça – respondeu, fazendo depois um longo silêncio. – Está ouvindo?

- Não ouço nada. E prefiro que continue assim.

- Você está ouvindo a *paz, cara*. A loucura da cidade e seus concretos atômicos não tem lugar aqui.

Andreas ia dizer que poderiam ter paz e silêncio em outros lugares, mas preferiu não falar nada. Ultimamente, suas palavras não podiam ser apropriadamente classificadas como gentis. A amargura acumulada no rapaz, ao longo dos anos, parecia querer fluir pelos seus poros. Por isso, achou melhor calar a boca.

- Mas e os guardas do cemitério – comentou Aquiles. - Eles não falam nada?

- Correção: *ele* não fala nada. Só tem um guarda aqui. E ele não se incomoda. Na verdade, acho que até gosta. Sozinho, deve ficar monótono demais. Além disso, ele sabe que somos de confiança. Não somos vândalos.

- Interessante.

Andreas suspirou. Estava evidentemente incomodado.

Elou continuou, enquanto apontava para os túmulos:

- Conheço grande parte das pessoas aqui. Quero dizer, conheço pelas suas lápides. Temos ex-prefeitos, ex-veredores, ex-padres, ex-ladrões, ex-comuns. Logo estaremos aqui também.

Estarei aqui antes de todos vocês, pensou Andreas.

- Não pretendo vir tão cedo para cá – disse Fábio.

- Mas isso não muda o fato de que acabaremos vindo de qualquer maneira. – Elou olhou para Andreas: – Por que não experimenta compor alguma coisa aqui?

- *Aqui?*

- E por que não?

Porque não sou um lunático como você, pensou. Mas limitou-se a dizer, a acidez corroborando cada sílaba:

- Não, obrigado. Não estou precisando de mais inspiração. O desprezo que recebo lá fora já é o suficiente.

- Do que você tem tanta raiva, cara?

Andreas deu uma risada nervosa. Ele se mexia o tempo todo, inquieto. Todos o encararam, sérios. Dava para ver pelos seus olhares que imaginavam que ele estava enlouquecendo. A pior parte é que Andreas achava que eles poderiam estar cobertos de razão.

- Eu sou a escória da humanidade. Apenas um verme. Não espera que eu comece a bater palmas e dar saltinhos como um imbecil, né? Ou será que deveria?

Ninguém lhe respondeu. Todos ficaram quietos. Um clima pesado baixou sobre os 4 amigos. E o cemitério voltou a ser dominado pelo silêncio.

Ele resmungou:

- Vocês não sabem o que é sofrimento humano. – Mas, provavelmente, ninguém entendeu o que ele disse. De uns tempos pra cá, ele começou a soltar uns grunhidos que só seriam compreendidos em Saturno ou Plutão.

Aquiles tentou acalmar os ânimos:

- Também estamos nessa situação, cara. Nossa banda deveria chamar Os Inamáveis.

- Percebo que há muita dor dentro de vocês – disse Elou.

Andreas o encarou com seu novo olhar insano, quase psicótico:

- É, pode ser. Mas não fomos nós quem a colocou aqui.

A tensão dentro dos Aborrecidos estava cada vez maior.

Conforme Andreas tinha imaginado, Rodrigo reivindicava o seu direito de participar nos vocais a cada apresentação. E a cada novo show, ele queria cantar um número maior de músicas. Agora, com a aproximação do final do ano, ele já cantava a maior parte do repertório. Andreas percebia que perdera seu espaço, e o fato de ser manipulado enquanto era o grande mentor daquela banda, deixava-o furioso e deprimido, alternadamente. Em várias ocasiões, ele sentira o sangue subir-lhe à face e chegara bem perto de anunciar sua saída da banda. E pelo modo como as coisas estavam andando, Andreas tinha a derradeira impressão de que seus dias nos Aborrecidos estavam contados. Heitor, que já assumira definitivamente o posto de empresário do grupo, parecia torcer por esta possibilidade. Ele não queria que ninguém ofuscasse o brilho do seu filho, e isto incluía manter Andreas bem longe.

Estavam no Estúdio Davi Mateus, ensaiando para uma apresentação que fariam em frente ao Shopping da cidade, no Sábado, por ocasião de um sorteio de dois carros. A avenida seria interditada e eram esperadas centenas de pessoas. Se isso se concretizasse, seria o maior público que Os Aborrecidos teriam desde sua formação.

Isso já era o bastante para entusiasmar a todos, menos Andreas, que já podia imaginar Rodrigo lhe dizendo:

- Tem mais duas ou três músicas que quero cantar. Se tiver algo contra, converse com meu pai.

Verme, verme, a cova te chama.

O mentor esquecido. O mentor desmentido.

Ele estava cantando **A Última Cavalgada das Walkírias**, uma música que exprimia a solidão de alguém que estava rodeado de pessoas, mas se sentindo distante e perdido, ao mesmo tempo. A música exigia uma voz suave. No entanto, Andreas esbravejava a canção, quase aos gritos, arrancando olhares curiosos de todos os outros integrantes da banda.

Até mesmo Suzana parecia assustada. A filha de Davi Mateus assistia a alguns ensaios dos Aborrecidos, como acontecia naquela noite. Ela costumava lhe dizer: “Você é o melhor, Andreas!” Mas isso não o animava. O líder dos Aborrecidos apenas pensava, desanimado: “Minha única fã é uma criança”.

Quando terminou de cantar A Última Cavalgada, Rodrigo apressou-se em dizer:

- A próxima é minha.

- Pode ficar com todas – disse, Andreas, literalmente jogando a guitarra no chão, e saindo do estúdio.

Coelho que se cansa é mais fácil devorado.

O ensaio mal começara mas, para ele, já havia acabado. Definitivamente consumido. O verme estava entregue.

- Aonde vai? – A voz suave vinha de trás.

Andreas voltou-se. Era Suzana.

- Tentar achar o meu lugar – respondeu, laconicamente.

- Mas... seu lugar não é aqui?

- Não estou tão certo.

- Por que fala isso?

Andreas suspirou:

- As pessoas têm medo de mim. E eu tenho medo delas. Em resumo: esse não é o meu lugar e eu não tenho a mínima ideia de onde seja.

Andreas virou-se e, saindo do prédio, mergulhou na escuridão da noite.

Mas ele imaginou que mergulhava ainda mais fundo na escuridão de sua vida.

No sábado, já no palco, Andreas observou atentamente as pessoas aglomeradas na grande avenida central, em frente ao Shopping. Como era uma apresentação na rua, sem qualquer ingresso, o povo da cidade compareceu em massa. Eram centenas de pessoas, a maioria formada por jovens. Talvez chegassem a mil com um pouco de otimismo. E isso deixava-o profundamente nervoso. Na verdade, toda a banda era uma moldura do nervosismo.

Rodrigo, aproximou-se do microfone para dar as boas-vindas. Ele esboçou um sorrisinho idiota.

- Boa noite, amigos. Sejam bem-vindos a grande apresentação promocional do maior shopping da cidade. – O idiota parecia um garoto-propaganda com aquele sorriso imbecil. – Depois de tanta expectativa, hoje conheceremos os ganhadores destes dois carros maravilhosos. Tenho certeza de que estão ansiosos, não estão?

Alguns poucos ridículos no meio da plateia disseram: “Estamos”. Mas a maioria permaneceu num silêncio mórbido, pouco entusiasmada com a tentativa fracassada de Rodrigo de ser simpático. O cara provavelmente nem tinha conquistado a própria mãe e agora queria conquistar uma multidão.

- Mas para deixar vocês um pouco mais ansiosos, vamos deixar o sorteio para o final. Até lá, vocês poderão cantar e dançar um pouco. Nós vamos tocar umas músicas para divertir vocês um pouco, e se quiserem...

- O negócio é o seguinte: – interrompeu Andreas, bruscamente, já entojado de tanta ladainha. – Nós somos Os Aborrecidos. E sabem por que nos chamamos assim? Porque estamos aborrecidos com essa porcaria de sistema que determina todos os detalhes em nossa vida, o que comer, que horas dormir, o que fazer, quanto fazer. Por isso, fazemos rock para expressar toda a angústia que domina o ser humano e que nos conduz ao medo e incompreensão. Se vocês estão cansados de toda esta porcaria de vida, ouça o que temos a dizer porque vocês não estão sozinhos. – Andreas voltou-se para os integrantes da banda. – Vamos lá. Um, dois, um, dois, três, vai.

E a primeira música começou. Durante toda a introdução, Rodrigo ficou encarando Andreas com um olhar que dizia: “Que pensa que foi aquilo?”. Mas Andreas não estava nem aí para o que ele ou o maluco do pai dele pensavam. Para falar a verdade, Andreas não estava nem aí para coisa alguma.

A primeira música seria interpretada por Rodrigo, mas Andreas começou a cantar antes. Enquanto cantava com todo seu fervor, ele pensava: *Hoje, esta noite é minha. Eu sou o centro do mundo.*

Andreas cantava de olhos fechados. Cantava com a emoção exposta em cada nota soada, em cada gota de suor que brotava em seu rosto. Seu timbre entoava a angústia que estava disposto a eliminar. Começou a trocar as palavras das canções, inclusive nos *covers*. Quando a canção falava “amor” ele trocava por “traição”, quando falava “esperança”, ele trocava por “mal”. Além disso, ele improvisava diversos solos, tocando estes com tamanho sentimento que parecia que sua guitarra falava.

Música após música foi assim. Quando Rodrigo tentava assumir o vocal de uma canção, Andreas começava a cantar com voz mais forte, superando-o. O seu timbre sempre mudado a cada música, acompanhando os sentimentos expressos nelas, deixava o público admirado de sua voz.

E Rodrigo parecia perceber isto e, pelo visto, não estava gostando nem um pouco. Andreas conseguia determinar isto pela série de erros incomuns cometidos pelo tecladista.

Depois de meia hora de show, houve um pequeno intervalo. Todos foram para o fundo do palco, a maioria comentando a grande sorte que tinham por serem a única banda convidada para aquele evento. Mas Rodrigo só tinha uma coisa a dizer:

- Qual é seu problema, Andreas? O que foi que combinamos?
- Nós não combinamos nada.
- Você deve estar achando que as coisas vão continuar assim, né?
- Pouco me importa o que vai acontecer, moleque. Quem manda aqui, sou eu.

Rodrigo deu uma risada.

- Do que está falando?

- De conquista, meu caro. De conquista.

Neste momento, Heitor se aproximou.

- O que houve lá em cima?

- O que acha? O maluco do Andreas acha que é o dono da banda e não quer abrir mão dos vocais.

- Você é o cara que deveria ganhar o troféu de teimosia, Andreas. Qual é o seu problema, garoto?

Andreas estava olhando em volta demonstrando total falta de interesse naquela conversa. Por fim acabou dizendo:

- Deixem-me em paz. Tenho mais duas músicas para cantar e não estou disposto a cansar minha voz discutindo com dois idiotas como vocês.

Ele virou-se e saiu.

Enquanto andava, podia sentir o olhar furioso dos dois homens fulminando suas costas. Ele estava certo de uma coisa: eles não deixariam aquilo barato. Cobrariam de Andreas sua postura indomável até o último centavo.

Aquiles aproximou-se de Andreas.

- Por que não tenta contribuir para um pouco de paz na banda, cara? Lembra onde a gente estava há alguns anos atrás? Agora estamos tendo uma chance de mudar o rumo de nossas vidas. E você vai ficar aí causando todo este clima ruim por causa de uma obsessão vazia?

- Obsessão vazia? Obsessão vazia??? - Andreas praticamente gritava. Estava fora de si. - O que você sabe a respeito de mim? Eu mergulhei nesta escuridão tão fundo que achei que nunca mais conseguiria sair dali. Eu me vi passando o resto da minha vida como um rato dentro de um buraco lutando para sobreviver. E só não meti uma bala em minha cabeça porque acreditei em algo. E ainda acredito. E quer saber no que acredito, Aquiles? Acredito em liberdade, acredito em criação. E todo ato de criar, inventar, compor é um ato ordenado. Não uma bagunça que qualquer idiota como aqueles dois estabelecem só porque são os donos do dinheiro. – Só quando terminou de falar Andreas percebeu que estava chorando.

- Mas é assim que as coisas funcionam. - A voz de Aquiles era absurdamente baixa. Estava muito assustado com a reação de Andreas. - Precisamos do dinheiro. Esta é a realidade.

- Não quero esta realidade. Só quero olhar no espelho e acreditar que estou vivo. Será que você não entende?

- Escute o que estou te dizendo: se continuar assim, acabará sozinho.

Andreas começou a se afastar.

- Se meus ideais me afastarem da esfera humana, então assim será. E se acha que estou errado, então pode me fazer um favor: vá pro inferno!

Andreas não estava contente com o rumo que estavam tomando. E para falar a verdade, ele não fazia ideia se as coisas seriam diferentes se estivesse em qualquer outra banda. Talvez Aquiles estivesse certo. Talvez aquele não era o espaço para se criar. Apenas para sentar e se divertir.

Quando eles voltaram ao palco, o público vibrou. Todos os integrantes da banda sorriram e acenaram, menos Andreas. Ele manteve a expressão séria, e mal olhava para o público. Era uma máscara de indignação.

Andreas pegou o violão e, ignorando a sequência do repertório para aquela noite, anunciou:

- A próxima música é apenas violão e voz. Eu compus em um destes momentos em que a gente consegue ver a luz no fim do túnel; um túnel que às vezes parece mais longo que a própria vida. A letra é de Aquiles Lucká. Pode não parecer, mas esta música fala de esperança. Ela se chama “**Sem Controle**”.

Enquanto toda a banda o encarava, sem entender nada, Andreas ajustou o violão e começou a cantar, tão solitário como então se sentia.

Os sacrifícios da perfeição
 Conduzem ao vazio
 O sangue virgem como alvo
 A vida por um fio.
 Uma existência sem controle
 No controle da carência
 Os passos dados na escuridão
 Vacilam com frequência.
 Eu planto a vida e colho a morte
 Num lugar comum
 Os pesadelos, um novo tormento
 E não há livramento algum.

Mas vou tentando
 Porque as peças vão mudar
 O poderio dos séculos

Terá de se curvar.

A mesma sorte num mesmo corte

Um salto para o fim

As marcas de tortura nas mãos

O livramento de um sim.

Um holocausto no coração

Derruba a consciência

O descaso e a falta de amor

São as foices de uma doença.

E tudo acaba

Sempre com uma repetição

Repete a forma, repete a ordem

E nada resta ao coração.

Mas vou tentando

Porque os passos vão mudar

O poderio dos séculos

Terá de se curvar.

Quando terminou a batida melódica, o público vibrou.

Andreas falou a todos:

- Não importa quanto tempo demore, mas os nossos opressores, mais cedo ou mais tarde, terão de se curvar diante de nós.

Foi ovacionado mais uma vez. Ele olhou para os outros no palco. Todos o olhavam em silêncio. Nos olhos de Rodrigo, ele viu o ódio. Mas não se incomodava. Naquele momento, ele conseguiu ter o que precisava.

Centenas de pessoas lhe diziam que ele estava vivo.

O anúncio de que a gravadora Atlantic City estava interessado nos Aborrecidos foi dado em um dia em que o silêncio ditava as ordens no estúdio onde ensaiavam.

Após a “rebelião” de Andreas na apresentação do último sábado, o clima ficou mais pesado na banda. O fato do desempenho deles ter sido muito bom, gerando uma reação positiva das pessoas, não mudou o peso das nuvens negras que pairavam sobre os jovens. As conversas se limitavam ao essencial. O contato visual era quase nulo. E Andreas tinha a sensação de que, se infartasse agora, haveria uma festa com fogos de artifício no estúdio.

E foi antes do ensaio daquela terça que Heitor irrompeu estúdio adentro e anunciou:

- Façam as malas, rapazes – disse, ele. – Vamos viajar para o Rio, amanhã.

As coisas aconteceram muito rápido. Naquela tarde, Heitor recebera a visita de um agente da gravadora. Ele estava de olho nos Aborrecidos havia um mês e o que vira naquela apresentação de sábado o convencera de que aquela banda merecia uma chance.

Andreas permitiu-se rejubilar. A Atlantic City era uma gravadora com muitas bandas promissoras em seu selo. Enquanto Heitor dava detalhes da conversa, Andreas vagou em sua densa obsessão. Viu-se em grandes shows com milhares de pessoas; apresentações em programas de televisão de rede nacional; autógrafos; entrevistas a jornais e revistas.

- Finalmente, vamos gravar um álbum! – exclamou, Aquiles.

- Geralmente, as bandas demoram bem mais para conseguir um contrato – disse, Fábio.

Heitor decidiu ser mais coerente.

- Calma, pessoal. Não existe contrato nenhum, ainda.

- E o que poderia dar errado, Heitor? – perguntou, Rogério. – Já estamos sendo observados há um mês.

- Enfim, o reconhecimento – Aquiles disse, em voz baixa. – Enfim, o primeiro lugar.

Heitor fez um gesto pedindo silêncio.

- Agora prestem atenção. O ensaio de hoje está cancelado. Vão para suas casas comunicar seus pais sobre a viagem de amanhã.

- E o Eduardo? – Aquiles lembrou-se do baixista que estava ausente, estudando. – Ele trabalha. Não sei se vai poder ir.

- Com o rumo que as coisas estão tomando, ele vai precisar tomar uma decisão. Não dá para continuar se ausentando desta maneira. Do contrário, acabará saindo da banda.

Era a palavra do dono dos Aborrecidos.

Era assim que Andreas também pensava, e todos pareciam concordar.

A viagem para o Rio foi na *van* de Heitor. Uma *van* carregando seis homens (Eduardo, como esperado, não pode ir) e seus instrumentos musicais. Destes homens, cinco queriam a oportunidade de sobreviver com a música. O outro, por sua vez, queria revolucionar o rock.

Durante todo o tempo de viagem, eles discutiam qual seria a nome e a capa do álbum, e como seriam os videoclipes. Rodrigo era a favor de algo bem convencional – capas mostrando os integrantes da banda, os clipes seguindo a mesma ideologia. Já Aquiles queria exprimir suas decepções – um imenso deserto e apenas um homem solitário. Rogério achava que a contradição poderia vender mais – ele queria uma capa com ursinhos de pelúcias e clipes bem coloridos contrastando com as letras depressivas. Fábio gostou desta última ideia e chegou sugerir:

- Tenho uma ideia para um clipe. A gente tocando do lado de uns bonecos.
- Bonecos??? Que bonecos, Fábio?
- Bonecos infantis. Como os Muppets, por exemplo. Acho que seria um clipe legal.

Andreas deu uma risada.

- Que ridículo. Uma banda de rock tocando com bonecos ... do Muppets?

Fábio pareceu meio sem graça, mas como uma criança teimosa e emburrada, falou baixinho:

- Seria legal. Vocês ainda vão ver. Alguém, um dia, vai ter uma ideia assim.

A opinião de Andreas ainda não estava definida, mas ele preferiria que os integrantes não aparecessem na capa, muito menos nos clipes. Seria a marca identificadora da banda. Enquanto todos queriam aparecer, eles fariam os papéis de anônimos e isto os tornariam ainda mais louváveis. Seu marketing seria o antimarketing.

- Tenho uma ideia ótima para um clipe – anunciou, Aquiles, gesticulando para chamar a atenção de todos. – A música começa e uma câmera desloca-se pelo quarto de um adolescente, mostrando os móveis, os quadros de Jim Morrison, a cama desarrumada, passa por uma mesinha onde está sentado nosso homem, um jovem de costas escrevendo alguma coisa. A câmera continua sua viagem dentro do cômodo até que para em uma fotografia sobre a mesa. E a foto do jovem. Ele está junto com a namorada. A câmera dá um *zoom* até o grande *close*. Gradativamente, a foto vai ficando envelhecida, envelhecida, cada vez mais envelhecida. E a câmera, totalmente, parada. No momento, em que a música atinge seu clímax, a câmera começa a se mover totalmente tresloucada.

- Que música?

- Não importa. Isso a gente decide depois. É só o clipe que estou bolando. A câmera começa a ser sacudida. A gente não consegue perceber quase nada no quarto porque ela se move muito rápido, totalmente desvairada. Mas dá para perceber que o quarto, anteriormente vazio, está cheio de pessoas. De repente, a câmera para, novamente. Percebemos que o quarto agora está cheio de

peessoas, todas tristes, chorando, vestidas de preto. A câmera se move até percebermos um caixão. Ela começa a se deslocar sobre o caixão a começar dos pés do defunto até atingir um *close-up* do seu rosto. É um velho.

- Que velho? – perguntou, Rogério, ingênuo.

- Presta atenção no que estou falando. Por que acha que a fotografia na mesinha ficou envelhecida?

- Por quê?

Aquiles suspirou.

- O velho no caixão é o adolescente.

- Ah – exprimiu-se, sem entusiasmo.

- O clipe daria a ideia de que a vida é curta, tão curta que mal percebemos quando ela está no fim.

- Mas ficaria muito esquisito – discordou Rodrigo. – Primeiro, onde é que a gente apareceria no clipe?

- Na música, é claro. Não somos atores, somos músicos.

- Mesmo assim, sou a favor de aparecermos nos clipes. E segundo, o cara viveu a vida inteira dentro da mesma casa?

- E qual é o problema disso?

- As pessoas não nascem e envelhecem dentro de uma casa.

- Só um idiota como você para assistir a um clipe e ficar pensando nessas coisas.

- Sou um realista. Alguém aqui tem que ter essa sensibilidade.

- E como seria um clipe realista?

- Do jeito que mencionei. Nós tocamos, somos filmados, adiciona-se algum efeito, cortes, e está tudo acabado.

Andreas manifestou-se:

- Deixe-me ver onde já vi um clipe assim. Humm... Só um minuto. Lembrei! As bandinhas pop vazias que não tem nada a acrescentar à música. Ah, e as duplas sertanejas também. Com um pequeno detalhe, eles inserem uma linda modelo para fazer par romântico com um dos barrigudos da dupla. O clipe deles ainda é um pouquinho mais trabalhado do que suas toscas ideias, Rodrigo.

- Você fala assim porque gosta de me contrariar, Andreas.

Não havia como negar. O miserável estava coberto de razão.

Durante a longa viagem, Andreas adormeceu na van, e sonhou que era um astro do rock. Ele estava fazendo um especial acústico em algum grande teatro. Estava sentado em um sofá vermelho, com seu violão. Dividia o palco com Eric Clapton e Bob Dylan. Os três pareciam muito amigos. Andreas perguntou a eles:

- O que vamos mandar agora?

Foi Clapton quem respondeu:

- *Good Morning, Little Schoolgirl*.

Neste momento, Rodrigo surgiu no palco com um microfone na mão, dizendo:

- Quem vai cantar essa sou eu.

Foi quando Andreas acordou, assustado.

Olhando a sua volta percebeu que estavam chegando ao destino.

Os demais, que também dormiam, começaram a acordar, um a um.

- Chegamos na gravadora? – perguntou, Rogério, sonolento.

- Ainda não – respondeu Heitor. - Vamos para um hotel. A reunião será a tarde.

Heitor levou quase uma hora rodando dentro da capital até chegar ao hotel. Era um hotel bem simples. Mais simples do que Andreas imaginara. Havia um banheiro coletivo, e o quarto resumia-se a um beliche e uma cômoda. A janela dava para a parede lateral de um enorme prédio comercial. Sem sol, o cheiro de mofo imperava no quarto. Andreas esperava que aquele cubículo abafado não fosse um péssimo agouro – sua vida trilhando eternamente a perturbadora sina.

Aquiles ficou no mesmo quarto que Andreas. Eram nove horas da manhã. Eles descansariam até a hora do almoço, comeriam alguma coisa e depois iriam até a gravadora.

- Acha que temos chance? – perguntou Aquiles, quando Andreas estava quase pegando no sono.

- Chance de quê?

- De gravar nosso álbum.

- Sempre teremos nossa chance. Se não for dessa vez, teremos outras oportunidades.

- Você não está confiante?

- Estou, sim. E acho que você deveria ficar, também. E agora tente dormir um pouco.

Mal terminou de falar, Andreas adormeceu. Um sono tranquilo.

Não teve pesadelos com Rodrigo.

O prédio onde estava instalada a Atlantic City era uma construção de três andares. Andreas ficou boquiaberto ao ver a quantidade de salas de gravação e mixagem. As enormes mesas de som com

mais canais que ele seria capaz de conceber era um espetáculo a parte. Tudo ali era de última geração. Visitar cada uma daquelas salas foi algo entorpecente para ele.

Em breve, estarei aqui gravando meu primeiro álbum, era só o que pensava.

O agente que contatara Heitor os conduzia pelo prédio e, como um guia, apresentava-lhes todo aquele encantador universo. As salas de gravação eram uma miragem. Elas se erguiam como “paredes sonoras” com vários amplificadores e caixas para qualquer tipo de som. Pedais e conversores de efeitos, entre outros, deviam ascender às centenas. O agente explicou brevemente como era possível com toda aquela aparelhagem converter um simples acorde de guitarra em um som “esotérico” com qualquer amplitude de *reverbs*.

Após este tour inicial, os seis homens foram encaminhados a uma sala. Ali eles teriam o primeiro contato com o homem que tinha o futuro deles nas mãos.

O coração de Andreas pareceu querer saltar-lhe a boca quando se deparou com Chris Lee - um produtor norte-americano que se mudara para o Brasil para trabalhar com músicos nacionais. Ele era apaixonado por Mutantes, e Secos e Molhados. Era um homem alto, olhos azuis, cabelos brancos e o queixo saliente de um aristocrata. Devia estar na casa dos 60 anos.

Chris fez questão de apertar a mão de cada um deles, observando-os, detidamente.

A avaliação começou.

Andreas, mais uma vez, sendo examinado.

- Então vocês são Os Aborrecidos? – disse depois de apertar a mão do último integrante. – Ouvi falar a respeito de vocês. Parecem que são respeitados em sua cidade.

- Temos procurado fazer um trabalho de qualidade nas músicas e o respeito recebido é apenas uma consequência – disse, Heitor que provavelmente seria o único a falar naquela reunião.

- Qualidade!!! – Chris falou a palavra, pensativamente, como que dizendo apenas para si mesmo. – Acho difícil definir isso. As pessoas têm maneiras diferentes de encarar a qualidade. Em nosso ramo, “qualidade” é o que vende. Se as pessoas consumirem, ótimo. No entanto, não se enganem: as pessoas podem reagir bem porque estão em um show gratuito, aberto. Mas para entrar em uma loja e comprar o álbum, a “qualidade” tem de ser outra. – Andreas percebeu que o homem falava com uma sabedoria indecifrável. Ele falava com a convicção de quem estava no ramo havia muito tempo. – Mas falaremos disso depois. – Ele apanhou um papel e deu uma rápida olhada. – Quantos integrantes?

- Seis.

- Quem são?

Heitor apresentou-os:

- Rodrigo é um dos vocalistas e toca teclado. Aquiles é o guitarrista e escreve as letras. Andreas escreve as melodias, toca guitarra e é o outro vocalista. – “O outro” significava “o menos importante”. – Rogério toca guitarra, Fábio é o baterista e Eduardo, que não pôde vir, é o baixista.

- Três guitarristas?

- Quando Eduardo não está presente, Andreas assume o baixo.

Ele anotou algumas coisas na folha que tinha em mãos.

– Então Aquiles é o letrista? De onde tem tirado inspiração para escrever, filho?

- Da dor – respondeu, sem titubear.

- Acho que a maioria dos gênios da música diriam o mesmo. E a melodia é de Andreas?

- Exato.

- Os arranjos são seus, também?

- Sim.

- Arranjos inovadores, eu diria. A gravação que me foi trazida, embora não estivesse muito boa, me mostrou que você é um jovem destemido. Parece querer fazer algo novo, diferente.

- Uma nova linguagem musical – disse, Andreas. – Uma identidade própria. Queremos reinventar o rock.

Chris deu uma discreta risada.

- Um jovem destemido, como eu disse. – Mais anotações. – Qual é o objetivo de vocês com a música?

Heitor respondeu:

- Termos uma gravadora para lançar nossos álbuns.

Andreas acrescentou:

- Queremos fazer sucesso. Queremos milhares de pessoas em nossos shows pelos quatro cantos do Brasil. Queremos ser reconhecidos pelo que fazemos.

- Acha que conseguirá sucesso com *essas* músicas?

A pergunta pegou Andreas desprevenido.

- Se não acreditasse nisso, deixaria de acreditar em mim.

Chris examinou Andreas por alguns instantes a ponto deste se sentir embaraçado.

- Vamos ver no que *eu* acredito. Quero ver vocês tocando. Vamos para o estúdio de gravação.

Eles saíram dali e foram levados para o andar de cima onde havia um grande estúdio. Na sala de gravação dois engenheiros de som os esperavam.

Aquiles cochichou para Andreas:

- Acho que esse cara não botou confiança em nós.

- Se não botou, vai botar agora.

Andreas começou a experimentar uma tensão inédita até então. Diante dele desenhava-se todo o seu futuro. Dentro de algumas horas ele sairia daquele estúdio. E qual seria o resultado? Teriam um contrato assinado debaixo dos braços? Ou voltaria sem nada para seu mundo de restos e ilusão?

O coelho ruminando esperanças vazias e tardes sinistras.

- Fiquem à vontade. Façam de conta que não estamos aqui – disse Chris, rindo, sabendo que isto seria impossível.

- Vamos lá – disse, Andreas. – Esta é a oportunidade que sempre esperamos. Vamos mostrar de que material somos feitos.

A música inicial era **Infinito Vazio**. A música dava surpreendentes guinadas. Começava com um som psicodélico enquanto Andreas sussurrava os versos iniciais num murmúrio assustador.

Meu pior pesadelo

Pesa invulnerável em minha mente cansada

E me canso em tentar te dizer

Que o seu sorriso faria toda diferença

Que o seu olhar aliviaria minha sentença

Que suas confissões mudariam minhas crenças.

A música assumiu um aspecto ruidoso. A guitarra de Aquiles começava a emitir sons arranhados e o baixo entrou, dando uma tonalidade mais pesada.

Estou só em meio ao pó

Sinto o vazio do infinito – **infinito vazio**

Caos e escuridão

Seu silêncio, seu sermão.

A música deu uma reviravolta. Rogério fez uma base pesadíssima, algo bem perto do hardcore, enquanto Aquiles expelia toda sua dor em solos profundamente incisivos. A batida pesada da bateria completava o ambiente visceral. Andreas cantou o verso seguinte, energicamente:

Então, tente não dizer nada
 Quando chegar sua vez de se explicar
 E deixe que o grito sufoque seu medo
 Mas não deixe que tudo o que construiu
 Seja levado pela maré
 De decepções e eras perdidas
 Porque talvez tudo o que precisamos
 São de respostas,
 Um pouco de fama e um pouco de fé.

Eles voltaram para a outra dimensão musical, psicodélica. As palavras de Andreas converteram, novamente, em apenas um murmúrio.

Um pouco de tudo aquilo
 Que deixamos como restos do que passou
 É nestes restos que encontro palavras
 É nestes restos que perco o pudor
 E perco o poder
 E a coragem para te dizer
 Que eu faria meu mundo diferente
 Para te ver diferente
 Para te ver ao meu lado
 Palavras improvisadas
 Não mais estranho
 Nem impróprio ou irracional
 E plantaria suas flores preferidas
 No jardim do seu quintal.

Quando concluíram, Chris fez uma careta estranha, demonstrando pouco entusiasmo. Sem fazer qualquer comentário, foi logo dizendo:

- Que mais vocês têm para mostrar?

A próxima música era a bucólica **Velho**, com forte presença do violão. A música descrevia o universo de um homem arrependido por não ter aproveitado sua juventude a favor daquilo que

achava ser certo. Os arranjos de Andreas deram à música uma sonoridade melancólica que faria até os otimistas sentirem uma pontada de tristeza.

Um homem velho e um turbilhão de atos impensados
Tentando respirar um pouco de oxigênio
Entregue ao vício do milênio
Seus sonhos foram equívocos covardes
Que tornaram frias suas tardes.

Ele fingiu ser uma criança a vida inteira
Brincou de viajante desconhecido
Rumo a paz dos dias amanhecidos
Encarando marcas no rosto cansado
Esperando não ser alcançado.

O velho tentou negar sua dor
Achando que amar uma mulher não levaria a nada
Ficou à espreita, viajante solitário na estrada
A bagagem cheia de melancolia
Fugindo de serenatas e euforias.

Então o velho ficou a deriva
E antes que os poemas fossem levados
Suas rimas fizeram parte de sonhos criados
Dizendo: “Grandes amores um dia se separarão”
Tão velho é o mundo, tão pessimista era o seu coração.

Hoje, ele acena para qualquer um,
Arrependido em sua longa viagem
Por não ter amado enquanto jovem
Sôfrego, ele é hoje tudo o que perdeu
Este velho homem aqui sou eu.

Finalizada a canção, Chris expressou-se da mesma maneira, sem entusiasmo. Andreas sentiu uma pontada de desânimo. Contrário às suas expectativas, o produtor parecia não ser impactado pelo som que os Aborrecidos criaram.

Logo em seguida, foi a vez de Rodrigo assumir os vocais na canção **Luzes da Fama**. Enquanto tocava, Andreas não conseguiu evitar um certo temor, que Chris dissesse que Rodrigo cantava melhor, e que seria mais proveitoso que o tecladista assumisse definitivamente os vocais.

Quando terminaram, os jovens ficaram em silêncio olhando o homem grisalho. Ele não disse nada. Simplesmente, fez um sinal chamando-os novamente para a sala de reunião. Era o grande momento. O futuro (ou sentença) dos Aborrecidos seria declarado.

- Vocês são muito bons. Mas... – Deu uma pausa. Andreas sentiu uma faca penetrando em seu peito. A palavra “mas” já dizia tudo: Os Aborrecidos não teriam uma boa notícia. – ... as pessoas não comprarão seus discos.

- O que quer dizer? – perguntou, Andreas, vendo seus sonhos se desmoronarem.

- Que suas músicas estão totalmente deslocadas no mercado. Vocês escrevem melodias fantásticas, mas não é isso o que o público quer.

- Como sabe o que o público quer se nem deu a chance dele nos ouvir?

- Porque estou neste ramo muito antes de você nascer, garoto, e sei muito bem o que vende. E posso garantir-lhe: suas músicas não tem mercado.

- O que há de errado em nossas músicas? – Andreas percebia que estava começando a ficar irritado que os esmagava no chão do anonimato.

- Entenda, a música é boa. Mas estes arranjos, esta sonorização... Só uma sociedade esotérica da nova era para se empolgar com isso. Você conhece o *grunge*, não é?

- Claro que conheço.

- O *grunge* nos dá a receita do sucesso: baixo, guitarras nervosas e bateria. Nada mais do que isso. A simplicidade do *grunge* é o que dará futuro a vocês.

- Simplicidade ou falta de criatividade?

- Chame como quiser. Se vender, isto é o que importa. E não é apenas o arranjo que deixa a desejar. As letras são muito longas. E vocês não usam refrão. Isto é péssimo. Além disso, suas letras são muito depressivas. É um tipo de linguagem distante do comercial.

- As pessoas consomem o que vocês vendem porque não dão a elas outra escolha. Só pensam no que é comercial.

- O que é comercial enche a minha barriga e a de meus filhos, garoto. Sua inventividade destemida, não.

Heitor que estava calado até então, manifestou-se:

- Quer dizer que não existe negócio?

- Depende. – Ele recostou-se na cadeira. – Vocês têm talento, isso não nego. Mas para fecharmos contrato, vocês precisam de uma transformação.

- Que tipo?

- Poderemos fechar contrato se vocês estiverem dispostos a reformularem suas músicas. Mudem as letras. Tornem as letras mais curtas e suaves. Insiram refrões. Daqueles que grudam na mente. Também mudem os arranjos. Quero arranjos simples. Nada destes arranjos mirabolantes, destes ruídos indefinidos, deste som surreal. Façam as coisas com o pé no chão e aí sim, meus jovens, vocês terão uma chance.

Andreas assimilou bem o que ele propunha. Ele oferecia a grande oportunidade de lançarem um álbum. Mas, para isso, Andreas teria de mudar todo o universo musical que criara nos últimos dois anos. Dois anos sepultados, impiedosamente. Ele teria de se curvar, vender sua identidade ao que era comercial. Precisaria perder sua individualidade, sua capacidade de criar algo diferente do que as massas estavam acostumadas a ouvir. Teria de perder a capacidade de ser ele mesmo.

Ao mesmo tempo, ele tinha diante de si a grande oportunidade da sua vida. Era a chance de abandonar seu universo de mediocridade, um mundo onde as pessoas não se importavam com ele.

O verme se afastando da cova. O coelho fugindo do caçador. Vida longa ao coelho.

Ele poderia finalmente, segundo os seus sonhos mais profundos, tornar-se um astro do rock. Seria conhecido, talvez aclamado, respeitado. Mas quanto ao preço... o preço seria ele mesmo. Teria de ser um escravo. Mas como poderia concordar em ser um escravo se estava exatamente lutando para se libertar?

Vida longa ao coelho.

- Poderíamos fazer isso – apressou-se Heitor em dizer, parecendo contente com a ressalva do dono da gravadora. – De nada adianta insistirmos em algo que não tem mercado.

- E nunca terá mercado se abaixarmos a cabeça diante da moda – disse Andreas, destemido.

- Como eu disse, Andreas: você é um jovem corajoso. Mas seu empresário é inteligente. A grande maioria dos corajosos inovadores que conheço estão desempregados. Qualquer pessoa aceitaria a proposta que estou lhes fazendo. Vocês podem ir longe, mas precisam confiar em mim.

- A decisão está tomada, senhor Chris. É só uma questão de conversar com os meus garotos para eles se adaptarem às mudanças.

- Ótimo, Heitor. Eu quero ouvir como as músicas ficarão após estas reformulações de que lhes falei. A sala onde vocês se apresentaram é de vocês. Quero que aproveitem o tempo que

precisarem para fazerem as mudanças. Estão de acordo? – perguntou, com um olhar incisivo diretamente para cada um deles.

- Sim – todos responderam, exceto Andreas.

O homem que queria roubar sua identidade saiu da sala.

Ladrões de identidade enfureciam Andreas.

Como que ensaiados, todos olharam para Andreas – ele era a criança mal-educada que se comportara terrivelmente mal, envergonhando os pais, e merecendo um castigo.

- O que pensa que está fazendo, Andreas? – Heitor parecia furioso. – Eu estou investindo dinheiro em vocês. Eu pago o aluguel dos equipamentos e do estúdio, pago divulgação e inclusive esta viagem que fizemos. Acha que vou ficar gastando o meu dinheiro para financiar seus ideais, garoto? Nós temos uma grande oportunidade. E você vem com essa história do que é comercial, dos ditames da moda?!? Por que não faz aquilo que quer realmente? Componha suas músicas do jeito que você quiser, mas banque você mesmo seus sonhos. Não use meu dinheiro para isso.

Andreas olhou para o rosto de todos os outros. Todos pareciam concordar, inclusive Aquiles. Todos estavam dispostos a fazer as mudanças sugeridas – ou exigidas – por Chris. Todos queriam ganhar o “pão de cada dia” fazendo o que gostavam.

Andreas não podia negar: Heitor tinha razão. Andreas não poderia achar que o homem tinha a obrigação de bancá-lo. Argumentar agora seria abusar do seu direito de opinião. Todos ali tinham suas responsabilidades. Além disso, logo casariam, teriam filhos, seriam chefes de família. Fechar um contrato com a Atlantic City poderia garantir uma carreira, e o sustento deles e das famílias no futuro. Definitivamente, Andreas não tinha o direito de ser um impedimento a isto.

Por isso, naquele momento, com a faca ainda fñcada em seu peito, ele tomou a única decisão cabível que poderia tomar.

- Foi uma honra tocar com vocês, rapazes. Mas, eu estou fora da banda.

CAPÍTULO 19

Em um mundo de insanos, é loucura imaginar que alguns não sejam capazes de voar

1995 –

- *Smashing Pumpkins* lança o álbum duplo *Mellon Collie and Infinite Sadness* que se torna um divisor das águas na história do rock;
- *Alanis Morrisset*, aos 21 anos, lança o álbum *Jagged Little Pill*. Ela diz: “Eu escrevi algumas músicas e acordei no outro dia e nem mesmo me lembrava de tê-las feito... Foi quase como um lapso de consciência.”
- *Cinco adolescentes que usam terno e cabelos estranhos tornam-se conhecidos em toda a Suécia* como *The Hives*;
- *Daron Malakian, John Dolmayan, Serj Tankian e Shavo Odadjian* decidem mudar o nome de sua banda *Soil*. O novo nome é *System of a Down*, nome este tirado de um poema do guitarrista *Daron*, chamado *Victims of a Down*;
- *Pato Fu* lança seu segundo álbum: *Gol de Quem?* A banda passa a integrar guitarras, percussão eletrônica e viola em suas músicas. A vocalista *Fernanda Takai* diz: “Queremos vencer pela estranheza”.

O casamento de Veraline foi realizado no dia 25 de Março de 1995. Um dia em que os céus contribuíram com um firmamento azul e claro. O que era essencial, afinal, o casamento seria a céu aberto. A cerimônia estava sendo realizado na casa de campo dos pais de Veraline, um lugar naturalmente presenteado pela natureza com flores, canto de pássaros variados e cachoeira. A suavidade natural que refletia o suave amor de Veraline por Marcos.

O mundo dera muitas voltas, era verdade. E transformara vidas.

O namoro com Marcos tivera início 5 anos atrás e ruíra pouco tempo depois com a introdução de Francielly na história dos dois. Mas, Veraline e a derrota não eram figuras afeiçoadas. Com sua inteligência aguçada, personalidade envolvente e beleza angelical, não demorou muito para Marcos perceber que estava fazendo um péssimo investimento. Em pouco tempo, voltara correndo para os braços dela.

Veraline sempre vence.

O destino de Francielly era desconhecido. Ela desaparecera no mundo. Talvez, neste momento, estivesse procurando outro casal de namorados e fazendo planos para destruir a

felicidade deles. Para Veraline, pouco importava. Desde que nunca mais o caminho de ambas se cruzassem.

Ela agora desfilava entre os convidados não mais ao lado do seu namorado – agora ele era seu marido. E os olhares de todos repousavam sobre o casal com exímia admiração. Formavam um dos mais belos casais da cidade. Por isso, já eram personagens tarimbadas das colunas sociais dos jornais da região.

Apesar de tudo isso, o casamento não estava sendo perfeito. E isso por culpa do seu pai. Para seu desgosto, a banda contratada para tocar na festa do casamento foram Os Aborrecidos. Veraline só ficou sabendo quando já era tarde demais. Quase teve um ataque de histeria com seu pai pela tolice de contratar a banda de Aquiles, o lunático que ficava enviando poesias assustadoras para ela. Aquele sujeito estranho escrevera um poema enorme que só falava em morte e coisas do gênero. Mas logo após ler aquela série de alucinações rimadas, a própria Veraline fizera questão de colocar a poesia em seu lugar merecido: a lata de lixo.

E agora teria a desagradável companhia de Aquiles bem ali, em seu casamento. Como Marcos reagiria quando soubesse que o cara que arrebentara seu queixo seria o responsável por embalar a dança dos noivos e dos convidados? O pai de Veraline nem sabia da existência de Aquiles e de sua psicótica postura atrás dela. Simplesmente, seguira a sugestão de um amigo que dissera que Os Aborrecidos eram uma das melhores bandas da cidade.

Mas agora era tarde demais. Eles já estavam tocando ali havia alguns minutos. Marcos não comentara nada, embora Veraline percebera que ele ficou desestruturado quando viu aquele monstro violento solando sua guitarra. E o pior de tudo era que ele estava bêbado. Balançava-se como um animal pra lá e pra cá, o tempo todo. Às vezes, tropeçava nos equipamentos. Vesgo, feio, estranho e bêbado. Como tantas coisas negativas podiam fazer parte de um ser, apenas?

Veraline ouvira dizer que Os Aborrecidos fecharam um contrato com uma gravadora. Apenas isso. Ainda eram ilustres desconhecidos que dependiam de festas de casamento para sobreviver. Veraline desejava de coração que eles nunca atingissem o sucesso. O desprezo que ela sentia por Aquiles a impulsionava nesta direção. Que o álbum deles acumulasse teias de aranha nas lojas e que este fosse o primeiro e único trabalho lançado pela banda.

Na verdade, toda a banda era formada por conhecidos de escola de Veraline. Um dos colegas de Veraline, Andreas, havia saído da banda. Ou sido expulso – os poucos comentários variavam. Diziam que Andreas era um megalomaníaco que queria controlar todos os rumos da banda e, se deixassem, controlaria o mundo inteiro. Um idiota metido a ditador. No ano letivo que começara a poucos dias, ela percebia que ele vivia quieto pelos cantos. Não vivia mais grudado com o psicótico

Aquiles, como antigamente. Atualmente, ela só o via com Elou – o clone careca de Robert Smith, do Cure.

Enquanto olhava com desconfiança para o psicopata dando pulos ensandecidos pelo palco, temendo pelo pior, foi puxada por Marcos para um canto.

- Vamos embora daqui.

- Embora para onde?

- Para nossa casa,oras.

- Não podemos deixar os convidados, Marcos.

- Danem-se os convidados – disse ele, dando-lhe um suave beijo.

Ela desvencilhoun-se, rapidamente.

- Ei... É falta de educação sairmos no meio da festa. Ainda nem começou a anoitecer.

- Ainda vai demorar uma eternidade para anoitecer.

Enquanto ainda se deliciava de ver o rosto apaixonado e cheio de desejos de seu marido, Veraline ouviu um barulho assustador, um som agudo tão alto que a obrigou a levar as mãos aos ouvidos. Quando olhou para o palco, ela paralisou com a visão assustadora que se desenvolvia ali.

Aquiles estava destruindo tudo.

CAPÍTULO 20

Os passarinhos dançavam uma valsa. A brisa soava notas em ré menor. E prometeu-se ao casal mais lindo do mundo, a felicidade eterna

Contrário às expectativas e tudo o que poderia prever, a vida de Aquiles não deixou o estágio de vazio. E, para piorar, adquirira uma aura de culpa.

Ele era um romântico inveterado. Sempre desejara ser feliz no amor. Quando desprezado por Veraline, encontrara na música uma forma de canalizar sua angústia. Mas só descobrira isso graças a Andreas. O amigo pacientemente ensinara-lhe música e lhe dera a força intelectual de que precisava para acreditar em si mesmo.

Quando estavam para fechar contrato com a Atlantic City, ele experimentara a sensação de que seus sonhos musicais se concretizariam, já que o sonho de ter Veraline estava indo por água abaixo com o anúncio de seu casamento. O que ele não contava era com a súbita e *insana* reação de Andreas, ao discordar dos ideais da gravadora. A atitude do amigo tirou-lhe o chão. Naquele momento, Aquiles se deparara com o grande dilema.

Ele e Andreas estiveram unidos em um mesmo propósito. Tudo o que Aquiles sabia devia ao amigo. Os dois formavam uma equipe, completavam-se, mutuamente. Assim sendo, seria justo se ele abandonasse Andreas? Estaria sendo inteligente ao romper o elo criativo que os dois formavam? A dupla criativa agora estava resumida a dois aleijados. Aquiles não mais teria as melodias de Andreas e sua visão musical para lhe dar inspiração; e Andreas não mais teria as letras de Aquiles para complementar suas canções. Era bem provável que os dois não conseguissem ir muito longe desta maneira.

Depois de sair da banda, Andreas mudara. Na ocasião, eles conversaram muito e apesar de todas as tentativas de convencê-lo a mudar de ideia, Andreas permaneceu irredutível. Foi então que Aquiles lhe perguntara:

- O que espera que eu faça?
- Como assim?
- O que acha que eu deva fazer? Você está esperando que eu te siga nesta loucura?
- Nem pensei nesta possibilidade, cara. Se é loucura, não quero ninguém atrás de mim.

- Eu esperei muito por este momento, Andreas. Não tanto quanto você, é verdade. Mas coloquei minha vida no sonho de que gente poderia ter o nosso lugar ao sol. E acho que... Eu simplesmente não posso abandonar os Aborrecidos.

- Nem estou pensando nisso. - Aquiles tinha a forte sensação de que ele não estava sendo sincero.

- Pra mim, tanto faz criar um som totalmente novo ou seguir o que todos estão fazendo. O que importa é estar lá, tocando pra galera.

- Não pense que estou morto, Aquiles. Só não chegou a minha hora. Mas ela chegará. E até lá, desejo sucesso a você.

Em 1995, começaram a cursar o terceiro colegial. Embora estudassem na mesma sala, Andreas passava a maior parte do tempo com Elou. Com Aquiles, o contato era reduzido ao mínimo. Estavam definitivamente distantes um do outro – em resumo, apenas colegas de escola. E nada mais. Embora Andreas insistisse que não, no fundo, devia imaginar que Aquiles também sairia da banda – uma questão de torpe lealdade ou qualquer coisa do gênero. Mas como isso não acontecera, a dupla dinâmica chegava ao seu fim.

A promissora dupla, definitivamente, sepultada.

O produtor dos Aborrecidos tornara-se responsável por criar uma nova atmosfera para a banda, totalmente diferente do que Andreas havia proposto inicialmente. O som dos Aborrecidos e sua batida simples eram puramente comerciais. Nada de inovador, nada de diferente.

Eles gravaram o disco e, 2 meses após a saída de Andreas, o álbum ficara pronto. O título era homônimo. Quanto à capa, Aquiles sugerira um homem colocando flores em um túmulo. Chris riu e disse:

- Que tal colocar os pés no chão por um minutinho, garoto?

Rogério mencionara seu anterior ideia de usar ursos de pelúcia, mas acabaram tomando a decisão mais provável: a foto dos jovens com jaquetas pretas e fazendo cara de mau.

Quanto às faixas, Andreas vendera os direitos autorais sobre as melodias e dissera, veementemente:

- Não quero meu nome aparecendo nos créditos como compositor. - Andreas não queria seu nome associado ao que considerava ser de baixa qualidade.

Chris sugerira que todas as 15 músicas fossem lançadas no primeiro disco – algo bem ousado para um álbum de lançamento de uma banda. E assim fora. Aquiles, que não tinha um gosto musical apurado, achou que os arranjos ficaram muito bons, e deu-se por contente.

O disco fora lançado, e nada mais aconteceu. Chris entrava em contato com as pessoas certas para que suas músicas fossem executadas na rádio. Depois disso, seria mais fácil conseguir uma oportunidade para se apresentarem na TV – o ápice da realização para Aquiles.

Mas enquanto este dia não chegasse, eles precisariam gerar dinheiro de outras formas. Por isso, Heitor aceitara o convite para Os Aborrecidos tocarem em um casamento. Aquiles quase desmaiara quando ficara sabendo de que se tratava do casamento de Veraline. Ele que tanto torcera para que ela não se casasse, que o noivado fosse rompido, agora tinha diante de si uma terrível realidade: ela não só se casaria, mas Aquiles contribuiria para que este momento fosse o mais sublime possível.

Aquiles pensara em mil maneiras de escapar deste desgosto: simular uma terrível gripe, argumentar uma diarreia, anunciar o falecimento de um de seus avós, ou simplesmente dizer que havia perdido a sensibilidade nas mãos. Mas ele sabia que não conseguiria levar tais histórias adiante. No final das contas, não havia escapatória: ele estaria no casamento de Veraline. Ele começava a achar que nada era tão ruim que não pudesse piorar.

E hoje, chegara, o tão *indesejado* dia. Mesmo sabendo que deveria ignorá-la, Aquiles, sem nenhum controle sobre si mesmo, ficava o tempo todo caçando Veraline com os olhos. Ela estava linda, como era de se esperar. Os cabelos loiros, luminosos como ouro puro, numa combinação entorpecente com seu vestido de noiva. Ela caminhava com a suavidade de um anjo sobre o gramado bem cuidado. E irradiava feixes de luz em cada sorriso distribuído entre os convidados. Como Aquiles desejava estar no lugar de Marcos! Nem mesmo Os Aborrecidos poderiam lhe dar tamanha alegria. Casar com Veraline e viver ao seu lado, conferir-lhe amor e proteção – isto estava muito além do que a humanidade conhecia como felicidade.

Durante a cerimônia, Aquiles observara tudo a uma distância segura. Assistiu, desconsolado, as palavras do ministro encorajando os noivos a terem um casamento feliz e satisfatório. Durante essas palavras, ele começou a visualizar Veraline e Marcos felizes para sempre, como se costumava dizer. Isso fora o motivo suficiente para Aquiles procurar por consolo.

Ele foi até a cozinha, e conseguiu descolar algumas cervejas. Sem ninguém perceber, pegou uma garrafa de vinho e voltou para seu lugar, sob uma árvore que lhe lançava a sombra da inutilidade. A cada frase do ministro, ele dava um gole no vinho. Quando secou a garrafa, apelou para as cervejas.

E o ministro continuava falando.

Aquiles sentia a raiva ferver dentro dele. Sentia o furor por ter sido desprezado correr pelas suas veias de forma tão intensa que seria capaz de rasgá-las a qualquer instante. A bebida exercia um terrível efeito sobre ele, convencendo-o de que era um verme, um rato desprezível dentro de uma jaula. Uma figura sem esperanças, como Andreas vivia dizendo.

E enquanto isso, os ponteiros do relógio giravam. O mundo também girava. E Veraline se casava.

Quando tudo finalmente estava acabado, eles receberam a ordem de começar a música. Com notável dificuldade, Aquiles subiu ao palco e começou a tocar. Enquanto tocavam uma balada romântica, Aquiles fez um esforço adicional de não olhar para Veraline. Procurou concentrar seu olhar anuviado e lânguido na amiga Márcia que dançava com seu pai. Ela ainda não tinha namorado – sem namorado, bonita, e dançava muito bem. Por que Aquiles não se apaixonava por uma garota assim, algo mais próximo de sua realidade?

Intensas dúvidas costumam requerer um auxílio. Por isso, entre uma música e outra, com muito esforço, Aquiles pegava um copo de uísque dos garçons que iam para lá e para cá.

Ele voltava para o palco, e tentava se concentrar em sua guitarra. No entanto, invariavelmente, seus olhos debilitados eram atraídos pela figura de Veraline. Enquanto a observava, ele dizia para si mesmo: *Isso não vai acabar bem.*

E a profecia começou a se cumprir no momento em que Aquiles começou a tocar completamente fora do tom. Os dedos não mais se sujeitavam à sua vontade, os ouvidos não mais prestavam atenção ao que seus companheiros tocavam. Os braços não queriam simplesmente segurar a guitarra – eles queriam arremessá-la para longe. Observando Veraline e Marcos cochichando, carinhosamente, no meio do gramado, a raiva e o desprezo combinaram-se em uma estranha química em suas veias. E o resultado não poderia ser pior.

Aquiles, num bom e velho estilo Kurt Cobain, parou de tocar e começou a golpear tudo o que estivesse ao seu alcance com sua guitarra e seus pés. Primeiro atingiu, violentamente, o amplificador, o que provocou um agudo ruído que fez com que muitos levassem as mãos aos ouvidos. Ele voltou a golpear o amplificador uma segunda e uma terceira vez – danos irreparáveis no bom Marshall. O próximo alvo foi a bateria. Fábio, percebendo que o amigo não estava nos melhores dos seus dias, tratou de sair de perto quando Aquiles voou com os dois pés sobre a bateria.

Quando se levantou, os braços cortados e sangrando, percebeu que uma nuvem de silêncio pousara sobre toda a festa. Ele olhou ao redor. Todos, sem exceção, o observavam, tremendamente assustados. Aquiles deu um pequeno sorriso cínico e disse em voz alta:

- Eu avisei que isso não ia acabar bem.

E vomitou tudo o que havia bebido até então.

Houve três motivos pelos quais Aquiles não fora preso: não destruíra nenhum bem dos noivos; não ferira ninguém; e além disso, Heitor conversara por uma hora com o pai de Veraline. No final das

contas, Aquiles fora arrastado e jogado dentro do furgão, enquanto os demais da banda continuaram a apresentação.

Agora estavam todos dentro do furgão, percorrendo os poucos quilômetros de estrada para chegar em casa. A única conversa que poderiam ter naquele momento era exatamente a que estavam tendo.

- Nos livramos de um idiota como Andreas, mas pelo visto, alguém pior acabou ficando com a gente – resmungava, Rodrigo.

- Esse cego quase me acertou. – Até o Fábio estava irritado.

- Seus idiotas, vocês não sabem de nada. – A voz de Aquiles estava engrolada. – Agora sim a banda vai fazer sucesso. Nós agimos como rebeldes, e é isso o que a juventude gosta.

- Eles poderiam ter chamado a polícia.

- Que nada! Iam me prender por quê? Pela expressividade da arte?

Heitor, guiando, se manifestou:

- O que chama de arte, seu moleque? Destruição?

- Exatamente.

- Pois me deixe te dar um recado, Aquiles. Hoje foi a sua primeira e única manifestação desta espécie artística. Eu não quero mais ver este tipo de *arte* em nossas apresentações. Não quero este tipo de propaganda depreciativa. Temos talento. Não precisamos de um moleque exibicionista, metido a Hendrix, em nossa banda.

- É isso mesmo, seu *vesgo retardado* – arrematou, Rodrigo.

As últimas palavras de Rodrigo atingiram o âmago de sua honra. Ele passara a vida inteira ouvindo zombarias por causa de seu estrabismo e sempre se calara, mas aquela era a primeira vez que alguém lhe ofendia estando ele bêbado.

Ele tinha uma cicatriz imaginária e estava embriagado.

Tomado por uma fúria descontrolada, Aquiles foi para cima de Rodrigo agarrando-o pela camiseta e chacoalhando-o com violência.

- Não fale assim comigo, seu imbecil. Você não me conhece.

- Tire esse vesgo de cima de mim.

Antes que alguém pudesse apartar a briga, Aquiles sentiu o que restava de líquido em seu estômago começar a se revolver.

E, então, um arrote sonoro foi o prenúncio de uma verdadeira enxurrada de vômito quente que se derramou sobre a cabeça de Rodrigo.

CAPÍTULO 21

Andreas estava na casa de Elou. E estava boquiaberto.

Elou tinha uma coleção de dar inveja a qualquer miserável: cerca de 300 discos de vinil, além de vários K7s e CDs. A coleção abrangia nomes desde Erika Eigeen até Velvet Underground, de Bill Halley a Nick Cave.

A decoração era uma estranheza à parte. O quarto era todo pintado de um cinza escuro que tornava o ambiente sombrio. A maioria dos objetos ali era da cor preta. O próprio gabinete do computador e o monitor eram pretos, o violão e o violino eram pretos. As paredes estavam repletas de fotos de bandas góticas como The Cure, Jesus and Mary Chain, Echo and the Bunnymen, entre outras. E Elou não possuía uma única camiseta, calça ou tênis que não fossem pretos.

Neste momento, eles estavam lendo o que o jornal daquela manhã de sábado dizia num pequeno anúncio:

“A banda Os Aborrecidos iniciam esta semana uma turnê pelo sul do país na divulgação de seu álbum de lançamento.”

Elou dizia:

- Parece que eles vão longe.

Andreas concordou com a cabeça enquanto lia e relia aquela notícia. Parte dele estaria naquela turnê, enquanto ele era um moribundo desconhecido numa terra árida.

Onde estão minhas coisas? Onde é o meu lugar?

Injustiças à parte, Andreas ainda não conseguira se sentir arrependido de ter deixado a banda. Não poderia conviver com a ideia de que era uma marionete na mão dos porcos do comércio da música. Jamais conseguiria ser criativo se estivessem dizendo para ele, o tempo todo, *o que fazer e como fazer*.

Elou continuava dizendo:

- Mas, uma coisa é verdade, Andreas: eles acabaram com suas músicas. Você se lembra que eu te disse que, se vocês fossem para a Inglaterra, fariam sucesso. O circuito alternativo inglês é muito rico em comparação com o Brasil. Dá para viver muito bem com música alternativa na Inglaterra se você não for tão ganancioso. Em qualquer lugar da Europa, pra te dizer a verdade. Mas acho que o tal de Chris tinha razão: o público gostou das músicas que vocês fizeram porque era de graça. Agora para comprar os discos e pagar para ver os shows, aí acho que as coisas podem mudar.

- Se for assim, prefiro ir embora para a Inglaterra. Os arranjos que eles fizeram ficaram horríveis. – Andreas conseguira um CD dos Aborrecidos com Aquiles. – Todas as músicas são

exatamente iguais. As batidas são as mesmas, o vocal é o mesmo, as distorções são as mesmas, tudo igual. Quinze faixas praticamente idênticas. Como puderam ser tão idiotas?

- Para um primeiro disco, talvez consigam conquistar um bom público. Mas os fãs vão se tornando cada vez mais exigentes. A cada disco lançado, o público quer algo melhor executado. Quero ver como vão se sair com o segundo, terceiro disco...

Andreas suspirou, desconsolado.

- Mas vamos deixar esses Aborrecidos de lado, Elou, senão esta minha noite será insuportável. Me mostre alguma coisa diferente que você tem.

- Vamos ver. - Elou foi até seu santuário de discos e começou a revirar em busca de algo novo. - Você quer algo mais para inovador?

- O máximo possível.

- Tenho algo aqui que acho que você vai gostar. - Ele pegou um CD. - Chama-se dEUS.

- É nacional?

- Belga. Uns caras meio doidos que misturam os sons mais ambíguos que você já viu na década de 90. - Ele colocou a primeira faixa. - Este é o segundo álbum deles. Se chama Worst Case Scenario. É do ano passado.

A introdução já dizia tudo. A estranheza era a melhor palavra para definir aquela curta música de vinte e três segundos com a voz branda da cantora Fernandez. Quando Andreas estava se acostumando a canção, Suds and Soda entrou com um acorde único de violino logo interpolado por dois acordes de uma guitarra Fender Rhodes. A voz do vocalista não era nada de tão extraordinário; pouco expressiva, por sinal, mas o *backing vocal* era um espetáculo a parte. Andreas percebia uma angústia agressiva enquanto este gritava "Friday" cento e cinquenta e nove vezes no decorrer da canção, segundo a informação de Elou.

As próximas músicas foram ouvidas com grande interesse por parte de Andreas. Ele gostou da estranheza da banda embora achasse que, se tivesse tecnologia e pessoal, conseguiria fazer algo melhor.

- Achei interessante.

- Vamos esperar para ver se eles conseguem conquistar fama com essas músicas.

- Elas devem ser difíceis de digerir para a maioria das pessoas, mas acho que, com um pouco de perseverança, eles podem ir muito longe.

Elou olhou nos olhos de Andreas, e perguntou:

- E você? Para onde irá?

Andreas hesitou. Como responder àquela pergunta se nem ele sequer sabia a resposta? Como poderia encarar o futuro distante e gélido se seu presente era uma masmorra, na qual estava sozinho e distante de todos? Como pensar em ser alguém quando não se é nada? Ou quando se é apenas a caça? Para onde ir? Para onde fugir?

- Eu não sei. Pensei em montar uma banda, mas acho que perdi as forças.

- Quê quer dizer com isso?

- Terei de começar tudo do zero. Levei anos para conseguir ter uma banda. E só de pensar que poderei passar mais outros anos a procura de novos integrantes, deixa-me desanimado. Olhe para mim: já estou com dezoito anos. A maioria dos astros de rock já estava na estrada com minha idade.

- Não exagere. Você pode citar dezenas de exemplos de caras que fizeram sucesso antes dos dezoito e eu te darei centenas que fizeram com bem mais de vinte.

- Os que fizeram com mais de vinte tinham uma medida de perseverança exata para lutar até então. Acho que eu não teria.

- Ao menos tente, então. Desista durante a caminhada, não antes de iniciá-la. Você já me disse o quanto a música é importante para você. Eu sei disso. Sei o que a música pode fazer com nossas vidas. É por isso que tenho *isto* aqui no meu espelho.

Elou foi até o espelho no seu quarto e apontou para um pequeno papel preso no canto superior. Andreas foi até lá e leu o que estava escrito:

Elou disse:

- Lou Reed disse isso. E você sabe, melhor do que ninguém, que ele tinha razão.

Andreas concordou com a cabeça. Não havia como negar a importância da música em sua vida. Mas havia outros problemas.

- Para levar meus planos adiante, eu precisaria de alguém que me entendesse. Foi um golpe de muita sorte encontrar Aquiles e agora acho difícil encontrar alguém que me complete, musicalmente, tão bem quanto ele.

- Antes de você conhecê-lo talvez tivesse a mesma idéia. Mas o que aconteceu? De uma hora para outra, você encontra um loirinho invocado, tem umas brigas com ele, e de repente, encontra o grande parceiro musical que queria. Quando você poderia imaginar que algo destas proporções

pudesse acontecer, e exatamente desta maneira? Quero dizer com isso que, tudo é resolvido no seu devido tempo.

Andreas começou a ficar pensativo. Elou perguntou no que ele estava pensando, mas Andreas nada respondeu. Depois de um tempo, acabou falando:

- Você!

- O que é que tem *eu*?

- Você pode ser o cara que estou procurando.

- Ah, qual é a sua, Andreas? Presta atenção, cara. Eu não sou letrista, nunca fui e nunca vou ser.

- Pode não ser um letrista, mas entende muito de música. Conhece muitos sons, tem bom gosto – estou precisando de um cara assim.

- Sem chance. Não levo jeito pro negócio.

- Você nunca tentou.

- Eu já falei para você que prefiro ficar nos bastidores. Ser um produtor musical, um engenheiro de som, essas coisas. Acho meio louco esse negócio de ir pra frente do palco e tocar para a multidão.

- Você não faz idéia do que corre em suas veias quando a galera grita, Elou. É a sensação mais maravilhosa que já senti em minha vida. Se você experimentasse uma única vez, tenho certeza de que viciaria.

- Não sei, não.

- Vamos lá, Elou. Dê uma chance pra nós. Você contribuiria demais para a banda. Daí a gente só precisaria encontrar um guitarrista e um baterista, e estamos feitos.

Elou balançava a cabeça de forma negativa. Era um teimoso mesmo. Não tanto quanto Andreas que aporrinhou o careca durante quinze minutos, até que Elou cedeu, tamanho cansaço:

- Tá bom, Andreas. Tá bom. Você venceu. Você enche o saco mesmo, hein?

- Isso significa que você está dentro?

- É, acho que estou dentro. Pode crer.

Depois de vários meses, Andreas voltou a sorrir.

CAPÍTULO 22

“A música é a única coisa que nos impede de ficar loucos” - Lou Reed.

À medida que o ano de 1995 avançava, Os Aborrecidos conseguiam ter uma participação mais relevante na mídia. Algumas notas em jornais, bem como duas músicas nas rádios promoviam a banda. Cogitava-se a gravação de um videoclipe para promoção na MTV. E desta forma, os Aborrecidos já conseguiam um público significativo. Participavam de festivais de rock, além de ter sua própria agenda de shows.

Quanto à Aquiles, não havia um único dia em que ele não bebia. O incidente no casamento de Veraline fora o prenúncio de uma nova rotina. Especialmente em dias de show, começava a beber no início da tarde, avançando entre copos e latinhas até a madrugada. E sempre tocava bêbado.

Aquiles era um espetáculo à parte. Ficava o show inteiro cambaleando pelo palco. Nos intervalos das músicas, enquanto os demais integrantes da banda tomavam água, Aquiles entornava garrafas de cerveja. Algumas vezes, tomava uísque. Os shows, que atingiam uma média de público de duas mil pessoas, eram uma palhaçada. Um jornalista que cobrira uma apresentação dos Aborrecidos em São Paulo escrevera:

“Aquiles Lucká é o roqueiro mais estranho desta banda que surge no cenário musical. Ele é feio, bagunceiro e imprevisível”.

E como era! Em uma ocasião, ele ficara quase o show inteiro bem na frente do palco, colocando-se entre o público e o vocalista Rodrigo, impedindo que este fosse visto. Em outras ocasiões, corria todo o palco, de um lado para outro, como Axl Rose. Na maioria das vezes, tropeçava e caía. O público gritava e aplaudia. Quando Aquiles via as multidões aplaudindo suas proezas, ele dava uns sorrisinhos bobos, e tanto mais aprontava. Tirara as roupas no palco em duas ocasiões, passando uma noite na cadeia por causa disso. E vomitara sobre o microfone numa ocasião em que fazia o *backing vocal*. Além disso, dava muitos prejuízos: já havia quebrado alguns equipamentos em várias apresentações, especialmente no final destas, após a execução da última nota.

Por isso, a banda tomara medidas para proteger os equipamentos. Seguranças eram contratados para controlar Aquiles. Quando o show estava para acabar, os seguranças se posicionavam. No último acorde soado, as luzes se apagavam e os seguranças entravam correndo no palco, agarravam Aquiles e arrastavam-no para fora. Ninguém via nada. E nem ouvia Aquiles gritando como um condenado, com sua voz mole, para que o soltassem. Quando as luzes voltavam a acender, e a

banda vinha para a frente para agradecer ao público, Aquiles, *misteriosamente*, nunca estava presente.

Rodrigo parecia traumatizado. Toda vez que começavam um show, Rodrigo dividia seus olhares entre o público e Aquiles, receoso de que começasse a aprontar. E sempre aprontava.

Aquiles ouvia ameaças diárias de Heitor e dos demais integrantes da banda: se continuasse se comportando daquela maneira, seria expulso dos Aborrecidos. Aquiles prometia corresponder às expectativas... até que chegava o show seguinte. Isso se repetia por meses. Os Aborrecidos estavam se tornando cada vez mais conhecidos, ganhando novos fãs. No entanto, embora não admitissem, todos percebiam que a performance de Aquiles nos palcos era o grande marketing deles. E por isso, a paciência de todos para com suas diabruras fora longa. Mas estava se esgotando.

E aquela noite seria a gota final.

O show era em Porto Alegre. O local devia estar com mais de 3 mil pessoas. Todos os Aborrecidos estavam nos bastidores, respirando fundo, outros rezando, para que tudo desse certo. Aquiles, porém, bebia... escondido. Dizia que ia no banheiro, e lá dentro tirava uma garrafinha de uísque do bolso. Depois da terceira ida ao banheiro, suas pernas começaram a se embaralhar.

- Você está bebendo de novo, não é? – perguntou, Rodrigo, ameaçador. – Se aprontar alguma esta noite eu acabo com você. Este parece ser o nosso maior público desde que lançamos o disco.

- Quem falou em “beber”? – perguntou, a voz engrolada. – Você não sabe nada.

- Se dê por avisado.

- Deixa comigo.

Quando entraram no palco, Aquiles admirou-se da multidão. A gritaria foi muito grande. O público gritava: “*Aborrecidos, Aborrecidos*”, incansavelmente. Aquiles, imediatamente, arrancou a camiseta, expondo o peito branco e desprovido de pelos, e jogou para o público. Rodrigo, olhou assustado para ele, talvez temendo que Aquiles começasse a se despir por completo.

Logo eles começaram a tocar. A mente embriagada e inconstante de Aquiles vagava entre a música, Veraline e Andreas. Isto fazia com que se sentisse furioso com relação a Veraline, e um traidor em relação a Andreas. Na tentativa de afastar tais pensamentos de sua mente, ele parou de tocar, sentou-se no palco e começou a beber de sua pequenina garrafa de uísque. Os outros integrantes continuaram tocando enquanto ele bebia, tranquilamente. Rodrigo lançou-lhe um olhar fulminante. O público por sua vez, começou a gritar: “*Aquiles! Aquiles! Aquiles!*” Depois de alguns instantes, ele guardou a garrafinha no bolso da calça, levantou-se e começou a correr de um lado para outro do palco. Quando se cansou, tentou tocar.

Mas, a embriaguez não o deixava pensar direito, e ele começou a errar os acordes. De repente, sentiu uma intensa vontade de ir embora dali. Quisera fazer parte de uma banda, mas não da forma como as coisas estavam acontecendo. Ele queria começar tudo de novo, junto com Andreas. Talvez as coisas fizessem mais sentido. E se conseguisse esquecer Veraline, então, tudo se tornaria mais fácil.

Enquanto Rodrigo cantava os versos de uma canção, Aquiles gritou no microfone:

- Vocês querem rock?

Rodrigo tentou ignorá-lo e continuou cantando.

Aquiles parou de tocar e gritou novamente:

- Vocês querem rock?

Rodrigo olhou novamente para Aquiles de forma ameaçadora. Fez um sinal de que o guitarrista seria cortado da banda por causa daquilo. Aquiles sentiu sua raiva crescer. Se não bastasse as coisas pelas quais estava passando, ainda precisava tolerar aquele cara policiando cada ato seu. Ele estava decidido a mostrar que Rodrigo não lhe metia medo algum.

Rodrigo tentava disfarçar a preocupação que sentia. Querida dar o seu melhor. Era o vocalista e líder dos Aborrecidos, mas Aquiles não o deixava cumprir suas responsabilidades. Ele precisava vigiar o guitarrista o tempo inteiro, e isto prejudicava o seu desempenho no palco.

Depois da interrupção de Aquiles, que ficava gritando no microfone: "*Vocês querem rock?*" no meio da canção, Rodrigo tentou se concentrar no que estava cantando. Fechou os olhos e começou a cantar com o máximo de sentimento possível. Não era um vocalista tão bom quanto Andreas, mas era o vocalista daquela banda e tinha de agir conforme tal. No meio da música, porém, sentiu suas pernas começarem a se aquecer. Uma estranha mornidão. A sensação acompanhante foi a de que suas pernas estavam úmidas. Foi quando o público começou a gritar, extasiado. Rodrigo abriu os olhos e, instintivamente, olhou para trás.

Mal pôde acreditar no que viu.

Aquiles estava mijando em suas pernas.

A notícia da saída de Aquiles dos Aborrecidos foi recebida com ceticismo pela crítica e revolta pelos fãs. Aquiles era a figura que dava vida à banda. Com sua maneira imprevisível de agir, uma tendência nata ao escândalo, ele conquistara a admiração de muitos, embora a banda estivesse apenas começando a trilhar o caminho do sucesso. Sem ele, segundo alguns críticos, a banda perderia a identidade.

E então, os Aborrecidos voltaram à sua formação original: Rodrigo, Rogério, Eduardo e Fábio.

Até onde Os Aborrecidos conseguiriam ir desta maneira?

A notícia de sua saída fora um pouco controversa. A versão inicial feita por um jornal explicava que Aquiles decidira sair da banda. Mas a versão correta foi dada pela MTV, uma semana depois. Aquiles fora entrevistado e explicara todo o ocorrido.

- Fui expulso da banda – explicara. – Fui expulso porque mijeji no vocalista.

- Infelizmente, não temos registro em vídeo deste show – dissera o VJ com um sorriso, parecendo se divertir com a história. – Do contrário, tais imagens seriam guardadas para a posteridade. E seriam repetidas tão exaustivamente que acredito que até meus netos as veriam. Mas o que levou você a isso?

- Eu estava bêbado.

- Costuma urinar nos outros nessas ocasiões?

- Não. Essa foi a primeira vez.

- E como você encarou a sua expulsão?

- Acho que necessária. De verdade. Não estava me sentindo muito bem desde que Andreas deixou a banda.

- Andreas...?

- O antigo vocalista, antes de gravarmos este álbum. Sem ele, Os Aborrecidos não são mais os mesmos. O clima estava muito ruim, e eu ia acabar saindo mesmo.

- E o que Aquiles Lucká fará de agora em diante?

Aquiles pensara muito antes de responder:

- Acompanhar a queda inevitável dos Aborrecidos.

O Imprevisível sabia chamar a atenção.

Aquiles estava de volta ao colégio. Suas notas não eram nada boas, devido a tantas faltas acumuladas nos últimos meses. Recuperar as matérias perdidas no último ano na escola seria um processo longo e exaustivo.

Neste momento, ele estava na entrada do colégio. Uma pequena multidão de alunos se formara em sua volta. Era o momento de celebridade. Seu nome saíra no jornal da cidade, sua entrevista fora ao ar na MTV, e ele tocara para milhares de pessoas. Tais proezas despertavam a curiosidade e admiração de alguns. Os alunos lhe estendiam a mão em cumprimento, lhe davam palmadas amigáveis nas costas e chegavam pedir autógrafo.

Mas ele estava bem consciente da realidade. Os Aborrecidos continuavam na estrada; ele, não. Em pouco tempo, todos se esqueceriam de Aquiles. Seria uma celebridade por alguns poucos meses, no máximo. E depois voltaria ao anonimato, como que puxado pelas ondas de um mar violento e impiedoso. Voltaria a ser o vesgo lerdo. O rapaz de 20 anos que nunca namorara. O alvo de risadas distantes.

Mas por enquanto, ele aproveitava seus 15 minutos de fama. Foi quando Márcia surgiu, sorrindo.

- Olá, garoto. Como você está?

- Oi, Márcia. Há quanto tempo!

- Faz tempo mesmo. Agora que virou famoso, se esqueceu dos amigos.

- Quem disse que esqueci?

- Pois parece – disse, sorrindo. - Mas que coisa chata isso, né? Te expulsaram da banda.

Você parecia feliz lá dentro.

- Nem tanto, Márcia. Nem tanto.

- Mas você está bem, mesmo?

- Estou. E você?

- Também.

De repente, Aquiles pensou na possibilidade de convidá-la para o baile do final de ano. Ainda faltavam alguns meses, é verdade. Mas ele precisava tomar alguma atitude, antes que algum esperto fosse mais rápido. Além do mais, sua pequena fama lhe dava uma certa confiança que não era característica comum de sua personalidade. E ele sabia que as garotas gostam de caras confiantes.

Por isso, foi perguntando:

- E os planos para o baile?

- Que baile? Da escola?

- Sim.

- Nem a escola começou a fazer planos pro baile – disse, rindo. - Por que eu faria?

- De repente porque já tenha alguém interessado em te levar.

Ela sorriu mais intensamente.

- Hum... Isso foi um convite?

- Isso foi um “sim”?

- Depende. Foi um convite?

- Depende. Foi um “sim”?

Ela se aproximou dele.

- Amanhã te digo se isso foi um sim.

Ela se afastou, e Aquiles disse para si mesmo, satisfeito: “*Ela aceitou.*”

Nesse momento, Aquiles divisou duas figuras sinistras se aproximando, parecendo saídas de um conto de terror: Andreas e Elou – a nova dupla dinâmica.

- E aí?

- Grande Aquiles. Como vai, cara?

- Sobrevivendo.

- Qual a sensação de ser uma estrela?

- Tem seus prós e contras, como tudo na vida. Mas a gente sabe que isso não dura muito.

- É verdade aquela história? Você... *mijou* no Rodrigo?

- Com certeza.

Andreas deu uma gargalhada de dar gosto.

- Cara, estou te devendo essa. Eu precisava ter visto isso. Se tivessem filmado, seria a mais famosa cena do rock ‘n roll.

- Vou ser mais cuidadoso da próxima vez. Só apronto diante das câmeras.

- E por falar nisso, quais são os planos pro futuro?

- Voltar a rotina.

No fundo, não era isso o que ele esperava. Aquiles provara o gosto de estar em um palco, e gostaria de desfrutar aquela sensação novamente.

- Isso me dá medo, Aquiles.

- A mim também.

Elou acrescentou:

- Lou Reed disse uma vez: “*A música é a única coisa que nos impede de ficar loucos*”. Fica a dica.

- Mas, o que fazer, então? - perguntou Aquiles.

Andreas olhou para Elou.

- Que acha, Elou?

- Quando eu estava em Oxford, ouvi falar de cinco caras, uma banda iniciante que estava mandando bem. Daí, eu resolvi conferir. Quando eu ouvi os caras tocando, eu disse: “*Planeta Terra, se segure. Estes caras vão detonar*”. Duas semanas depois, saiu na rádio BBC que Prove Yourself era a melhor música da semana. Em seguida veio Creep, que foi eleita a melhor música alternativa de 1993. Estou dizendo a vocês que conheci o Radiohead no seu estágio embrionário. E

eu tinha certeza de que eles iriam longe. E estou dizendo isso agora, porque quando ouvi vocês tocarem a primeira vez, eu pensei comigo mesmo: “Planeta Terra, se segure. Porque estes caras *também* vão detonar”. Então meus amigos, se acharem que um cara esquisito que gosta de cemitérios é digno de confiança, ouçam o que estou tentando dizer.

Andreas olhou para Aquiles, sorrindo.

- E aí? Tem fôlego para começar do zero?

Aquiles mal se continha de tanta alegria.

- Pode contar com isso, cara.

- Isso significa novas regras: não vamos mais entrar em banda já montada. Já basta o que passamos nos Aborrecidos. Vamos literalmente começar do zero.

- É você quem manda, chefe. Só precisamos correr atrás de tecladista e baterista.

- Errado. Só um baterista.

- Ué, desistiu dos efeitos psicodélicos?

Andreas e Elou se entreolharam e riram.

- O mundo deu muitas voltas enquanto você se embriagava nos palcos, moleque. - Ele colocou a mão sobre o ombro do amigo gótico. - O Elou está com a gente.

CAPÍTULO 23

A nova banda foi formada em meados de 1995. Tinha Andreas no vocal e baixo, Aquiles na guitarra e Elou nos teclados. A bateria ficava por conta da tecnologia que Elou tinha em seus aparatos e sintetizador de alguns poucos milhares de dólares. Dava para disfarçar, embora ficasse devendo no quesito improvisação – fator determinante para diferenciar os verdadeiros músicos.

A banda ainda não tinha nome. Eles pensaram em mil opções, mas não chegaram a um consenso. O som seguiria a mesma vertente dos Aborrecidos enquanto um sexteto, com algumas diferenças notáveis. O conhecimento de Elou e a instrumentação que possuía dava outro impacto à criatividade de Andreas. Ele imaginava diversos sons e efeitos, e Elou ajustava os efeitos e *reverbs* no sintetizador. Assim, a criação e experimentação ganhavam asas.

Aquiles não ficava para trás. Depois de experimentar a sensação de ser um músico profissional, estava determinado a fazer carreira com a nova banda. E sob a tutela exigente de Andreas, seguia todo o cronograma de criação e ensaios.

Com relação às letras, Elou dera a ordem:

- Nada de músicas em português. O tipo de som que fazemos é para o público mundial. Vamos cantar somente em inglês.

E assim, sob esta nova regra, Aquiles escrevia e Elou traduzia.

O processo de composição, arranjos e ensaios se estendia. Andreas guiava todos com mão forte, e os resultados obtidos melhoravam a cada dia.

Mas nada afastava de sua mente a necessidade de terem um bom baterista. Lembrou-se de Fábio. Havia uma conexão interessante entre eles. Uma essência química que, de certa forma, os unia criativamente. Andreas descobriu-se perguntando se haveria uma possibilidade, ainda que remota, de Fábio abandonar os Aborrecidos e passar a integrar uma banda desconhecida, sem nome, e mantida por 3 figuras estranhas. Parecia pouco provável. Talvez se Fábio tivesse algum problema mental.

Os Aborrecidos seguiam sua carreira. Ainda estavam em turnê de estreia. No entanto, Andreas estava convencido de que o elo criativo existente na banda havia sido destruído. Ainda tinha bem vívido em sua memória a música “*Tô Nem Aí Com Você*”, a coisa mais grotesca e bizarra que ele ouvira em toda sua vida. Os Aborrecidos precisavam urgentemente de um compositor. Ou, então, de algum milagre. Andreas, um ser amargo sem saber ao certo seu lugar no universo, só conseguia torcer para que eles não conseguissem nenhum dos dois.

Fazia alguns dias que Fábio não apareceria na escola, devido às viagens com a banda. Ansioso como sempre, Andreas não aguardaria sua volta. Naquela noite, ele conseguira o telefone do hotel onde a banda estava hospedada, em Curitiba, e ligou para o amigo.

- Como está a agenda, cara?
- Temos show esse final de semana. Depois volto pra aí.
- E vai ficar aqui muito tempo?
- Não. Na quinta e sábado, temos show no interior de São Paulo.
- E a escola?
- Meio complicado. Mas tenho que correr atrás. Essas faltas detonam.
- Pois é.
- E está tudo certo por aí?
- Sim. O Aquiles que está com um problema de incontinência urinária, mas está se tratando.

– Andreas começou a rir.

- Nem me fale. Você não imagina como o negócio ficou tenso por conta daquilo.
- Acho que imagino sim. Mas, cá entre nós, o Aquiles tem personalidade.
- Ele é louco, isso sim.
- Mas, então. Está sabendo que a gente montou uma nova banda?
- Sério? – Fábio parecia genuinamente surpreso. – Você e o Aquiles?
- E o Elou, também.
- Pô, legal. Vocês têm talento. Acho que vão se dar bem.
- Mas ainda precisamos de um baterista.
- Espalha uns cartazes no colégio, na universidade.
- Você não está entendendo. Estou dizendo que precisamos de *você*.

Ele fez silêncio.

- Qual é, Andreas? Você sabe que não tem como.
- Por que não?
- Porque eu já tenho uma banda.

- Fábio, tente enxergar as coisas. Se não fosse por nós, Os Aborrecidos ainda estariam ensaiando uma vez por semana no Davi Mateus. Até onde acha que vocês conseguirão ir?

- Sei lá, cara.

- Os Aborrecidos não têm futuro. Quando o Rogério nos convidou para tocarmos com vocês, ele mesmo disse que a banda era um fracasso em todos os sentidos. Não há condições da banda ir muito longe.

- Mas eu não posso abandonar os caras.

- O Aquiles é o meu melhor amigo. No entanto, quando saí da banda, ele não veio atrás de mim. Isso não tem nada a ver com amizade. Para sobrevivermos com a música é inevitável: precisamos do sucesso. E Os Aborrecidos não têm condições de continuar fazendo sucesso.

- Não sei, não.

- Nós temos futuro. O Elou conhece muita gente da Inglaterra. Estamos compondo tudo em inglês. Este mercado alternativo é muito mais garantido para nós do que o mercado nacional para Os Aborrecidos.

- Pode ser. Mas, sair de uma banda com gravadora, em turnê, para uma banda que ainda está na garagem, me parece loucura.

Não havia como negar, ele tinha razão.

Andreas suspirou.

- Posso te dar um prazo, caso mude de ideia?

- Não vou mudar de ideia. Foi mal.

- Uma semana.

- Não precisa me dar prazo, Andreas. Não vou mudar de ideia.

- Uma semana, Fábio. Pense no que lhe disse.

- Mande um abraço para a galera. A gente se vê.

Eles desligaram.

—

Andreas vivia em uma espécie de dimensão paralela. Não conseguia se concentrar em nada. Durante as aulas, em vez de ouvir as explicações lógicas saírem da boca dos professores, tudo o que ele ouvia eram sons ininteligíveis. As pessoas a sua volta eram nada mais do que vultos. Tudo o que lhe rodeava não fazia sentido. A única coisa que lhe completava era a realidade que havia criado, um ambiente utópico onde ele era rei e senhor.

Andreas mergulhara fundo em sua banda sem nome. Estava confiante. Durante o tempo em que esteve nos Aborrecidos, sempre houve os fantasmas ameaçadores de Rodrigo e do pai dele para incomodá-lo. Mas agora era diferente. Ele tinha liberdade e inspiração para criar. Seus ideais ganhavam força no apoio que recebia de Aquiles e Elou. Eles tinham tudo para dar certo. Sonhar com o sucesso não era pensar alto demais. Esta era a sua dimensão. Talvez, no final das coisas, o mundo lá fora era a dimensão paralela.

Havia, de fato, motivos para sorrir.

Mas, então, de forma inexplicável como costuma acontecer, Andreas mergulhou em depressão. A mudança foi súbita. Ele caminhava pela rua se sentindo o rei do mundo. Alguns poucos segundos depois, foi sufocado por uma nuvem negra que lhe abateu furiosamente.

E de repente, caminhando pelas ruas – passos não direcionados –, se sentiu um estranho. Andreas, o anônimo. O deslocado. O inseguro. Sentia-se perdido no meio da multidão. Tudo o que ele queria era ter respostas e ser amado. Tudo o que ele queria era evaporar.

Pânico. Suor. Tom sinistro.

Tudo rodava, mais uma vez. Havia uma tensão no ar. Havia sons ininteligíveis ao seu redor. Medo e frio. Andreas, apunhalado. Os coelhos sempre são apunhalados na escuridão. E os vermes olham para a parede vazia e se perguntam se alguém quer afagar-lhe a cabeça.

Branca de Neve, e se seu príncipe for um psicopata?

A escuridão colocou a mão pesada sobre o ombro de Andreas. E sorriu para ele, um sorriso cínico. *“De que adianta chorar, filho? Você não vai durar muito tempo, mesmo”*.

E ele acreditou seriamente que aqueles seriam seus últimos minutos de vida.

Andreas ficou três dias afastado dos ensaios. Mergulhara fundo em um mundo sombrio onde não tinha vontade de tocar, comer ou respirar. Mas sabia que não podia se ausentar assim. O projeto “banda sem nome” precisava de sua liderança. Assim, ainda se arrastando, o lunático Andreas estava de volta.

Após seu retorno, eles começaram a procurar bateristas. Embora acreditasse que Fábio pudesse retornar seu telefonema, isso não aconteceu. Portanto, fizeram testes com 3 interessados, mas nenhum estava a altura do que Andreas exigia.

- Precisamos só de um baterista, não de um Charles Watts – reclamara Aquiles, irritado com a exigência de Andreas numa época em que precisavam tanto de um quarto integrante.

Andreas apenas encarou Aquiles com um olhar sinistro, psicótico; e o moleque calou a boca. Andreas não gostava de ser questionado. Ele acreditava ter a capacidade de olhar além do que o horizonte conseguia desenhar, e este era o fator determinante na hora de escolher um baterista. Não queria um quarto integrante que destoasse a musicalidade da banda, e que os levasse para o poço.

Falhar era um dos seus piores pesadelos.

- Já sabem quem vai tocar no baile este ano? – perguntou Elou aos amigos durante o intervalo das aulas.

Andreas nada respondeu. Na verdade, não havia dito uma palavra sequer nos últimos 5 minutos.

- Los Bonos e Buenos? - perguntou Aquiles.

- Sim.

- Como todos os malditos anos. Os Aborrecidos foram apenas uma interrupção momentânea no ciclo contínuo. - Aquiles deu uma pausa. - Há dois anos estávamos todos tensos e eufóricos. Nossa primeira apresentação ao vivo.

- E se deram bem? – perguntou Elou.

- Foi um sucesso, cara. Aquele dia mudou nossas vidas. Daí, a gente começou a ser convidado para tocar em vários lugares, a Atlantic City se interessou... – Ele suspirou, desanimado. – Até que voltamos à estaca zero.

Subitamente, o morto-vivo abriu a boca e, parecendo querer mudar de assunto, perguntou:

- Você vai vir ao baile, Elou?

- Claro. Acha que vou ficar fora dessa? E você não vai?

Andreas deu uma risadinha nervosa.

- Eu e o Aquiles sempre ficamos de fora. As garotas não têm interesse em nossa companhia. Aquiles ficou um pouco sem graça.

- Dessa vez não, cara. Eu convidei a Márcia para o baile e ... e ela aceitou.

Andreas observou Aquiles, surpreso.

- Sério?

- É sério.

- Bom para você, cara.

O que será esta expressão absurdamente melancólica no semblante do coelho abandonado?

No último baile que eles poderiam participar, já que estavam concluindo o terceiro colegial, Aquiles conseguira uma garota para acompanhar. Uma despedida e tanto! Andreas nem fazia ideia de que Aquiles estivera cogitando a possibilidade de convidá-la. E nem imaginaria que ela seria capaz de aceitar.

Andreas se lembrava de que eles costumavam dizer que, se um dia conseguissem levar uma garota para o baile, o mundo acabaria no mesmo instante. Mas Aquiles conseguira. E o mundo não dava sinais de que acabaria. Quem poderia conceber uma coisa dessas?

A lembrança fere sua alma, verme rejeitado. Você é a bola da vez.

Quando o baile iniciasse, Aquiles e Elou estariam dançando com belas garotas. Fábio, que estava em turnê, estaria tocando com Os Aborrecidos em alguma cidade do interior.

E, no mesmo segundo, Andreas mofaria em seu quarto, olhando-se no espelho e perguntando, invariavelmente:

- Deus, que fez comigo?

E, finalmente, o dia do baile chegou – mais rápido do que ele poderia imaginar. A noite derramava seu véu sobre os casais animados, a medida que chegavam ao grande evento. Sorrisos eram a marca registrada de cada um que ali comparecia. Alegria, satisfação, contentamento. Era o que seus rostos pareciam dizer.

Em uma distância segura, sem ser visto por ninguém, um vulto observava a movimentação. Era Andreas. Poderia ter ficado em casa, mas sua vocação para sofrer o levou até lá. Ele observava todos entrando no colégio, um a um. A cada casal sorridente recém-chegado, as nuvens tornavam-se mais densas sobre aquele corpo cansado. Foi dali que pode divisar Elou e Aquiles chegando, cada qual com seu respectivo par. Como não poderia deixar de ser, os dois amigos também sorriam.

E o vulto sombrio era apenas uma máscara de angústia e dor. A solidão o castigava – uma arma mortal que lhe perfurava o coração. O medo lhe aflagava a pele, e penetrava em sua corrente sanguínea.

Andreas gostaria de chorar. Dar vazão aos seus sentimentos. Talvez se sentisse melhor. Não era o que costumavam dizer? No entanto, ele simplesmente não conseguia. As lágrimas se recusavam a sair. Por mais que abrisse as comportas do seu peito angustiado, o choro parecia petrificado em seu coração. No final das contas, talvez um homem frio e insensível seja tudo o que tenha restado.

Neste instante, alguém se aproximou por trás de Andreas.

Uma voz familiar lhe perguntou:

- Está planejando algum atentado terrorista?

Andreas se virou e custou a acreditar no que viu.

Era Fábio.

CAPÍTULO 24

Aquele seria o último baile do colégio ao qual Veraline estaria presente. Por isso, ela estava decidida a arrasar.

Quando ela chegou, o pátio do colégio estava cheio. Veraline gostava de ser uma das últimas a entrar em qualquer ambiente – assim, o número de pessoas admirando-a simultaneamente seria muito maior. E não havia como não admirá-la. A cada dia, ela estava mais bonita. E o vestido que usava nesta noite rotulava Veraline como a grande atração do baile.

O casamento de Veraline, ainda nos estágios iniciais dos primeiros meses, já emitia sinais de problemas. O fato de ter perdido Marcos uma vez criou em seu íntimo uma desgastante sensação de insegurança. Se ele deixava de ser carinhoso por um dia, ela desconfiava de alguma traição. Não havia o benefício da dúvida. Para todos os efeitos, Marcos era culpado. Somado à sua insegurança, havia o famigerado ciúmes. Na maioria das vezes, isto resultava em discussões.

E quem conhecesse intimamente o casal, podia perceber que naquela noite eles não estavam bem.

Ela entrou de braços dados com Marcos. Mas logo ele se afastou para cumprimentar alguns conhecidos. Ela se sentiu ultrajada com aquilo, mas decidiu não protestar.

Uma das amigas de Veraline desde a quinta série, Cristiane, se aproximou.

- Você está linda, hoje, Vera.

- Eu sabia – respondeu, brincando.

- Marcos também está ótimo.

- Eu também sabia. – Desta vez, havia pulsos e tons enciumados em sua voz. - Onde está seu par?

Cristiane apontou para a multidão.

- Está perdido no meio de toda esta gente. Esses rapazes não sabem tratar uma garota. São tão formais e educados na hora de nos convidar para o baile, e quando chegam aqui, nos largam num canto qualquer para ficar batendo papo com os amigos que veem todos os dias.

- A Flávia e a Márcia já chegaram?

- Já. E por falar nisso: você se lembra que a Márcia estava fazendo um mistério para revelar quem era o par dela?

- Sim.

- Você não vai acreditar.

- Quem é?

- Uma dica: é feio e esquisito.

- Hum... Andreas???

- Não. Outra dica: ele é famosinho.

- Você está brincando? O Aquiles?

- Dá para acreditar, menina?

- Qual é o problema da Márcia? Foi só o cara aparecer na TV e ela cai matando? O idiota não passa de um bêbado. O que deu nela?

- Eu sei lá. Gosto não se discute.

- *Mal gosto*, você quer dizer. Espero que Marcos não trombe com o Aquiles por aí. Não sei o que poderia acontecer.

- Mais confusão.

- Deus me livre!

- Que Ele *nos* livre. Bem, vou ver se acho meu par. A gente se vê. - Dizendo isso, ela se afastou e mergulhou na multidão.

Logo todos os pares estavam dançando. Veraline não queria passar por qualquer vexame ao ser ignorada pelo próprio marido em público. Assim, tratou de agarrar a mão de Marcos e arrastá-lo para o centro do salão. Enquanto todos os casais conversavam entre si, desfrutando do momento, Veraline e Marcos compartilhavam um angustiante silêncio. Ela preferiria conversar com ele, era verdade, mas seu orgulho a impedia. Assim, esperava ansiosamente por uma iniciativa dele.

Os minutos passavam e logo Marcos se manifestou, mas não da forma como ela esperava.

- Cansei. Vou ao banheiro e já volto. – E saiu.

Veraline teve a sensação assustadora de que estava perdendo Marcos, mais uma vez. Poderia evitar isso, talvez. Precisa de uma medida emergencial. E ela imaginava o que deveria fazer para tê-lo de volta. Talvez se deixasse o orgulho de lado. Talvez se voltasse ao seu estado de ânimo anterior, a Veraline amorosa, sempre prestativa. Ela sabia que com essas coisas do coração não se pode brincar. Por isso, precisava tomar uma decisão rápida.

Ela ficou caminhando pelo salão observando toda a decoração e todas as pessoas que ali estavam. Conhecia cada um daqueles rostos e todos aqueles rostos a conheciam ainda melhor. Se lembrava de quando conhecera aquelas pessoas quando viera do Rio. Na época, estava com apenas 12 anos, mas se lembrava de que fizera o maior sucesso quando começara a estudar ali. Fora nesta época que conhecera Marcos e se apaixonara. O tempo passara, mas sua história estava apenas começando. Ela tinha muitos sonhos e muitos planos. E a vitória sempre seria o seu alvo final.

Veraline sempre vence.

Neste momento, ela divisou Marcos no corredor que conduzia ao banheiro. Ele estava falando com Cristiane. Se isto já representava um certo problema, pior ainda era a proximidade dos dois ao conversarem. Veraline aproximou-se sem ser notada. Era óbvio. Estava no olhar de ambos: Marcos flertava Cristiane, e ela parecia gostar muito da situação. O olhar da amiga parecia dizer: *“Sim, eu te quero. Dane-se Veraline. Ela nunca significou nada para você e muito menos para mim.”* A raiva começou a pulsar as artérias de Veraline. Seu estômago queimava. Se Marcos não sabia se comportar, se ele agia para fazê-la sentir-se mal, ultrajada e traída, ela lhe daria uma resposta na mesma moeda.

Veraline saiu dali e começou a percorrer o pátio, olhando para todos os lados, procurando. Sua procura demorou menos de um minuto. Logo observou sua amiga Márcia dançando com Aquiles. Ele parecia estar sóbrio, pelo menos.

Veraline aproximou-se.

- Oi, Márcia.

- Oi, Vera. Não tinha te visto hoje.

Que mentira, pensou Veraline. Todos me viram.

- Você está muito bonita.

- Ah, obrigada, Vera. Você está linda, também.

Ela lançou um rápido olhar para Aquiles. Ele parecia hipnotizado com a refulgente beleza dela. Ele era realmente um homem apaixonado. Veraline conhecia muitos homens que a amavam, mas iguais a Aquiles parecia não haver nenhum.

- Posso te pedir um favor, Márcia?

- Claro.

- Posso dançar esta música com o Aquiles?

Se fosse uma competição para ver qual dos dois demonstraria maior surpresa, teria dado empate. Os dois pareciam a ponto de sofrer um ataque cardíaco. Márcia gaguejou alguma coisa que não foi possível compreender.

- Vamos lá, Márcia, qual é o problema? Eu não vou roubar seu namorado.

- Ele não é meu namorado. Somos amigos.

- Então eu não vou roubar o seu *amigo*. – Ela virou-se para perguntar para Aquiles. – Você se incomodaria de dançar comigo?

- Eu ... eu ...

- Pois bem. – E virou-se para a amiga. – E então?

- Tudo bem.. sem problemas.

Márcia se afastou e Veraline juntou seu corpo ao de Aquiles. Ele estava paralisado, o corpo todo rígido, quase sem movimento. Veraline sabia agora o que significava dançar com uma estátua. O moleque mal respirava.

- Procure relaxar – disse ela.

Abraçada a ele, Veraline não pode deixar de compará-lo a Marcos. Seu marido era alto, bonito e forte. Mas ao dançar com Aquiles, ela sentia os ossos da costela dele machucando seu corpo. E ver aquele sujeitinho vesgo de perto era ainda mais assustador. Por que ele não passava uma navalha naquele bigodinho ridículo que o deixava com cara de idiota? Veraline deu graças a Deus quando percebeu que Aquiles não tinha mau hálito, quando ele disse:

- Você ... está bem?

- Estou. E você?

- Preciso de alguns minutos para ... responder.

Ela sorriu.

Veraline se lembrava da época em que tinha medo de Aquiles, de quando achava que ele era um psicopata, alguém que representasse perigo. Mas tal impressão estava mudando. Ela percebia que Aquiles não passava de um garotinho feio e tímido, com grande dificuldade em se relacionar com outros.

Ela percebia Aquiles apertando seu corpo contra o dela. Parecia querer senti-la mais de perto, como se ainda não acreditasse que aquilo estivesse acontecendo. Queria se certificar de que ela era real.

E foi então que Aquiles perguntou:

- E ... seu marido?

- Não se preocupe com meu marido.

- Como não? Ele é maior do que eu.

- Mas você já teve coragem de enfrentá-lo uma vez, lembra? Mas se isso te deixa mais tranquilo, acho que ele não vai se incomodar.

- *Acha?* Quer dizer que ele não sabe que estamos ... dançando?

- Não. Por que deveria?

- E você acha isso certo?

- Tente não pensar em termos de certo e errado. Apenas desfrute o momento.

- Eu poderia desfrutar o momento se você tivesse aceitado ... – Ele hesitou.

- Aceitado o quê?

- Me aceitado quando quis cuidar de você.

- Não preciso que ninguém cuide de mim.
- Ainda assim, isto não está certo.
- O que não está certo, Aquiles? – Ela perguntou com irritação.

Ele desvencilhou-se dela.

Olhou bem dentro dos olhos de Veraline, antes de arrematar:

- Volte para seu marido.

Aquiles deu-lhe as costas e foi embora.

Ela ficou ali, parada, saboreando o gosto da rejeição. O homem mais bonito do baile, seu marido, estava flertando com sua amiga. E o homem mais feio recusara-se a dançar com ela, agindo com uma dignidade e respeito desprezíveis.

Veraline observou Aquiles indo em direção à Márcia, enquanto se sentia a pessoa mais repulsiva dentro daquele salão.

CAPÍTULO 25

Todo o universo pode mudar da noite para o dia – com a única condição de que este dia seja 3 de Dezembro de 1995

Ele estivera mergulhado entre cinzas e pó, isolado, sozinho, apenas uma figura soturna próxima ao colégio, a medida que os alunos chegavam para o grande baile (que de “grande”, não tinha nada).

O súbito surgimento de Fábio, que deveria estar em turnê, foi uma visita realmente surpresa. Mais surpreendente ainda era a razão dele estar ali, e não viajando com a banda.

Dias atrás, ele cometera o erro de comentar com os integrantes dos Aborrecidos sobre o convite que recebera de Andreas. A partir deste dia, Rodrigo começou a persegui-lo. Cobranças, ameaças, desconfianças – um resumo da convivência com o pequeno ditador “aborrecido”.

A princípio, Fábio, sempre calmo, ignorara. Mas Rodrigo parecia precisar de alguém para perseguir. Andreas achava que ele carregava em si uma terrível insegurança, como se soubesse que os dias da banda estavam contados. A insegurança era convertida em perseguição até contra quem nunca o desafiou.

Certo dia, após uma discussão, Fábio deixou de comparecer dois dias aos ensaios. Sua ausência seria o seu silencioso protesto. Não houve necessidade de um motivo maior para Rodrigo chamar outro baterista. Ele alegou que Fábio havia deixado a banda “para se juntar aos desertores”.

- E por isso, eu voltei – concluiu a história.
- Mas, isso é oficial? Você está fora mesmo?
- Documentadamente fora.
- Rodrigo vai acabar sozinho nesta banda.
- Não duvido muito.
- Bom, no final das contas, há um lado positivo nisso tudo.
- Qual?
- Ainda precisamos de um baterista.
- O prazo que me deu não era uma semana?
- Resolvi estender.

Fábio ficou pensativo. Mas as linhas em seu rosto denunciavam que a ideia lhe agradava, e muito.

- Se você entrar para nossa banda – continuou Andreas – seremos uma verdadeira família. A gente se conhece e se entende. Com você, estaremos completos.

- Qual o nome da banda de vocês?

Andreas deu uma risadinha sem graça.

- Ainda não temos um. Talvez agora, se estivermos completos, conseguiremos definir isso.

Mas, antes, você precisa me dizer se aceita a oferta ou não.

- Posso pensar no assunto?

- Você já teve prazo demais. Sim ou não?

Fábio sorriu.

O primeiro ensaio do quarteto se deu no dia seguinte, a noite. Elou e Andreas estavam inspirados com o novo integrante. Aquiles, porém, era uma figura distante. Tinha o semblante carregado, e não rendia tanto quanto era capaz.

O ensaio prosseguira por duas horas a fio. Eles já tinham um bom repertório de músicas compostas pós-Aborrecidos. Eram músicas mais maduras e mais ousadas, porém, que exigiam ouvidos mais apurados. Eram tão ousadas que poderiam levar uma banda definitivamente ao fracasso.

Mas Andreas procurava não pensar nisso. Ele deixava-se levar para o universo musical, entusiasmado com o som produzido pelos 4 jovens. Ele gostava do modo improvisador de Fábio tocar sua bateria e acreditava que, finalmente, a banda estava completa. Não havia nada que estivesse faltando.

Exceto um nome.

- Que tal decidirmos um nome para a banda? – sugeriu Fábio. – Estamos sem identidade.

- Já pensamos em mil nomes – disse Aquiles. - Mas nada combina com a gente.

- Nem é tão difícil assim.

- Dá uma ideia, então.

- Deixe-me ver ... – Fábio pensou durante alguns instantes. – Defensores de Marrakesh?

Andreas simplesmente meneou a cabeça, desaprovando. Ele já tinha um princípio formado:

- O nome precisa nos colocar no topo da situação. Algo que não deixe dúvidas do nosso propósito: revolucionar o mundo da música.

- Aí começa a parecer mais difícil. Que tal Soul and Body?

- Previsível.

- My Friend Hurricane? – sugeriu, Elou.

- Isso soa melhor numa banda irreverente.

- Love Cats? – Foi a vez de Aquiles.

- Dispensa comentários.

- Caramba, Andreas. Tudo para você não presta, nada serve, nada encaixa.
 - É como eu disse: nenhum desses nomes mostram o porquê viemos.
 - Revolucionadores da Música – finalizou Aquiles, mais em protesto do que como sugestão.
 - Cara, nós vamos carregar este nome para a posteridade. Não podemos ter simplesmente um nome que *soa bem*. Precisa ser *o melhor*.

- Então acho que caberá a você escolher. Minhas opções se esgotaram.

Andreas deu de ombros. Seu cérebro também se recusava a cooperar.

- Bom, gente – disse Elou – acho que por hoje já chega. Que tal darmos uma saída?

Todos olharam-no desconfiado.

- Ir onde? No cemitério?

- Sim.

- Estou fora – apressou-se em dizer, Fábio.

- Acho melhor não, Elou. Já está tarde.

- Qual é? Vamos conversar um pouco, tomar alguma coisa.

- Uma ideia interessante, mas ... não num cemitério.

- Deixe de preconceito. Um cemitério é um local público como outro qualquer. Com a diferença que é pura paz. Vamos lá. O que acham?

Os três convidados se entreolharam.

—

Meia hora depois estavam no cemitério municipal, reunidos ali pela segunda vez. Ainda era a noite de 3 de Dezembro. Uma data como outra qualquer, imaginariam eles. Mas até a meia-noite este dia se tornaria único na vida de todos aqueles jovens.

Os 4 estavam sentados em bancos – Elou dizia que era falta de respeito sentar nos túmulos.

- Como se sentiria se chegasse no cemitério e visse um bando de jovens bebendo e sentados no túmulo de seus pais? – argumentava.

Elou era um bom rapaz. Apesar da aparência e modos esquisitos, ele era dono de uma personalidade cativante.

Eles haviam trazido um pouco de bebida. Andreas e Fábio não bebiam. Elou bebia moderadamente. E Aquiles entornava a garrafa. Ele bebia com tanta avidez que parecia querer engolir a garrafa. Era evidente que já se encontrava em estado de dependência, e isto preocupava Andreas.

Depois de muita conversa, Aquiles levantou-se e começou a falar em voz alta, a garrafa vazia nas mãos:

- Aquela safada, ela é... uma safada.

- Inteligente a definição.

- Vocês ficaram sabendo o que Veraline fez comigo? – Sua voz estava embargada. O idiota mal conseguia ficar de pé.

- Eu sei – respondeu, Elou. – Eu vi tudo.

- Ela me tirou para dançar no baile, a safada.

Andreas olhou para Elou, surpreso.

- Sério isso?

- Sério.

- Primeiro, ela me despreza, me ignora, me teme, me ataca, tira tudo o que havia de bom em mim. Agora, depois de casada, ela me tira para dançar? – Ele começou a dar gargalhadas. – Quem ela pensa que eu sou?

Então, Andreas compreendeu o desânimo do amigo no ensaio, mais cedo.

Aquiles continuou seu discurso, falando cada vez mais alto:

- Mas tudo bem. Ela age assim porque pensa que sou um otário apaixonado. Mas sou muito mais do que isso. Meu nome... é Aquiles Lucká. – Ele tocou o pescoço onde outrora havia uma pequena cicatriz. – É assim que as pessoas me conhecerão. Aquiles Lucká, o maior guitarrista de todos os tempos.

- Se ele abaixar a braguilha, saiam de perto – advertiu Fábio.

- E se vocês quiserem conquistar o mundo, venham comigo. Vocês não vão se decepcionar.

De repente, ele ficou parado, em silêncio, olhando o vazio. Andreas achou que ele ia vomitar. Mas logo ele começou a caminhar em círculos, cambaleando, até que se sentou em um túmulo.

Elou protestou.

- Não sente no velho Jeremias, seu idiota.

- Quem? – perguntou Aquiles, os olhos tão fundos que mal se percebia seu estrabismo.

- Este cidadão que está debaixo da sua bunda branca.

Aquiles se levantou, com evidente dificuldade, e disse ao falecido:

- Me desculpe, seu ... Jeremias. Foi sem querer.

Mal acabou de falar, Aquiles cambaleou novamente, e desabou sobre o túmulo. Andreas correu para ajudá-lo a se pôr de pé.

- Acho melhor você parar com essa história de beber, Aquiles, ou vai acabar se matando.

- Parar??? Mas eu nem comecei direito.

Depois que ele se equilibrou, Andreas observou a lápide do túmulo do tal Jeremias. Havia algo de curioso ali:

Jeremias Knoxville

Nascido em 27 de Maio de 1910

Falecido em 27 de Maio de 1980

Trouxe dos Estados Unidos oportunidades de trabalho para milhares e leva consigo nossa sincera gratidão pelos serviços prestados à comunidade.

Andreas comentou:

- Esse cara morreu no mesmo dia do nascimento?

Elou, que dizia conhecer a história de todos os sepultados ali, foi logo dizendo:

- Ao completar exatos 70 anos, o velho Jeremias faleceu. Nunca ouviu falar nele?

- Não.

- Era muito rico. Ele veio dos Estados Unidos quando tinha trinta e poucos anos. Chegou aqui e começou a trabalhar com a exploração de diamantes. Enriqueceu, abriu indústrias. Era um milionário. Certeza de que nunca ouviu falar do “Rei dos Diamantes”?

- Não.

- Ele ficou ainda mais famoso quando morreu no dia do aniversário. Ele deve ter tido um troço no momento em que assoprava as velinhas. – Ele riu, mas Andreas continuou sério.

Elou foi até Aquiles que parecia dizer ou fazer alguma traquinagem em cima de outro túmulo, mas Andreas não prestava atenção em nada do que acontecia à sua volta. Subitamente, não havia mais seres humanos no planeta. O mundo era habitado apenas por duas pessoas: Andreas e Jeremias Knoxville. Ele olhava para o túmulo, para a inscrição, parecendo hipnotizado. Ali estava a resposta. Naquela lápide estava a resposta que faltava para eles. Jeremias era o “Rei dos Diamantes”. O Rei dos Diamantes. *Brilhe, Louco Diamante*. O Rei Jeremias. E isso definia tudo. O futuro começava a fazer sentido para ele. Começava a se definir, de forma lúcida e perfeita.

Andreas primeiro sorriu. Depois disse, baixinho:

- Obrigado, senhor Jeremias. Fico lhe devendo essa. De todo o coração, muito obrigado.

Um momento depois, ele virou-se para trás e gritou com os braços erguidos em vitória:

- Conseguimos. – Todos olharam para ele, espantados. – Estamos completos e prontos.

Temos, enfim, a nossa identidade. A partir de hoje, o mundo nos conhecerá como... **King Jeremy!!!**

CONTINUA...

PARTE 3

1996 – 1998

CAPÍTULO 26

1996 –

- *O grupo escocês Belle and Sebastian lança seu álbum de estreia: Tiger Milk. Fazendo um rock melodioso com uma sonoridade sessentista, o grupo se destaca pela sua conduta antimarketing, que chega ao ponto de se apresentarem apenas em colégios e salões de igrejas;*
- *Priscilla Leoni, mais conhecida como Pitty, funda a banda underground Inkoma;*
- *Em junho, o Blur toca Song 2 em Dublin, Irlanda, música esta que viria a ser lançada no disco do ano seguinte. A música é uma composição de Damon Albarn, do Blur, e Stephen Malkmus, do Pavement. Este é o sinal de que a banda está tomando uma nova direção, sendo mais experimental e deixando um pouco de lado a levada pop;*
- *Sob influência do The Byrds e Dire Straits, Jakob Dylan e sua banda Wallflowers lançam Bringing Down the Horses. A canção One Headlight explode nas rádios do mundo inteiro;*
- *Chris Martin, Guy Berryman, Jonny Buckland e Will Champion se conhecem na Universidade de Londres. Começa a ser escrita a história do Coldplay.*

A primeira apresentação do King Jeremy foi no Long Island. O barzinho era um tributo aos anos 50, 60 e 70. Era todo pintado de preto e branco, os garçons usavam roupas e penteados típicos da época, e a parede possuía vários quadros de figuras importantes da cultura mundial como Chaplin, Elvis e Capra. Um lugar agradável e perfeito para uma apresentação musical de qualidade.

No dia da estreia, Aquiles não conseguia abandonar a melancolia, ao ser esbofeteado com flashes de sua realidade. Apesar de estar em uma banda recém-formada, não podia deixar de pensar no fato de avançar impiedosamente para seus 21 anos. Era verdade: o King Jeremy poderia conseguir uma gravadora. Talvez ele conseguisse passar sua vida na estrada, fazendo o que tanto gostava. Mas, a pergunta mórbida persistia: e se não desse certo? Grande parte dos jovens em sua idade estavam na faculdade ou fazendo cursos técnicos. Enquanto isso, Aquiles e seus amigos estranhos tocavam em uma noite de sexta-feira por alguns trocados. A sensação de envelhecer sem rumo, sem estrutura, amedrontava-o profundamente.

Um mês antes, os 4 jovens estiveram naquele cemitério assustador. Fora ali que Andreas tivera a maluca decisão de nomear a banda com o nome de um explorador de diamantes. Resumidamente, ele tomou a decisão sozinho. Aquiles acreditava que os outros não gostaram da

sugestão, mas ninguém nunca discordou. Na verdade, o entusiasmo de Andreas naquele momento foi o fator determinante em convencê-los.

Aquiles gostaria de ter bem vívido em sua memória os acontecimentos daquela noite, mas estava tão travado da bebedeira que acabara mergulhando numa nuvem alcoólica que bloqueava a lembrança dos detalhes.

Mas ele conseguia se lembrar do que acontecera após a escolha do nome para a banda. Andreas, o senhor das ideias malucas, decidira fazer um pacto. Apesar de sinistro (um pacto em um cemitério), o conteúdo se referia basicamente à união e lealdade dos 4 jovens. Na ocasião, Andreas dissera algo como:

- Este local, nesta noite, é o palco do surgimento daquilo que esperamos ficar gravado na história. Talvez, finalmente, seremos reconhecidos pelo que realmente somos. Não queremos apenas ser bons, queremos ser os melhores. Não queremos estar entre os elogiados, queremos ser os únicos. Mas tudo o que somos e seremos de agora em diante faz parte de um único conjunto. Todos nós aqui reunidos somos parte de um corpo. Somos membros individuais que se completam. Poderemos conquistar nosso lugar ao sol, mas precisamos estar unidos para isso. Assim é hoje. E terá de ser assim, *sempre*. Portanto, eu proponho a todos um pacto: hoje, dia 3 de dezembro de 1995, o King Jeremy nasceu. E ele há de viver enquanto estivermos juntos. Se um dia qualquer um de nós abandonar o barco, o Rei Jeremias voltará ao túmulo. Sua vida depende de nossa união. É o que proponho, e aqueles que concordarem comigo, coloquem sua mão sobre a minha. – Ele estendera a mão e, um a um, todos colocaram a mão sobre a dele.

Naquele dia, eles sacramentaram seu pacto. Disso, Aquiles conseguia se lembrar. Mas da história de que desabara sobre o túmulo do velho Jeremias, para ele, era apenas conversa furada.

Aquiles soou o primeiro acorde de sua guitarra. Era a primeira vez que uma nota do King Jeremy se deslocava no ar para atingir um público, invadindo sentimentos e intensidades. Talvez este momento entrasse para a história.

Ou talvez fosse apenas mais um dia qualquer na vida de 4 idiotas sonhadores.

Dois meses depois, o King Jeremy foi convidado para tocar em um festival de rock alternativo, de 4 dias em Curitiba. Aquela seria a décima edição do festival e esperava-se um público de 60 mil pessoas no total. Seria uma grande oportunidade para a banda mostrar seu trabalho ambicioso para um público maior.

No dia em que viajariam para Curitiba, Márcia apareceu na casa de Aquiles. Ela usava camiseta branca, jeans e tênis. Não poderia estar vestida de forma mais simples, mas Aquiles não deixou de pensar:

Como está bonita!

- Fiquei sabendo que vão viajar hoje.
- Como ficou sabendo?
- Ouvi atrás das parreiras – disse ela, rindo. – Quantos dias vão ficar fora?
- Segunda-feira estamos de volta.
- Sei.

Aquiles percebeu que ela parecia um pouco tensa.

- Que bom que vocês estão ganhando espaço. Tocando nas capitais. Estou torcendo muito por vocês.

- Existe um companheirismo entre bandas alternativas. Elas não costumam pisar umas nas outras. As bandas se ajudam a conseguir gravadoras, shows, essas coisas. Ainda existe gente boa nesta humanidade decadente.

- Dá gosto de trabalhar assim.

- Esta apresentação em Curitiba foi conseguida graças a intervenção de uns camaradas que tocam rock lá na cidade. Eles deram uns toques para os organizadores, e aí fomos convidados.

- Que legal!

Aquiles suspeitou de que ela, talvez, não estivesse muito interessada. Pelo menos, não demonstrava, apesar de um comentário ou outro. Estava estranha, esta era a verdade. Por isso, resolveu mudar o rumo da conversa.

- E aí, conseguiu emprego?

- Vou fazer entrevista no jornal na segunda-feira. Tomara que dê certo. Daí no meio do ano eu presto vestibular para jornalismo, e já estarei dentro do ramo.

- Estou torcendo por você. Se ser feliz é uma questão de merecimento, então você merece.

Ela hesitou.

- Interessante falar isso. É exatamente sobre isso que vim falar.

Aquiles ficou sem entender.

- Sobre o quê?

- Ser feliz. É o que estou tentando fazer, mas falta algo.

- Tipo o quê?

- Não é tão simples assim. É tão difícil definir sentimentos.

- Basta tentar.

- O que eu sinto não é novo ou imaturo, como se nascesse da noite para o dia. É algo que vem crescendo dia após dia. Sem controle, mas com minha autorização. É algo que me faz sentir bem, mas ao mesmo tempo, insegura. – Aquiles começou a suspeitar do que ela estava querendo dizer. – Aquiles ...

- O que foi? - Ele percebeu sua voz trêmula.

- Eu ... Eu gosto de você!

As palavras ecoaram na cabeça de Aquiles causando-lhe vertigens. A frase de Márcia, tão simples, tão breve, tornou-se eterna em seu íntimo, ecoando repetidamente, milhares de vezes. As palavras chocavam-se de forma intensa contra as paredes da aorta, pulmão, estômago. Jamais poderia esperar que uma garota como Márcia pudesse lhe dizer algo parecido.

Aquiles tentou se situar no tempo e espaço. Olhou a sua volta, lembrou-se de onde estava, de quem era, do que Márcia acabara de lhe dizer. Ele observou que ela estava tensa, tremendo, mas logo chegou a conclusão de que ele mesmo tremia. Suas mãos suavam apesar de gélidas, o coração batia com violência, a boca tão seca quanto um deserto.

Ele tentou respirar fundo, mas não conseguiu.

- Diga alguma coisa, Aquiles.

- O quê?

- Eu sei lá. Diga qualquer coisa.

- Eu não sei o que dizer. Nem ... no que pensar.

- Eu já sei. Você ainda gosta da Vera, não é?

Tudo o que Aquiles desejava era que Elou e os outros aparecessem de carro agora para tirá-lo daquela situação. Se Aquiles ao menos tivesse desconfiado de que Márcia sentia alguma coisa por ele, poderia ter se preparado. Mas como havia perdido seu amor-próprio havia muito tempo, nunca conceberia a ideia de que uma jovem estaria apaixonada por ele. Aquiles até chegara a se questionar se ele mesmo não estaria gostando dela. Mas o contrário estava além das expectativas racionais. Por isso, Aquiles era uma figura estática, sem palavras.

- Eu não sei exatamente o que sinto por qualquer pessoa, Márcia. Eu preciso pensar, me situar.

- Tudo bem – disse ela, desanimada, parecendo interpretar isso como um “não”. – Pense o tempo que quiser. Eu não vou pressioná-lo. Apenas achei que deveria saber. Não seria justo eu sentir uma coisa tão bonita e esconder isso de você.

Esta última frase deixou Aquiles emocionado.

A sensação de ser amado era inebriante.

- Eu procuro você quando voltar. Na segunda, ok?

- Ok. Boa viagem!

- Obrigado.

King Jeremy se apresentou na noite de sábado. Outras 8 bandas dividiram o palco com eles no decorrer de cinco horas. As primeiras bandas a se apresentar eram de uma vertente *punk*. O som pesado de três acordes levou o público ao delírio. Observando as milhares de pessoas no festival, Aquiles entendeu o porquê. Todos ali pertenciam às mais diversas tribos do rock, mas a presença de *punks* e metaleiros era evidentemente superior. Ele tinha a impressão de que a participação do King Jeremy não seria acolhida com tanto entusiasmo, já que eles faziam um som mais diversificado que chegava abranger *blues*, dando intensas escapadas para o eletrônico e psicodélico. Portanto, Andreas sugerira tocarem as músicas com maior acentuação de guitarra e bateria, para agradar o público específico.

Depois de duas horas de show, naquele sábado, houve um intervalo de meia hora. Logo em seguida, o *heavy metal* tomou conta do palco e mais uma vez, o público deixou-se levar pelo entusiasmo. Uma hora se passou, e chegou a vez do King Jeremy.

O apresentador do festival declarou:

- Temos agora mais um representante do rock do nosso estado. Com vocês o som criativo de ... King Jeremy.

No meio dos aplausos, Aquiles se sentiu em casa. Estava meio bêbado, mas não o suficiente para desperceber a energia que vinha em ondas da multidão. Foi então que percebeu com quanta saudade estava de tocar para um público tão grande.

Eles tocaram durante meia hora. Cinco músicas no total. O resultado foi uma apresentação de qualidade, embora a banda não exibisse sua verdadeira personalidade inovadora.

Quando o show terminou, Andreas, Fábio e Elou discutiram o que saíra certo e errado. Mas Aquiles foi para um canto, com uma lata de cerveja, e pôs-se a pensar. Seus pensamentos viajavam desde Veraline até Márcia. Para ele, sua situação não poderia ser mais complicada. Ele sabia que amava Veraline. Por outro lado, não sabia exatamente o que sentia por Márcia, embora a presença dela lhe fizesse muito bem. Desde o baile do ano anterior, Aquiles percebera que a presença de Márcia lhe dava uma sensação de paz. Mas estaria ele sendo justo se começasse a namorar com ela, sendo que passava grande parte do tempo pensando em outra pessoa? No entanto, estaria sendo inteligente se dispensasse Márcia, mesmo sabendo que jamais conseguiria ter Veraline ao seu lado?

Qualquer uma das decisões que ele tomasse seria tanto inteligente quanto idiota. Então o que ele poderia fazer?

Tomar outra cerveja, concluiu.

Eles voltaram para casa pouco antes do alvorecer de segunda-feira. Aquiles aproveitou para dormir algumas horas. Estava muito cansado e, apesar de muito ansioso, não teve dificuldades em “apagar”.

Quando levantou às 10 da manhã, a cabeça latejando, tomou um café bem forte. Estava ansioso para poder conversar com Márcia. Havia tomado sua decisão e queria falar com ela o quanto antes. Enfrentara tamanha indecisão nos últimos dias que tinha medo de mudar de ideia.

Aquiles decidira agir como uma pessoa inteligente. Márcia era uma das poucas pessoas no mundo que se importava com ele. E este era motivo suficiente para considerar como realista um namoro com ela. Márcia tinha algo para lhe completar, uma faísca capaz de acender-lhe a chama, e ele não queria perder esta oportunidade. Veraline que fosse ao inferno. Ela estava casada mesmo. E nada poderia mudar esta triste realidade.

Sua mãe, que lia um jornal, disse, casualmente:

- Aquela menina que morava aqui perto se separou.

- Separou? – perguntou Aquiles sem muito interesse.

- Os casamentos de hoje em dia não são como antigamente. No meu tempo, eram para sempre. Hoje, as pessoas se casam num dia, passam por alguns probleminhas, e vão logo se separando.

- A modernidade é o veneno da humanidade.

- Tenho pena dos jovens de hoje.

A mãe de Aquiles largou o jornal e ele, sem muito interesse, apanhou para ver a notícia.

Seu coração falhou uma batida quando viu a foto, e leu a legenda:

“ Divorciaram: Marcos e Veraline Benevides. Dia 25”.

CAPÍTULO 27

Veraline, fisicamente, estava na casa de seus pais, em pé, diante de um grande espelho. Porém, mental e emocionalmente, parecia residir em outra dimensão. O coração batia em um ritmo destoado da realidade. O rosto estava bem mais fino e o desgosto parecia se desenhar em traços mal definidos pela sua face. “Derrotada” era o resumo de tudo aquilo que podia ser visto no espelho.

Seu casamento passara de mal a pior desde o baile no final do ano anterior.

Veraline tirara Aquiles para dançar naquela noite e o par inusitado chamara a atenção da maioria. Incluindo Marcos. Talvez ele tivesse reagido diferente se Veraline tivesse dançado com uma dúzia de homens. Mas dançar com Aquiles fora o cúmulo. Marcos nutria um especial desprezo por ele, e a atitude de Veraline pareceu gerar um efeito contrário ao que esperava.

A relação que estava tensa foi se deteriorando a cada dia. Quase não havia diálogo entre o casal, e a regra só era quebrada quando havia alguma cobrança a ser colocada em questão. Com o passar dos meses, Marcos começara a se ausentar. Houve ocasiões de avançar madrugadas, segundo ele, com os “amigos”.

Os dias se arrastaram exaustivamente. Em dado momento ela decidira ceder, e tentara de tudo para reconquistar o amor dele. Mas, enquanto se esforçava em corrigir a situação, Veraline percebia seu marido cada vez mais distante, uma amarga solidão em dividir a cama com um homem invisível.

No dia em que ela pedira perdão por todas as coisas erradas que havia feito – embora no íntimo, não achasse que estivesse errada – Marcos anunciara que iria abandoná-la.

Tempestades, ondas frias, um turbilhão de emoções – tudo correu e corroeu simultaneamente o corpo de Veraline. Uma confusa viagem por dimensões paralelas, cada qual mais fria e sombria que a outra. Quando voltara à realidade, descobrira-se sozinha, o corpo trêmulo, tendo Marcos já partido.

Após o divórcio, Veraline voltou a morar com os pais. E agora, ela posicionava-se novamente diante do espelho que tantas outras vezes presenciara sua postura dominante. Hoje, Veraline não era mais a mesma menina imponente de beleza irradiante. Era apenas uma máscara de angústia.

Ela ficou por horas naquela posição, parada diante do espelho. Ignorava os apelos dos pais para sair do quarto, e a comida que sua mãe trouxera à tarde, esfriara.

Veraline só saiu daquela posição no momento em que desabou de exaustão.

Ela se encontrou com Aquiles, no dia seguinte.

Veraline saíra com alguns amigos depois de muita insistência de Márcia, demasiadamente preocupada com seu estado letárgico. Veraline queria se recompor, embora no fundo, não acreditasse que fosse possível. Esquecer Marcos parecia uma vã tentativa de romper uma muralha inexpugnável. Em um instante, ela dizia a si mesma que seria capaz de superar tudo, e no segundo seguinte, invadiam-lhe lembranças tão reais como se Marcos ainda estivesse ao seu lado. Por isso, talvez conseguisse clarear ideias e sentimentos se saísse um pouco de casa.

Elas foram até um barzinho no centro. Era noite de sexta-feira. Quando lá chegaram, encontraram um casal de amigos. Entre beijos e abraços, Veraline foi bombardeada com olhares carregados de piedade. Detestava a ideia de alguém sentir pena dela.

O casal era Flávia, dos tempos de escola, e seu novo namorado, cujo nome Veraline esquecera. Sua memória não estava funcionando muito bem, ultimamente.

O tema das conversas procuravam manter Veraline longe de sua angustiante realidade. Todos atuavam bem, fingindo-se interessados em assuntos banais. A própria Veraline fingia, forçando sorrisos a cada 10 segundos.

Ela olhava a sua volta enquanto respondia *mecanicamente* às perguntas *mecânicas* de seus amigos *mecânicos*. Naquele momento, eles pareciam tão distantes. Falsos, vagos e distantes.

Amigos com falas mecânicas em um deserto do mundo (ir)real.

Logo, Flávia e o namorado resolveram conversar apenas entre si, ignorando o universo ao redor. Veraline aproveitou a pausa nos assuntos vazios para examinar sua volta. No palco, uma banda tocava músicas dos anos 60. O ambiente nostálgico evocava emoções. E não era das melhores. Aquele ambiente todo pintado em preto e branco tinha um aspecto deprimente.

- Que achou? – perguntou Márcia, ao perceber que Veraline estudava o ambiente.

- Antigo.

- Acho que é isso o que querem transmitir.

- Uma tentativa de fugir da realidade? – Ela deu uma pausa causticante. – Espero que dê certo.

Márcia colocou sua mão sobre a dela.

- Você vai superar – sussurrou para o casal não ouvir.

- Estou superando – mentiu. Depois, voltando ao assunto: – Você vem sempre aqui?

- Quase toda semana. Hoje quis vir por causa do Aquiles.

- Ele vem aqui?

- Sim. Ele vai tocar mais tarde.

Aquiles era pior que um vírus. Veraline tinha impressão de que, se pegasse um ônibus espacial, daria de cara com o bêbado vesgo em Marte.

- Você está gostando dele, não é, Márcia?

- Talvez. - Suspirou. - Na verdade, gosto sim. É um cara que realmente se importa. Ele não quer entrar em um relacionamento pensando no proveito que vai tirar. Ele quer dar de si, proteger, entende?

- Parece nobre. E por que não abre o jogo com ele?

Márcia desviou o olhar parecendo um pouco constrangida.

- Eu abri.

Isso é surpreendente, pensou Veraline.

- E então?

- Ele não aceitou.

- Não??? Esse cara é idiota?

- Ele me disse que ... que gosta de outra pessoa.

A resposta pegou Veraline de surpresa, afinal sabia quem era o alvo do amor de Aquiles. E a situação era especialmente constrangedora porque Márcia também sabia.

Aquilo parecia uma obsessão. Depois de tantos anos ignorando-o, Aquiles ainda encontrava forças para continuar apaixonado por Veraline. Ele precisava urgentemente de uma camisa de força.

Márcia continuou:

- Ele disse que não estaria sendo honesto se me namorasse, sendo que gosta de outra pessoa.

Aquilo sim era nobreza. *Honestidade*. Exatamente o que faltara em seu casamento.

- E como você recebeu este “não”?

- Passei a amá-lo ainda mais, Vera. Que homem no mundo faria o que ele fez?

Veraline observou atentamente os olhos da amiga enquanto falava. Ela realmente gostava daquele esquisito. Mas não havia como negar: a decisão dele, embora nada inteligente, era *honest*. E o fato de saber que ele estava agindo assim exatamente por gostar de Veraline conseguiu fazê-la sentir-se um pouco menos deprimida.

- E o que vai fazer, Márcia?

Ela olhou bem dentro dos olhos da amiga.

- Fazê-lo esquecer-se desta pessoa.

Meia hora depois, Aquiles subiu ao palco com sua banda. Ele estava com o cabelo desganhado e parecia sem muita coordenação. Seu olhar era perdido e distante. Aquiles viu Márcia e acenou-lhe.

- Ele mal se aguenta em pé – comentou, Veraline.

- Estou preocupada. Ele anda bebendo muito.

Isso não é de hoje, minha querida. Daqui a pouco ele começa a destruir tudo.

Veraline observou os quatro homens no palco. Velhos rostos conhecidos da escola. Além de Aquiles, ali estava Fábio, um negro alto e imponente. Andreas parecia uma pequena criatura de outro planeta, mas cantava muito bem. Elou poderia ser o único homem realmente bonito daquela banda, porém, fazia questão de ser esquisito. A cabeça raspada, um preto vivaz contornando seus olhos, inteiramente vestido de preto – era uma figura assustadoramente mórbida.

- Eles têm nome? – perguntou Veraline.

- Acho que é *Jing Keremy* – disse Cristiane.

- *King Jeremy*, Cris – corrigiu-a, Márcia.

- O que significa isso?

- Deve ser algum rei medieval que ouviram na aula de História.

O namorado de Flávia, cujo nome Veraline ainda não se lembrava, disse:

- Eles sempre tocam aqui nos finais de semana. Mandam muito bem, você vai ver.

Depois de duas ou três canções, Veraline viu Aquiles aproximar-se do microfone e dizer, com a voz trêmula:

- A letra desta canção é dedicada a todos aqueles que tiveram suas esperanças amorosas construídas sobre uma base frágil. Amores perdidos, pecados mantidos – somos os únicos neste mundo tão cheio de nada.

Veraline viu os olhos de Aquiles pousarem sobre ela, e sentiu-se envergonhada porque notou que Márcia percebera a mesma coisa. Parecendo constrangida, Márcia levantou-se e disse que ia ao banheiro.

Até aquele momento, o King Jeremy havia cantado apenas músicas em inglês. Esta era a primeira em português. Andreas começou a cantar. A letra falava de esperanças infundadas, a dor da traição. O modo como a música definia o sentimento de Veraline era surpreendente. Elas faziam todo o sentido do mundo, e pareciam ter sido escritas a partir de suas experiências. Tamanho foi a identificação que Veraline abaixou a cabeça e precisou controlar as lágrimas.

Neste momento, Flávia colocou um pequeno comprimido ao lado do copo de Veraline.

- Experimente. Vai ajudá-la.

- O que é isso?

O namorado sem nome de Flávia inclinou-se e disse, sorrindo:

- Passagem para o paraíso.

- Confie em mim. Não é nada pesado. E vai aliviar sua dor.

Aliviar a dor. Era tudo o que ela queria. Tudo o que precisava.

Veraline hesitou durante um tempo. E Flávia parecia aproveitar a ausência de Márcia para tentar convencê-la. A música continuava fincando-lhe pregos na alma, denunciando sua dor para dezenas de jovens embriagados.

No momento em que divisou Márcia saindo do banheiro e vindo em direção a mesa, Veraline tomou uma decisão e engoliu o comprimido.

CONTINUA...

CAPÍTULO 28

No início de 1996, Os Aborrecidos lançaram seu segundo álbum: “Coisas de Adolescente”. O álbum era uma palhaçada de 9 faixas sem criatividade. Os arranjos fugiam de sua inicial característica *grunge* para um rock melódico de dar dor no estômago. As letras eram um espetáculo a parte. Sem a inspiradora presença de Aquiles, o grupo ficara entregue a uma série de baboseiras rimadas. Não se lançava nada tão ruim no meio musical desde a extinção dos dinossauros. Consequentemente, as vendas do álbum eram pífias. E a banda se encaminhava rapidamente para um grande fracasso comercial.

Enquanto isso, King Jeremy ganhava espaço. Após apresentações relevantes em bares na cidade, eles foram contatados por Haroldo, um empresário disposto a agenciar a banda. Os contatos dele possibilitaram aumentar o leque de oportunidades para a nova banda, apresentando-se em casas de shows e festivais.

Segundo as previsões de Elou, e com o esforço conjunto de todos, o som do King Jeremy chegou aos ouvidos de profissionais da música alternativa na Europa, mais acostumados às ambientações sonoras distantes do comercial. Após intensos contatos e depois de ouvir o material da banda, uma gravadora inglesa demonstrou interesse em lançar o álbum de estreia do King Jeremy. A notícia pegara todos desprevenidos e gerara uma onda de êxtase e excitação nunca vista antes. Era um pequeno selo, mas um gigantesco passo para eles.

E apenas algumas semanas depois, os 4 jovens que, há pouco tempo ainda causavam estranheza e espanto entre colegas de escola, estavam a bordo de um avião com destino à Londres. Quando lá chegaram, Andreas experimentava uma sensação de antegosto do sucesso. Caminhando por entre prédios antigos e imponentes, ele se sentia como um astro incólume, camuflado na multidão. Mas que, em breve, seria impossível cobrir aquele percurso sem ser abordado por dezenas de pessoas.

O que tirou seu fôlego, e provavelmente de todos os outros, foi a visita que fizeram ao mais famoso estúdio da história: o Abbey Road, o mesmo estúdio usado por Beatles e Pink Floyd.

- Posso sentir o cheiro deles aqui – comentou Aquiles.
- Algum dia, sentirão *nosso* cheiro aqui também.
- Não viaja, cara – disse Elou. – Nosso destino está do outro lado da cidade.

Com um aperto no coração, Andreas deixou o Abbey Road para ir ao outro estúdio em questão. O restante daquele dia envolveu reuniões e avaliação da tecnologia que teriam à sua disposição para a gravação do álbum.

Os dias seguintes foram uma maratona de ensaios e gravações. Andreas concentrava todos os seus esforços no que a banda precisava criar no curto espaço de tempo. Como se tratava de uma gravadora para bandas alternativas, estavam acostumados às maluquices lançadas no mercado que agradavam tribos específicas de várias partes do mundo. Por isso, ele aproveitou para dar asas à sua imaginação e, junto com Elou, exploraram diversas sonoridades.

O trabalho foi intenso naqueles dias, porém, revigorante. Eles produziram um álbum com 12 faixas. A primeira, *Happy Beginning* (Feliz Começo), seria uma estranha mistura de sons eletrônicos com arranjos de uma pequena orquestra. A sonoridade seria cativante, uma pequena referência ao título da faixa. A música porém terminaria pela metade, subitamente. A continuação dela estaria na última faixa *Unhappy End* (Triste Fim) – a mesma canção, porém, com a sonoridade mudada para um clima denso e triste.

As demais dez músicas não eram tão experimentais quanto desejado. Grande parte do que Andreas concebera anos antes já havia sido explorado por outras bandas inovadoras, e deixara de ser uma novidade. O resultado obtido pelo trabalho do King Jeremy seria um disco bem-feito, mas não revolucionador.

Após um mês de gravações e mixagem, ele estava pronto.

O *Misery and Mithology* (Angústia e Mitologia), primeiro álbum do King Jeremy, foi lançado no mês de novembro. A capa era o desenho de uma jovem dançando. A imagem fora tirada de uma revista dos anos 50. Transmitia a ideia de contentamento e segurança. No encarte do álbum, porém, havia várias fotos de estúdio que não seguiam o cenário animador. Apresentava a mesma jovem, porém, em situações de zombaria, abuso de bebidas, e envolvimento com pequenos delitos. Segundo Andreas, isto expressava a condição humana sempre decadente, rumo ao fracasso, necessitando urgentemente de alguma orientação confiável.

Numa entrevista a uma revista londrina de pouca circulação, Andreas disse:

- *Misery and Mithology* não é um álbum otimista. A vida humana não oferece otimismo algum.

Antes de voltar ao Brasil, Haroldo e a gravadora conseguiram espaços para eles tocarem em um festival. Era o Festival de Edimburgo, na Escócia, que contaria com a participação de doze bandas. Esta apresentação tornaria o King Jeremy conhecido no cenário alternativo, visto que revistas e *sites* especializados nesta vertente do rock davam ampla cobertura ao festival.

O dia da apresentação foi um dia ensolarado. Os 4 músicos estavam nos bastidores esperando sua vez para se apresentar diante de um público de quarenta mil pessoas. Um jovem de uns 20 anos corria de um lado para outro e disse a todos, em inglês:

- Depois desta banda, vocês terão dois minutos para se posicionarem. É tempo suficiente. – E saiu correndo novamente.

- Que foi que ele disse? – perguntou Fábio.

- Temos dois minutos para nos posicionar no palco – respondeu Elou.

- É tempo suficiente para ligar nossos instrumentos e levar a cervejinha – disse Aquiles, que a esta altura já estava bastante atordoado.

- Vá devagar com isso – disse Andreas, com autoridade. – Seu rendimento cai quase pela metade.

- Uma a mais, uma a menos, não fará diferença.

Todos ficaram em silêncio, um estado de transe e concentração, esperando o momento certo para entrar em ação. Andreas observava seus companheiros – há poucos anos, eles ainda eram ilustres desconhecidos, estudando no mesmo colégio, ignorado pelas mesmas pessoas. Quem os vira durante aquela época, jamais poderia imaginar que hoje estariam na Escócia, tocando para milhares de pessoas. Embora apenas o circuito alternativo tomaria conhecimento desta apresentação, Andreas não podia negar que haviam evoluído muito. Talvez não atingissem o tão esperado sucesso, mas já haviam deixado para trás o mundo estático onde estavam acostumados a viver.

Quando chegou o momento certo, eles entraram no palco. Andreas divisou a grande multidão. E gelou. Eram 40 mil pessoas, mas de sua privilegiada visão do palco, parecia ser um milhão. Seu coração batia aceleradamente. O público gritava e aplaudia embora nunca tivessem ouvido falar no King Jeremy. Na verdade, era a boa receptividade a todos aqueles que amavam o rock e queriam mantê-lo vivo.

Andreas disse, antes da primeira música:

- Todas as bandas presentes neste festival estão aqui para contar a história do rock. Mas não vamos contar como essa história termina. Viemos aqui para contar como é que ela começa.

O público vibrou, e enquanto os gritos da multidão faziam o sangue de Andreas correr mais rápido em suas veias, o som pesado da guitarra de Aquiles entrou nos seus ouvidos.

“Festival de Rock de Edimburgo Completa Dez Anos.”

No último final de semana, várias bandas desfilaram pelo palco de um dos maiores festivais de rock alternativo da Europa, que completou dez anos. O festival contou com a presença de bandas

veteranas e iniciantes. O público, que foi maior do que esperavam os organizadores, chegando a noventa mil nos dois dias, vibrou com as bandas que demonstraram performances acima da expectativa. Destaques para King Jeremy e Fan Club Donald Hudson.”

Eram apenas poucas linhas resumindo o festival, mas Andreas, de volta ao Brasil, sentiu-se satisfeito de ver o nome de sua banda estampado em um grande *site* de música. Poderia ser uma notícia destinada ao ostracismo. Ou, quem sabe, talvez fosse o reconhecimento catapultando o nome deles para o próximo nível.

Haroldo trouxe notícias animadoras: o Misery and Mithology havia atingido a marca de mil cópias vendidas. E isto em pouco tempo após a apresentação no festival de Edimburgo, que foi a porta de divulgação do álbum. O fato de saber que naquele momento, mil pessoas poderiam estar ouvindo seu trabalho, colocou-os em um estágio acima de êxtase.

No entanto, para atingir seus sonhos mais ambiciosos, Andreas sabia que precisariam vender bem mais do que 1.000 cópias. Se assim fosse, eles poderiam comemorar a conquista de um mercado tão concorrido.

Era uma sexta-feira, uma noite fria, embora estivessem próximos do final do ano. A avenida estava movimentada. Os jovens eram os donos da rua. Os bares estavam apinhados de pessoas que tentavam se divertir depois de uma semana estressante. Carros arrancavam num barulho ensurdecedor a cada pequeno espaço de tempo. Vozes ecoavam, pessoas se deslocavam, vultos se divertiam.

E por entre a multidão, caminhava o Sr. Diferente. Andreas, sozinho, caminhava naquela noite, sem vir de lugar algum, sem ter para onde ir. A nuvem negra voltara a pairar sobre sua cabeça. E seus hesitantes passos que se arrastavam pela calçada úmida denunciavam isso.

Sua banda estava indo bem. Tocavam a cada intervalo regular e já tinham apresentações agendadas até meados do ano seguinte. O disco de estreia vendera dez mil cópias. E entre uma apresentação e outra, o King Jeremy já trabalhava em cima daquele que seria o 2º álbum da banda.

Mas nesta noite, Andreas sentiu-se só e desestimulado. Estranhas sensações tomavam seu corpo e, no final das contas, eram *apenas* sensações. Eram apenas fantasmas mantidos vivos por uma mente que funcionava na velocidade da luz, e um coração carente que parecia não bater. Tudo o que Andreas queria era suplantar sua dor, mas a agonia em seu íntimo rasgava-lhe as veias. Por mais que tentasse, a dor sempre vencia. E ele se sentia não mais do que um dejetos humano.

Dejetos humanos e a busca de um sentido na vida.

Andreas parou diante de um bar. Em uma mesa havia vários jovens rindo sabe lá do quê. Desde criança, Andreas detestava ver pessoas sorrindo enquanto ele estivesse deprimido. Será que tinham esperança? Ou seriam aquelas risadas apenas o medo disfarçado? Provavelmente, o horror do amanhã dominava a alma de todos, mas alguns sabiam disfarçar bem.

E o horror caminhava de mãos dadas com ele.

Por que não termina logo com toda essa porcaria, coelho?

Caminhando por entre tantos, Andreas percebia que ninguém o conhecia. Ele tinha uma banda que vendera milhares de discos, era comentada em *sites* especializados em rock, e ele já tocara para 40 mil pessoas em um grande festival na Europa. Isso já era motivo suficiente para inflar seu ego, mas ... de que adiantava? Nenhuma daquelas pessoas sabiam dos seus feitos. Para todas aquelas pessoas, King Jeremy era uma inóspita exalação. Andreas trabalhava exaustivamente dia e noite para produzir algo capaz de inflar o coração das pessoas. Mas aquelas pessoas seguiam suas vidas, sem nunca ter ouvido um de seus acordes. King Jeremy não fazia diferença na vida delas. Andreas se sentia como uma pessoa que recebe uma boa notícia, mas não tem com quem compartilhar. A solidão era o mal do século. E ele conhecia exatamente o que significava esta dor.

Logo ele se cansou de andar. Não tinha conhecidos, não tinha direção – e o que os infames coelhos deveriam esperar, afinal? Decidiu ir para casa enfrentar a solidão em um lugar mais quente, ao menos.

Quando deu meia-volta, ouviu uma voz atrás de si, gritar:

- Andreas.

Em uma fração de segundos, Andreas sentiu que seu coração voltava a bater. Como era bom saber que alguém no meio daquela multidão sabia quem ele era!

Você sabia que ainda não era sua hora, não é mesmo, coelho?

Quando ele se virou, se deparou com 3 pessoas na mesa de uma lanchonete. Uma delas, uma jovencinha, lhe acenava.

Era Suzana.

- Mas vejam se não é o talentoso Andreas. – Davi Mateus, o dono do estúdio dos primeiros ensaios dos Aborrecidos, apertou firmemente a mão de Andreas. Ele, a esposa e a filha comiam um lanche. – Sente com a gente, e peça alguma coisa para comer.

- Obrigado.

Ele se sentou, mas estava terrivelmente envergonhado. Em um palco ou mesmo em um estúdio, ele era outra pessoa. Tinha confiança, autoridade. Mas em qualquer outro *habitat*, Andreas não sabia como agir, nem sobre o que conversar.

Colocou as mãos sobre a mesa, depois sobre as pernas. Voltou a colocar as mãos na mesa só para mudar de ideia e voltar a colocá-las sobre as pernas. Andreas se arrependeu de ter aceitado o convite para sentar. Na verdade, muito provavelmente, Davi o convidou apenas por uma questão de gentileza. Mas não esperava que ele fosse aceitar. Afinal, o proprietário de um estúdio estava passando tempo com sua esposa e filha. E agora, Andreas surgia para atrapalhar aquele momento família. Andreas decidiu escapar daquela situação na primeira oportunidade que tivesse.

- Fiquei sabendo que sua nova banda está indo muito bem. - Davi Mateus puxou assunto. - Qual é mesmo o nome dela?

- King Jeremy, pai – apressou-se em responder, Suzana.

Andreas suspirou, satisfeito. Afinal, alguém em meio àquela multidão ouvira falar em sua banda.

- Ah, é verdade. - Ele apontou para a filha. - Essa aqui é fã de vocês.

- Fã número 1 – corrigiu, ela.

- Me fez mexer os pauzinhos para conseguir comprar o CD da sua banda.

Por um momento, Andreas ficou sem fala.

- Como? Você comprou nosso álbum?

- Misery and Mithology – respondeu, Suzana. - O senhor de um disco. Valeu cada centavo da minha mesada.

Aquilo entrando no pulmão de Andreas era ar. Aquilo correndo em suas veias era sangue.

Suzana devia estar na faixa dos 13 ou 14 anos, e lembrava muito Andreas quando ele tinha a mesma idade. Naquela época, Andreas já possuía um gosto musical altamente apurado, guiando-se pela qualidade, e Suzana parecia seguir a mesma trilha. Quem sabe não seria a líder de uma banda decidida a revolucionar o mundo da música?

Suzana disse:

- Achei as fotos do encarte meio fortes.

- Esta é a razão do título “Angústia e Mitologia”. Todas as pessoas têm a expectativa de serem felizes. Mas, para muitas, isso não passa de fantasia. Uma mitologia. A realidade com que se deparam é a angústia que nos acompanha, dia após dia.

Houve um silêncio assustador na mesa assim que ele terminou a frase. As 3 pessoas encaravam-no, em um misto de surpresa e desaprovação. Afinal, o que o idiota esperava? Uma família feliz, curtindo um final de noite, e ele vinha com essas conversas depressivas.

Ele forçou algumas tossidas, disfarçando, enquanto Davi tentava quebrar o momento tenso:

- Vocês andaram tocando no exterior, não é mesmo?

- Sim. Tivemos uma oportunidade. Daqui a dois meses vamos tocar na Argentina. O mercado alternativo ali é muito grande.

- Mas nada se compara à Europa. Ali, uma banda pode enriquecer sem nunca tocar em uma rádio. E o som de vocês é muito bom. Acho que tem uma boa chance de conquistar aquele mercado.

- Fico feliz que tenha gostado. Respeito muita sua opinião.

- Vocês já estão pensando no próximo álbum? – perguntou, Suzana.

- Calma, filha. Você nem ouviu o primeiro direito, e já quer o segundo?

Andreas riu.

- Na verdade, eu tenho um vício: sempre estou compondo. Temos muito material. Mas grande parte delas, muito provavelmente, ficarão engavetadas.

- Não deixa de ser uma boa notícia.

- Mas para ser mais específico e saciar a sua curiosidade, pretendemos lançar o segundo álbum no próximo ano.

- Explore sua criatividade, garoto – disse, Davi. – Você tem de sobra.

- Seus pais gostam de que siga essa carreira? – Foi a mãe de Suzana quem perguntou.

- Sim, senhora. Eles querem me ver produzindo com algo que gosto. E sendo um trabalho honesto, eles dão apoio. – Ele voltou-se para Davi. – E como está o estúdio?

- Da mesma forma que antes. Alugo para ensaios, faço algumas gravações, essas coisas. Não mudou muita coisa desde que vocês passaram por lá. Mas dá para pagar as contas.

Andreas estava ficando sem assunto. E já havia passado da hora de desaparecer dali.

- Acho melhor eu ir embora.

- Mas está cedo. Você nem pediu algo para comer. - Davi Mateus era um bom ator. Quase era possível acreditar no seu desejo de que Andreas realmente ficasse.

- Obrigado, mas não estou com fome. Preciso ir mesmo.

Antes que ele conseguisse escapar, Suzana disse:

- Não se esqueça: sou sua fã número 1.

- Não vou esquecer. Prometo.

- Você é o cara, Andreas. Tenho certeza de que ainda vou ouvir falar muito do King Jeremy.

Ele desejava de todo o coração que ela estivesse certa.

Quando voltou a mergulhar na multidão, Andreas não se achava mais o Sr. Diferente.

Pelo menos, por enquanto, o coelho acreditava que teria um momento de paz.

CONTINUA...

CAPÍTULO 29

1997 –

- *Radiohead lança OK Computer que ajuda a banda a cravar definitivamente seu nome na história do rock. O disco, que exige uma profunda concentração para ser compreendido, é chamado de Dark Side of the Moon dos anos 90;*
- *Em Detroit, Jack e Meg White montam uma banda. Com um som influenciado por bandas como o Led Zeppelin, eles se autodenominam White Stripes;*
- *Los Hermanos surge no cenário alternativo carioca. A banda inova ao misturar a velocidade e o peso do rock com a dramaticidade das letras do samba-canção;*
- *Influenciado por bandas como Rage Against The Machine e Biohazard, o som do grupo Prodigy passa a incorporar elementos mais pesados. Somado a isso, há a combinação bombástica de Leeroy Thornhill e Keith Flint - incendiando a plateia com suas performances ensandecidas - com os vocais do rapper Maxim Reality e o aparato instrumental de Liam Howlett. O resultado disso pode ser ouvido no álbum The Fat Of The Land;*
- *Bill Berry, baterista do REM, deixa a banda. O disco seguinte, chamado Up, tem a participação de alguns bateristas convidados. Esse disco é o mais experimental do REM, contendo elementos eletrônicos. É muito elogiado pela crítica, mas o público parece não entender a visão moderna da banda.*

CAPÍTULO 30

Nem os mais pessimistas poderiam prever isso: a fase musical do King Jeremy não era nada boa. Depois do relativo sucesso do álbum de estreia e de algumas apresentações em festivais alternativos, a banda voltava ao estúdio para a gravação do segundo disco.

Interna e precocemente, eles começavam a ter problemas. E grande parte do problema eram os frequentes episódios de bebedeira do guitarrista. Aquiles bebia diariamente, e torna-se rotina aparecer bêbado no estúdio e nos shows. E neste estado, ele praticamente não sabia o que fazer com as mãos. Qualquer amador teria um desempenho infinitamente superior. Sem contar o espetáculo que sempre promovia, como nos tempos dos Aborrecidos. Em uma ocasião, após um solo enérgico (muito mal executado, por sinal), Aquiles jogara a guitarra para o alto. Mas as mãos hesitantes, os olhos perdidos na nuvem alcoólica não colaboraram: a guitarra acertou em cheio na testa do imbecil. O infeliz passou o resto do show com a testa sangrando e, o pior de tudo, se acabou de tanto dar risada. Era muita imbecilidade para um homem só.

Andreas só podia chegar a uma única conclusão: Aquiles estava com problemas. Assim, o problema de Aquiles logo era problema da banda. Os conselhos iniciais de Andreas para Aquiles iniciar um tratamento para o alcoolismo começavam a atingir o âmago do orgulho ferido deste. E neste dia, a história tinha tudo para se repetir.

Aquiles estava gravando a linha de guitarra, bêbado. Estava totalmente descoordenado. Seus olhos pareciam ainda mais estrábicos, perdidos no meio do nada. Seus solos de guitarra eram lentos e falhos. Se aquilo fosse para o disco, o álbum seria motivo de risada.

Andreas, que estava sentado a mesa de som, levantou-se subitamente, furioso. Ele entrou na sala de gravação já gritando:

- Que pensa que está fazendo, Aquiles?

- Do que está falando?

- Se acha que eu preciso de um idiota bêbado nesta banda está muito enganado. Você não está com as mínimas condições de gravar.

- Eu estou nas minhas melhores condições. – Aquiles mal conseguia se equilibrar de pé. – Não venha determinar quais são minhas condições.

Andreas arrancou a guitarra de Aquiles a força, embora este lutasse em vão para resistir.

- Vá para o hotel agora e volte aqui amanhã. Mas volte sóbrio ou não irá gravar porcaria nenhuma.

- Você se acha o dono desta banda, não é mesmo seu moleque? É igualzinho o Rodrigo. Ditador desgraçado.

Depois disso ele saiu, tropeçando em tudo o que estivesse pelo caminho, e deixando Andreas furioso por ter sido comparado a Rodrigo, o sujeito mais detestável da história humana. Andreas olhou para a equipe de gravação, e para Fábio e Elou. Todos o observavam em silêncio. Ele demonstraria quem é que mandava ali.

Começou a afinar a guitarra de Aquiles com a sua voz, colocou os fones, e disse:

- Vamos continuar gravando.

Hesitaram.

Andreas olhou para todos e disse, firmemente:

- Eu vou gravar a porcaria da guitarra. Se apressem com isso.

Dizendo isso, a equipe de gravação entrou em ação.

Nos dois dias seguintes, Aquiles não apareceu no estúdio. Andreas nem se importou, mas Elou e Fábio, os pacificadores, procuraram Aquiles no quarto de hotel insistindo para que esse fosse trabalhar. Mas segundo eles, Aquiles fora enfático em dizer que não estava disposto a gravar naqueles dias e eles que esperassem sua boa vontade.

Quando ele resolveu aparecer, três dias depois da discussão, teve uma surpresa.

- Todas as guitarras já foram gravadas – anunciou Andreas, casual.

Ele percebeu a surpresa de Aquiles. O idiota estava pensando que Andreas ia esperá-lo estar num bom dia para continuar a gravação. Durante aqueles dois dias, Andreas gravou toda a parte que cabia a Aquiles e agora o moleque expressava toda sua surpresa.

- Como assim?

- Eu fiz seu trabalho. Você estava ocupado demais com suas garrafas para cuidar de sua obrigação.

Aquiles olhou para os demais como que tentando confirmar se aquilo era a sério ou apenas uma brincadeira. O silêncio de todos parecia ser a resposta de que ele precisava.

- Então você pode jogar no lixo tudo o que gravou, e vamos gravar tudo de novo.

- Não vamos gravar nada de novo, Aquiles. O que está feito, está feito. E se não estiver contente pode voltar a “encher a cara” que estou pouco me importando.

- Está querendo dizer que quer que eu saia da banda? – Ele estava visivelmente nervoso.

- Estou querendo dizer que vá para o inferno, se quiser.

Os dias passaram e Aquiles não deixou a banda, conforme os outros temiam. Mas ele e Andreas não trocavam mais palavra alguma, a não ser o essencial. Andreas percebia que ter sido Aquiles expulso dos Aborrecidos era mais culpa deste do que da intolerância de Rodrigo. Se havia algo que irritava Andreas profundamente, eram pessoas embriagadas. Além de idiotas, eram fedorentas. O estado de Aquiles ficou pior quando ele soube que Veraline estava para se casar de novo com um outro cara rico da cidade. Depois que soubera da notícia na Inglaterra através da sua mãe, Aquiles enveredou-se no mundo do alcoolismo por vários dias, consecutivos.

Nem assim Andreas sentiu vontade de falar com o cara.

O nome do segundo álbum do King Jeremy era *Road to the Perjury* (Estrada para o Perjúrio). As dez faixas eram um retrato vivo da atual fase da banda. Andreas explorou mais o uso das pesadas guitarras e o resultado foi um disco nervoso. A sonoridade abandonou o ambiente experimental e caiu na mesmice. Dez faixas típicas de bandas de garagem – muito barulho e pouca criatividade. As letras de Aquiles poderiam levar multidões ao suicídio, tamanha a depressão presente ali. Ele parecia querer ser um novo Goethe com seu Jovem Werther. Toda a dor da rejeição de Aquiles por Veraline havia sido colocada naquelas letras. E tudo o que Andreas conseguiu sentir, ao ouvir o resultado final, foi desânimo. Era como se sua fase criativa tivesse ficado estacionada no primeiro disco. O modo como o segundo disco saíra poderia ser um indicativo de que, de agora em diante, os álbuns do King Jeremy seriam apenas mais alguns álbuns de rock. Andreas sempre desejara ser conhecido como uma grande mente da música e por quase toda sua vida acreditara que seria. Mas agora o idiota se conscientizava de que estivera enganado, o tempo todo. O que ele tinha a oferecer à música estava bem retratado na capa do disco – uma estrada, apenas, que levava a um horizonte desconhecido. Esta era a perspectiva de Andreas: trilhar uma estrada sem um objetivo definido. E sem objetivos, ele não teria estímulos, nem a certeza de que conseguiria chegar ao fim. Ele se lembrava de algum poeta que havia dito que deixávamos de ser ordinários quando tínhamos sonhos, mas Andreas não encontrava ânimo nem sequer para sonhar.

Andreas – ordinário, um dejetto humano.

Consequentemente, a vendagem do disco não ultrapassou a do primeiro álbum, conforme Andreas esperava. Os *sites* e revistas do mundo alternativo não receberam o disco com entusiasmo. Para falar a verdade, eles desceram o pau. Um crítico de uma revista alemã escreveu o seguinte sobre a banda:

“Seu álbum de estreia era o indicativo de uma banda criativa disposta a fazer com que a qualidade fosse sua marca registrada. Agora, porém, com *Road to the Perjury*, o King Jeremy manifesta uma significativa decadência.”

Outros críticos tiveram a mesma opinião. O próprio Andreas tinha a mesma opinião. Estar em decadência fazia com que ele se sentisse extremamente desgostoso consigo mesmo.

Durante os shows de divulgação do novo disco, Andreas e Aquiles continuaram sem se falar. Aquiles não perdoara Andreas por este ter feito a gravação da guitarra em praticamente todas as faixas do disco. Ele diminuía consideravelmente a ingestão de bebidas alcoólicas, mas ainda bebia o suficiente para prejudicar seu desempenho no palco. Tudo isso se somava ao pouco entusiasmo gerado por *Road to the Perjury*, o que estava gerando um estresse em Andreas. Ele se sentia cansado embora estivesse apenas no início da carreira. Elou tentava aconselhá-lo o tempo todo.

- Não percebe que enquanto estiver neste estado, seu processo de criação ficará comprometido?

- O quê quer que eu faça? Eu não sou mais o mesmo.

- Pare de se preocupar um pouco. Tente usufruir o momento. Lembre-se de onde você estava anos atrás. Hoje você tem a oportunidade de viajar, de tocar para multidões. Há tempos atrás isso era apenas um sonho para você.

- Não quero simplesmente tocar, Elou. Quero fazer algo do qual eu possa me orgulhar. E não me orgulho do rumo que as coisas estão tomando.

Talvez Elou estivesse com a razão. Talvez Andreas desejasse demais. Mas pensar diferente era como se esquecer de quem ele era. Ou ele dava vazão aos seus ideais, ou então acabaria desistindo de tudo.

Andreas teve subitamente um estranho desejo. Ele gostaria que Suzana estivesse por perto. Ela era uma garota muito esperta e todas as vezes que Andreas a encontrava, de alguma forma, Suzana lhe transmitia algo de positivo. Se ela estivesse ali, naquele momento, bem provavelmente Andreas se sentiria um pouco mais estimulado para passar bem aquele dia e acordar com uma nova disposição no dia seguinte.

Sentindo-se estranhamente vazio, Andreas decidiu compor uma canção. Pegou o seu violão e ficou fazendo vários acordes, tentando fazer com que a canção nascesse do nada.

Depois de mais de 2 horas, ele ainda não havia conseguido compor absolutamente nada.

CAPÍTULO 31

Os quatro homens estavam sentados em uma lanchonete – os semblantes e os sonhos cerrados. As quatro figuras, Aquiles, Andreas, Elou e Fábio, tentavam definir o futuro da banda. E havia tensões nas entrelinhas que fugiam dos visíveis problemas principais deles.

Um deles, para variar, envolvia Veraline. Aquiles ouvia comentários sobre Veraline ter começado a usar drogas. A princípio, recusou-se a acreditar. Veraline? Usando drogas? A declaração era de uma irrealidade torturante. No entanto, diversas pessoas que tinham contato com ela, ainda que contatos eventuais, testemunhavam isso. A própria Márcia, que ainda mantinha uma proximidade com a amiga, confirmou os temores de Aquiles. O que começara com pequenas doses apenas para fugir da angústia após o fim do casamento com Marcos arrastara Veraline para um lamaçal onde ela perdera, de uma vez por todas, sua identidade. Ela não é mais a mesma pessoa, dissera Márcia, palavras pontuadas com tristeza.

Aquiles ficou profundamente decepcionado com as notícias. Chocado, seria a palavra certa. Ela sempre fora sua princesa, e como tal, não havia margens para imaginá-la usando drogas. Aquiles a enxergava como uma garota pura, delicada, e nunca como uma jovem autodestrutiva. Aqueles comentários faziam com que a princesa fosse pouco a pouco destronada, e Aquiles parecia querer acordar para o mundo frio e real.

Ao mesmo tempo, os pensamentos de Aquiles começavam a encontrar um suave repouso nas lembranças de Márcia. Sua presença intensificava os momentos de Aquiles. Era como se seu coração batesse em um ritmo diferente. Nada parecido a uma emoção obsessiva. Era um impulso racional que a personalidade de Márcia, sua conversa, e sua risada única proporcionavam. E Márcia parecia se interessar pelo que Aquiles gostava, por tudo o que ele sentia. Ele achava Veraline uma tola por buscar amores falsos quando ele lhe oferecera a pureza de um amor verdadeiro. E não estaria Aquiles agindo da mesma maneira se ignorasse o amor de Márcia, permitindo-se iludir com a imagem da ex-princesa Veraline?

Eram os conflitos internos que não lhe dariam qualquer sossego até que finalmente (e oficialmente) se decidisse.

Agora, Aquiles observava Andreas, o Sr. Melancólico. O fato de saber que aquilo que eles estavam produzindo não tinha mercado, além do fracasso criativo e comercial do segundo álbum, causara uma profunda depressão em Andreas. Ele achava que o King Jeremy navegava sem direção em um mar infinito onde apenas quem seguia a moda tinha o seu lugar estabelecido.

E por conta destas e de outras tensões, Andreas tornara-se insuportável.

Aquiles perguntara certa vez para Elou:

- O que a gente faz para ele parar de “explodir”?

- Não o contrarie.

Definitivamente, não era uma tarefa fácil.

O pior era que o péssimo humor de Andreas não contribuía em nada para ajudar Aquiles a lidar com seus próprios fantasmas. Onde quer que Andreas estivesse, ali havia uma nuvem negra repousando sobre todos. E isto se refletira claramente nas letras de Aquiles para o último álbum. As letras carregavam tanta angústia e depressão que a banda chegou a receber críticas por isso.

Por isso, eles estavam ali reunidos, com o objetivo de saber quais seriam os próximos rumos a tomar.

Andreas estava falando:

- Me sinto como se estivesse preso, amarrado. Tudo o que fizemos, nossos esforços... de que tem adiantado? As pessoas nem sabem quem nós somos. De que adianta querer ser criativo, revolucionar, fazer a diferença, se as pessoas não ligam para inovações? Se eu tivesse que manter uma casa sozinho, sem a ajuda dos meus pais, estaria passando fome. E provavelmente já teria sido despejado.

- Todos nós estamos nesta situação, Andreas.

- E isso não é deprimente? Nosso primeiro álbum vendeu quinze mil cópias. O segundo, até agora, doze mil. Vocês acham que eu montei uma banda para isso? Se bobear, até Os Aborrecidos venderam mais.

- Mas você deve admitir que nosso segundo disco não foi tão bom quanto o primeiro – disse Aquiles, dando uma espezinhada em Andreas. – Isso explica a diminuição das vendas.

- É verdade. Não é tão bom quanto o primeiro. – Ele estava se irritando. Quem mandou questioná-lo? – Mas o que você achou de Misery and Mithology?

- Bom.

- Bom??? É assim que define aquele trabalho? Poderíamos ter feito um álbum mais criativo, mas Misery ainda é um *excelente* álbum. Especialmente se comparado com o que o mercado oferece. E você acha justo que quinze mil seja uma cifra considerável para um trabalho daquela estirpe?

Aquiles teve de concordar com Andreas.

Era verdade que o trabalho que eles tinham realizado era de boa qualidade. Mas o problema era que Andreas queria estar no topo do mundo, ele sempre queria ser o melhor. Ser parado por um grupo de jovens pedindo autógrafos, ter o hotel cercado por fãs de todo o mundo – tudo isso se

tornara uma obsessão para ele. No entanto, nestes devaneios egocêntricos, Andreas estava sozinho. Ninguém na banda compartilhava de seus ideais.

- E o que acha que devemos fazer, Andreas? – perguntou, Elou. – Estamos fazendo nosso melhor. O resto é com o público. Não podemos forçá-los a concordar com nossas ideias.

- Estou completamente desmotivado. Esta é a verdade.

- Não são apenas problemas ideológicos. Estamos tendo problemas dentro da banda também. Nossa comunicação está fraca, e isso está nos destruindo.

As palavras de Elou fizeram com que Aquiles e Andreas trocassem um rápido olhar. Elou generalizou, mas o problema de comunicação dentro da banda era específico apenas dos dois. Aquiles sabia que estava bebendo demais e sabia que já estava na hora de parar com aquilo. Mas Andreas o atormentava tanto que ele acabava bebendo só para provocá-lo. Não era uma atitude madura, mas maturidade não era exatamente uma característica que integrava a realidade de Aquiles.

- Talvez precisemos de um tempo – disse Andreas, pegando todos desprevenidos. – Só para esfriar a cabeça. Alguns meses de folga. Quem sabe as coisas não voltam ao seu devido lugar? – Todos ficaram em silêncio. Ele então perguntou: – O que acha, Elou?

- Está falando em acabar com a banda?

- Não, estou falando em dar um tempo. Só isso.

- E o que acha que isso significa? Que daqui dois ou três meses estaremos todos de cabeça fria, prontos para recomeçar? Grande parte das bandas que “dão um tempo” nunca mais retornam.

- Eu sou contra – opinou Fábio.

Andreas olhou para Aquiles como que esperando que este tomasse a sua decisão. Aquiles estava consciente do que o King Jeremy significava. Ele realmente gostava do que estava fazendo. Mas, ao mesmo tempo, sentia o peso desanimador do clima na banda sobre seus frágeis ombros. Algo que o fazia lembrar dos últimos meses sinistros nos Aborrecidos. E o mal-humor de Andreas exercia um terrível efeito sobre o emocional de Aquiles. Por isso, ele tomou a única decisão que lhe parecia razoável:

- Acho que é uma boa ideia. Eu sou a favor.

- Eu também – disse Andreas. Todos olharam para Elou. – Se der empate seguimos adiante como se essa conversa nunca tivesse acontecido.

Elou suspirou, desconsolado.

- Se der empate, vamos *fingir* que isso nunca aconteceu. Mas a tensão e as decepções deste dia vão nos acompanhar... sempre. – Elou levou as mãos ao rosto. Parecia realmente decepcionado.

– Eu não acredito nisto. Tivemos tanto trabalho para conseguirmos uma gravadora, para lançar nosso álbum e, de repente, vocês querem largar tudo.

- Ninguém falou em largar tudo, Elou. Só estou falando em dar um tempo. Você ouviu muito bem.

- “Largar tudo”, “dar um tempo”, é tudo a mesma coisa. – Elou estava irritado.

- Nós precisamos de um tempo. Se for a favor, paramos agora e, se tudo der certo, ano que vem voltamos a conversar. Simples assim, cara. – Andreas deu uma pausa. – Então, o que diz? É a favor ou contra?

Todos olharam para Elou. Ele levou quase uma eternidade para dizer:

- Se eu for contra a dissolução, nossos problemas continuarão, e vão nos impedir de vencer como verdadeiros amigos. Por isso, pensando no nosso bem, e esperando que isso seja apenas “um tempo”, eu sou a favor.

Naquele momento, houve um baque surdo. Era o corpo do velho Jeremias sendo arremessado dentro da cova fria para ser, mais uma vez, sepultado.

Mas desta vez, Aquiles tinha a impressão de que seria para sempre.

CAPÍTULO 32

1998 –

- *Após o reencontro de Josh Homme com outro ex-integrante do Kyuss, é lançado o primeiro álbum do Queens of the Stone Age, pela gravadora de Stone Gossard, guitarrista do Pearl Jam. O Queens of the Stone Age torna-se uma promessa para o rock atual;*
- *Os singles Push It e I Think I'm Paranoid, do Garbage, são uma bela amostra do que é o álbum Version 2.0. Um pouco mais eletrônico do que o anterior, e explorando ao máximo os efeitos, este álbum agrada aos fãs e à crítica;*
- *Vinda de uma safra de bandas que alargaram o quadro dos britpops, a banda Doves aparece no cenário inglês com suaves melodias, letras sofisticadas e apresentações ao vivo intensas;*
- *Peloton é o segundo trabalho da banda underground Delgados (nome este tirado do ciclista espanhol Pedro Delgado). Há maturidade nas letras e arranjos mais rebuscados, além de sons orquestrados e o vocal meloso de Emma Pollock, tornando o álbum imensamente melancólico. Talvez por ter sido gravado e mixado numa igreja de formação de padres, o álbum tenha ganhado um tom meio gótico. Ainda neste ano, eles iniciam a gravação do terceiro disco, The Great Eastern, que levaria nada menos do que quinze meses para ficar pronto.*

Sua solidão era a doença mais cruel que poderia atingir seu corpo frágil.

Todos os dias eram uma ameaça à parte. Todos os dias eram ainda mais incisivamente cruéis que o anterior. Andreas sabia muito bem o que isso significava. Sabia muito bem aonde dariam seus medos – o terror do amanhã era o destino final de pensamentos inquietantes. Tudo era vazio – ele era vazio – e não havia nada no mundo visível capaz de fazer-lhe abundar calor e propósito definidos.

Se havia alguma coisa que havia lhe dado um propósito era o King Jeremy. Mas até mesmo isso lhe escapara por entre os dedos. Todos os planos e objetivos resumidos agora a pó sobre cinzas. Jovem tolo que não aprendera as regras. A correnteza do medo levava-o para lugares inabitados e sombrios.

Fazia tempo que ele não tinha contato com Aquiles e Fábio. Às vezes, ainda conversava com Elou. Os comentários sobre a banda eram superficiais, mas por vezes, Elou era enfático:

- Você não vê que estamos perdendo tempo com essas bobagens? Foi a maior idiotice termos terminado a banda? Sabia que li na Internet que temos fãs, e eles ficaram desconsolados com o fim da banda?

Elou dizia “termos terminado a banda”. Mas ele não terminara nada. Talvez dissesse isso para que a conversa tivesse um tom conciliador. Ou talvez sentisse certa dose de culpa por tudo o que acontecera. Seja como for, Andreas preferia conversar com alguém que não o acusasse de ser o culpado pelo fim do King Jeremy. Pelo menos, não o único. Sua ansiedade, a decepção com a imbecilidade no mercado da música, o anonimato, a falta de criatividade, os problemas com Aquiles – tudo se somara em sua cabeça jovem e sem experiência. A carga fora pesada demais para ele suportar. Quando a depressão roçou-lhe a cabeça, Andreas achou que iria enlouquecer. A única decisão cabível era darem um tempo. Ainda que este tempo se provasse, no final das contas, definitivo. E o fim de King Jeremy parecera ter causado um impacto emocional ainda mais violento em Andreas. Em vez de se sentir melhor, a angústia tomara conta de sua vida.

Com a intensificação da solidão, isolado de tudo e de todos, Andreas começou a se sentir criativo. Com a angústia se tornando afiada, as músicas ganhavam vida em sua mente fértil e forma no papel e violão. Segundo sua modesta opinião, eram as melhores que ele já criara.

Mas apesar disto, ainda continuava sozinho. O que ele faria sem o King Jeremy? O que ele faria sem alguém para amar?

E, em seu peito, apenas fustigadas vorazes de uma solidão psicótica e mortal.

A chuva rompia o vazio e batia com fúria em sua janela. O vento soprava, irado, parecendo buscar o corpo frágil do coelho exposto. Andreas estava acuado em seu quarto, observando a tempestade tentando alcançá-lo. Podia ver os olhos frios da tempestade, olhos ameaçadores – ela queria pegá-lo, despedaçá-lo, tirar-lhe a vida. Coelhos têm pavor de tempestades.

Ele tentava pensar em seu futuro, mas a tarefa lhe parecia complicada e estafante. E de que adiantava planos? Ele era apenas as sobras de um homem sem amor-próprio. Ou qualquer coisa neste sentido. Se ele pudesse, faria tudo diferente. Uma nova vida erigida sobre mármore. Se tivesse o poder de escolher, teria nascido belo. Ou teria feito com que King Jeremy tivesse estourado nas paradas de sucesso do mundo inteiro, sendo ele hoje reconhecido como um dos maiores gênios que o rock já criara.

Se pudesse escolher, Andreas preferiria não ter nascido.

Mas ele não podia fazer nada destas coisas. O interessante e o estimulante fugiam de sua presença. Tudo o que estava ao seu alcance era a mediocridade de um moribundo depressivo. Nada lhe era completo e o que lhe restava era morrer cheio de arrependimentos.

Nisto o telefone tocou.

Era Elou.

Ele parecia um pouco excitado. Depois dos preâmbulos, perguntou:

- Como está se sentindo, hoje?
- Melhor não responder.
- Talvez se sentisse bem se conseguíssemos fazer algo de proveitoso.

Andreas não estava a fim de conversa, mas decidiu levá-la um pouco adiante.

- Como o quê, por exemplo?
- Pensar em nosso futuro. Dessa vez, com um pouco mais de carinho.
- Ramphf – O típico grunhido de Andreas que nem ele era capaz de traduzir.

- O velho Knoxville está se revirando em seu túmulo. – Elou continuou. - Vem aqui em casa e te explico.

- Que ir na tua casa, maluco? Está chovendo canivetes.
- Eu busco você.
- Por que não deixamos isso para outro dia? Tipo, amanhã?
- Não, Andreas. Vamos resolver isso de uma vez por todas.
- Resolver isso o *quê*?
- Quinze minutos.
- O quê?
- Em 15 minutos, estarei aí.

E desligou.

A tempestade parecia mais furiosa agora. Andreas estremecia ao ouvir as violentas fustigadas contra o vidro. E ainda podia ver os olhos dela o encarando, o tempo todo. Ao menos, ela lhe dava atenção.

E isto era tudo o que lhe restava.

O pontual Elou chegou, 15 minutos depois. Surpreendentemente, a chuva parara pouco antes e, no momento, apenas um leve chuvisco caía do céu ainda relampejante. Andreas olhou pela janela do seu quarto – os olhos da tempestade tinham ido embora.

- Que inferno de assunto importante você tem pra falar? – perguntou Andreas, assim que entrou no carro de Elou.

- Em casa a gente conversa.
- Péssima hora para me tirar de casa, Elou – comentou. – Não estou nos melhores dos meus dias.
- Aconteceu alguma coisa?

- Esse é o problema. *Nada* aconteceu. O mundo gira e o Nada corre em minhas veias.

- Sente falta de algo?

- De mim mesmo. Perdi minha identidade em algum momento da história e não sei o que faço para me reencontrar.

- Talvez eu saiba *quando* você perdeu sua identidade. Foi quando você e o Aquiles tiveram a ideia idiota de dar um fim na banda quando estávamos indo tão bem.

- Chama *aquilo* de “indo bem”? Aquilo foi um fracasso total.

- Dentro das suas expectativas de megalomaniaco, talvez. Mas dentro do que é comum com a maioria das bandas, estávamos indo muito bem. Você achava que nosso caminho seria muito mais fácil que o de qualquer outra banda de sucesso?

- Achava.

- Você é um idiota, Andreas. Se um dia resolver colocar seus pés no chão, talvez consiga algo de verdade.

- Eu tenho talento, ou pelo menos tinha, e gostaria de ser reconhecido por isso.

- E talvez será. Mas existe um tempo para tudo. Não tente conquistar o planeta, se não tem maturidade para conquistar nem a si mesmo.

Palavras duras de Elou. Mas, no final das contas, ele estava certo. Andreas estava propenso a achar que todos tinham razão já que tudo o que ele achava ser correto e direito provara-se falso.

O fracasso se enamorou de mim. Não nego. Negação eu sempre serei.

Quando chegaram à casa de Elou, foram direto para o quarto dele. Ao entrar ali, Andreas surpreendeu-se com a presença de dois jovens – Aquiles e Fábio. Andreas ficou um momento em silêncio antes de dizer:

- O que está acontecendo aqui?

- Há quanto tempo não nos reuníamos! – exclamou, Elou, com um sorriso nos lábios. – Este momento é emocionante. Os quatro Reis reunidos novamente!

Aquiles se aproximou de Andreas e estendeu a mão.

- Como vai, Andreas?

- Respirando – respondeu, apertando a mão de Aquiles. – E você?

- Corro antes de me apanharem. É assim que sobrevivo.

Fábio veio em direção a Andreas e abraçou-o.

- Senti saudades, irmão.

- Eu também, Fábio.

Andreas não pode deixar de sentir uma certa paz em estar com seus amigos novamente.

- E qual a razão dessa reunião?

- Eu já te disse, Andreas. O senhor Knoxville está se revirando no túmulo. Ele está cansado do lugar que voltou a ocupar desde o nosso fim. Ele está reivindicando seu lugar entre os vivos. – Elou olhou bem dentro dos olhos de Andreas. – Ele quer voltar. O Rei Jeremias quer respirar novamente.

Andreas entendeu tudo. Elou estava propondo a reunificação da banda. Não era mais como as eventuais críticas que ele fazia. Agora, ele preparara todo aquele esquema porque estava decidido a ressuscitar King Jeremy.

Andreas olhou em volta e percebeu que os outros dois também o encaravam como se esperassem dele uma resposta. Isso significava que eles estavam de acordo com Elou? Será que Aquiles realmente havia mudado de ideia ou estava ali na mesma situação de Andreas?

- O que acha de tudo isso, Aquiles?

- Preciso de ar, Andreas. E só há um lugar no mundo onde sou capaz de respirar. E este lugar é nos palcos.

Andreas tinha a mesma sensação. Um peixe fora da água. Tudo o que fazia era se debater, sem que isso lhe desse o ar de que tanto necessitava. Ele se lembrava muito bem dos problemas que passaram dentro da banda. Mas os problemas por existir naquele mar de solidão e improdutividade eram ainda mais assustadores. Aquiles era um bêbado, mas ainda assim um gênio criativo com letras inspiradoras que fazia o trabalho de Andreas valer a pena. Talvez Elou estivesse com a razão. Se ele resolvesse ir mais devagar talvez conseguisse ir mais longe.

- Como está a votação? – perguntou, ele.

- São três favoráveis. Falta você. Mas precisamos de unanimidade. Se votar contra, ficamos como estamos. A decisão é sua.

Andreas olhou para os três homens. Eles pareciam com a respiração trancada. Ele mesmo estava com a respiração trancada.

- O que é que posso dizer?

Os quatro homens sorriram ao mesmo tempo.

O mundo parecia um lugar melhor para se viver. O ar parecia mais puro. O alimento parecia mais saboroso. Se Andreas tentasse definir o universo à sua volta usaria termos mais ou menos semelhantes a estes. Não que as coisas tenham sofrido alguma espécie de mudança cósmica; não, ele que passara a encarar tudo com um positivismo maior. O mundo era estático, mas os olhos de

Andreas e sua concepção, não. E o responsável por tudo isso era King Jeremy. Se não fosse pelo velho Jeremias, Andreas ainda estaria em seu canto frio e distante.

A primeira coisa que fizeram foi trabalhar em cima de composições para o aquele que seria o terceiro álbum da banda. Andreas tinha à sua disposição mais de 20 composições escritas durante o período negro de sua história. Andreas tinha a honesta impressão de que aquelas eram as melhores canções que ele já fora capaz de criar.

Aquiles passara por uma experiência similar. Solitário, sem fazer qualquer coisa objetiva em sua vida, sendo desprezado por Veraline que, segundo a própria Márcia, estava se afundando cada vez mais nas drogas, Aquiles dava vazão à sua dor, escrevendo letras geniais. Mas desta vez, existia uma exploração maior de substantivos concretos combinados a um simbolismo errático. Isto dava às letras uma identidade própria que Andreas não via em qualquer outro letrista.

Quanto a Elou, ele trouxera novas influências da Europa durante as viagens que fizera nos últimos meses, o que enriquecia a nova fase do King Jeremy. Andreas tinha a convicção de que o terceiro álbum seria o melhor da banda. Havia uma maturidade estimulada por uma considerável dose de melancolia que fazia com que os músicos se arrepiassem, durante os ensaios.

Devido à ampla quantidade de material pronto, eles trabalhavam com a ousada meta de um álbum duplo – ousada, pelo menos, para uma banda alternativa com menos de 30 mil cópias vendidas nos dois primeiros álbuns. Conseguir o apoio da gravadora para um trabalho como esse foi uma tarefa dura. Mas com a ideia aprovada, o desafio de lançar um trabalho desta magnitude estava causando uma grande excitação entre todos.

- O estúdio já está reservado para as gravações no próximo mês – comentou, Elou.

- Temos que trabalhar rápido. Há algumas mudanças nos arranjos que precisamos considerar. Eu acho legal uma textura mais eletrônica ao fundo, sem tirar a atenção dos acústicos. Também tem uma ou duas faixas que acho interessante colocarmos harpa. Gostaria que ele fosse rotulado como progressivo.

- Não vai ser difícil isso acontecer – disse, Aquiles, enquanto dedilhava no violão uma das novas canções. – Esse vai ser o nosso álbum mais maluco.

- Este é o objetivo. Temos de esquecer tudo aquilo que o mercado exige e fazer algo que seja a nossa cara. Somos a revolução.

- Mas, para isso, acho que precisamos de um produtor – disse, Elou. – Eu tenho feito esse papel, mas se tivermos um quinto elemento para nos ajudar a criar a atmosfera certa, acho que seria perfeito.

- Produtores podem ser uma faca de dois gumes.

- É uma questão de experimentar.
- Vamos pensar nesta possibilidade.

Aquiles disse:

- Vamos ao que interessa neste momento. Precisamos de um nome para o álbum. Sugestões, por favor.

- Não pensei em nada – disse Fábio.

- Pensei em algo que enfatizasse a loucura. Grave to the Crazy Men, por exemplo.

- Você só pensa em túmulos, Elou. Nosso trabalho é uma elegia a melancolia. Todas as composições carregam a tristeza como estandarte principal. A personagem do álbum se transforma em outra pessoa devido à extrema dor que ele sente. O nome do álbum tem de retratar isso de alguma forma.

- No que está pensando?

- Em um título que seja um discurso em defesa da melancolia. Afinal, é ela quem nos inspira. Sem ela não estaríamos aqui. Este álbum será uma apologia à tristeza.

- Apologia à Tristeza. É um bom nome.

- Não, talvez ... – Andreas ficou pensativo – ... Apologia de um Homem Solitário Sobre a Depressão. Não. Depressão, não. “Apologia de um Homem Angustiado Sobre a Dor e a Melancolia”.

- Apology About the Melancholy and Pain by Distress Man. Uma pequena inversão na colocação para soar melhor.

- Isso! Parece perfeito. O que acham?

- Isso é o nome do álbum ou a letra de uma música?

- Lembre-se que estamos aqui para revolucionar.

- Por mim, tudo bem. Achei legal.

- Eu gostei – disse Fábio.

- Eu também – foi a vez de Elou. – Ele exprime muito bem o conteúdo do nosso trabalho.

Andreas estava satisfeito. Sentia-se bem com a ideia de defender a melancolia, colocá-la sob holofotes favoráveis.

Restava saber se haveria alguém no mundo interessado em ouvir sua versão da história.

CAPÍTULO 33

O Vazio era a companhia de Veraline. Ele a afagava carinhosamente noite e dia, e lhe prometia amor eterno. E ela corava diante de palavras tão cuidadosamente escolhidas, como se o Vazio fosse o seu particular e romântico poeta da literatura.

Veraline novamente deixara a casa dos pais. Desta vez, para morar sozinha. Seus pais alugaram um pequeno apartamento para ela perto da faculdade. Isto permitia economia de tempo para Veraline se deslocar entre sua casa e a universidade. E sobra de tempo para mergulhar em seu vazio existencial. Após o divórcio, Veraline iniciara um tratamento psiquiátrico. Recorrentes pensamentos suicidas colocaram-na na perigosa tênue linha divisória entre a luta desesperadora e a desistência. Por isso, hoje, vivia a base de medicamentos controlados com efeitos colaterais com os quais ela tinha dificuldades de lidar.

A faculdade providenciara novas (e perigosas) amizades. Na busca desesperada de fugir de sua angústia, Veraline começara a frequentar festas regadas a bebidas e drogas. E a interação de drogas adversas potencializava a sensação de desespero. A combinação de álcool e fluoxetina exercia um efeito devastador sobre ela. As drogas agiam em direções opostas no seu corpo letárgico e cansado. A fluoxetina agindo como estimulante, e o álcool como agente depressor. Funcionando juntas, as duas drogas causavam grandes oscilações de humor em Veraline. Em momentos como esses, ela recorria a outros medicamentos que tomara nos meses anteriores, enquanto procurava encontrar o ideal para seus distúrbios de humor. E nas madrugadas destrutivas, cedia a outras drogas mais pesadas. O coquetel químico em sua corrente sanguínea fazia com que a outrora confiante e promissora Veraline mergulhasse rapidamente em um processo de auto-destruição.

E colocava seu corpo cada vez mais próximo de entrar em um fatal choque tóxico.

- Você não está nada bem, Vera – comentou Márcia. – Você precisa de um tratamento.

Márcia era a única amiga dos tempos de escola com quem Veraline ainda mantinha contato. Seu círculo de amigos fora totalmente renovado nos últimos meses.

- Eu estou me cuidando, Márcia. Por que acha que vou ao psiquiatra toda semana?

- Talvez você precisasse de algo mais... radical.

- Como assim?

- Sei lá. Uma internação, talvez.

Veraline deu uma risada nervosa.

- Você não sabe o que diz. Agora está me chamando de louca.

- Você está se destruindo.

- Não precisa se preocupar. Veraline sempre vence. A maré não está boa, é verdade. Mas estou me recompondo.

- Se entupindo de drogas? Pensa que consegue me enganar?

- Eu usei uma ou duas vezes. Nada demais. Não exagere.

Cada linha do seu rosto denunciava a mentira. Havia uma tensão cadavérica em seu semblante e um brilho fosco em seu olhar perdido.

Veraline procurou mudar de assunto.

- Já faz um bom tempo que não vejo o Aquiles. Como vocês estão?

- Não estamos nos falando muito ultimamente. Ele está viajando.

- Com aquela banda dele?

- Sim. Estão gravando um disco na Inglaterra.

- Nunca ouvi falar deles.

- Eles tocam mais por aqueles lados. Não chegam fazer sucesso, mas viajam o tempo todo tocando no circuito alternativo.

“Viajam o tempo todo”. A rotina parecia bastante interessante. No final das contas, parecia que Aquiles estava tendo uma vida intensa, com bastante emoção. Bem contrário de Veraline que resumia seus dias a uma faculdade, a solidão em seu apartamento, e ao abuso de drogas em boates.

- Me diga uma coisa, Márcia. E se por acaso eu namorasse o Aquiles? Como você se sentiria?

- Por que isso agora? Está pensando nele?

- Isso mudaria sua resposta?

- Acho que não.

- Então ...?

Márcia pensou antes de responder:

- Eu já o esqueci.– Márcia não foi convincente. – Até tentei, mas quando vi que não tinha chances, decidi cair fora. – Ela deu uma pausa. – Eu sei que ele ainda gosta de você, Vera.

- Como ele pode gostar de mim ainda? Isso começou há uns 8 anos. O mundo girou, eu casei, separei, ele está em outra parte do mundo... e ainda gosta de mim?

- Talvez seja isso o que chamam de amor verdadeiro.

- Conseguiria amar alguém só por saber que este alguém ama você?

- Se fosse um amor tão forte e persistente quanto o amor do Aquiles por você, acho que eu seria conquistada em pouco tempo.

Veraline ficou pensativa. Estava em uma situação difícil, não podia negar. Parecia viver em uma encruzilhada, e precisava tomar uma decisão. E a decisão que tomasse definiria sua vida a partir de então. A ideia de que era alvo de um amor verdadeiro, de certa forma, trazia-lhe um pouco de paz. E neste momento, em uma espécie de curto-circuito dos seus neurotransmissores, Veraline imaginou-se andando de mãos dadas com o vesgo, beijando suavemente seus lábios, sendo pedida em casamento. Chegou até a imaginar a vida a dois, como marido e mulher. Ele faria viagens pela Europa para fazer alguns shows, e Veraline o acompanharia. Sairia da rotina mórbida a que estava sujeita, conhecendo o mundo. De todos estes pensamentos em que se viu junto a Aquiles, o que mais agradou Veraline foi o das viagens. A ideia de estar beijando aquele rapaz feio e esquisito era até nauseante, mas uma vida de aventuras em viagens constantes parecia ser agradável. Muito agradável por sinal, especialmente se a banda fizesse sucesso.

- E quando Aquiles volta de viagem?

- Nem ele sabe.

- Tem algum telefone para entrar em contato com ele?

- Quer ligar para a Inglaterra?

- Pode ser. Por que não?

Veraline percebeu Márcia observando-a com ceticismo. Parecia não acreditar que a nobre e exigente Veraline estava humildemente admitindo seus erros, e que se cobrira de disposição em corrigir suas falhas.

- Para falar com ele só ligando para o hotel ou para o estúdio. Talvez eu consiga algum número com a mãe dele.

Veraline lhe estendeu o celular.

- Quer mesmo que eu consiga o telefone dele? – perguntou Márcia. Veraline continuou com o braço estendido, em silêncio. – Agora?

No dia seguinte, Veraline ligou para o estúdio onde Aquiles gravava seu álbum. Com alguma dificuldade, devido seu inglês limitado, ela conseguiu deixar recado para que Aquiles lhe retornasse a ligação, visto que não se encontrava ali no momento.

Ela achava que em questão de minutos ou algumas horas Aquiles lhe retornaria. Mas as horas foram passando furiosamente, ao ponto de se transformarem em um e dois dias. Somente no terceiro dia, Aquiles retornou a ligação.

A ligação não estava muito boa, mas Veraline pode perceber que a voz dele estava um pouco embargada. Para variar, ele estava bêbado.

- Aqui é o Aquiles. Recebi seu recado.

- Oi. Que bom que me retornou. Já estava achando que não ia me ligar. As coisas aí devem estar muito corridas para você ...

- Estão, na verdade. Mas eu demorei porque achei... sei lá... que fosse um trote.

- Um trote? Por quê?

- Ora, vai me dizer que não tive razão para pensar assim? “*Veraline ligou do Brasil e disse que precisa falar muito com você*”. Achei que fosse uma piada.

- Bem, não é uma piada. Sou eu mesma e ...

- Por que me ligou?

- Preciso falar com você. Muito mesmo. Quanto tempo acha que ainda vai ficar aí na Inglaterra?

- Quanto tempo? Bom, a gravação do CD ainda vai levar alguns dias, mas depois disso, vamos divulgar o álbum. Agora, quanto tempo vamos ficar aqui vai depender da agenda que conseguirmos. Se o álbum for bem recebido, talvez um mês. Dois, no máximo.

- Dois meses???

- Por quê? O que você tem para falar comigo? Se pudesse falar logo seria ótimo. Essa ligação internacional vai me custar uma fortuna.

- Nós precisamos conversar *sobre nós dois*.

Ele ficou um tempo em silêncio.

- Como assim?

- Eu andei reconsiderando tudo o que você já me disse e escreveu, entende? E acho que perdi tempo demais em minha vida me enganando. Tenho pensado nisso. Não sei se estou conseguindo ser clara.

- Se você está sendo clara... eu não sei. Mas nunca estive tão confuso.

- Eu compreendo. Eu dei motivos para isso.

- Preciso desligar, Veraline. Quando eu voltar, a gente se fala.

Ela esperava uma reação mais entusiástica, mais positiva.

- Tudo bem, eu aguardo. Afinal não tenho alternativa.

- Nem eu. Boa noite. – E desligou na cara dela.

Veraline não deixou de ficar surpresa com a atitude dele. Ela esperava que Aquiles começasse a chorar de emoção no telefone. Será que ele já havia superado seus sentimentos? Será que estava amando outra pessoa? Ou era somente uma letargia resultante do efeito do álcool em seu cérebro? Eram perguntas que, obrigatoriamente, só teriam resposta em semanas ou meses.

E o fato de precisar esperar tanto tempo deixou Veraline angustiada.

E para lidar com sua angústia, ela recorreu rapidamente a uma garrafa de uísque.

CAPÍTULO 34

Aquiles desligou o telefone custando a acreditar na conversa que acabara de ter com Veraline. Um misto de alegria e confusão o dominava neste instante. Não era fácil ser desprezado por uma pessoa a quem amara durante anos e, de repente, da noite para o dia, ver tal pessoa mudar completamente o comportamento. A menina nunca fizera o menor esforço para lhe lançar um releo olhar. E agora fazia uma ligação internacional para lhe dar esperanças. Será que Veraline estava sob efeito de drogas? Era uma possibilidade bastante real, dado aos últimos rumores que Aquiles ouvira sobre ela.

O distúrbio. O problema. Inevitável questionar-se a que fim levaria tudo isso.

Naquele momento, poucas coisas faziam sentido, mas Aquiles sabia que tudo continuaria daquele jeito, pelo menos, por mais algumas semanas. Para que toda aquela conversa fosse definitivamente esclarecida, ele precisaria voltar ao Brasil e conversar pessoalmente com ela. Longas esperas. Esperas angustiantes para um desesperado. Nada lhe restaria durante todo este tempo exceto deixar-se ser engolido pela confusão. Esta seria sua essência pelos próximos dias.

Aquiles deixou a sala e foi até o estúdio.

Os demais integrantes do King Jeremy estavam ali reunidos com Tod Lensen – o primeiro produtor musical de verdade da banda. Sob indicação da gravadora, eles entraram em contato com o produtor que tinha uma longa ficha de bandas iniciantes lançadas no mercado.

Tod devia ter uns 50 e poucos anos. Apesar disso, tinha um rosto jovial que não aparentava sua idade. No entanto, a sagacidade dele foi algo que todos os integrantes do King Jeremy perceberam no primeiro contato que tiveram. Era inteligente e profissional. Mas também espirituoso. No dia em que ouvira o King Jeremy tocando pela primeira vez, ele dissera:

- Nunca trabalhei como uma banda tão boa quanto vocês. – E depois arrematou: – Mas saibam que falo *isso* para todas as bandas com as quais trabalho. – E deu uma risada alta.

Tod seria o quinto integrante da banda. Seria o responsável por tornar as músicas do King Jeremy mais cativantes e absorventes. Seria a visão crítica e realista fora da utopia de quatro jovens emocionalmente envolvidos com cada nota, cada verso.

Metade das 24 músicas do novo álbum já estava pronta. E pelas conversas nos bastidores, aquele álbum seria um importante marco no rock alternativo. Em certa ocasião, Aquiles perguntara a Tod:

- Acha que vamos estourar?

- Depende do que entende por “estourar”, filho. – Ele vivia chamando todo mundo de “filho”. – Esse álbum promete. Vai arrepiar o cenário do rock alternativo. Mas se acha que este será um álbum duplo do porte de grandes bandas, você vai ficar um pouco decepcionado. Para não dizer “extremamente decepcionado”.

- Mas se é tão bom, o que nos separa do sucesso?

- Estou nesse ramo há muito tempo. E posso te dizer que já vi muitas bandas com um som totalmente novo e revolucionário. Mas apenas poucas, bem poucas, saíram do anonimato.

- Isso é mal.

- O que estamos produzindo é algo novo. Mas é bem provável que, neste exato momento, outras bandas estão fazendo um som exatamente como o nosso, cada qual em sua pequena garagem ou em um estúdiozinho qualquer. *Se* uma destas bandas conseguir o sucesso, será *apenas* uma. Ou duas, no máximo.

- Está querendo dizer que isso, na verdade, parece uma loteria?

- Não, filho. O que estou dizendo é que isso *é* uma loteria.

De certa forma, essa conversa que tiveram dias atrás, deixara Aquiles desgostoso na ocasião.

Agora, assim que Aquiles entrou no estúdio, Tod perguntava para Andreas:

- Que tipo de som abstrato?

- A música fala sobre o temor de pequenas coisas – respondeu o vocalista –. No dia a dia, pequenas coisas podem nos assustar. Não precisa ser algo assustadoramente grande, alto ou monstruoso. Mas algo pequeno, que bote medo. – Quando viu Aquiles, Andreas disse, exaltado: – Por onde andou?

- Estou estava resolvendo uns negócios. Foi mal.

Às vezes, quase sempre, Andreas sabia ser insuportável.

- Andreas – disse Tod. – Esse medo precisa ser, então, subentendido?

- Exato. Uma explosão, por exemplo, não serviria.

- Um tiro? – sugeriu Elou.

- Dá na mesma. Precisamos de algo mais incisivo, algo que penetre na alma de nossos ouvintes.

- Algo como ... um enxame de abelhas?

Aquiles viu os olhos de Andreas brilharem depois da sugestão de Tod.

- Isso! Parece muito bom! ... Abelhas. Um enxame de abelhas. Você pensa rápido, hein garoto?

- E para isso que sou pago.

- Um enxame de abelhas enfurecidas. Bem na introdução da música. Pode conseguir isso, Tod?

- O som de abelhas? Muito fácil.

Tod começou a fazer anotações em um papel. Ele tinha duas manias: chamar todo mundo de “filho” e anotar tudo o que conversavam. Não devia ter uma boa memória.

- E o som da primeira faixa? – perguntou Aquiles, entrando na reunião. – A gente vai enfiar uma harpa ali ou não?

- Estive considerando isso. – Foi Tod quem falou, enquanto apertava vários botões da mesa de som. – O Elou gravou a linha de harpa ontem, e eu coloquei no arranjo. Acho que ficou bom. Ouçam.

Tod colocou a música de introdução chamada Good Morning, Little Worm (Bom Dia, Pequeno Verme). Ela começava com uma batida de violão leve e otimista, e um piano ao fundo representando o começo promissor de um jovem executivo em um dia ensolarado.

O álbum Apology descrevia como um homem executivo enlouquecia em 24 horas. Eram vinte e quatro faixas – cada uma descrevia uma hora do dia do jovem executivo. A primeira faixa começaria às 7h00 da manhã. À medida que as faixas avançavam – e conseqüentemente o aumento do estresse de um dia cheio de decepções e torturas emocionais – as músicas adquiriam uma atmosfera mais sombria. E o homem ia sofrendo uma grande mutação, enquanto a dor e a melancolia faziam-no encarar a vida de outro ângulo. Aquiles achava que esta seria uma obra fenomenal e inconfundível.

Após solos do violão, ouviu-se na introdução da música a voz de Andreas que sussurrava com *tanta* angústia, que ele chegou se sentir deprimido ao ouvir: “*The last day, 7 a.m.*” Depois havia três segundos de silêncio. Andreas exigira isso dizendo que se tratava de uma sensação de desconfiança da personagem do álbum. Algo como um prenúncio de que aquele dia lhe traria algo terrível. Depois o violão voltava a soar e o piano tornava-se mais acentuado, como se o homem dissesse para si mesmo: “Bobagem, é só impressão minha!” e seguisse sua vida tranquilamente.

Depois de um minuto de música, entrava a harpa em questão. Aquiles percebeu que ela dava um aspecto mais animado e otimista à canção. O som do violão, piano e harpa continuavam juntos por mais um minuto e meio até que a música cessava, suavemente.

Tod olhou para os quatro.

- Ótimo, não é mesmo?

Todos concordaram.

O produtor continuou:

- Também achei. No momento em que a harpa entra, a música se torna mais estimulante. Isso representa o momento exato em que o nosso homem sai de casa e recebe o calor estimulante dos raios do Sol, já perto das oito da manhã. Ele acha que seu dia será maravilhoso. Mas o desgraçado mal sabe que vai enlouquecer em menos de vinte e quatro horas.

- Ou 24 faixas – brincou Elou.

Andreas arriscou:

- Ouçam o que eu digo: Apology vai revolucionar o rock.

- Será um ótimo álbum, Andreas.

- Não, Tod. Você não entende. *Esse* será o maior disco de todos os tempos. Que me perdoem Beatles, The Who e Pink Floyd. Mas o melhor álbum da história será Apology About the Melancholy and Pain by Distress Man. A nossa obra será magistral.

Aquiles também acreditava que Apology, depois de pronto, seria uma obra magistral. Mas como Tod havia dito, neste momento, muitas bandas poderiam estar fazendo algo muito parecido. E talvez, apenas uma delas seria colocada sob os holofotes do reconhecimento.

De qualquer forma, ele acreditava que tinham todos os motivos para comemorar. Apology não venderia tanto quanto poderia pelo fato de ser um álbum duplo. Ainda assim, Aquiles tinha certeza de que o mercado alternativo teria um respeito maior por King Jeremy após seu lançamento.

Mas, enquanto Aquiles tentava se concentrar nos assuntos relacionados à banda, as lembranças de Veraline voltavam à sua memória. Mal podia esperar a hora de ficar frente a frente com ela e botar em pratos limpos aquela conversa enigmática.

A imagem dele andando de mãos dadas com Veraline se formou em sua mente, e levou algumas horas para se desvanecer.

Durante a noite, Andreas chamou Aquiles para dar umas voltas pela cidade. Passear tranquilamente pela noite londrina foi algo que conseguiu distrair Aquiles. Aquele dia havia sido estranho, com pensamentos recorrentes sobre o telefonema de Veraline. Todos perceberam que ele não estava conseguindo o máximo de sua concentração, mas evidentemente, não tinham a mínima ideia de quais eram suas razões. Talvez por isso Andreas o tenha chamado para sair.

- Tenho fascínio por essa cidade – comentou Aquiles, enquanto passavam por uma rua repleta de *pubs* de ambos os lados. – Gostaria de um dia morar aqui.

- É uma boa cidade, mas duvido que eu me adaptaria.

- O que me fascina em Londres é... Londres. Simplesmente, Londres. Se um dia eu tivesse grana, viria pra cá.

- Quando fizermos sucesso, você pode realizar seu sonho.

- Você acha mesmo que conseguiremos o sucesso ou só diz isso fazendo o seu papel de líder?

- O que eu falo ou acho não interessa, Aquiles. Nossa obra fala por si, e ela tem voz mais forte do que todos nós.

- O Tod disse que, neste momento, tem um milhão de bandas fazendo um som como o nosso.

Andreas deu uma gargalhada cínica.

- O Tod é um idiota. O trabalho dele é produzir o nosso som, não ficar fazendo previsões do nosso futuro. Ele é nosso produtor, não um médium musical.

- Ele me disse que tudo isso não passa de uma loteria.

- Se isso for uma loteria, meu caro, então nós temos o número da sorte.

- Mas os argumentos dele são um tanto quanto lógicos...

- Eu sei muito bem quais são os argumentos dele. – Andreas parou subitamente e começou a falar com irritação. Qualquer comentário que colocasse em questão o futuro sucesso deles deixava-o irritado. – Ele quer dizer que não existe originalidade neste ramo. Apenas um pouco de sorte para alguns moleques, em especial. Mas deixe dizer quais são os meus argumentos: existe um milhão de bandas que fizeram o mesmo som que os Beatles. Mas todas não passaram de idiotas que tentaram pegar carona num estilo desenvolvido pelos Beatles. Consegue imaginar a molecada fazendo barulhos toscos numa garagem inglesa e, de repente, eles ouvem, pela primeira vez, os Beatles com um som totalmente inovador e diferente? No mesmo instante, eles começam a *tentar* imitar o som genial que ouviram, numa cópia infeliz. Com um pouco de persistência, esses moleques conseguem um relativo sucesso e daí vem um porco como Tod e diz que esses infelizes inovaram o rock, mas foram apenas os Beatles que tiveram sorte? Ao inferno com Tod. – Andreas voltou a caminhar, dessa vez a passos largos e firmes, um caminhar de quando estava furioso. Aquiles voltou a andar tentando acompanhá-lo. Andreas continuava falando: – Você acha mesmo que os grandes gênios da música são, na verdade, uma pequeníssima parcela de outros gênios que tiveram a mesma ideia ao mesmo tempo? Se acha isso, não sei o que está querendo aqui, amigo.

- Quero apenas tocar, Andreas.

Ele parou, abruptamente, mais uma vez, e apontou um dedo na cara de Aquiles.

- Então entrou para a banda errada, garoto. Vá procurar uns retardados cheios de grana e com pose de roqueiro. Porque quem está no King Jeremy não está aqui apenas para tocar, mas para

conquistar o lugar que lhe é merecido. Seremos o topo do mundo e não vamos nos contentar com *apenas tocar*.

Ele voltou a andar novamente.

Se essa conversa tivesse acontecido um dia antes, Aquiles teria voltado pelo caminho que tomara, se separando de Andreas. O infeliz era insuportável quando contrariado. Se as pessoas não dissessem que o King Jeremy ia vender um trilhão de cópias em um dia, aquela peste se recusava a dar um sorriso. Era uma obsessão!

Mas, hoje, Aquiles não estava disposto a discutir com Andreas. Na verdade, Aquiles não estava disposto a porcaria nenhuma. Só a pensar na conversa com Veraline. Por isso, tratou de apertar o passo e alcançar o neurótico obsessivo.

- Tudo bem, cara. Eu concordo que a gente é porrada. Só estou querendo dizer que, se por acaso, a humanidade fizesse uma tremenda injustiça e não nos reconhecesse, ainda assim eu estaria feliz por estar tocando. Tocar me faz bem, quer faça sucesso ou não.

- Tocar me faz sentir bem. Mas o sucesso, o reconhecimento, é o que me manterá vivo.

- Concordo – mentiu.

Andreas pareceu se acalmar um pouco.

Eles caminharam em silêncio durante alguns instantes até que Andreas perguntou:

- O que você tem? Está esquisito pra caramba, hoje. O que aconteceu?

- Está se referindo às vodkas? – perguntou Aquiles, tentando disfarçar.

- Não. Você só resolveu, de uma hora para outra, fazer uma viagem para outro planeta e manteve-se completamente neutro durante todo o dia. Parecia em outra dimensão.

- Pode ser. Estou meio desligado, mesmo.

- Por quê?

- Adivinha.

- Veraline?

- Pois é.

- Mas que inferno, cara! O que foi dessa vez?

- Eu liguei para ela... Quer dizer, ela me ligou.

- Ela ligou ou você ligou?

- Ela me ligou e não consegui falar comigo. Aí eu retornei a ligação.

- Ela ligou? Aqui?

- Uhum. No estúdio.

- O que ela queria?

- Cara, você não faz ideia.

- Faria se me dissesse.

- Ela veio com uma história de que esteve pensando muito sobre as coisas que eu disse para ela. Que está cansada de se enganar, das burradas na vida dela. E que está disposta a reconsiderar tudo.

- What?

- Disse que quando eu voltar é para procurá-la, que nós temos muito pra conversar.

- Então aquela história de que ela estava usando drogas pesadas era verdade.

- Sei lá, ela me parecia bem.

- Então por que ela falou isso?

- É nisso que estive pensando o dia inteiro.

- Essa garota enlouqueceu de vez.

- Será que ela está...?

- Está o quê?

- Gostando...?

- Gostando de você?

- É.

- Cara, você que tem que saber isso.

- Saber como?

- Ela parecia sincera?

- Como vou saber?

- Eu sei lá, Aquiles. Essa mulher é meio maluca. Sei que você gosta dela, mas se eu fosse você, ficava esperto. Não acho que ela seja de confiança.

- Ela pode ter mudado.

- E mudou mesmo: virou uma drogada.

- Ela está perdida, cara. Só precisa de alguém que a ajude.

- Cuidado que ela pode te arrastar para dentro do poço. Se quiser ir adiante, a decisão é sua, meu velho. Eu não posso decidir isso por você. Mas tenha cuidado.

- Tenho medo de me ferir, novamente.

- É um risco. Está disposto a correr esse risco? Eu não estaria.

Aquiles tinha a impressão de que suas dúvidas persistiriam durante semanas. Ele tinha receio de que com essa confusão que estava em sua cabeça, não conseguisse desempenhar o seu papel na banda. E parece que Andreas estava tendo o mesmo tipo de preocupação.

- Mas tem uma coisinha: você sabe muito bem porque estamos aqui. Vê se amanhã acorda com a cabeça um pouquinho melhor para podermos trabalhar, ok? Não quero ver você com esse olhar boçal perdido no meio do nada.

- Nem eu quero. Farei o meu melhor.

Andreas colocou a mão sobre o ombro de Aquiles.

- Talvez um dia a gente consiga encontrar nosso caminho. Ser feliz mesmo, de verdade. Fazendo o nosso som, ganhando a nossa grana, e com uma garota bacana do nosso lado. Subitamente, Andreas ficou em silêncio. Parecia estar sendo envolvido pela típica névoa depressiva. Seu olhar ficou assustadoramente carregado. E sombrio.

Aquiles comentou:

- É o que eu espero, cara. Nosso dia vai chegar.

Andreas, ainda sob um manto soturno, disse:

- Melhor irmos pro hotel. Amanhã temos que levantar cedo.

Sem dizer mais uma palavra, Andreas deu meia-volta e começou a ir em direção do pequenino hotel onde estavam hospedados.

Se não estivesse acostumado com aquele olhar, Aquiles desconfiaria que este seria o último momento em que viria seu amigo Andreas com vida.

CONTINUA...

CAPÍTULO 35

Naquela maldita noite, Andreas não dormiu. Era um zumbi com um coração tão vazio que parecia ecoar seus gritos por socorro. Memórias do que ele nunca viveu lhe esbofeteavam. Bem como saudades de um tempo que nunca existiu.

Depois de se revirar na cama por duas horas, ele foi até a janela. Meia hora depois voltou para a cama para mais uma tortura de uma hora acordado. Voltou a se levantar e dessa vez, pôs-se a andar de um lado para outro, silenciosamente, pelo pequeno quarto que era dividido pelos quatro integrantes da banda.

Elou foi o único a acordar e foi logo perguntando, num sussurro:

- Que foi, cara?
- Realidades amaldiçoadas.
- Quê?
- Deixa pra lá, Elou. Volte a dormir.
- Que jeito? Você não para um instante.
- Foi mal. – Andreas voltou a se deitar.

Eram quase cinco da manhã.

A conversa com Aquiles dera vida a sentimentos que, pelo menos durante alguns dias, estiveram adormecidos. A depressão de Andreas sempre era um vulcão prestes a entrar em erupção. Ela estava em constante atividade, esperando apenas qualquer gatilho para dar as caras com força total. Tomava-lhe conta, tomava-lhe espaços. E a solidão eram pesadas doses aplicadas em suas veias.

Monstros que parecem não adormecer. Passageiro para lugar nenhum.

E o passar das horas, a noite insone e a franqueza da idílica culpa não contribuíam em nada para melhorar seu estado. Pelo contrário, Andreas esgotou-se ao ponto de se sentir a pior pessoa do planeta. Chegou a ter náuseas de tão enjoado de ser ele mesmo. Gostaria de ser qualquer idiota do planeta, menos o repulsivo Andreas Hugo. Porque qualquer idiota, por mais cretino que fosse, ainda era amado por alguém. Andreas conhecia uma porção de caras cretinos que eram amados. Mas nem isso ele tinha. Não lhe estava reservado intensidades amorosas, nem mesmo sobras de luz. Naquele momento, subjugado por aquela maldita insônia, ele estava consciente de que não havia, e nem haveria, uma única criatura no mundo que fosse capaz de pensar: “*Oh, Deus, como eu amo Andreas!*” Ele era o pior sujeito que uma mulher poderia ter parido. Sua mãe deve ter tido náuseas,

não durante a gravidez, mas depois do nascimento, quando viu o epítome de infelicidade que botara no mundo.

Ele se levantou novamente e Elou resmungou alguma coisa.

Andreas chegou até a janela, abriu-a, sentindo o vento gelado da noite londrina. Contemplou a rua, três andares abaixo. Seus dedos deslizavam sobre o parapeito áspero de madeira do hotel. Lá embaixo, sob o semblante carregado da noite, poucas pessoas caminhavam na rua. A luz opaca pouco iluminava o espaço alcançado pela visão cansada de Andreas. Ele ouviu alguém assobiar alguma canção em algum lugar qualquer. A rua parecia começar a receber a movimentação dos trabalhadores.

Andreas percebeu que seu coração estava acelerado. Ele olhava fixamente para o chão lá embaixo. E o chão olhava para ele, suavemente. Parecia sorrir. Parecia dizer: “Venha para mim, meu querido. Permita-me abraçá-lo com todo meu amor. Mas preciso que venha agora”.

Três andares. Queda livre. Baque surdo. Seus ossos se arrebatando na calçada nem acordaria outros. Talvez acordasse Elou que estava maluco da vida com as andanças de Andreas. Depois disso, um grito. Talvez hospital. Provavelmente, cemitério.

Ao mesmo tempo, tinha medo das consequências. Não queria correr o risco de passar o resto da vida tetraplégico. Este seria o final mais triste para o filme depressivo que era sua vida.

Andreas colocou o pé sobre o parapeito e, por fim, subiu na janela. Tremia.

Tetraplégico. Tetraplégico. Palavrinha maldita que ficava ecoando em sua cabeça.

Ele continuou a se preocupar com outras coisas – coisas pequenas, por sinal. E se antes que chegasse uma ambulância, os urubus atacassem seu corpo? Não queria ser comido por urubus. A ideia de ficar estirado no chão, servindo de refeição para aves necrófagas lhe apavorou. Eram pensamentos idiotas que vinham a sua mente. Talvez na hora da morte, concluiu ele, todos ficavam assim, meio idiotas.

A calçada continuava a convidá-lo. E ele se perguntava se alguém se importaria se ele aceitasse ou não o convite. De uma vez por todas, quem se importaria?

Ninguém se importa com coelhos doentes e abandonados.

Ele sussurrou:

- *Um* motivo... Apenas *um* maldito motivo para não ir em frente.

Por falta de um motivo, Andreas deparou-se com dois. O primeiro: A Apologia de um Homem Angustiado Sobre a Dor e a Melancolia. Ele era o homem angustiado e tinha a obrigação de defender a sua dor. Esta era sua missão. Ele seria uma prova viva de que o homem, ainda que dominado pela dor e pela melancolia, poderia potencializar sua criatividade e ainda envolver

multidões com sua arte e genialidade. As pessoas no mundo poderiam ouvir essa mensagem clara, mas ele precisaria estar vivo para isso. O segundo: as palavras de Suzana. Lembrou-se dela lhe dizendo: *“Você é o centro do mundo, Andreas”*. Ela já o fizera sentir-se vivo em uma ou duas ocasiões. E esta parecia ser a grande beleza do mundo: a capacidade de valorizar o que se tem poderia partir das coisas mais simples, ainda que uma simples frase dita por uma juvenzinha.

Lentamente, Andreas desceu do parapeito da janela.

- Feche essa janela – resmungou, Elou.

Ele fechou a janela, mas continuou de pé, parado. Olhou para uma viga na parte superior do quarto. Lembrou-se do filme *Um Sonho de Liberdade* em que um velhinho recém-liberto da prisão deixa uma mensagem em uma viga, no pequeno quarto de hotel antes de se matar. Andreas foi invadido pelo súbito desejo de fazer o mesmo. Pegou um canivete e subiu numa cadeira.

Quando foi escrever veio-lhe uma dúvida: escrever o quê? Não queria algo vago e superficial como: *“Andreas Hugo esteve aqui”*. Precisava de algo que representasse melhor seu ser neste significativo momento de sua vida.

Após pensar um pouco, Andreas escreveu:

*“Sou o coelho caçado impiedosamente em campos escuros,
Mas às vezes sonho que sou o caçador”*

Naquela manhã, Elou reclamou um milhão de vezes pelo fato de Andreas ter estado tão irrequieto naquela noite. Mas ficou curioso quando lera a inscrição na viga.

- O que é isso? – perguntara.

- Senti vontade de escrever alguma coisa.

- Não tinha papel?

- Ali é melhor.

- E essa frase... ?

- Pensei em algo e pronto. Ou, talvez, até tenha escrito sem pensar.

- É a frase típica de quem não pensa em nada, realmente. Mas não deixa de ser uma frase legal.

Andreas esboçou uma aparência triste e disse:

- Vou pedir para colocar essa frase na lápide do meu túmulo, quando eu morrer.

- Interessante. Mas enquanto você não morre, vê se deixa os outros dormirem. Quando tiver seus acessos criativos, inscrevendo frases de gênios em vigas de um quarto de hotel, procure fazer isso durante o dia, ok?

- Você quem manda, chefe.

Elou, felizmente, não vira Andreas de pé na janela. Mal sabia que quase perdera o amigo durante a última noite. E esta parece ser a assustadora verdade: as pessoas estão a apenas um passo da morte, mas a humanidade é distraída o suficiente para ignorar isso.

Ou pelo menos finge que não percebe.

Em poucos minutos, eles estavam todos preparados para iniciar a gravação. Fábio estava gravando a bateria de uma música que se chamava My Place (Meu Lugar). Contava a história do meio-dia do jovem executivo do álbum. Era a hora em que os seres humanos abandonam suas posições educadas e delicadas e avançam com ferocidade voraz sobre pratos de comida, como animais. A música falava sobre a busca de cada um – inclusive do Sr. Angústia – por um lugar na sociedade onde pudesse devorar pele e osso daqueles que são inferiores: o patrão que devora o empregado; o rico que devora o pobre; os jovens populares que devoram os excluídos. Todos tinham culpa. Nenhum inocente, nenhum absolvido. My Place seria a sexta faixa do álbum.

Mas, tudo o que Andreas desejava naquele momento era que aquele dia acabasse o mais depressa possível. Mal podia esperar a hora de deitar e dormir por umas doze horas seguidas.

Quando a noite chegou, Andreas se perguntava o que o próximo ano lhe traria. Ele tinha a impressão de que o ano seguinte traria grandes mudanças em sua vida. Era isso o que esperava. Era isso pelo qual torcia. Mas precisava se manter vivo para poder comprovar se estava certo.

Quando ele caiu na cama, naquela noite, dormiu como um bebê.

CONTINUA...

PARTE 4

1999 – 2002

CAPÍTULO 36

1999 –

- *Valendo-se de letras engraçadas e do suporte de três acordes, os californianos do Blink 182 tornam-se conhecidos com o lançamento do álbum Enema of the State. Originalmente chamados de Blink, precisaram mudar o nome da banda visto que já existia outro grupo, na Irlanda, com o mesmo nome. O número 182 foi tirado de um filme sobre bombeiros intitulado Turk 182;*
- *Após o lançamento do álbum 13, que contém o single Coffee & TV, cujo videoclipe conta a saga de uma caixinha de leite, os integrantes do Blur se voltam para seus próprios projetos. O vocalista Damon Albarn se envolve na banda Gorillaz, que acaba fazendo um enorme sucesso, maior que o conseguido pelo Blur;*
- *Joey Santiago (ex-Pixies) forma os Martinis, cuja sonoridade explora a tendência melódica dos Pixies. O que contribui para isso é o timbre da esposa de Joey, Linda Mallari, muito similar ao de Kim Deal. A curiosidade deste álbum é sua distribuição pela Internet;*
- *Albert Hammond Jr. se muda para Nova York. Ele telefona para seu velho amigo de colégio, Julian Casablancas, que imediatamente o convida para se juntar à sua banda, The Strokes. Eles passam a maior parte do tempo escrevendo músicas e ensaiando e, perto do final do ano, fazem sua estreia no Spiral. Aos poucos, sua reputação na cidade vai crescendo, mas nada comparado ao que viria a acontecer na Inglaterra mais de um ano depois.*

Após tensos e intensos meses de gravação, Apology estava pronto.

A capa era a imagem de um homem sentado, cabeça baixa, com as palmas das mãos estendidas para frente. Metade do homem era jovem, a outra metade, envelhecida. A foto subentendia as rápidas mudanças ocorridas na vida de um homem com o passar do tempo. No caso da personagem de Apology, em apenas 24 horas.

“Uma obra-prima”, exclamara Andreas ao ouvir o resultado. Vinte e quatro faixas de uma pureza bucólica inestimável. Apology era, de longe, o melhor álbum da banda. E Andreas arriscava dizer que se tratava de um dos melhores da história do rock.

O que, na prática, não significaria rentabilidade. Se os dois álbuns anteriores venderam menos de 30 mil cópias juntos, Apology, por ser duplo, provavelmente venderia menos. Mas acima de tudo, cifras não determinariam a qualidade da obra. Seu conteúdo falava por si próprio, e talvez fizesse com que a banda fosse respeitada no meio musical.

Em 1999, o King Jeremy voltou a tocar. Mais de um ano havia se passado desde que os quatro tocaram pela última vez para o grande público, e a sensação pós-abstinência foi muito boa. Eles tocaram em vários festivais onde já eram conhecidos, inclusive em mais uma edição do Festival de Edimburgo. Além disso, marcaram presença em pequenas casas de show na Alemanha e Bélgica.

A originalidade do álbum e seu viés por uma incrível criatividade fazia com que Apology recebesse uma atenção, até então, inédita para a banda. Matérias sobre King Jeremy invadiram diversos *sites* de música alternativa. Não demorou muito, e até mesmo sites de música *pop* deram alguns comentários sobre “o álbum do ano”, como escrevera certo crítico.

O dia em que estavam na Bélgica foi especialmente estimulante. Acessando o site do maior jornal de circulação no Brasil, eles leram uma crítica sobre os álbuns lançados naquele primeiro trimestre. A crítica dizia:

“Nestes tempos em que somos obrigados a nos curvar ante o besteirol, do meio das cinzas surgem verdadeiras obras-primas que nos fazem acreditar que ainda é possível ouvir boa música sem ter de recorrer aos nossos velhos discos de vinil empoeirados. A banda brasileira de rock alternativo King Jeremy lançou neste ano Apology About the Melancholy and Pain by Distress Man. O disco duplo – todo cantado em inglês – contém 24 faixas de puro bom gosto que agradará aos ouvidos mais exigentes. Ouça e não se arrependará.”

Andreas quase chorou de emoção. Mal podia acreditar. Um jornal de ampla distribuição, em seu próprio país, fazendo uma incrível projeção do álbum. Talvez agora, finalmente, Andreas seria reconhecido em sua própria nação.

As previsões de Andreas de que o álbum, por ser duplo, venderia menos que os anteriores, provaram-se falsas. Em poucos dias, Apology ultrapassou a marca anterior, chegando a 30 mil cópias vendidas. Com o progresso da divulgação através de shows e matérias, logo eles chegaram às 60 mil cópias. Andreas mal conseguia dormir a noite. Ficava a maior parte do tempo acordado, visualizando os números surpreendentes que se desenhavam em sua mente estimulada. *Sessenta mil cópias. Sessenta mil cópias. Quem poderia conceber uma coisa dessas?*

Quando voltaram ao Brasil, no mês de Abril, Apology já havia atingido a cifra de 100 mil cópias vendidas. E tudo indicava que esse número provavelmente aumentaria, uma vez que as propagandas favoráveis ao álbum se multiplicavam.

No mesmo mês, eles tiveram uma surpresa maior: a MTV brasileira queria fazer uma matéria com eles. Eles participariam de uma entrevista no estúdio da emissora e, ao final, o programa exibiria uma música de uma apresentação ao vivo, gravada na Europa.

MTV!!! Do submundo alternativo, King Jeremy emergia para palco, sob os holofotes. Deixava a coxia para finalmente fazer parte do elenco principal. Pela primeira vez, Andreas se conscientizava de que eles teriam que começar a pensar na possibilidade de gravar videoclipes. Seria outro segmento do seu trabalho que exigiria muita criatividade, mas isto ele tinha de sobra. Um milhão de ideias já começavam fervilhar em sua mente ininterrupta.

No dia em que receberam esta notícia, ele passou na casa de Aquiles. O amigo se preparava para fazer uma visita à Veraline.

- Faz uma semana que estou tomando coragem para isso. Muito mais fácil encarar 30 mil pessoas em um palco do que ficar cara a cara com ela. Parece que estou indo para a forca.

- Vai mesmo levar isso adiante, Aquiles?

- Se eu não for atrás dela, vou me arrepender pelo resto da vida. Eu sei disso. O que tiver que acontecer, acontecerá. Posso quebrar a cara, mas que pelo menos não seja por covardia. Já me escondi demais nessa vida.

Andreas ainda achava que o amigo tinha vocação para o sofrimento. Márcia era uma boa garota, e já tinha manifestado interesse em Aquiles. Mas ele insistia em alimentar sentimentos pela maluca e problemática Veraline. Como Aquiles estava absorto em sua obsessão, e não havia ser no planeta capaz de demovê-lo da ideia, Andreas achou melhor não insistir em sua opinião.

Enquanto Aquiles cobria o corpo com um perfume fedorento, Andreas mudou de assunto:

- Semana que vem, a MTV nos aguarda.

- Ansioso?

- Nem me fale. Esperei por esse momento a vida inteira, e agora, esperar uma semana parece uma eternidade.

- Melhor ensaiar as respostas. Pelo menos para as perguntas padrão que com certeza eles farão.

- E o que acho que faço durante as 20 horas acordado, todos os dias?

- Eu não vou me preocupar com isso. Não vou abrir a boca. Você é o vocalista e o líder da banda. Vai ter que se virar sozinho.

Isso Andreas faria com o maior prazer. Tinha um anormal desejo de se destacar e, por esta razão, prezava muito a responsabilidade de líder.

Enquanto conversaram, Andreas observava o amigo tentando caprichar no visual. Ele se preocupava com cada fio de cabelo que caía pela testa. E não dava muita atenção à conversa. Exigia-se demasiada concentração para assentar aquele fio de cabelo que teimava em ficar de pé.

Andreas concluiu que estava sobrando ali. Além disso, o cheiro daquele perfume barato impregnava o ar e suas narinas, deixando-o enjoado. Por isso, despediu-se de Aquiles e prometeu ligar mais tarde para saber o resultado da conversa com Veraline.

Enquanto caminhava, perambulando sozinho pelas ruas inóspitas, Andreas começou a pensar em tudo o que acontecera em sua vida nos últimos meses. E, inevitavelmente, vieram-lhe lembranças do dia em que se empoleirara na janela daquele hotel barato em Londres, e por pouco não saltara.

Poderia estar morto agora. Ou tetraplégico.

Mas Apology e uma frase da jovem Suzana lhe salvaram. E naquele momento, mergulhado na escuridão da noite, Andreas achou que poderia expressar a gratidão para ela, de alguma forma. Já que ela mesma se auto-proclamava a fã nº 1 do King Jeremy, desde os estágios embrionários da banda, talvez ele pudesse presenteá-la com um CD autografado.

Andreas decidiu fazer isso em alguns dias. Assim que tivesse um tempo de sobra, passaria no estúdio do Davi Mateus e deixaria o CD com o pai dela.

Mas, ele não percebia que fazer planos agora seria inútil. Andreas não estava, nem de longe, preparado para os eventos impactantes que os próximos dias trariam sobre sua vida.

CONTINUA...

CAPÍTULO 37

Seus olhos queimavam. Um vermelho ácido, pouco democrático. Talvez pelas noites em claro. Talvez pelas bebidas. Talvez pelas drogas. Ou mais provavelmente uma combinação mortal de todos esses fatores.

Veraline chorava diariamente. Há pouco tempo ainda achava que poderia reconquistar tudo aquilo que perdera. Sendo uma lutadora, ela não poderia simplesmente se entregar. Não poderia se curvar ante a desgraça pela qual sua vida estava se enveredando. Por isso, semanas antes tomara a sua decisão: ia tentar reconquistar o que perdera. E começara por tentar reconquistar seus pais.

Se preparou muito bem para o encontro. Na verdade, não seria muito bem um encontro porque eles não estavam sabendo. Veraline simplesmente chegou na casa deles, numa tarde de domingo, e apertou a campainha. Seu pai atendeu. Quando a viu, ele chegou a ameaçar dar meia-volta e entrar, mas ela disse:

- Por favor, pai, me deixa eu entrar. Eu preciso muito falar com vocês.

Ele hesitou até que, por fim, deixou-a entrar. Quando entrou na sala e viu sua mãe, o ar ficou carregado. Um silêncio atormentador. Ela sabia que os pais ainda se sentiam envergonhados por ter uma filha drogada e preferiam tratá-la como um cachorro a perder a amizade daquele bando de aproveitadores da alta sociedade. Veraline explicou que estava precisando de ajuda, e esperava comover seus pais. Mas ao invés disso, seu pai lhe disse:

- Você precisa de uma clínica recuperadora para dependentes químicos. E pelo que sei não existe nenhuma placa em frente desta casa que diga que aqui funciona uma.

Ela tentou de todas maneiras argumentar com eles que precisa não só de ajuda profissional, mas de amor e carinho da família, mas de nada adiantou. Ao invés de um abraço ou de uma palavra acalentadora, o que ela ouviu, derradeiramente, foi:

- Se você nos amasse não nos estaria fazendo passar por toda esta vergonha. E o que já lhe disse uma vez, torno a enfatizar: Não fomos nós que fizemos as coisas assim. Isso tudo foi escolha sua. – Seu pai, virou as costas para ela e arrematou: – E vê se procura um tratamento urgente.

E todo o diálogo, se é que poderia chamar aquilo de diálogo, se resumira nestas palavras duras e insensíveis. O resultado não poderia ser outro: Veraline mergulhou ainda mais fundo na escuridão que se tornara sua vida. Álcool e mais drogas. Depressão e solidão. Cercada pelos seus medos que a ameaçavam diariamente. E o que é que ela poderia fazer? A quem poderia clamar por um pouco de paz? Suas preces já haviam se esgotado. E a ela nada restava senão o temor de acordar com vida no dia seguinte.

Foi exatamente nesta época que Veraline deixou de ir a universidade, definitivamente. Imaginava que a qualquer momento seus pais parariam de enviar dinheiro para ela, mas até o momento a fonte que alimentava seu vício ainda não havia cessado.

Ela passava todas as tardes em casa. Mantinha janelas e cortinas fechadas, mesmo em épocas de calor. Tomou aversão pela luz. Comia pouco. Passava horas e mais horas jogada no sofá ou na cama. Na semana que tentara se reaproximar dos seus pais, ficara pela primeira vez sem tomar banho por três dias seguidos. Quando a noite chegava, Veraline saía. Havia adquirido novos “amigos”. Eram maus elementos, sem dúvida. Do tipo com quem Veraline nunca sairia junto, se fosse em uma outra época de sua vida. Eles iam aos bares, enchiam a cara até duas da manhã, depois iam para a casa de um deles fechar a noite com algumas doses na veia. Quando o Sol surgia no horizonte, Veraline chegava em casa e dormia até as três da tarde. Levantava-se, comia um pouco – às vezes não comia nada – e depois reiniciava o seu ciclo destrutivo.

Na noite em que Aquiles apareceu, Veraline não estava em casa. Ela decidira passar o mínimo tempo possível em casa. Avançava madrugadas adentro na tentativa de preencher espaços destituídos de formas e cores. E seu novo círculo de amigos sempre lhe oferecia “soluções” que incluíam noites em claro, cigarros e, eventualmente, até mesmo outras drogas ilegais.

Outra “solução” fora apresentá-la a um estudante de Engenharia, chamado León. Segundo os amigos, eles tinham tudo a ver. Ele era um rapaz bonito, um físico atraente, e uma voz que Veraline achava sedutora desde a primeira vez que o ouvira.

León demonstrara, logo de início, atração por Veraline. Ela percebia isso pela insistência com que ele a fitava e também pelo *modo* como a fitava. Seus olhares pareciam entrar em sua alma como que buscando conhecê-la intimamente. Quando era seguida pelos olhos atentos de León, Veraline se sentia melhor. Acabava se esquecendo de Marcos, nestas sublimes ocasiões. Ela então percebera que, estando León por perto, ela conseguiria finalmente cicatrizar.

Quando voltou para casa naquela manhã, Veraline encontrou um bilhete debaixo da porta. Com alguma dificuldade, os olhos parecendo cobertos de areia, conseguiu ler:

“Desculpe-me. Deveria ter ligado antes. Estou de volta ao Brasil e ansioso em poder conversar com você. Te ligo mais tarde. Aquiles Lucká.”

Incrível como possa parecer, ela ficou alguns instantes se perguntando: *Quem é Aquiles Lucká?* Até que a imagem do garoto esquisito veio às suas confusas lembranças. Ela começou a se lembrar de que conversara com ele por telefone, semanas antes. Ela mesmo ligara para Aquiles. Onde ele estava? Talvez em São Paulo. Ou seria na Flórida? Ela não se lembrou. Fazendo o quê?

Era algo relacionado com música. Gravando um álbum, provavelmente. Mas por que ela ligara para Aquiles? Disso, Veraline não conseguiu se lembrar, e na verdade, nem procurou se esforçar. Isso não importava. Aquele desmiolado do Aquiles vivia perseguindo-a. Ele não perdia o costume. E para piorar, Veraline fora dar motivos adicionais para ele fazendo-lhe aquela ligação. Agora que o pirralho vesgo não largaria do seu pé.

Veraline procurou afastar a imagem de Aquiles da cabeça e substituiu-a pela figura convidativa de León. Ao cair na cama, após tomar um comprimido para dormir, tinha a imagem vívida de León em sua lembrança até que finalmente apagou.

Algumas horas depois, o telefone tocou, acordando Veraline. Levantou-se às pressas para somente então perceber que sua cabeça latejava, intensamente.

Quando atendeu, a voz do outro lado da linha perguntou:

- Quem fala?

- Vera. Com quem deseja falar?

- Oi, Vera. Aqui é o Aquiles.

Droga! Esse pirralho obsessivo de novo.

- Ah, sei. Eu estava dormindo Aquiles. E parece que você me acordou.

- Me desculpe. Eu não sabia. Você leu o bilhete que deixei para você, noite passada?

- Li, sim. A propósito o que gostaria de falar comigo?

- Bem, na verdade, eu ia lhe fazer exatamente essa pergunta.

- Como assim?

- Ora, você não me ligou dizendo que queria conversar comigo? Estou te procurando porque você me pediu.

Eu pedi? Ela fez um esforço sincero para conseguir se lembrar do que Aquiles estava falando. Ela se lembrava de que ligara para ele, mas não se lembrava o porquê e nem que pedira para ele entrar em contato com ela. Por que infernos ela queria falar com Aquiles? Ela percebeu que a combinação química estava afetando seu cérebro. Se continuasse daquela forma, em pouco tempo, sequer conseguiria se lembrar qual era seu nome.

- O que eu lhe disse exatamente?

- Como assim?

- Quero saber o que eu disse quando liguei para você.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha.

- Você deve estar brincando comigo, não é mesmo?

- É sério. Não estou lembrada.

- Você está drogada?

- Não me chame de “drogada” – gritou ela, no telefone. Detestava que as pessoas a chamassem assim.

Aquiles ficou em silêncio do outro lado da linha, mais uma vez. Quando falou, parecia impaciente:

- Escute aqui. Você me liga na Inglaterra e vem com uma história de que precisava conversar comigo, porque havia reconsiderado toda a nossa história ...

- A *nossa* história?

- É exatamente isso, pombas. Você disse que estava cansada de cometer erros em sua vida e que havia reconsiderado todas as coisas que eu já disse e escrevi para você.

Eu devia estar maluca.

- Eu falei isso mesmo?

- Falou – Aquiles praticamente gritava do outro lado da linha, irritado.

Ela acreditou. Vagamente tinha lembranças desta conversa. Mas sua cabeça doía tanto agora que ela não conseguia se concentrar. Mas qualquer que tenha sido a razão de ter falado aquilo para Aquiles, seria irrelevante. Afinal, tudo o que se relacionava com Aquiles Lucká era irrelevante.

- Aquiles, me desculpe se causei algum transtorno. Ou por ter dado a impressão de que poderia ter esperanças comigo ou qualquer coisa do tipo. O que quer que eu tenha dito foi sem essa intenção.

Ela ouviu um suspiro do outro lado da linha. E parecia a respiração ofegante de um animal furioso pronto para o ataque.

- Você me enoja, Veraline. Quer saber de uma coisa? Vou fazer um último verso para você, garota. Assim no improviso mesmo: Sou aquele que, para sua princesa, poesias inventa / Sem saber que a princesa é uma porca nojenta. / Poesias para ti não vou mais cantar / A única coisa que farei pensando em ti é arrotar. – O som grave do arrotado de Aquiles pareceu uma metralhadora no ouvido de Veraline que precisou afastar o fone.

Quando ela colocou o fone novamente no ouvido para poder xingá-lo, Aquiles já havia desligado.

CONTINUA...

CAPÍTULO 38

Suas cordas vocais vibraram com tanto ímpeto com o arroteo que ele achou bastante provável amanhecer rouco. Ter tido a coragem de tomar esta atitude com a até então inviolável, endeusada Veraline, deixou-o com um misto de orgulho e satisfação.

Ele não estava triste, esta era a verdade. Não mergulhara em um poço de angústia, ansiando uma garrafa de uísque ou vodka. Pela primeira vez, em tantos anos, Aquiles se sentia realmente *livre*. O significado desta palavra se manteve tão distante em sua trajetória que ele até mesmo se assustava com a nova sensação. E agora era o momento de se acostumar com este sentimento estranho, porém, muito bem-vindo.

Assim, em vez de ficar pensando em reações e implicações de suas ações e palavras com Veraline, ele tratou de ocupar a mente com outras coisas. Na semana seguinte, estaria em São Paulo para uma entrevista na MTV. O álbum duplo já havia vendido mais de cem mil cópias. E era bem provável que os espaços jornalísticos (e por que não dizer televisivos?), se abririam cada vez mais para a nova banda que emergia para o sucesso. Tocar fazia Aquiles sentir-se vivo.

E ignorar Veraline fazia com que se sentisse livre.

Uma semana depois, estavam todos eles nos estúdios da MTV, em São Paulo.

Aquiles tremia como uma criança embora, provavelmente, não abriria a boca durante a entrevista. Mas a perspectiva de estar frente às câmeras sempre fora algo assustador para ele, desde os tempos dos Aborrecidos.

Os quatro integrantes foram conduzidos ao estúdio onde era gravado o programa Lado B. Tiveram de esperar alguns minutos antes da chegada do VJ Lucas Vega. Quando chegou, ele cumprimentou a todos com entusiasmo.

Cinco cadeiras foram dispostas no estúdio. Lucas ocupou a terceira, ao centro. Andreas, que responderia a maioria das perguntas (ou muito provavelmente, todas), ficou ao seu lado. O programa era gravado, e não ao vivo. Por isso, eles gravariam a entrevista inteira. Posteriormente ela seria editada para ir ao ar ainda naquela semana. Na edição, os trechos das entrevistas seriam distribuídos ao longo do programa, entre videoclipes e intervalos.

- Estão nervosos? – perguntou Lucas, pouco antes de começar a gravação.

- Um pouco.

- Eu também – disse ele, dando risada. – Mas isso é normal. Até ajuda na concentração... – Ele deu uma rápida olhada em alguns papéis que tinha em mãos. – As perguntas que eu vou fazer são coisas básicas. Onde, quando e como vocês começaram, quais as influências da banda, a mensagem de vocês, próximos trabalhos, shows, e assim por diante. Não garanto que vou fazer exatamente essas perguntas. Isso dependerá do rumo que a conversa tomar. Portanto, relaxem e fiquem a vontade. Se por acaso, vocês engasgarem na hora de falar, não se importem. Comecem de novo porque o programa é gravado. Na edição a gente corta os “foras”. Alguma dúvida?

- Nenhuma.

E a gravação começou.

- Salve, salve, rapaziada ligada na MTV. Está começando o semanal Lado B. Quem vos fala é Lucas Vega e conto hoje com a ilustre presença da rapaziada do King Jeremy, uma banda que está mexendo com as estruturas da musicologia mundial. Eles ficam com a gente durante o programa, explicando um pouco sobre o trabalho da banda, e apreciando alguns clipes com a gente. Nesse bloco teremos o som industrial de Trent Reznor e seu Nine Inch Nails. Mas antes a gente chama a garotada do Amphetamine Blue com Drugstore Razor. Daqui a pouco... tem mais. – Ele deu um tempo e depois começou a perguntar: – Estamos aqui com a rapaziada do Rei Jeremias ou King Jeremy. O pessoal de casa talvez não tenha ouvido falar nesta banda, ainda, mas ela está sendo muito comentada pelos cantos europeus. Nós vamos conversar um pouco com eles... Vamos falar aqui com o vocalista e baixista da banda, Andreas. A primeira pergunta tem a ver com o nome King Jeremy. Esse nome vem de algum personagem histórico da era medieval ou coisa parecida?

Andreas respondeu:

- Na verdade, o nome vem de Jeremias Knoxville, um explorador de diamantes no estado de onde nós viemos, há vários anos atrás. Ele era conhecido na região como o Rei dos Diamantes. Daí, escolhemos King Jeremy. O Rei Jeremias.

- Bastante sugestivo. – Lucas apanhou o CD duplo Apology. – Eu estou aqui com a última obra de vocês que na verdade é o terceiro álbum, é isso?

- Isso mesmo. Lançamos o Misery and Mithology em 96, depois Road to Perjury em 97, e agora esse, em 99.

- O último ao qual nosso amigo Andreas se refere é esta obra-prima... – Ele mostrou o CD para o close da câmera. – Apology About Melancholy and Pain by Distress Man. O senhor de um nome e o senhor de um álbum, diga-se de passagem. Um disco que carrega uma atmosfera depressiva e mítica capaz de conduzir o cidadão para outra dimensão, se é que me entendem. Há

tempos eu não ouvia um álbum tão completo como esse. Vocês vão do puro ao imoral, do acústico ao eletrônico, do orquestral ao metal – e tudo isso com uma originalidade que eu caracterizo como uma revolução musical.

Aquiles percebeu o ego de Andreas inflando ao ponto de explodir.

- Nosso objetivo foi criar uma obra completa porque, na verdade, define todas as facetas na vida de um homem: a esperança, a alegria, a tristeza e o caos.

- Esse álbum na verdade conta uma história, não é isso?

- Exatamente. É a história de como um homem bem-sucedido enlouquece em 24 horas.

- É até difícil definir alguma influência musical em um álbum com tantas variedades.

- Nosso propósito não é ser influenciado. Viemos aqui para influenciar a posteridade.

- Grande feita. Daqui a pouco a gente conversa mais com o King Jeremy! Seguimos então com a rapaziada do Placebo com Thirty-Six Degrees. E, em seguida, Mr. Tom Waits.

Aquiles ficou se perguntando quando ele anunciaria o clipe do show da banda.

Lucas continuou:

- Estamos de volta ao nosso último bloco do Lado B que continua homenageado com a ilustre presença da rapaziada do King Jeremy. Vocês vieram de uma pequena turnê europeia. Há alguma possibilidade de ouvirmos o som de vocês ao vivo em terras tupiniquins?

- Estamos com alguns contatos para isso. Já temos algumas apresentações agendadas para as próximas semanas.

- E quando fizerem uma apresentação aqui em São Paulo contem com a presença deste que vos fala agora. Quero agradecer a participação de vocês e sucesso.

- Nós que agradecemos, Lucas e o pessoal da MTV. Valeu pela força.

- Voltem sempre que quiserem. A gente finaliza mais esse Lado B com *duas* apresentações desta garotada no Festival de Edimburgo. My Place é uma delas. Mas antes a gente curte a atmosfera sombria do King Jeremy em Heart's Walls. A gente volta semana que vem... Até mais.

E estava tudo acabado.

Lucas cumprimentou um por um, novamente, dando os parabéns e dizendo que a entrevista tinha sido ótima. Aquiles ficou surpreso com o fato de que eles tocariam duas músicas em vez de uma, conforme parecia estar combinado. Melhor para eles.

De volta ao camarim, os quatro integrantes e o empresário Haroldo se cumprimentaram. Estavam radiantes com a entrevista e principalmente com o fato da MTV ter colocado duas músicas no programa.

Haroldo comentou:

- Na última hora, decidiram colocar duas músicas.

- Valeu a surpresa.

- E temos mais surpresas ainda – disse Haroldo, com um sorriso. - Acabei de receber novas cifras da gravadora e nosso álbum vendeu mais 90 mil cópias nos últimos três dias. Isso significa que... atingimos a marca de 200 mil.

Todos ficaram em silêncio por alguns instantes. Pela expressão de Andreas, ele parecia em êxtase.

Ele perguntou:

- Como? Noventa mil cópias em *três* dias?

- Exatamente, amigo. Assombroso como possa parecer, é exatamente isso.

- Isso dá 30 mil por dia. Onde vamos chegar mantendo essa média?

- Talvez essa tenha sido a marca recorde. Não a média. De qualquer forma, é um número muito alto. Mesmo que o ritmo caia nos próximos dias, esses números vão trazer mais matérias e shows que, por sua vez, gerarão mais vendas, e assim por diante. Até que o ciclo decida, por si mesmo, se encerrar.

- Ou talvez não se encerre nunca – opinou Andreas.

Aquiles, neste momento, experimentava uma sensação de prazer inédita. Em outras oportunidades, sentira prazer por fazer o que gostava, mas sempre havia por perto o fantasma de Veraline lhe dizendo que seus pesadelos eram reais e que a escuridão, um dia, o tragaría. Mas, hoje, era diferente. O mundo estava pincelado com cores vivas e distintas. Ele tinha paz e liberdade – sem fantasmas, sem pesadelos ou escuridão. Seu futuro era algo perfeitamente definido por mais distante que Aquiles tentasse olhar. Ele estava seguro e ninguém neste planeta seria capaz de lhe tirar a sua plenitude.

Ninguém.

Na semana seguinte, Aquiles ligou para Márcia. O contato entre eles havia sido reduzido consideravelmente uma vez que a agenda de compromissos de Aquiles incluía muitas viagens. Márcia também estava com a agenda corrida. Ela se formaria em jornalismo neste ano e trabalhava como assistente de redação na Gazeta de Astoria. Estava muito feliz. E Aquiles ficava feliz por ela.

Ouvindo a voz dela do outro lado da linha, Aquiles se lembrou do dia em que ela o pedira em namoro. Ela fora muito corajosa, sem dúvida. Uma garota de personalidade. E como era decisiva! E neste momento, raciocinando sobre as atitudes de Márcia e suas qualidades, Aquiles

ficou se perguntando se não cometera o pior erro de sua vida ao recusá-la. Hoje, ele poderia estar conversando com sua “namorada”, e não apenas sua “amiga”.

Ela comentava sobre a entrevista que fora ao ar no dia anterior:

- Eu assisti o Lado B, ontem. Ficou muito legal a entrevista de vocês.

- Também gostei!

- Pena que você caladinho a entrevista toda.

- E nem poderia ser diferente. Detesto entrevistas. Deixo isso pro Andreas. Ele leva jeito para a fama.

- De qualquer forma, fiquei muito feliz em ver o trabalho de vocês sendo reconhecido.

- Obrigado. A gente precisa se encontrar qualquer dia desses para conversar. Estou com saudades.

- Eu também. – A suavidade da voz de Márcia parecia dar um recado de que ela ainda gostava dele.

- Então vamos fazer o seguinte: assim que eu voltar, a gente sai junto. Combinado?

- Combinado.

Em resumo, ele estava feliz.

Excetuando bares e lanchonetes, aquele era o único restaurante da cidade em que tinha música ao vivo. Era apenas um cantor solo com seu violão, e algumas músicas populares no repertório. O cantor reconhecera Aquiles e, na primeira oportunidade, foi lhe pedir um autógrafo. Aquiles ainda não estava acostumado com isso – até então, eram raros os momentos em que tinha de dar autógrafo para alguém – mas ele achava que logo isso se tornaria uma rotina.

Aquiles estava de volta a Astoria, mas por pouco tempo. Tinha chegado naquele dia, e viajaria na madrugada seguinte. King Jeremy era cada vez mais comentado e requisitado, e a agenda de shows crescia vertiginosamente.

Nessa noite corrida, fazendo tudo de forma cronometrada, Aquiles levava Márcia para jantar. E o esforço valia a pena. Os instantes compartilhados com Márcia sempre eram agradáveis. Ela contava sobre sua rotina de estudos e trabalho, o entusiasmo de descobrir coisas novas propiciadas pelo jornalismo. Em determinado momento da conversa, ela citou brevemente Veraline. O contato entre as duas havia sido bastante reduzido. Veraline entrara em um novo círculo de amizades, novos hábitos, novos ritmos. Como Márcia trabalhava e estudava, as duas acabaram entrando automática e naturalmente em um processo de distanciamento. Mas a distância não diminuía a preocupação de Márcia com o estado da amiga.

- Ela toma vários medicamentos. Remédio para depressão, remédio para dormir, e sei lá mais o quê. O pior que essas novas amigas estão levando ela para caminhos muito mais pesados.

- Ela vai acabar se matando, desse jeito.

- Mas para ser ajudada, ela precisa ajudar a si mesma. E até onde percebi, ela não está disposta a isso.

Ouvindo Márcia falar sobre o estado de Veraline, Aquiles se convenciu ainda mais de que fizera a coisa certa em tirá-la definitivamente da cabeça. Veraline só lhe traria sofrimento. Sempre fora assim e continuaria sendo, ainda que tivesse insistido. E isso só ajudava-o a valorizar ainda mais as qualidades de Márcia. Além de lhe dar motivos adicionais para se arrepender por não ter aceitado seu pedido de namoro. Será que ainda haveria tempo de consertar este erro estúpido? Ele poderia dizer que errara durante todo o tempo em que nutria seus sentimentos por Veraline. Mas como ela reagiria? Será que acharia que ele estava fazendo isso apenas porque não conseguira nada com Veraline? De certa forma, havia uma verdade nisso. Mas aquilo que ele sentia por Márcia era algo real e bem estruturado. Não parecia ser o tipo de paixão cega, sentimentos desenvolvidos apenas pela aparência da outra pessoa. Ele realmente gostava de Márcia pelo que ela era. Márcia tinha uma personalidade cativante combinada com uma pureza pueril. Ele imaginava como seria sua vida ao lado dela. Começou a pensar na possibilidade de pedi-la em namoro, de casarem, terem filhos e envelhecerem juntos, os dois sentados na varanda de uma casa de campo, rodeados de netos.

Enquanto ela ainda falava sobre Veraline, Aquiles estendeu sua mão sobre a mesa até pousar sobre a mão dela. No exato momento em que houve o toque, Márcia interrompeu sua fala e olhou para Aquiles, surpresa.

Ele sorriu e pensou em dizer alguma coisa. Poderia começar a explicar tudo para ela em ordem cronológica: seus sentimentos obsessivos por Veraline, como desenvolvera um sentimento de extremo carinho por Márcia, e a possibilidade de estar amando, de verdade. Mas pensar era bem mais fácil do que se expressar. Aquiles hesitava quanto ao *que* dizer e *como* dizer.

Decidiu, portanto, ser bem direto.

- Márcia...

- Que foi? – Ela parecia tensa.

- Posso te dizer uma coisa?

- Já deveria ter dito.

Ele sorriu.

- Gostaria de ser a minha namorada? – Mais direto, impossível.

Ela ficou olhando para Aquiles, parecendo hipnotizada. Parecia não esperar por isso. As pessoas quase nunca esperam por coisas deste tipo.

Depois de um momento em silêncio, os olhos imóveis, ela perguntou:

- Está... me pedindo em namoro?

- Estou.

Ela sorriu.

- Meu querido... meu querido...

Será que ele precisaria de algo mais como resposta?

O mundo enlouquecera. Enlouquecera, definitivamente.

O King Jeremy reiniciou a turnê de divulgação do álbum, o que incluiu apresentações nos Estados Unidos. Foram dois meses de shows. Três por semana. As participações em festivais foram duas ou três – o resto eram shows exclusivos do King Jeremy. Aquiles chegou a perder a conta de quantas entrevistas tiveram de dar para jornais, revistas, programas de televisão e *sites* da internet. Após o último show, já tinham chegado à surpreendente marca de dois milhões de cópias – um fenômeno para um álbum duplo. Não único, porque outras bandas já haviam atingido e superado essa marca. Mas não deixava de ser extraordinário, principalmente por se tratar de uma banda brasileira.

Após isto, voltaram ao Brasil, e havia agenda cheia por aqui também, do norte ao sul do país. A popularidade deles crescia dia após dia. Não importava onde fossem, havia dezenas de pessoas que os reconheciam e iniciava-se a sessão de autógrafos. A princípio, Aquiles gostava disso. Mas com o passar dos meses foi tomando birra da inconveniência. Estava cada vez mais difícil conseguir sair para tomar uma simples cerveja sem ser interrompido a cada instante para dar um autógrafo ou tirar uma foto. Isso sem contar os constantes elogios quanto ao seu talento como letrista e guitarrista.

Andreas ainda não sabia que Aquiles estava namorando. Andreas estava tão envolvido com o trabalho da banda que ele só abria espaço para este tipo de discussão. Recusava-se a falar sobre outras coisas que não envolvesse o criativo e a performance do King Jeremy. Aquiles estava decidido a esperar o Obcecado mudar de assunto para poder se abrir com ele sobre as novidades com Márcia.

Depois do último show no Brasil, eles tinham mais shows agendados para Europa. Aquiles preferiria interromper momentaneamente a agenda. Não estava acostumado com esse ritmo a que foram submetidos da noite para o dia, e já demonstrava sinais de estafa. Precisava de algumas

semanas, talvez alguns meses de paz. Assim, poderia ter noites de sono de qualidade, bem como passar tempo ao lado de Márcia.

Mas, o mundo tinha outros planos. Em pouco tempo, Apology alcançou a marca de 3 milhões de cópias vendidas, e isso parecia não ter fim.

Andreas disse:

- Vamos chegar aos 5 milhões.

- Não delire, Andreas – discordou Aquiles. – A gente não chega aos 4 milhões. Acabaram-se os anos das vacas gordas.

- Temos mais de 20 shows agendados para a Europa ainda. Isso vai render muitos dividendos.

- Nós já tocamos na Europa. Já estão a par do nosso trabalho por lá.

- Aquiles, definitivamente, você não sabe o que diz.

- Você vai ter de engolir o que estou dizendo. A gente não chega em 4 milhões.

Quem teve de engolir foi Aquiles. Antes de iniciarem os shows na Europa eles atingiram os 4 milhões. Na metade da turnê, 5 milhões. No final dela, 6 milhões.

Aquilo não tinha fim. Eles vendiam milhares por dia. As músicas do King Jeremy chegaram a ocupar o primeiro lugar na parada da Billboard por dois meses consecutivos. Em determinada semana, os três primeiros lugares foram deles. Os clipes que gravaram nesse meio tempo também ocupavam os primeiros lugares na MTV americana, na latina e na brasileira. No Grammy, ganharam o prêmio de melhor banda de rock, melhor banda revelação e melhor disco. Tudo o que eles faziam era fotografado, noticiado e elogiado.

Aquilo tudo era loucura. Quem eram eles? Apenas uns moleques desprezados e ignorados pelos colegas na época da escola por serem boçais, feios e esquisitos. Por que estavam conseguindo tudo aquilo? As músicas eram boas. As letras também. Mas isso não era motivo para dezenas de pessoas passarem a noite ao relento, em frente aos hotéis onde eles se hospedavam.

No final do ano, quando Aquiles era só bagaço, Andreas disse:

- Vamos gravar outro álbum.

Aquiles jogou um CD na cabeça dele.

- Por que fez isso, caolho miserável?

- Porque estou com sono e quero dormir. Chega de falar em música, chega de shows, chega de gravação. Me dá uma semana de descanso, lunático.

- Você não entende. Estamos no ápice. Me sinto criativo. Sou capaz de compor 50 músicas ainda hoje se você quiser...

- Mas eu não quero.

- Já tenho várias músicas que só precisam ser arranjadas. Tenho todas elas em minha cabeça. Nenhuma anotação, nem um acordezinho qualquer. Tudo na cabeça deste gênio. Dezenas de canções. Não podemos parar, Aquiles. O mundo quer mais.

- O álbum ainda está vendendo como água. Espere esses compulsivos pararem de comprar e aí a gente pensa em alguma coisa.

- Já estou pensando nisso, irmão. Já tenho o próximo álbum aqui. – Ele bateu o dedo no lado da cabeça. – Não só o próximo. Mas os próximos *três*.

- Você bebeu, Andreas?

- Não, Aquiles. A trilogia está pronta. Só esperam as letras. E para isso conto com sua criatividade.

- Trilogia? Do que está falando?

- Nossa próxima obra será uma trilogia. Uma história contada do ponto de vista de três pessoas. Três álbuns lançados em um ano e meio. Um a cada seis meses. E os três já têm até nomes: Jimmy, Kristin e Mr. Husband.

CONTINUA...

CAPÍTULO 39

2000 – 2002

- *A banda The Hives lança em 2000 o álbum Veni Vidi Vicious que muda para sempre a história da banda;*
- *Em 2000, o Linkin Park apresenta “Hybrid Theory”, um álbum que mistura guitarras pesadas, hip hop e música eletrônica. O título é uma alusão ao passado, mas eles não imaginam o que lhes é reservado para o futuro;*
- *Em Porto Alegre, Will Prestes, Grazi e Kiko montam o Wonkavision. Em uma memorável definição da banda, Will diz: “Se mesmo depois de ouvir o nosso som, você ainda ficar tristonho, lembre-se de que o genérico do Prozac é mais barato”;*
- *Valendo-se de letras inteligentes e da estranheza de tocar com uma afinação alguns tons abaixo do convencional, os Deftones lançam White Pony que se torna o mais bem-sucedido trabalho da banda;*
- *PJ Harvey lança em 2001 Stories From the City, Stories From the Sea. Embora seja conhecida como uma cantora de canções com climas atmosféricos que falam sobre sangramento e depressão, PJ aparece nesse álbum explorando sua veia mais sensual. As canções de amor destacam este trabalho como sendo um álbum pop e feliz;*
- *Ludov, anteriormente chamado Maybees, consegue chamar a atenção da crítica e público pela qualidade de sua produção musical, e pela voz de Vanessa Krongold. Em 2002, a banda produz o EP Dois a Rodar, e se tornam a maior esperança da criatividade musical brasileira;*
- *Fazendo uma inteligente mistura dum evoluído grunge, garage rock, psicodelia sessentista e pop setentista, os integrantes do The Vines são apresentados pela imprensa britânica como a segunda vinda do Nirvana. Porém, o álbum de estreia, Highly Evolved, de 2002, é muito mais eclético do que apenas angústia e rebeldia pessoal.*

- Bom dia, Novo Horizonte. Aqui quem vos fala é o seu comunicador de todas as manhãs, Flávio Pontes. O Sol está para surgir no lindo horizonte, no *novo horizonte*, de nossa cidade, clareando cada metro quadrado deste espetáculo de campos e jardins. E você começa bem esse primeiro de Junho de 2000 ouvindo ao fundo o som do King Jeremy. Hoje é um dia muito especial. E há dois motivos para isso. O primeiro é o show de logo mais a noite no Teatro Municipal de Novo Horizonte: o King Jeremy Acústico, que está sendo anunciado como o show do ano. A razão da maior banda de rock da atualidade escolher nossa pequena cidade para o seu acústico, não foi

anunciado. Mas o que realmente importa é que fomos homenageados com a presença desses garotos que conquistaram o mundo. E isto está diretamente relacionado ao segundo motivo de hoje ser um dia especial. O álbum Apology, do King Jeremy, entra hoje para o Guinness, o Livro dos Recordes, como o disco duplo mais vendido na história da música ao atingir a incrível cifra de... *15 milhões de cópias*. Título merecido, diga-se de passagem. Daqui a pouco daremos mais notícias com relação ao show desta noite. Também, logo mais Roberto Penha nos dará a previsão do tempo. Agora você ouve a banda dos 4 reis com a excelente Some Story...

Antes de ouvir os primeiros acordes de uma de suas canções favoritas, Andreas desligou o rádio de seu carro. Fez isso no exato momento em que chegou ao aeroporto de Novo Horizonte. Estava hospedado em um hotel da cidade, e saíra para o aeroporto antes do amanhecer.

Estava especialmente nervoso neste dia. Logo mais a noite faria um show diferente, em um formato com o qual a banda não estava acostumada. Apesar do talento da banda, e dos inúmeros ensaios, ainda tinha medo de que a sonoridade do King Jeremy, fortemente caracterizada pelo eletrônico e guitarra, perdesse sua essência no formato acústico. Talvez por isso seu coração batia em um ritmo mais acelerado do que o costumeiro. Mas era bem provável que as pessoas que esperava chegar no voo daquela manhã contribuíssem, ao menos em uma fração, para seu nervosismo.

Hoje Andreas era quem sempre desejou ser. Todos os sonhos de Andreas Hugo haviam sido realizados. E o que ele sentia? Para seu desgosto, experimentava em toda alma o que Raul Seixas queria dizer quando cantava:

*Eu devia estar contente
Por ter conseguido tudo o que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado
Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto: E daí?*

A sensação hoje não era mais a mesma. Era verdade que ele não podia negar que ainda havia um certo encanto em ser um astro do rock. Principalmente quando se é reconhecido como o líder da banda que deu uma guinada no rock, assim como fizeram os Beatles nos anos 60 e o Nirvana nos anos 90. Andreas sabia qual era a sensação de pisar em um palco e ouvir um coro de 70 mil vozes gritando seu nome. Conhecia muito bem a forma como essas vozes entravam em seus ouvidos e serpenteavam sua alma até as partes mais recônditas do seu ser, deixando sua pele arrepiada. Nos primeiros shows, esta sensação era tão fantástica que ele tinha dificuldades em dormir após as

apresentações. Era a novidade, como quando uma criança ganha um presente há tanto esperado. Mas, com o passar dos dias, a criança acaba enjoando do novo brinquedo, relegando-o à pilha de outros brinquedos esquecidos. Andreas achava que estava atravessando uma fase semelhante. Não que ele quisesse abandonar o barco. Muito pelo contrário. Queria envelhecer fazendo música. Queria ser o próximo Mick Jagger ou B.B.King. Queria ser um dia chamado de avô do rock, estando na ativa mesmo com seus 70 ou 80 anos. Mas a verdade era que ele não sentia o mesmo êxtase quando entrava num palco, como no princípio. As vozes ainda serpenteavam seu íntimo, mas a pele de Andreas não mais se arrepiava. E isto o preocupava. Esperou tanto por este momento, e agora parecia ser incapaz de desfrutá-lo, como se a música e o sucesso fossem ínfimos detalhes em um universo de possibilidades. E era exatamente por isso que a melancolia se mantinha como uma persistente companheira.

Ele desceu do carro e deixou que o ar fresco da pequena Novo Horizonte afagasse sua pele, buscando por alguma sensação de paz. Ele ainda tinha alguns minutos antes da chegada do esperado voo. Por isso, deixou-se ser atingido pela brisa durante aquele tempo. A cidade tinha pouco mais de 30 mil habitantes. Desses, apenas mil assistiriam ao acústico daquela noite. Como o acústico seria uma apresentação totalmente fora do convencional, a banda achou que a cidade deveria combinar com este espírito. Por isso, fugiram da ideia de se apresentarem em um grande centro, como uma capital, e reduziram o número de ingressos a apenas mil. Após algumas análises, incluindo o fato de contar com um aeroporto, Novo Horizonte foi escolhida para ser palco do King Jeremy Acústico. Com a chegada de fãs, jornalistas e curiosos, a pequena cidade estava em frenesi.

Às seis horas da manhã, um avião passou por cima de sua cabeça. Talvez fosse o voo que ele esperava. Logo em seguida, ele entrou no aeroporto.

Após 9 minutos e 37 segundos de espera, Davi Mateus, sua esposa e a filha Suzana surgiram no corredor de desembarque.

Uma semana antes de viajar para Novo Horizonte, Andreas dera um presente para Suzana e seus pais: três passagens de avião para Novo Horizonte, com direito a estadia, e três ingressos para o Acústico. Davi Mateus estivera ali no começo de sua trajetória, quando ainda no estado embrionário os primeiros integrantes do King Jeremy tocavam nos Aborrecidos. Para aquele evento especial, Andreas achou que seria uma ótima forma de mostrar que reconhecia o papel de profissionais que estiveram nos bastidores, no início de sua carreira.

Além disso, ele teria a companhia de sua fã número 1, como ela mesma se apresentava. Suzana exalava otimismo em cada centelha de luz dos seus olhos, em cada poro de sua pele, e

Andreas apreciava a companhia daquela jovem. Tinha bem vívido em sua memória a sombria madrugada em que quase saltara da janela daquele hotel em Londres. Por estranhas razões, lembrou-se das palavras de Suzana ditas anos antes, palavras estas que ajudaram-no a demovê-lo de suas ideias suicidas.

Andreas cumprimentou Davi e sua esposa. Por último, Suzana o abraçou e disse:

- Muito obrigado pelo convite Andreas. Foi o melhor presente que eu poderia ganhar.
- Obrigado por ter vindo. Não seria a mesma coisa sem vocês.

Foi só depois de finalizado o abraço que Andreas percebeu que Suzana estava emocionada.

Quando o King Jeremy entrou no palco naquela noite foi ovacionado e aplaudido por vários minutos. Era uma receptividade calorosa como nos outros shows, mas com uma intensidade diferente. Fábio ficaria na bateria, Andreas com o baixo acústico, Aquiles no violão e Elou no violão e piano. Havia duas *backing-vocals* e uma orquestra que participaria de 10 das 21 músicas do repertório.

Andreas acenou para o público e sentou-se em um banco onde estaria pelas próximas horas. Dali, podia divisar a família de Davi Mateus logo na primeira fileira.

Andreas falou no microfone:

- Boa noite, Novo Horizonte. – A gritaria foi estimulante, entrando na alma de Andreas, no entanto, sem deixá-lo arrepiado. Ele continuou: – Gostaria de dizer primeiramente que vocês são especiais para nós. Afinal escolhemos vocês dentre inúmeras outras cidades para fazer o nosso acústico. – Mais gritaria. – Desde que anunciamos este show, a mídia começou a dizer que nós estávamos preparando um álbum acústico. Então aproveito a oportunidade para esclarecer: em momento algum nós dissemos isso. Não haverá um álbum acústico. – Ele deu uma pausa. Era possível ouvir as interjeições de desconsolo do público. – Mas como seria uma falta de carinho pelos demais fãs que temos, além daqueles que estão aqui hoje, decidimos lançar as músicas gravadas nesta noite em formato MP3 pela Internet na semana que vem. – Explodiu uma sessão de gritos e aplausos. – Todo o planeta está autorizado a entrar em nosso site oficial na próxima semana e fazer *download* gratuito de todas as músicas.

Ele parou de falar um pouco e começou a tocar algumas notas conferindo a afinação, seguido por Aquiles e Elou, enquanto o público ainda delirava com a notícia.

- Gostaria de dedicar esse show a uma pessoa muito especial: à nossa fã número um, Suzana.

Os eventos que caracterizaram os próximos meses e anos da vida de Andreas se desenrolaram na velocidade da luz. E ele simplesmente mal percebeu o passar do tempo.

No final de 2000, eles lançaram Jimmy – o primeiro álbum da trilogia. Contava a história de um garoto que tinha pequenos desvios mentais. Jimmy se apaixonava por uma vizinha que era 15 anos mais velha do que ele, e que mais tarde se casaria com um cara rico do bairro. O álbum era mais pesado que Apology – trazia uma descrição do mundo sombrio em que vivia o garoto. Não havia instrumentos destinados a amenizar a ambientação. Por exemplo, Jimmy era o primeiro álbum do King Jeremy que sem violão. Inversamente a isto, havia diversos ruídos estranhos e incompreensíveis que procuravam representar os acessos de Jimmy ao ver sua amada ser cortejada pelo bacana. Não era um álbum de fácil assimilação. E apesar do sucesso que o King Jeremy fazia, a banda realisticamente achava que o álbum não teria muitos hits, e venderia menos do que o esperado.

Antes do lançamento de Jimmy, Andreas presentou Suzana com uma cópia. Sempre que podia, Andreas enviava-lhe uma mensagem ou fazia uma breve ligação. Do alto de seu posto de rock star, ele descobria, surpreso, como a felicidade podia se esconder em pequenas coisas, como conversar com alguém querido. O mundo continuava a ser um lugar estranho e sombrio, e Andreas ainda caminhava por trilhas sombrias. Mas a esperança e as pequenas coisas tem o poder de manter os desajustados vivos até o dia em que, finalmente, consigam entrar no eixo. E era assim que Andreas imprimia novas moléculas de oxigênio em seu peito, outrora tão carente.

O coelho respira.

Seis meses depois, em 2001, chegava às lojas o segundo álbum da trilogia: Kristina. Contava a mesma história de Jimmy, porém, do ponto de vista de Kristina, a vizinha por quem o garoto se apaixonara. A sonoridade era inversamente proporcional ao álbum anterior. Kristina era o trabalho mais suave e comercial do King Jeremy. Pela primeira vez, a banda apelava para um romantismo exacerbado, com melodias fáceis e letras apaixonadas. O objetivo, porém, era simplesmente retratar o universo colorido onde vivia a apaixonada Kristina. O álbum e a pequena turnê foi um grande sucesso, superando em muito o desempenho de Jimmy.

Todo o planeta ouvia falar em King Jeremy e os shows se multiplicavam. Entrar e sair dos hotéis tornara-se um processo complicado. Centenas de pessoas se acotovelavam para conseguir um autógrafa, ou simplesmente tocar em um dos 4 Reis, como já eram costumeiramente chamados.

Após a turnê Kristina, todos da banda, exceto Andreas, queriam ter um pouco de descanso.

Elou disse:

- Andreas, vamos ter um esgotamento desse jeito.

- Não exagera.

- Estou te falando. Precisamos de uns quatro meses longe dos palcos e estúdio, pelo menos.

- Está maluco? A trilogia não está pronta ainda. Não podemos simplesmente sair de férias. A trilogia é uma obra só. Temos que terminar o trabalho.

- Estamos todos esgotados, Andreas. Que diferença faz pararmos um tempo? A gente descansa e depois retomamos com força total para concluir a trilogia. Os outros são da mesma opinião.

- OK, Elou, escute. Vamos combinar o seguinte: a gente lança o terceiro álbum, e fazemos uma pequena turnê, pequena mesmo. Daí tiramos uns meses de férias. Podemos pensar até na possibilidade de ficar um ano fora da estrada, talvez fazendo alguns projetos paralelos. Mas, me ouça: nós simplesmente não podemos parar *agora*.

Embora evidentemente contrariado, Elou disse:

- Está bem.

- Ótimo. – Andreas sorriu. – O Senhor Marido está a nossa espera.

Mr. Husband foi lançado com um pequeno atraso – janeiro de 2002. Como já era de se esperar, Mr. Husband contava a história do ponto de vista do homem rico que conquistava Kristina. O álbum passeava pelo folk, blues e jazz, e tinha forte influência de Van Morrison e Bob Dylan, porém, sem perder a característica inovadora da banda.

A esta altura, King Jeremy se firmara solidamente como a melhor banda de rock da atualidade. Alguns diziam que eles estavam lado a lado com os melhores de todos os tempos. King Jeremy ganhava prêmios atrás de prêmios. Vendiam tanto que, às vezes, chegavam a duvidar das cifras que lhes eram passadas. Um jornalista, impressionado com a fama do quarteto, chegou a escrever:

“Dois em cada três jovens no mundo conhecem esses garotos”.

A turnê Mr. Husband teve apenas quatro shows. Além dos principais sucessos de outros trabalhos, a banda tocava a trilogia completa, na mesma ordem que as músicas apareciam nos álbuns. O último foi no Earl Count Stadium, na Inglaterra. Setenta mil pessoas compareceram ao espetáculo de luzes e raio-laser, além de contarem com o mais criativo rock de qualidade.

Embora soubesse que após aquele show, a banda entraria em férias, passando um bom tempo longe do estúdio e dos palcos, eventualmente, Andreas se perguntava: como será o próximo álbum? Qual a temática, a sonoridade, o ímpeto criativo? Eram perguntas que lhe faziam companhia enquanto procurava desfrutar daquele momento, como se fosse sua última grande apresentação.

Logo após o fim do show, nos bastidores, todos os integrantes da banda e a equipe técnica se abraçaram, como era o costume. Após abraçar Aquiles, Andreas lhe disse sorrindo:

- Hora do descanso, Willie Caolho. Você merece.

- Finalmente. Nesse ritmo eu enfartaria em pouco tempo.

- Então aproveite bem esse tempo, meu velho, e se cuide. Assim que estivermos renovados, voltamos ao trabalho.

- Presta atenção no que está falando, cara. Nós nem saímos de férias e você está falando em voltar ao trabalho. Você é doente?

- Ok, é que depois de tanto tempo vivendo e respirando King Jeremy, eu fico até meio deslocado, sem saber para que direção devo ir ou sobre o que falar.

- Bom, eu sei para que direção eu devo ir. Vou pra casa descansar, rever minha família, e vou viver avidamente cada segundo ao lado da Márcia.

Andreas sabia que o namoro dos dois parecia ir muito bem. Por isso, perguntou:

- E como anda o assunto “casamento”?

- Talvez esse ano. Talvez ano que vem. Se as coisas continuarem neste ritmo, não mais do que isso.

Andreas ficava feliz pelo amigo. O amor fizera de Aquiles uma pessoa melhor, mais acessível. Ainda bebia eventualmente, às vezes de forma imoderada, mas estava bem melhor do que em outras épocas. Não havia mais a tendência auto-destrutiva característica do período do seu fascínio masoquista por Veraline. Aquiles parecia ter finalmente encontrado seu lugar no mundo.

Andreas esperava tomar o mesmo rumo. Já havia resolvido muitas coisas consigo mesmo, e alguns de seus fantasmas internos pareciam ter se retirado definitivamente de cena. Mas ainda havia espaços a serem preenchidos. Ainda havia um vazio interior, algo que estava além da música, além do círculo de amigos. Andreas achava que este espaço somente poderia ser preenchido pelo amor, tal como via acontecer com seu amigo, Aquiles.

E não fora a toa que ele chegara a esta conclusão. Pela primeira vez em sua vida, Andreas estava amando. Pelo menos, esta era a forte suspeita que permeava seu ser. Desde criança até sua fase de adolescente e jovem, ele estivera mergulhado em seus objetivos. Ter uma banda, compor músicas geniais, conquistar o mundo. Tornara-se um obsessivo, como o próprio Aquiles costumava lembrá-lo com uma insistência incômoda. E esta longa fase moldara um homem frio, um homem que preenchia seu espaço interior com aço e concreto. Um coração petrificado, uma humanidade vacilante.

Mas a aproximação lenta, porém, significativa com Suzana trazia-lhe uma sensação tal como um renascimento. Nada havia sido programado. Ele a conhecera muitos anos antes, quando ela era

apenas uma garotinha esperta. Hoje, ela já estava com 18 anos, e embora ainda muito jovem, parecia ter todos os ingredientes para finalmente colocar Andreas no eixo. O palco não mais lhe proporcionava isso; mas estar com Suzana fazia com que a pele de Andreas voltasse a se arrepiar.

Por isso, agora que todos os outros Reis partiriam para seus projetos pessoais (o que poderia incluir dormir muito), Andreas rumaria para o seu. Depois de conquistar o mundo, e percebê-lo sem graça e melancólico, era hora de conquistar algo que realmente valesse a pena: o coração de Suzana.

Andreas chamou Suzana para um passeio no parque da cidade, caracterizado especialmente por sua mata nativa e pelo grande lago artificial com patos. Como era um dia de semana, havia bem poucas pessoas presentes ali. Embora eventualmente fossem interrompidos por alguns fãs solicitando os tradicionais autógrafos ou pedindo para tirar fotos, podia-se dizer que estavam tendo um passeio tranquilo. Aquele local tornava-se assim um ambiente propício para conversas particulares, especialmente aquelas capazes de fazer o coração de um covarde saltar pela boca.

Como fã da banda, Suzana sempre dava um jeito de direcionar os assuntos para esta vertente. Neste dia, Andreas avisara que gostaria de conversar sobre todos os assuntos que ela desejasse, menos sobre a banda. Ele precisava libertar sua mente dos acordos e arranjos, ainda que apenas temporariamente, e agir como uma pessoa normal.

Neste momento, Suzana contava sobre coisas relacionadas ao seu dia a dia. Ao mesmo tempo, Andreas esperava alguma deixa para poder se declarar a ela, mas estava difícil. Não que as oportunidades não surgissem, mas ele simplesmente não tinha coragem. Conseguia cantar para milhares de pessoas com uma relativa tranquilidade, mas quase tinha um ataque cardíaco para se declarar para uma garota. Até os ratos eram mais valentes do que ele.

Suzana falava alguma coisa sobre uma de suas características: a franqueza no tocante às suas palavras e ações. Andreas achou que poderia aproveitar este momento, e disse:

- Estou bem ciente desta sua franqueza. E é uma qualidade que admiro. Uma das várias que você tem. Não é para menos que gosto tanto de sua companhia.

- Desse jeito, eu fico envergonhada – disse ela, rindo.

- Não se envergonhe. Pelo menos, ainda não. Não antes de terminar o que tenho a te dizer.

Afinal eu também preciso ser franco. – Ele parou de caminhar e ficou de frente para ela. – Primeiro, a versão mais longa: você, Suzana, é uma garota muito especial. Do tipo que não encontramos por aí. E olha que já viajei o mundo todo. Você significa muito para mim, me faz sentir bem, me faz olhar para as coisas simples e bonitas da vida. Você me faz querer ser um homem melhor. – Ele segurou as mãos dela. – Por isso, chamei você hoje aqui.

- O que está... querendo dizer?

- Ok, vamos apelar para a versão concisa. O quero dizer é que... que amo você, Suzana. – Ele achou que enfartaria neste momento.

Suzana ficou encarando-o, representada por um chamativo olhar assustado. Andreas chegou a se perguntar o que significaria aquela expressão. Depois ela baixou a cabeça e permaneceu naquela posição. Andreas não sabia precisar exatamente quanto tempo ela ficou ali, de cabeça baixa – estava tão tenso que perdera a noção do tempo – mas deve ter demorado, aproximadamente, 57 horas. Talvez um pouco mais. Por fim, ela levantou a cabeça. De seus olhos corriam lágrimas. De sua boca vinha o sorriso mais lindo que Andreas já vira em toda a sua vida.

- Você aceita? – A voz de Andreas vacilava como uma criança assustada.

- Meu querido. A resposta a essa pergunta, eu já tenho há muito tempo.

Ela o abraçou.

Nesse momento, Andreas percebeu que seu coração batia ainda mais aceleradamente. Mas dessa vez não era por nervosismo, e sim de emoção.

Ela aceitara.

Andreas pegou o rosto delicado de Suzana entre suas mãos, fechou os olhos e beijou-a suavemente. O contato de seus lábios conferiu-lhe uma sensação de paz e alegria que nenhuma apresentação ao vivo do King Jeremy poderia lhe dar. E assim, o mundo tornou-se inabitável naquela pequena eternidade que envolvia os dois seres apaixonados. Por um eterno instante de suave solidez, o mundo tornou-se moradia apenas de Andreas e Suzana.

O casamento de Aquiles com Márcia ocorreu em Julho de 2002.

Foi uma cerimônia simples, reservada apenas para familiares e amigos mais íntimos, como os demais integrantes do King Jeremy e banda de apoio. Márcia queria uma festa maior, com centenas de pessoas, mas Aquiles ainda se encontrava estressado por causa do intenso trabalho. O que ele menos queria naquele momento era estar no meio de uma multidão. Seus argumentos pareciam ter sido bastante válidos já que Andreas ficou sabendo que ela não insistira.

Aquiles convidara uma banda de *blues* e jazz para tocar durante a festa. Eram os Garotos Elásticos, uma das bandas mais requisitadas em clubes e bares voltados para esta vertente. Os presentes ao casamento, porém, estavam mais interessados em ouvir os quatro King Jeremy tocando. Mas tiveram de se contentar com os Garotos Elásticos porque nenhum dos Reis estava disposto a subir ao palco naquele dia. Só Aquiles que resolveu cantar a sua canção favorita: *Take Your Carriage Clock and Shove It*, do Belle and Sebastian.

Andreas sorria, cumprimentava seus conhecidos, respondia às perguntas dos curiosos sobre os próximos trabalhos da banda. Mas seus pensamentos estavam em Suzana. Não só os pensamentos, mas principalmente o coração. Andreas sabia que estava amando e sabia que Suzana o amava também. A sensação de liberdade era uma coisa maravilhosa, que ele mesmo não seria capaz de descrever. Desta vez, Andreas não tinha a velha sensação de insegurança, o infortúnio do pavor dando-lhe tapinhas nas costas. Suzana não lhe dava motivos para isso. Ela não integrava os elementos tenebrosos de um mundo caótico. Havia cor lúdica em seu sorriso, pétalas em seus olhos, e música ambiente nas sílabas de seus pensamentos.

E era incrível como o tempo transcorria com suavidade e imperceptível. Andreas podia se lembrar de quantas vezes passara dias trancafiado em seu quarto, contemplando o sol somente através de janelas e cortinas. Naqueles momentos, o tempo fora um grande inimigo. Letárgico, cruel, impassível. Mas desde o lançamento de *Apology*, o universo acelerara. As novidades se acumulavam na vida de Andreas e de seus amigos na velocidade da luz. Andreas mal percebera que Aquiles estivera namorando durante os últimos anos. Mal percebera seus sentimentos por Suzana crescendo a cada dia. Dias com feição de segundos. Semanas com aparência de horas. A sensação de liberdade parecia colocar o tempo como um elemento essencial da cena, porém, reservado apenas ao papel de coadjuvante que apoia o protagonista.

Durante a festa de casamento, Aquiles exagerou na bebida. Não demorou muito e estava dando altas gargalhadas. Em determinado momento, desabotoou a camisa, exibindo seu peito branco e esquelético. Foi então que ele começou a sambar, enquanto os Garotos Elásticos tocavam uma música do YardBirds. O pessoal aplaudia e Márcia fez cara de quem não estava gostando. E quem ia gostar de ver o noivo fazendo papel de idiota no dia do casamento?

A festa varou a madrugada. Lá pelas duas da manhã, o casal de noivos retirou-se. Em algumas horas cruzariam o oceano para a lua-de-mel. Depois que Aquiles, o mais forte candidato a algum escândalo, foi embora, Andreas decidiu que estava na hora de ir, também.

A lua-de-mel de Aquiles e Márcia durou duas semanas. Quando voltaram, Andreas havia iniciado o trabalho de produção do álbum de uma banda local. Ele chegou cogitar a possibilidade de lançar um álbum solo durante as férias do King Jeremy. Poderia se enveredar por outros estilos, lançar um álbum de blues, por exemplo. Mas até o momento não conseguia se ver em um processo criativo longe de seus amigos. Esta ainda não era a fase apropriada. Por isso, achara melhor iniciar o trabalho de produção de outras bandas. Se fosse bem-sucedido, a produção musical poderia ser um projeto paralelo ao qual Andreas se dedicaria.

Aquiles apareceu no estúdio no dia seguinte. Radiava alegria naqueles olhos estrábicos e no sorriso insistente. Parecia uma criança encantada com um novo presente.

- Andou rejuvenescendo, garoto? – perguntou Andreas, abraçando o amigo.

- Não vou lhe dizer nada agora. Quando casar com a mulher da sua vida, você entenderá.

- Fico feliz por você, cara. Apesar de ser um verme bêbado, ainda assim fico feliz por você.

- Obrigado pelo elogio. Valeu manter as esperanças. Eu sabia que nossa hora ia chegar. Mas e você, cara? Ainda viciado em trabalho?

- Não sou viciado em trabalho. Só estou trabalhando. Cocei durante cinco meses e agora estou de volta à ativa.

- Pois eu pretendo coçar muito mais. Nem me fale em escrever letras para o novo álbum do King Jeremy.

Andreas sorriu, mas logo o sorriso desapareceu dos seus lábios.

- Por falar nisso, estive pensando em algo. De certa forma, acho que o King Jeremy acabou.

- Como assim?

- Acho que o espírito depressivo do King Jeremy já era. Olhe para nós dois: o que você vê? Eu estou feliz pra burro, você também. Se a gente fosse compor alguma coisa hoje, o que acha que sairia?

Aquiles pensou um pouco.

- Acha que a gente é meio imbecil quando está feliz?

- Não é isso. A gente pode até ser genial, e coisa e tal. Mas a identidade do King Jeremy é a de uma banda depressiva. Se gravássemos algo hoje, o que sairia? Um sonzinho bem *light*, letras piegas? Talvez não seríamos os mesmos de outrora.

- Todas as bandas passam por mudanças, Andreas. E até acho isso bom. Sai da mesmice.

- Mas *bom* até que ponto? Mudanças são boas, mas mudar para pior, não. Eu não quero lançar o nosso próximo álbum e ter um monte de críticas dizendo: “Esses garotos já foram geniais. Hoje são uns palermas como qualquer bandinha que tem por aí.” Eu não trabalhei toda a minha juventude para no final, ouvir comentários deste tipo. É só uma questão de respeito. Acho que as pessoas nos devem isso.

- Você tem medo de fracassar nos próximos álbuns, é isso?

- Exatamente. Não sei como eu reagiria.

- Fique frio, Andreas. Nós já vendemos *70 milhões* de cópias. Somos os recordistas. Somos e sempre seremos KING JEREMY. Não importa como saiam os próximos álbuns. Todos se lembrarão de nós pelo que fizemos até aqui. Tire esses grilos de sua cabeça e... – O celular de Aquiles tocou

nesse instante, interrompendo-o. Ele atendeu: – Alô? ... Sim, sou eu... Como?... – Os olhos de Aquiles se arregalaram, aterrorizados. – Mas... quando foi isso?... – Andreas gelou; qualquer um que visse aquele olhar aterrorizado de Aquiles reagiria da mesma forma. Aquiles começou a andar de um lado para outro. – Meu Deus, mas como?... Mas, não tiveram contato, nenhum?... Fique calmo. Vai dar tudo certo, acredite... Eu ligo... Eu ligo, sim... Obrigado. – Ele desligou, pálido como um defunto.

- O que houve?

- Era o pai do Elou.

- Aconteceu alguma coisa?

- Não sei. O Elou estava viajando para a Alemanha e a torre de controle perdeu o contato com eles. Há umas quatro horas. E até agora, nenhum contato.

Andreas sentiu um calafrio ao ter um terrível pressentimento.

Os destroços do voo 467 de Estocolmo para Berlim foram encontrados no Mar Báltico, próximo à cidade sueca de Malmo. Dos 90 passageiros e tripulantes, foram encontrados os corpos de 67. *Elou Meirelles estava entre esses. Não houve sobreviventes. Elou está morto.* A perícia constatou problemas mecânicos. *Elou só tinha 24 anos de idade.* Tudo indicava que houve uma explosão em uma das asas cheia de combustível, antes da queda. *Elou era vivo, criativo, bem-humorado.* A empresa prometeu indenizar as vítimas. *Agora, Elou não existe mais.*

Se ele tivesse se atrasado para o voo, ele estaria vivo. Se tivesse ficado preso no elevador do hotel onde estava hospedado, se o motorista de táxi tivesse errado o caminho, se Elou tivesse quebrado a perna ainda no hotel, se a falha mecânica do avião fosse constatada antes...

Se... se... se...

Andreas abraçava Anderson que procurava conter o choro, mas, às vezes, era tudo em vão.

Elou foi enterrado no cemitério municipal de Astoria, a cidade natal dos quatro King Jeremy. O mesmo cemitério onde estiveram anos antes, na ocasião em que Aquiles caíra sobre o túmulo do velho Jeremias. O cemitério estava abarrotado. Outras centenas de pessoas se acumulavam do lado de fora. Havia pessoas até de outros países. Todos vieram dar adeus ao homem que, pela sua persistência, conseguira reunir o King Jeremy após a não-oficial dissolução deste. Elou que, com seus teclados, sintetizadores, harpa e indubitável criatividade, dera um clima diferenciado ao som da banda.

Elou, o leal amigo.

E os derradeiros Reis também estavam ali, chorando. Suzana estava ao lado de Andreas, o tempo inteiro. Tentava a todo custo, por meio de algumas poucas palavras bem escolhidas, abraços e carinhos aliviar a terrível e persistente dor no peito de seu amado.

O pai de Elou dissera a Andreas, no dia anterior:

- Uma vez o Elou me disse que, se ele morresse antes que você, eu deveria te pedir uma autorização.

- Autorização para quê?

- Para usar uma frase sua na lápide dele. Uma frase sobre o coelho.

Andreas pensara um pouco e lembrara-se da frase escrita em uma viga no quarto de um hotel em Londres. Ele mal se lembrava daquela frase. Não teria lembrado se Anderson não tivesse mencionado.

- Sabe do que estou falando?

- Sei, exatamente. E claro que dou autorização para isso.

—
No dia do enterro, centenas de fãs traziam flores ao cemitério e cantavam as músicas do King Jeremy. E havia outros que, desconsolados, tão somente olhavam a lápide recém-colocada:

Elou Meirelles

1978 – 2002

Músico e gênio

“Sou o coelho caçado impiedosamente em campos escuros

Mas, às vezes, sonho que sou o caçador.”

Mais um roqueiro que o mundo perdia. Os gênios do rock parecem sempre morrer mais cedo. E tudo o que restava no peito de Andreas, Aquiles e Fábio, bem como no peito de milhões de pessoas em todo o mundo, era um terrível vazio que nem mesmo o tempo poderia preencher.

Feridas incuráveis. Doloridas e incuráveis.

A posteridade narraria: Era uma vez quatro garotos. Eles eram os vermes. Os ratos eram tratados melhor. Eles queriam muito. Mais do que deviam. Mas conquistaram tudo o que quiseram e um pouco mais.

Era uma vez um gótico. Era uma vez um gótico com semblante de gênio. Você já ouviu falar em King Jeremy, filho? Eles eram os deuses quando eu nasci.

Mas os deuses se foram. Quatro homens reduzidos a cinzas.

Sua derradeira moradia – o pó.

CONTINUA...

- Esta não é a notícia que gostaríamos de dar aos nossos fãs em todo o mundo. Mas após a morte de Elou, nós simplesmente não podemos seguir em frente. Não temos a mínima condição de prosseguir. Então, com aperto no coração, eu, Andreas Hugo, anuncio oficialmente a dissolução do King Jeremy. – Ele deu uma pausa. – Haverá, porém, uma última apresentação. Uma apresentação de despedida. Nós tocaremos em nossa cidade natal, exatamente no mesmo bar onde fizemos nossa primeira apresentação: o Long Island. Como Jeremias Knoxville morreu no mesmo dia do seu nascimento, decidimos realizar essa pequena apresentação no dia 3 de Dezembro de 2002, o mesmo dia em que a banda nasceu. É difícil escolhermos um dia para morrer, mas, se nascemos em um 3 de Dezembro, então é neste mesmo dia que morreremos.

Andreas pediu Suzana em casamento dois meses antes da apresentação de despedida.

Os preparativos para o casamento começaram a ser feitos, imediata e apressadamente. Andreas queria casar-se com Suzana antes da morte do King Jeremy. Seu argumento lhe parecia mais do que lógico:

- Quero que você se case com um roqueiro vivo, e não com uma lenda morta – dizia.

O casamento foi realizado em Novembro.

Suzana insistiu para que o casamento fosse em Astoria. Queria que seus amigos e parentes estivessem presentes. Andreas gostaria de um casamento mais simples, com pouca gente, igual ao de Aquiles. Mas Suzana lhe apresentara uma lista de convites com mais de mil convidados.

- Você vai convidar a cidade inteira?

- Não, meu querido. São apenas os nossos amigos.

- *Seus* amigos. Eu não conheço tanta gente assim.

Mas Andreas concordara. Não queria contrariá-la. Queria fazê-la feliz e deveria começar desde já.

No dia do casamento, todos os amigos de Andreas estavam ali. Todos, menos Elou. Andreas olhava para a multidão e percebia que a ausência de Elou podia fazer com que aquele lugar parecesse vazio. Aquiles e Fábio estavam presentes, mas nenhum deles tocou no assunto “Elou” e nem em King Jeremy. Antigamente, falar na banda trazia excitação. Hoje, trazia tristeza.

E no dia mais feliz da vida de Andreas, eles simplesmente não poderiam abrir espaço para assuntos tristes.

Aquiles aconselhou Andreas a passar a lua de mel no Taiti.

- Mas não fique muito tempo – advertiu, ele. – Você acaba enjoando em poucos dias.

- Vou me lembrar do seu conselho.

- E por falar em enjojo, lembrei da Márcia.

- Como assim? Já está enjoado da sua esposa?

- Não, idiota. Estou querendo dizer que a Márcia está com enjoos. E se nem assim, você consegue entender, vou ser mais direto: Márcia está grávida.

- Você está de brincadeira?

- Não estou, não.

Andreas abraçou o amigo.

- Fico feliz por você, cara. Parabéns.

- Eu também estou muito feliz. E a Márcia nem se fala. Era tudo o que ela queria.

- Mal posso acreditar: “Willie Caolho” vai ser pai. – Andreas riu. – O pequenino Lucká. Ou pequenina.

- Acho que vai ser menina. E vai ser uma gatinha.

- Vai ter de puxar para mãe, então. Porque se puxar o pai, vai dar dó.

- Vai puxar o pai e vai ser gatinha.

Andreas abraçou Aquiles, novamente.

- Parabéns mais uma vez, cara. Foi legal saber isso. Uma pena que eu tenha de ir agora. Vou viajar daqui a pouco.

- Ok, mas não vá se divertir tanto por lá a ponto de não perceber a corrente do tempo. - Ele deu uma pausa. - Não se esqueça do nosso compromisso em 3 de Dezembro.

Andreas ficou sério.

- Claro.

E se despediram.

Andreas e Suzana viviam momentos de extrema felicidade. O que dava maior alegria a Andreas era poder ver o bem que ele fazia para sua esposa. Ele não estava tão preocupado com a sua própria felicidade, mas com a dela. Se ela estivesse feliz, Andreas também estaria.

Em momentos como esses, ele percebia o que era realmente a felicidade. Tivera alegrias com King Jeremy, com a fama e coisas relacionadas, mas tudo parecia tão vago quando comparado com a sensação de ter alguém de verdade ao seu lado para poder compartilhar uma vida de desafios. Eles teriam tristezas e alegrias, mas sempre estariam juntos para se apoiarem, mutuamente. E isto o completava.

No dia em que voltaram para o Brasil, Suzana perguntou:

- Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar meu maridinho a esboçar um sorriso? – perguntou ela.

Andreas pensou bastante antes de responder, sério:

- Diga que sou um homem digno. Diga que meus filhos não se envergonharão de mim quando tiverem idade suficiente para avaliarem tudo o que fiz.

- Que isso, amor? Por que está dizendo isso?

- Porque preciso saber, Suzana. Preciso saber se agi de forma digna em minha vida, se fiz a coisa certa, se lutei pelo que é verdadeiro. Seja sincera: eu sou um homem digno? Meus filhos terão orgulho de mim?

Ela respondeu.

No dia 3 de Dezembro, ruas e mais ruas foram interditadas nas imediações do Long Island. Evidentemente, o bar estava lotado. E como não deveria deixar de ser, o lado de fora estava intransitável. Milhares de pessoas se aglomeravam em várias ruas para ver, pela última vez, os remanescentes Reis juntos. Do lado de fora do bar, fora colocado quatro telões em lugares estratégicos. A única emissora de televisão convidada a cobrir o evento foi a MTV. As imagens que seriam gravadas ali, com certeza, seriam exibidas incansavelmente em várias partes do mundo.

Lucas Vega, VJ da MTV, estava no local. Andreas se lembrou de que, três anos e meio antes, eles estavam sendo entrevistados pelo mesmo homem, quando Apology estava apenas engatinhando rumo ao sucesso. O tempo havia passado rápido. Andreas achava que era capaz de contar os acontecimentos dos últimos anos em poucas palavras.

Lucas aproximou-se dele, no *backstage*, e estendeu a mão.

- Como vai, Andreas?

- Olá, Lucas. Obrigado por ter vindo.

- Eu que agradeço o convite. Gostaria de parabenizá-los pelo sucesso. Vocês foram longe. E gostaria também de dar os meus pêsames. Foi uma perda muito grande para todos nós.

- Obrigado. Vocês estão prontos para gravar?

- Tudo posicionado. Só aguardamos a entrada de vocês no palco. Depois do show, voltamos aqui mesmo para a entrevista final.

- A *última* entrevista do King Jeremy.

Lucas estendeu-lhe a mão, novamente.

- A humanidade vai sentir a falta de vocês.

- Obrigado, mais uma vez.

Lucas se afastou e Andreas respirou fundo. Suas mãos suavam.

E tudo começou a rodar.

Andreas, Fábio e Aquiles entraram no palco do Long Island acompanhados do tecladista do Fan Club Donald Hudson que tinha a difícil missão de cobrir Elou. O público gritou, gritou e gritou. Alguns gritavam “King Jeremy”, outros “Elou” e outros gritavam qualquer coisa que Andreas não conseguia definir.

Eles tocaram 5 músicas, apenas. O público cantava a plenos pulmões, cantando com uma emoção nunca vista antes em qualquer uma das apresentações do King Jeremy. Grande parte das pessoas chorava. Andreas teve de parar uma ou duas vezes, enquanto a música estava sendo executada, para engolir o choro.

Quando a última música foi finalizada, Andreas pensou em fazer um discurso. Mas, como as palavras lhe faltavam naquele momento, ele disse simplesmente:

- In memoriam: Elou Meirelles.

Andreas achou que deveria agradecer ao público pelo fato de terem ajudado o King Jeremy a chegar até ali. Mas em vez de agradecer em palavras, preferiu fazer algo que representasse isso: entregou o seu contrabaixo para uma garota que estava bem perto do palco. Aquiles, seguindo o exemplo de Andreas, deu sua guitarra para um jovem careca que parecia um pouco com Elou. Depois, Fábio veio para frente e também presenteou um fã com suas baquetas. Então, os três homens se enfileiraram. Andreas observou que metade das pessoas na plateia chorava. Logo em seguida, a banda de apoio que acompanhara o King Jeremy desde o sucesso do álbum duplo entrou no palco, acompanhado pelo empresário Haroldo, e pelo pai de Elou. Todos estavam enfileirados, espremidos lado a lado no pequeno palco, com as mãos um no ombro do outro.

Como Andreas não fizera discurso nenhum, Aquiles apanhou o microfone e resolveu dizer algumas palavras:

- Há exatos 7 anos atrás eu estava bêbado. Há exatos 7 anos atrás eu caía em cima de um túmulo, o túmulo de Jeremias Knoxville. Há exatamente 7 anos atrás nascia King Jeremy. – Ele deu uma pausa, como que procurando escolher as melhores palavras. – Foi uma trajetória longa para quem participou nela, mas talvez curta para quem apenas observou. Sei que vocês têm a sensação de que estamos indo embora cedo demais. Mas gostaria que soubessem que eu, Andreas e Fábio temos a sensação de dever cumprido. E eu sei que o Elou diria a mesma coisa... – Ele voltou a

chorar. O público aplaudiu. – Portanto, eu gostaria de, em nome de toda a banda, de toda a equipe, de toda a produção, dizer a vocês, a todos vocês: MUITO OBRIGADO!!!

Os aplausos ecoaram por todo o salão. As pessoas começaram a gritar, em coro: “Jeremy! Jeremy! Jeremy!”

Eles se abraçaram e acenaram mais uma vez para o público.

Quando deixaram o palco, as luzes se apagaram.

EPÍLOGO

2003

A arma estava colocada na altura da têmpora.

Ela ouvia vozes em todo o redor. Estava completamente louca. Ela reconhecia isso. Ficara os últimos dias trancada dentro do seu apartamento. Não atendia ao telefone. Não atendia a porta. Comia pouco. Drogas e bebidas alcoólicas. Um cérebro em decomposição.

“As coisas que você tem e que dá tanto valor são efêmeras, Vera”.

As vozes que ouvia aumentavam a cada dia. Diziam coisas que ela ouvira durante toda sua vida. Frases que ela mesma dissera. “Fique longe dele, seu maluco.”. Tudo repetido constantemente em sua cabeça. Ouvia com tanta nitidez que era como se estivessem ao seu lado, lhe dizendo pessoalmente. Ouvir aquelas vozes produzidas pela sua mente conturbada deixava-a amedrontada e nervosa.

“Veraline. Você está aí?”

Vozes. Imaginação. Como diferenciar? Ela nunca sabia quando era realidade e quando era fantasia. Só sabia que era atormentador. A tortura tinha de ter um fim. A tortura teria um fim.

“Sei de sua dor, sinto sua dor, saro sua dor”.

Ela colocou o dedo no gatilho.

“Nós vamos arrombar a porta”.

Tudo o que ela queria era consertar o erro.

“Quer conhecer o paraíso, Vera? Me dê uma chance e te mostrarei como ele é lindo”.

Mas era tarde demais.

“Não faça isso!!!”

- Deus, me perdoe. – E puxou o gatilho.

Um tiro. Alguém em cima dela. Seu corpo arremessado violentamente para o lado. King Jeremy na capa da Rolling Stones. Muita dor. Dor nas costas. Não deveria ser na cabeça?

Tudo escureceu.

- Seu nome. Lembra-se do seu nome?

- Veraline.

- Sabe por que está aqui, Veraline?

- Sei. Sou dependente química. E depressiva.

- Sabe *como* veio parar aqui?

- Sim. Quase me matei. Alguém do Resgate do Corpo de Bombeiros me salvou. Escapei por pouco. O tiro passou a poucos milímetros da minha cabeça. – Ela deu uma pausa. – Preciso de tratamento. Estou sendo tratada. É por isso que vim para cá. Por causa do tratamento.

- Você se lembra dos eventos anteriores ao que você acaba de me dizer? Seu passado, sua família, sua infância?

- Tenho vagas lembranças. São lembranças incertas.

- O que sente ao ter essas lembranças?

- Nada. São indiferentes. Se são vagas, são dispensáveis.

- Há alguma coisa que não lhe seja *vaga* neste momento?

Veraline pensou antes de responder:

- Só há uma coisa de que tenho realmente certeza... Vou me recuperar. – Ela deu uma pausa e encarou a mulher vestida de branco em sua frente, um olhar bem próximo de maligno. – Veraline sempre vence.

Quando o último acorde foi soado, Andreas percebeu que agora, definitivamente, tudo estava acabado.

Ele, Aquiles e Fábio acabavam de fazer a última reunião do King Jeremy, sentados em frente ao túmulo de Elou. Passava da meia-noite naquela madrugada fria. Aquela foi, sem dúvida, a última reunião dos quatro amigos.

Eles se levantaram após entoarem juntos uma canção em homenagem a Elou. Fábio e Aquiles secavam as lágrimas. Andreas não tinha lágrimas para secar. Só uma intensa dor, um vazio imenso dentro de si. O frio da madrugada se confundia com o frio vigente em seu peito nu.

Ele voltou-se para os amigos.

- Para onde vocês vão?

- Vou para Londres amanhã cedo – respondeu Aquiles.

- Vou passar uns dias em Buenos Aires – falou Fábio. – Preciso de uns dias para saber o que farei daqui pra frente. Também viajo amanhã cedo.

- Bem, se é assim, acho melhor a gente se despedir aqui mesmo, porque amanhã não levanto antes do meio-dia.

Eles se abraçaram e trocaram palavras generosas como: “Obrigado!”, “Não teríamos conseguido sem você”, “Você é o melhor”, etc.

- Estarei em Londres em um mês, Aquiles. Eu te procuro. E você Fábio, vê se toma juízo e se cuida.

- Pode deixar, irmão.

- Eu te ligo.

Aquiles e Fábio se viraram e foram embora.

Andreas observou os dois amigos se afastando e sumindo no meio da densa neblina.

E então estava acabado. King Jeremy acabara. Ou o sonho, como preferiria dizer John Lennon. Andreas sentia-se triste. Via as costas quase imperceptíveis dos seus amigos sumindo sob a neblina, tinha seu grande amigo enterrado a alguns metros dele, e tinha a certeza de que nunca estariam juntos, novamente. O começo sempre traz a excitação de momentos que poderão ser alcançados com a persistência. Mas o fim não traz nada. Parece sempre levar algo embora.

E sempre leva.

Mas Andreas se lembrava bem do que Aquiles falara no discurso de despedida, no Long Island: “Temos a sensação de dever cumprido”. E isto resumia tudo.

Dever cumprido, coelho.

A pouca distância, estava sua esposa Suzana. Ela o acompanhara até ali. Queria estar perto do marido em todos os momentos, principalmente nos mais importantes.

Ela se aproximou olhando-o, atentamente. Andreas percebeu que ela queria dizer alguma coisa, mas não sabia exatamente o quê. Em momentos assim, muitas vezes, não são necessárias palavras. Apenas a presença de quem se ama.

- Vamos pra casa, Su.

- Era exatamente o que eu ia dizer.

Ele passou a mão por sobre o ombro dela, e começaram a se encaminhar para o carro.

Enquanto caminhavam, toda a vida de Andreas passava diante dos seus olhos. Ele podia ver tudo, desde o começo. Ele podia ver a criança estranha, corcunda e feia, que era alvo de zombaria da molecada. Ainda se lembrava do primeiro dia de aula no Tomas Salvatori quando Aquiles ficara encarando-o com aquele olhar ameaçador e quando Andreas, no mesmo dia, escrevera no seu caderno: “Branca de Neve, e se o seu príncipe for um psicopata?” Ele podia ver tudo, nitidamente. Mas hoje ele sabia que não era mais o mesmo. Não era mais a porcaria de um luseriano. Não era mais a caça. Deixara de ser o coelho indefeso.

Que os caçadores abajassem as armas porque a temporada de caça a Andreas Hugo havia acabado.

Agora, Andreas sabia que tudo o que passara na vida, de alguma forma, contribuía para torná-lo o homem que ele gostaria de ser: maduro e digno. Sem sonhos impossíveis. Sem alvos inatingíveis. Tudo o que ele queria agora era trabalhar, cuidar de Suzana, constituir uma família. Este era o seu presente. Esta era a sua doce realidade. Este era Andreas Hugo.

E a todos aqueles que, de uma forma ou outra, ajudaram-no a ser quem hoje ele era, Andreas só tinha uma coisa a dizer:

Ao cair das cortinas, desejamos a todos vocês uma boa noite.¹

F I M

¹ *This Time* – Smashing Pumpkins (N. do A.)